

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

O LIVRO DIGITAL E ELETRÔNICO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
PÚBLICAS BRASILEIRAS DAS UNIDADES DE ENSINO EM FARMÁCIA

Bianca Soares Figueira

RIO DE JANEIRO

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – PPGB
Mestrado Profissional em Biblioteconomia – MPB

BIANCA SOARES FIGUEIRA

**O LIVRO DIGITAL E ELETRÔNICO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
PÚBLICAS BRASILEIRAS DAS UNIDADES DE ENSINO EM FARMÁCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

F4751

Figueira, Bianca Soares.

O livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia / Bianca Soares Figueira – 2015.

191f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

Referências bibliográficas: f. 159-165.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira.

1. Livros digitais. 2. Livros eletrônicos. 3. Bibliotecas universitárias públicas.
4. Farmácia. I. Título.

CDD 025.174

BIANCA SOARES FIGUEIRA

**O LIVRO DIGITAL E ELETRÔNICO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
PÚBLICAS BRASILEIRAS DAS UNIDADES DE ENSINO EM FARMÁCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: 23 de outubro de 2015.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira – Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof.^a Dr.^a Nanci Elizabeth Oddone – Membro interno
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof.^a Dr.^a Cícera Henrique da Silva – Membro externo
Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz)

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Júnior – Suplente interno
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof.^a Dr.^a Sandra Lúcia Rebel Gomes – Suplente externo
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Federal Fluminense – UFF

Dedico este trabalho à minha querida família, pelo incentivo constante e por sempre estar presente em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu melhor amigo, por sempre estar ao meu lado em todas as situações. Sem o amor e a força d'Ele nada seria possível na minha vida. Ele que me concede todas as energias necessárias para a realização de meus sonhos e que abre os meus caminhos para que a minha trajetória de vida seja a melhor possível.

À minha mamãe Rose e ao meu papai Clovis. Serei eternamente grata pelo amor incondicional que vocês têm por mim. Muito obrigada pela demonstração constante de amor e carinho. Amo vocês infinitamente.

À minha querida irmã Tatiana pelo apoio e por estar sempre solícita a me ajudar. Agradeço por tudo, mana. Te amo.

A mi querido novio, Wilmer. Mi amorcito, tu eres mi inspiración y mi gran incentivador para tener éxito en mi vida. Te quiero para siempre.

À minha orientadora prof.^a Eloísa Príncipe pelos conselhos e ensinamentos ao longo destes dois anos de pesquisa. Sua experiência, competência e cuidado foram primordiais para a construção e a execução deste trabalho. Obrigada, Eloísa!

Às minhas queridas amigas, Aline e Juliane, que considero como presentes de Deus na minha vida. Sem a presença de vocês, tudo seria meio cinza e sem graça. Agradeço imensamente pelas palavras de amor e pela infinita amizade. O tempo revela que amizade entre a gente será eterna.

Aos meus colegas do Mestrado Profissional de Biblioteconomia da UNIRIO, da turma 2013.2, principalmente Vânia, Sulamita e Tatyanne. Agradeço pelas palavras amigas, conselhos, dicas e pelas brincadeiras sempre bem-vindas.

Às minhas amigas da Biblioteca da Faculdade de Farmácia. Flor, sem palavras para agradecer o total apoio que obtive de você em todos os momentos. Obrigada por me ajudar, aconselhar e principalmente, por torcer por mim! Sila, você sempre me acolheu nos momentos que precisava de um carinho. Sou grata pelos abraços sinceros e por proporcionar a palavra de Deus. Ele esteja contigo. Aline, obrigada pelo incentivo e pela sua constante animação.

A mi familia cubana, que mesmo lejos están a mi lado. Agradezco por todo.

Aos professores, Nanci Oddone, Alberto Calil, Cícera Henrique e Sandra Rebel, por aceitarem o convite de participação da minha Banca Examinadora. Tenho certeza de que suas colocações serão relevantes para minha pesquisa. Desde já, agradeço.

“É pela graça de Deus que eu sou o que sou. Sua graça para comigo não foi estéril: a prova é que tenho trabalhado [...] – não propriamente eu, mas a graça de Deus comigo”.

(I Cor 15, 10)

FIGUEIRA, Bianca Soares. **O livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia**. 2015. 191f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Programação de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

Apresenta que o surgimento e a aplicabilidade das tecnologias da informação e da comunicação e o uso de instrumentos ligados à informática e à Internet torna possível a geração de novas formas de acesso, distribuição e trocas informacionais. Destaca que as características inerentes aos livros digitais e eletrônicos estão diretamente relacionadas a esses avanços tecnológicos, que acabam promovendo desafios no ambiente das bibliotecas, desde a seleção de coleções até os mecanismos de acesso. Enfoca as atividades adotadas nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia para inclusão, acesso e uso dos livros digitais e eletrônicos. Aponta as origens, definições, terminologias e atributos dos livros digitais e eletrônicos. Descreve as fontes de aquisição e as práticas adotadas pelo mercado editorial para ofertar essas publicações para as bibliotecas. Expõe as iniciativas brasileiras de acesso ao conteúdo científico de livros digitais e eletrônicos. Trata da importância das bibliotecas universitárias para as instituições de ensino superior, através de um retrospecto histórico e por uma análise contemporânea. Ressalta, por intermédio da revisão da literatura, que é escassa a publicação científica brasileira que discorre sobre o advento dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias e que não são analisados de acordo com as suas características intrínsecas e especificidades. A metodologia da pesquisa é por meio de procedimentos qualitativos e quantitativos e delineada através de um levantamento empírico. A técnica de coleta de dados escolhida foi a pesquisa de campo, através do instrumento questionário, localizado na plataforma *Google Forms*. O coletor de dados é composto por 26 questões abertas e fechadas relacionadas à caracterização das coleções de livros digitais e eletrônicos, aos mecanismos disponibilizados para o acesso e uso dos mesmos e à atuação da biblioteca diante da aquisição e concessão desse serviço. Os resultados mostram que os livros digitais e eletrônicos ainda não são uma fonte de informação relevante para os usuários das bibliotecas, mesmo que estejam presentes de forma significativa nos acervos. Os bibliotecários relatam que impasses como: exclusão digital, falta de recursos, divergências entre o mercado editorial e as bibliotecas e questões burocráticas próprias das instituições públicas podem dificultar a aquisição desses materiais. Observa que as práticas adotadas para oferta dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas são regidas pelas editoras e que os bibliotecários, de modo geral, não têm papel atuante na formação das coleções dessas publicações. Averigua que os fornecedores oferecem os seus produtos por meio de assinatura de “pacotes” que abrangem distintas áreas do conhecimento, correndo o risco de muitas obras não atenderem à necessidade dos usuários. Constata que a plataforma de conteúdo é canal predominantemente utilizado entre as bibliotecas para disponibilizarem os livros digitais e eletrônicos adquiridos. Evidencia que a facilidade de acesso foi a principal influência mencionada pelos bibliotecários para introduzirem os livros digitais e eletrônicos nos acervos das bibliotecas. Conclui que os bibliotecários reconhecem o desafio de apresentar para os seus usuários os novos meios de obtenção de informação, como os livros digitais e eletrônicos, e simultaneamente, não desvincular de suas práticas tradicionais (seleção, tratamento e disseminação da informação) de acordo com a realidade de sua comunidade. Contudo, esses profissionais estão atrelados às práticas impostas pelos fornecedores, à instabilidade orçamentária para adquirir e manter esse serviço e à falta de um conhecimento prévio desses materiais e de sua comunidade usuária.

Palavras-chave: Livros digitais. Livros eletrônicos. Livros digitais e eletrônicos. Bibliotecas universitárias públicas. Bibliotecas de ensino superior públicas. Farmácia.

FIGUEIRA, Bianca Soares. **O livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia**. 2015. 191f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Programação de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ABSTRACT

The manuscript presents that the emergence and the applicability of information and communication technologies and the use of instruments linked to computers and the Internet makes it possible to generate new forms of access, distribution and informational exchanges. The document highlights that, the characteristics inherent to digital and electronic books are directly related to these technological advances promoting thus challenges in the library environment, from the selection of collections until the access mechanisms. Focuses on the activities followed by Brazilian public university libraries of educational units in Pharmacy to access and use digital and electronic books. It describes the origins, definitions, terminologies and attributes of the digital and electronic books as well as the acquisition sources and the practices followed by the editorial industry to offer these publications for libraries. The manuscript also shows the Brazilian initiatives for accessing to scientific content of digital and electronic books. Presents the importance of university libraries for higher education institutions, through a historical retrospective and a contemporary analysis. Emphasizes through the literature review that, Brazilian scientific publication discussing the advent of digital and electronic books in university libraries is scarce and are not analyzed according to its merits and specificities. The research methodology is through qualitative and quantitative procedures and the empirical survey. The data collection technique performed was the field research through the questionnaire tool located on Google Forms platform. The questionnaire consists of 26 questions concerning the characterization of the digital and electronic book collections, the mechanisms available to access and usage, and the operation of the libraries on the acquisition and granting of such service. The results show that the digital and electronic books are not still a source of relevant information for library users, even that they are significantly present in collections. Librarians report that impasses such as digital divide, lack of resources, differences between publishing and libraries and bureaucratic issues of public institutions can hinder the acquisition of these materials. Notes that the practices for supply digital and electronic books in libraries are governed by publishers and the librarians have no active role in the formation of collections. Verifies that suppliers offer their products through subscription "packages" that cover different areas of knowledge, at the risk of many books do not meet the needs expected by users. Notes that the platform content is the channel predominantly used among libraries to make available digital and electronic books. It shows that the ease of the access was the main influence mentioned by librarians to introduce the digital and electronic books in the collections of libraries. Finally, the manuscript concludes that librarians recognize the challenge of presenting to its users new ways of obtaining information, such as digital and electronic books, and simultaneously not detach from their traditional practices (selection, treatment and dissemination of information) in accordance with the reality of their community. However, these professionals are linked to the practices imposed by providers, the budget instability to acquire and maintain this service and lack of prior knowledge of these materials and its user community.

Keywords: Digital books. Electronic books. E-books. Digital and electronic books. Public university libraries. Public higher education libraries. Pharmacy.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|---|----|
| Figura 1 | Interface do <i>software MobiPocket Reader</i> | 46 |
| Figura 2 | Interface do <i>software Adobe Digital Editions</i> | 47 |
| Figura 3 | Passo a passo de um livro digital e eletrônico no <i>Adobe Digital Editions</i> | 48 |
| Figura 4 | Interface do <i>software Microsoft Reader</i> | 49 |
| Figura 5 | Interface do <i>software Calibre</i> | 50 |
| Figura 6 | Interface do <i>software iBooks</i> | 51 |
| Figura 7 | Interface do <i>software Kindle</i> | 52 |
| Figura 8 | Interface de acesso ao aplicativo <i>web Kindle cloud reader</i> | 53 |
| Figura 9 | Interface do aplicativo <i>web Kindle cloud reader</i> | 53 |
| Figura 10 | Interface do <i>software Kobo</i> | 54 |
| Figura 11 | Comparação entre o <i>E-Ink</i> , papel e LCD | 57 |
| Figura 12 | Interface da primeira versão do <i>Rocket eBook</i> | 63 |
| Figura 13 | Interface do <i>CyBOOK Gen1</i> | 64 |
| Figura 14 | Interface do <i>CyBOOK Gen3</i> | 65 |
| Figura 15 | Interface do <i>CyBOOK Opus</i> | 66 |
| Figura 16 | Interface do <i>CyBOOK Odyssey</i> | 67 |
| Figura 17 | Interface do <i>CyBOOK Odyssey HD Frontlight</i> | 67 |
| Figura 18 | Interface do <i>CyBOOK Muse Essential</i> | 68 |
| Figura 19 | Interface do <i>CyBOOK Muse Frontlight</i> | 68 |
| Figura 20 | Interface do Novo <i>Kindle</i> | 69 |
| Figura 21 | Interface do <i>Kindle Paperwhite</i> | 70 |
| Figura 22 | Interface da Editora <i>Springer</i> | 75 |
| Figura 23 | Interface da Editora <i>Elsevier</i> | 75 |
| Figura 24 | Interface da Editora <i>IEE Xplore</i> | 76 |
| Figura 25 | Interface da plataforma <i>Minha Biblioteca</i> | 77 |
| Figura 26 | Interface da plataforma <i>Overdrive</i> | 78 |
| Figura 27 | Interface da plataforma <i>Ebray</i> | 78 |
| Figura 28 | Interface da <i>Ebsco</i> | 79 |
| Figura 29 | Interface da <i>Dot.lib</i> | 79 |
| Figura 30 | Interface da <i>Baker & Taylor</i> | 80 |
| Figura 31 | Interface da <i>Amazon</i> dedicada às bibliotecas públicas americanas | 81 |

LISTA DE FIGURAS (continuação)

| | | |
|------------------|--|-----|
| Figura 32 | Interface da loja virtual da Livraria Saraiva | 81 |
| Figura 33 | Interface da loja virtual da Livraria Cultura | 82 |
| Figura 34 | Interface do Portal de livros digitais e eletrônicos do <i>SciELO</i> Livros | 90 |
| Figura 35 | Exemplo de uma obra digital e eletrônica do <i>SciELO</i> Livros | 91 |
| Figura 36 | Interface do Portal de Periódicos CAPES/MEC | 92 |
| Figura 37 | Interface do Portal de Periódicos CAPES/MEC por meio da busca por livro | 93 |
| Figura 38 | Interface do Portal de Periódicos CAPES/MEC por meio da busca avançada por livro | 93 |
| Figura 39 | Interface do Portal Livro Aberto em CT&I | 96 |
| Figura 40 | Protótipo do Memex | 100 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------------|--|-----|
| Quadro 1 | Cronologia dos livros digitais e eletrônicos | 35 |
| Quadro 2 | Expectativas das bibliotecas e propostas editoriais | 74 |
| Quadro 3 | Editoras/Fornecedoras de livros digitais e eletrônicos no Portal Capes nos anos de 2013 e 2015 | 94 |
| Quadro 4 | Fatores impactantes da utilização dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias | 112 |
| Quadro 5 | Estrutura do questionário final | 116 |
| Quadro 6 | Instituições de ensino superior do âmbito público que oferecem o curso de Farmácia | 120 |
| Quadro 7 | Relação das bibliotecas participantes da pesquisa e suas respectivas instituições | 128 |
| Quadro 8 | Pontos positivos e negativos dos livros digitais e eletrônicos | 151 |
| Quadro 9 | Reflexão dos bibliotecários sobre a incorporação dos LDEs nas bibliotecas universitárias brasileiras | 154 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-------------------|--|-----|
| Gráfico 1 | Venda de livros eletrônicos em lojas brasileiras no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013 | 37 |
| Gráfico 2 | Mercado nacional de livros digitais e eletrônicos em 2013 | 37 |
| Gráfico 3 | Venda de <i>tablets</i> no Brasil entre os anos de 2010 e 2014 | 60 |
| Gráfico 4 | Venda de <i>smartphones</i> no Brasil entre os anos de 2010 e 2014 | 60 |
| Gráfico 5 | Proprietários de <i>tablets</i> e <i>e-readers</i> nos EUA em 2013 | 61 |
| Gráfico 6 | Distribuição por unidades federativas de IES públicas vinculadas ao curso de Farmácia | 121 |
| Gráfico 7 | IES públicas que oferecem o curso de Farmácia conforme as regiões geográficas brasileiras | 122 |
| Gráfico 8 | Natureza administrativa das IES públicas que estão vinculadas ao curso de Farmácia | 123 |
| Gráfico 9 | Distribuição geográfica das bibliotecas das IES públicas vinculadas ao curso de Farmácia | 124 |
| Gráfico 10 | Organização das bibliotecas universitárias públicas brasileiras nas unidades de ensino de Farmácia | 125 |
| Gráfico 11 | Participação das bibliotecas na pesquisa | 126 |
| Gráfico 12 | Distribuição geográfica das bibliotecas participantes | 127 |
| Gráfico 13 | Livros digitais e eletrônicos nos acervos das bibliotecas | 130 |
| Gráfico 14 | Livros digitais e eletrônicos na área de Farmácia | 130 |
| Gráfico 15 | Coleção de livros digitais e eletrônicos por grandes áreas do conhecimento | 131 |
| Gráfico 16 | Fatores para compra e/ou acesso de livros digitais e eletrônicos pelas bibliotecas | 132 |
| Gráfico 17 | Políticas de aquisição adotadas pelas bibliotecas | 133 |
| Gráfico 18 | Tipo de fornecedor utilizado para aquisição de livros digitais e eletrônicos | 134 |
| Gráfico 19 | Modelos de negócio de livros digitais e eletrônicos | 136 |
| Gráfico 20 | Canais de acesso aos livros digitais e eletrônicos | 137 |
| Gráfico 21 | IES públicas que ofertam o curso de Farmácia e possuem repositórios institucionais | 138 |
| Gráfico 22 | Bibliotecas que disponibilizam os LDEs da área de Farmácia nos repositórios institucionais | 139 |
| Gráfico 23 | Tipo de acesso aos livros digitais e eletrônicos | 140 |
| Gráfico 24 | Controle de acesso e/ou uso aos livros digitais e eletrônicos | 140 |
| Gráfico 25 | Mecanismos de controle para o acesso e/ou uso dos livros digitais e eletrônicos | 141 |
| Gráfico 26 | Formatos dos livros digitais e eletrônicos | 142 |
| Gráfico 27 | Comunidade usuária que solicita os livros digitais e eletrônicos | 143 |

LISTA DE GRÁFICOS (continuação)

| | | |
|-------------------|---|-----|
| Gráfico 28 | Frequência de acesso e/ou uso dos livros digitais e eletrônicos | 144 |
| Gráfico 29 | Uso dos dispositivos eletrônicos | 144 |
| Gráfico 30 | Campanha de promoção dos LDEs nas bibliotecas | 145 |
| Gráfico 31 | Populariedade dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas | 146 |
| Gráfico 32 | A influência da aquisição dos livros digitais e eletrônicos na rotina da biblioteca | 147 |
| Gráfico 33 | A relevância dos LDEs para o acervo da biblioteca | 148 |
| Gráfico 34 | Fatores para incorporação dos LDEs nos acervos das bibliotecas | 149 |
| Gráfico 35 | Capacitação dos usuários para utilizarem os livros digitais e eletrônicos | 150 |
| Gráfico 36 | O papel das bibliotecas na utilização dos livros digitais e eletrônicos | 150 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| ABBU | Associação Brasileira de Bibliotecas Universitárias |
| ABF | Associação Brasileira de Farmacêuticos |
| ADE | <i>Adobe Digital Editions</i> |
| BDTD | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações |
| BRAPCI | Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CBL | Câmara Brasileira do Livro |
| CBU | Comissão de Bibliotecários Universitários |
| CSS | <i>Cascading Style Sheets</i> |
| CFF | Conselho Federal de Farmácia |
| CNBU | Comissão Nacional de Diretores de Bibliotecas Centrais Universitárias |
| CONARQ | Conselho Nacional de Arquivos |
| DRM | <i>Digital Rights Management</i> |
| E-book | <i>Electronic book</i> |
| EEB | Empréstimo entre bibliotecas |
| ENANCIB | Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação |
| Epub | <i>Electronic Publication</i> |
| FAPESP | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo |
| FEBAB | Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições |
| FIOCRUZ | Fundação Oswaldo Cruz |
| HTML | <i>HyperText Markup Language</i> |
| IBICT | Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia |
| IDPF | <i>International Digital Publishing Forum</i> |
| IES | Instituições de Ensino Superior |
| IP | <i>Internet Protocol</i> |
| ISBN | <i>International Standard Book Number</i> |
| KF8 | <i>Kindle</i> Formato8 |
| LDEs | Livros digitais e eletrônicos |
| MACs | <i>Macintoshes</i> |
| MARC | <i>Machine Readable Cataloging</i> |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (continuação)

| | |
|---------------|---|
| MEC | Ministério da Educação |
| MS Reader | <i>Microsoft Reader</i> |
| OPACS | <i>Online Public Access Catalogs</i> |
| PDA | <i>Portable Device Assistant</i> |
| PDA | <i>Patron Driven Acquisition</i> |
| PDF | <i>Portable Document Format</i> |
| PLDE | Portal do Livro Didático Eletrônico |
| PNBU | Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias |
| RI | Repositórios Institucionais |
| RIUFBA | Repositório da Universidade Federal da Bahia |
| RIUnB | Repositório da Universidade de Brasília |
| <i>SciELO</i> | <i>Scientific Electronic Library Online</i> |
| SiBI | Sistema de Bibliotecas |
| SNBU | Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias |
| STL | <i>Short term loan</i> |
| TICs | Tecnologias da informação e da comunicação |
| UEL | Universidade Estadual de Londrina |
| UEM | Universidade Estadual de Maringá |
| UEPB | Universidade Estadual da Paraíba |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UFS | Universidade Federal do Sergipe |
| UFSCAR | Universidade Federal de São Carlos |
| UNESP | Universidade Estadual Paulista |
| UNIFESP | Universidade Federal de São Paulo |
| UNOESC | Universidade do Oeste de Santa Catarina |
| URL | <i>Uniform Resource Locator</i> |
| USAID | <i>United States Agency for International Development</i> |
| USB | <i>Universal Serial Bus</i> |
| WWW | <i>World Wide Web</i> |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (continuação)

| | |
|-------|---|
| W3C | Consórcio <i>World Wide Web</i> |
| XHTML | <i>Extensible Hypertext Markup Language</i> |
| XML | <i>Extensible Markup Language</i> |

SUMÁRIO

| | | |
|---------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 21 |
| 2 | OBJETIVOS | 26 |
| 2.1 | OBJETIVO GERAL | 26 |
| 2.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 26 |
| 3 | O LIVRO DIGITAL E ELETRÔNICO | 27 |
| 3.1 | DEFINIÇÃO DE LIVRO DIGITAL E LIVRO ELETRÔNICO E AS DIFERENTES TERMINOLOGIAS | 28 |
| 3.2 | AS ORIGENS DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS | 31 |
| 3.3 | ACESSO LEGAL E USO ÉTICO DE LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS | 38 |
| 3.4 | FORMATOS DA PUBLICAÇÃO DIGITAL E ELETRÔNICA | 41 |
| 3.4.1 | <i>Hypertext Markup Language (HTML)</i> | 41 |
| 3.4.2 | <i>Portable Document Format (PDF)</i> | 42 |
| 3.4.3 | <i>Electronic Publication (ePub)</i> | 42 |
| 3.4.4 | Kindle Formato 8 (KF8) | 44 |
| 3.5 | SOFTWARES DE LEITURA DIGITAL E ELETRÔNICA | 45 |
| 3.5.1 | <i>MobiPocket Reader</i> | 46 |
| 3.5.2 | Adobe Digital Editions | 47 |
| 3.5.3 | <i>Microsoft Reader</i> | 48 |
| 3.5.4 | Calibre | 49 |
| 3.5.5 | <i>iBooks</i> | 50 |
| 3.5.6 | Kindle | 51 |
| 3.5.7 | Kobo | 53 |
| 3.6 | SUPORTES PARA LEITURA DIGITAL E ELETRÔNICA | 54 |
| 3.6.1 | <i>E-readers</i> | 55 |
| 3.6.1.1 | <i>Rocket eBook</i> | 62 |
| 3.6.1.2 | <i>MyFriend</i> | 63 |
| 3.6.1.3 | <i>CyBOOK</i> | 64 |
| 3.6.1.4 | Kindle | 68 |
| 3.7 | FONTES DE AQUISIÇÃO E O MERCADO EDITORIAL | 70 |
| 3.7.1 | Fornecedores | 72 |
| 3.7.1.1 | Editoras | 73 |

| | | |
|---------|--|-----|
| 3.7.1.2 | Agregadores de conteúdo | 76 |
| 3.7.1.3 | Distribuidores | 78 |
| 3.7.1.4 | Lojas virtuais | 80 |
| 3.7.1.5 | Autores | 82 |
| 3.7.2 | Modelos de negócio | 83 |
| 3.7.2.1 | Aquisição perpétua | 84 |
| 3.7.2.2 | Assinatura | 85 |
| 3.7.2.3 | Aquisição orientada pelo usuário | 86 |
| 3.7.2.4 | Empréstimo de curto prazo | 87 |
| 3.7.3 | Iniciativas brasileiras de acesso ao conteúdo científico de livros digitais e eletrônicos | 88 |
| 3.7.3.1 | SciELO Livros | 89 |
| 3.7.3.2 | Portal de Periódicos Capes | 91 |
| 3.7.3.3 | Portal do Livro Aberto em CT&I | 95 |
| 4 | AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS | 97 |
| 4.1 | AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS | 103 |
| 4.2 | LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS | 107 |
| 5 | METODOLOGIA | 114 |
| 6 | RESULTADOS | 119 |
| 6.1 | APRESENTAÇÃO DAS IES DO ÂMBITO PÚBLICO QUE OFERECEM O CURSO DE FARMÁCIA | 119 |
| 6.2 | IDENTIFICAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DAS IES PÚBLICAS VINCULADAS AS UNIDADES DE ENSINO EM FÁRMACIA | 123 |
| 6.3 | IDENTIFICAÇÃO DAS BIBLIOTECAS PARTICIPANTES | 125 |
| 6.4 | EXISTÊNCIA E FATORES PARA A INCORPORAÇÃO DO ACERVO DIGITAL E ELETRÔNICO | 130 |
| 6.5 | POLÍTICA E FONTES DE AQUISIÇÃO DE LDEs | 133 |
| 6.6 | FORMATOS DE PUBLICAÇÃO E MECANISMOS DE ACESSO AOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS | 137 |
| 6.7 | CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE USUÁRIA DAS BIBLIOTECAS PARTICIPANTES | 142 |
| 6.8 | VISIBILIDADE E IMPACTO DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NAS BIBLIOTECAS | 145 |
| 6.9 | VISÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DIANTE DA INSERÇÃO DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS | 151 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 156 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 159 |
| | APÊNDICES | 166 |

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) estão presentes nas diferentes conjecturas das relações sociais. Elas permitem que ocorra uma maior interatividade entre as pessoas nos seus diferentes meios como no trabalho, no lazer, nas relações interpessoais e, de uma maneira mais assídua, na forma de comunicação.

Estas tecnologias modificam os modos de contato, os hábitos e as identidades das pessoas, isto é, criam e recriam novas formas de socializar. Alguns anos atrás, seria inviável imaginar que a comunicação e as relações sociais poderiam ocorrer por meio de uma máquina como o computador. Atualmente, estas interações passaram a ser feitas por esses meios, independente de espaço e tempo definidos.

O advento da Internet foi uma das principais causas para que as TICs estejam tão presentes no cotidiano das pessoas. Ela mudou a forma de comunicação e o jeito de adquirir, compartilhar e interpretar as informações. O uso da Internet permite que se acompanhe, a cada instante, todas as modificações e novidades que ocorrem nas relações interpessoais, tanto no meio social, quanto no profissional e acadêmico.

Dantas (2011) aponta que a reestruturação social, que surgiu na década de 60 do século XX, acarretou um novo conceito de Sociedade, a Sociedade da Informação. A ideia do conceito de Sociedade da Informação é adjacente ao de uma sociedade que está em processo de constantes mudanças, resultado dos avanços na ciência e na tecnologia.

Por conta da diversidade cultural e da conjuntura social e econômica, outras nomenclaturas surgem, além da denominação “Sociedade da Informação”, como: Sociedade do Conhecimento, Sociedade de Serviços, Nova Economia, Economia Digital, Economia da Informação, Econômica Ligeira, Sociedade Digital, Sociedade em Rede, Sociedade Global, entre outras. Osuna Alarcón ([s.d.] *apud* DANTAS, 2011, p. 6) aponta que essas denominações não são contraditórias, mas complementares, mesmo que cada uma manifeste uma característica concreta da sociedade em que vivemos. Assim, independentemente da nomenclatura, o importante é que cada uma retrate como se conduz a sociedade atual e como esta difere das anteriores. Johnson (2011, p. 32) acrescenta que “os próprios padrões que ‘relevam’ a informação podem, muitas das vezes, representar o mundo material, mas algumas das implicações mais interessantes de uma sociedade da informação residem na forma como ela difere daquela das sociedades que a precedem.”

O despertar e a aplicabilidade das tecnologias da informação e comunicação e o uso de instrumentos ligados à informática e à Internet tornou possível a geração de novas formas de

acesso, distribuição e trocas informacionais. A partir desse contexto, pode-se questionar qual a influência e as modificações que as TICs incorporadas nesta nova sociedade trouxeram para o ambiente da biblioteca universitária.

Tradicionalmente, a biblioteca é vista como um ambiente onde a organização, o tratamento e a disseminação da informação são alicerçados em suportes impressos e a interação entre o bibliotecário e seus usuários ocorre em um determinado espaço físico: a própria biblioteca. Contudo, com o advento das TICs mudanças estão ocorrendo neste ambiente. Atualmente, as bibliotecas estão usando técnicas e métodos automatizados, baseadas pelo conhecimento científico e elas começam a atuar de forma distinta sobre o armazenamento, registro, disseminação e recuperação da informação. Já os usuários estão cada vez mais autônomos diante dos serviços que os bibliotecários mediavam.

As bibliotecas universitárias têm como um dos seus principais objetivos fomentar o acesso à informação científica para sua comunidade acadêmica e com advento da tecnologia da informação e comunicação essas unidades informacionais se veem diante de novos desafios em fornecer mecanismos para propagar os conteúdos que são gerados ou disponibilizados nos ambientes eletrônicos.

Sendo assim, o emprego das tecnologias da informação e de comunicação nas bibliotecas promovem a formação de novos serviços e o aprimoramento daqueles já existentes. A implementação do serviço de referência eletrônica, o acesso ao catálogo *on-line* e as bases de dados, além da incorporação de coleções eletrônicas são indícios de que os serviços oferecidos pelas bibliotecas estão passando por modificações.

A proposta desta pesquisa é realizar uma análise das práticas adotadas nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras que atuam para as unidades de ensino em Farmácia para a inclusão, acesso e uso dos livros digitais e eletrônicos (LDEs)¹. Para fins desta pesquisa o LDE será considerado o livro publicado em formato eletrônico ou digitalizado para que possa ser acessado localmente ou remotamente, em um dispositivo eletrônico.

Optou-se por limitar o estudo nas bibliotecas que atendem ao curso de Farmácia, visto que a mestrandia atua na biblioteca da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde os livros digitais e eletrônicos já são publicações atuantes no acervo

¹Será adotada a terminologia livros digitais e eletrônicos como sinônimos. A discussão conceitual será abordada na seção secundária: 3.1 DEFINIÇÃO DE LIVRO DIGITAL E LIVRO ELETRÔNICO E AS DIFERENTES TERMINOLOGIAS.

dessa unidade informacional². A principal proposta desta delimitação é a possibilidade de por em prática os conhecimentos que foram desenvolvidos ao longo da pesquisa.

Acredita-se também na relevância de fomentar um estudo que retrate o LDE de acordo com as suas características intrínsecas, as práticas que estão sendo adotadas pelo mercado editorial para a disponibilização desse material no ambiente da biblioteca universitária e a realidade das bibliotecas das universidades públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia diante dos LDEs. Desta forma, esta pesquisa almeja contribuir para que os agentes responsáveis pela incorporação dos livros digitais e eletrônicos tenham um estudo que coopere na obtenção de maiores conhecimentos e no desenvolvimento de pesquisas futuras.

Para responder aos objetivos que serão apresentados nesta dissertação, efetuou-se um embasamento teórico, principalmente nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e desenvolveu-se uma pesquisa de campo. Para a realização da pesquisa bibliográfica foram utilizadas as seguintes fontes: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), *SciELO* e os *sites* dos anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) e dos encontros nacionais de pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). De forma a apresentar os elementos formadores do livro digital e eletrônico (formato, *software* e suporte), pesquisou-se nas empresas e instituições que os originaram e fomentaram.

A revisão da literatura apresenta uma escassa produção científica brasileira sobre livros digitais e eletrônicos em bibliotecas, mesmo que, nos últimos cinco (5) anos, tenha sido observado um quantitativo crescente de pesquisas sobre o tema. Destaque para os trabalhos de estudos de caso elaborados por bibliotecários universitários que relatam a experiência pela qual suas bibliotecas estão passando para a inserção dos LDEs nos acervos.

Por outro lado, a literatura estrangeira recuperada, através do Portal Capes, mostra que os livros digitais e eletrônicos já são uma realidade na maioria das bibliotecas universitárias e o seu acesso e uso já fazem parte da rotina da comunidade acadêmica. Diante desta constatação, o uso de material científico internacional foi primordial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para uma maior compreensão sobre livro digital e eletrônico e ter uma base teórica para análise dos resultados da pesquisa de campo, se propôs desenvolver no capítulo três um estudo que discorra sobre as suas origens, as diferentes definições e terminologias, os aspectos

² Nesta pesquisa unidade informacional será utilizada como sinônimo de biblioteca.

vigentes que determinam a legalidade de acesso e de uso, os distintos formatos, *softwares* e suportes e os mecanismos que estão sendo adotados pelo mercado editorial para a comercialização e disponibilização dos LDEs.

Em seguida, no capítulo quatro, pesquisou-se sobre a biblioteca universitária, tratando sua definição, suas características e a importância que exerce na instituição a que pertence e na sua comunidade acadêmica. Realizaram-se também análises das conjecturas histórica e contemporânea das universidades e das bibliotecas universitárias e decorreu-se sobre desenvolvimento das bibliotecas universitárias brasileiras ao longo dos anos. Por último, efetuou-se um estudo que investigou o livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias, apontando os mecanismos que estão sendo desenvolvidos para esta implementação e os desafios enfrentados pelos bibliotecários diante da disponibilização desse novo serviço.

A metodologia da pesquisa, que se encontra no capítulo cinco, foi estruturada por meio dos procedimentos qualitativos e quantitativos. Em termos de funcionalidade, ela será predominantemente descritiva e delineada através de um levantamento empírico. A coleta de dados escolhida foi a pesquisa de campo, por intermédio do instrumento questionário. Primeiramente, foram relacionadas as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas que possuem o curso de Farmácia, através da Base *e-MEC*³ do Ministério da Educação (MEC). Por seguinte, realizaram-se buscas pelos *campi* e as respectivas bibliotecas que atendem a curso de Farmácia e os seus contatos via *e-mail* e telefônico. Este mapeamento foi exposto em uma planilha que retratava os principais atributos (nome da universidade, curso, *campus*, biblioteca (s), região, estado, contatos via *e-mail* e telefônico e natureza administrativa da universidade) que contribuiriam para que se obtivesse uma melhor análise dos dados.

Os resultados da pesquisa foram abordados no capítulo seis. Eles se constituíram através da pesquisa de campo procedida com os bibliotecários respondentes das bibliotecas das IES das unidades de ensino em Farmácia. As questões dessa averiguação foram categorizadas conforme os objetivos específicos propostos para essa dissertação.

Compreendeu-se, diante dos resultados obtidos, que as bibliotecas universitárias públicas das unidades de ensino de Farmácia possuem, em sua grande maioria, os livros digitais e eletrônicos. Contudo, os mecanismos adotados para a implementação e a disponibilização desses materiais ficam sob as imposições regidas pelo mercado editorial. Consequentemente, as bibliotecas acabam não tendo o domínio sobre as que estão sendo oferecidas para a sua comunidade universitária.

³A Base *e-MEC* estão registradas todas as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras que possuem cursos regulamentados. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

Desta forma, é significativo que estudos sejam realizados para que os bibliotecários obtenham maiores conhecimentos sobre os LDEs e, ao mesmo tempo, tenham embasamento teórico para negociar com os fornecedores.

2.OBJETIVOS

2.1.OBJETIVO GERAL

Descrever as práticas adotadas nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras que atendem às unidades de ensino em Farmácia para inclusão, acesso e uso dos livros digitais e eletrônicos.

2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar as IES públicas e as bibliotecas universitárias públicas brasileiras que atendem as unidades de ensino em Farmácia;
- b) Averiguar a existência e os fatores que levam essas bibliotecas a incorporarem livros digitais e eletrônicos em suas coleções;
- c) Identificar a política e as fontes de aquisição que são adotadas pelas bibliotecas;
- d) Verificar os formatos de publicação, os mecanismos e os tipos de acesso que são disponibilizados para os usuários;
- e) Identificar o tipo de usuário que acessa o livro digital e eletrônico e apresentar a frequência de uso e os suportes utilizados;
- f) Analisar a visibilidade e o impacto que os livros digitais e eletrônicos exercem nas bibliotecas;
- g) Apresentar a visão do bibliotecário diante da inserção dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias brasileiras.

3 O LIVRO DIGITAL E ELETRÔNICO

Este capítulo destina-se a retratar os elementos que envolvem o livro digital e eletrônico, as suas relações e os mecanismos que estão sendo adotados pelo mercado editorial para apresentar e disponibilizar este material para as bibliotecas universitárias.

O livro digital e eletrônico está transformando a forma e a ordem de escrever, de obter e fornecer a informação e mudanças significativas na execução da leitura. Os leitores podem interagir mais com os livros, por meio dos dispositivos eletrônicos dedicados à leitura, *smartphones*, computadores portáteis e outras ferramentas tecnológicas. Eles têm, ainda, a possibilidade de realizar através do hipertexto uma leitura não linear, “navegar” pelo livro, além de fazer anotações e marcações das partes mais importantes.

Com avanços tecnológicos ocorreu um maior acesso à informação e ao surgimento de serviços relacionados às mídias digitais, favorecendo que certas atividades fossem feitas de forma mais rápida e econômica. É o que acontece quando um autor decide realizar a autopublicação *on-line* de sua obra, permitindo que ele tenha uma maior autonomia de divulgação e de disponibilização. Esse serviço é uma oportunidade para os escritores iniciantes, que não têm um contrato editorial, de publicar e vender os seus originais em formato digital e eletrônico. Os *sites* destinados à autopublicação também oferecem soluções tecnológicas para que os autores tenham maior facilidade de executar todas as etapas da publicação de seus livros para que cheguem mais rápidos aos seus leitores. Sendo assim, a indústria editorial está enfrentando o desafio de lidar com este novo mercado ascendente que requisita uma nova postura comercial diante de vários aspectos fundamentais para inserção e acessibilidade dos LDEs.

As bibliotecas têm um papel fundamental nessa nova realidade e a inserção do livro digital e eletrônico está promovendo uma redefinição na forma de tratamento, disseminação e na salvaguarda da informação. Sendo assim, é relevante que haja mudanças dentro desses ambientes para que ocorram adaptações significativas para a promoção desses novos materiais e os atores envolvidos – bibliotecários, editores, livreiros e usuários – são indispensáveis para que essas redefinições obtenham êxito. Desta forma, cabe a eles a realização de pesquisas mais profundas sobre a evolução e os diferentes aspectos e abordagens que envolvem esse objeto informacional. Trata-se de rever as suas distintas definições e terminologias, a sua origem e desenvolvimento ao longo dos anos, as ferramentas e os mecanismos de restrição de acesso e uso, os tipos de formatos, suportes, *softwares*, fornecedores, modelos de aquisição

também conhecidos como modelos de negócios e o atual mercado editorial dos livros digitais e eletrônicos.

3.1 DEFINIÇÃO DE LIVRO DIGITAL E LIVRO ELETRÔNICO E AS DIFERENTES TERMINOLOGIAS

A aparição da tecnologia da informação eletrônica está mudando drasticamente o conceito de livro. O surgimento dos livros digitais e eletrônicos e os elementos associados a eles através das aplicações dos *e-readers*, *tablets*, sistemas de leitura social e *blogs*, estão alterando os alicerces das definições agregadas ao livro tradicional. Cordón-García (2011, p. 2, tradução nossa) apresenta a definição da UNESCO para livro, como “uma publicação impressa não periódica de ao menos 49 páginas sem contar com a capa”. Semelhança ocorre no primeiro significado que aparece no Dicionário do Aurélio⁴: “Conjunto de folhas de papel, em branco, escritas ou impressas, soltas ou cosidas, em brochura ou encadernadas”. Essas definições refletem que o conceito do livro está relacionado ao formato impresso, restringindo assim, a abertura para futuras retratações.

As digitalizações causam uma ruptura deste universo, permitindo uma maior disseminação informacional, fragmentação e desconstrução e, alguns casos, a perda da identidade total ou parcial. A digitalização introduz uma diferença importante a respeito das obras impressas, que modifica, desde a produção, até a distribuição de obras. Os livros digitais e eletrônicos podem ser vistos como um sistema aberto, versátil e em constante evolução (CORDÓN-GARCÍA, 2011; CHEEK; HARTEL, 2012).

A oscilação de conceitos em torno dos livros digitais e eletrônicos que é encontrada na literatura atual gera uma dificuldade de elaborar definições claras e concisas. Conforme relata Dizekaniak (2010), o termo livro eletrônico (*eBook*) está sendo usado para tratar tanto as máquinas de leitura como o livro disponibilizado na Internet. Magalhães (2013) explica que isso acontece porque a mídia propaga a ideia de que o livro é o aparelho de leitura, mas não a sua essência, que é o seu conteúdo, o que dá sentido próprio ao livro.

É necessário que haja uma atenção especial por parte dos agentes envolvidos – bibliotecários, usuários e desenvolvedores de tecnologia – para que nomeiem e designem terminações apropriadas para cada conceito, evitando assim, ambiguidade semântica para as distintas tecnologias. É como expõem Grau, Oddone e Dourado (2013, p. 2):

⁴<<http://www.dicionariodoaurelio.com/livro>>

Grafias e denominações várias são usadas [para LDEs]: e-book, eBook, e-Book, e ebook, e-livro, livro digital, livro eletrônico e outros. Confunde-se conteúdo, formatos, veículos e leitores de LDEs (*e-readers*). Essa flutuação conceitual prejudica o desenvolvimento de pesquisas e leva à insegurança no entendimento e na comparação do resultado de estudos e na compreensão das tendências para área.

Bennett e Landoni (2005) ressaltam que é relevante que os atores que estão inseridos no universo digital e eletrônico trabalhem em conjunto para que esses novos materiais bibliográficos sejam retratados da melhor forma possível, sem terminologias contraditórias e com ideias em comum. Acrescentam que o caminho para definição do LDE tem que ser centrado nos quatro vetores que o envolvem: conteúdo, formato, proposta e uso.

Serra (2014) apresenta um exemplo de definição de livros digitais, no qual diferentes termos são designados. A autora afirma que o termo livro digital, *e-book* do acrônimo *electronic book*, também pode ser chamado de livro eletrônico e que eles têm o formato eletrônico, independente se foram criados nessas condições ou foram convertidos.

Rao (2005) analisa que os livros digitais têm quatro aspectos:

- 1) Conteúdo – refere-se à propriedade intelectual;
- 2) Formato – refere-se ao documento ou formato de arquivo;
- 3) Leitor – refere-se ao *software*;
- 4) Aparelho de leitura – refere-se ao aparelho portátil ou *hardware* de leitura.

Procópio (2010) acrescenta a importância que um equipamento possui para percepção de um livro eletrônico, ao defini-lo como um livro formatado para ser lido em computadores de mesa, de bolso ou ainda *e-readers*. Como também pode ser uma versão eletrônica de um livro que só existia no papel. Já Lynch (2001 *apud* VAN HOOREBEEK, 2003, tradução nossa) apresenta o livro eletrônico, como uma grande quantidade de bits, que pode ser transportando em uma mídia digital ou um sistema de rede, podendo ser visto na *Web* ou em dispositivos, como computadores, *tablets*, *smarthphones* e *e-readers*.

As ideias desses autores sobre um livro eletrônico depender de um aparelho de acesso à leitura podem ser reunidas através da colocação apresentada por Cordón-García (2011, p. 17):

Um livro eletrônico é qualquer forma de arquivo em formato digital que pode descarregar-se em dispositivos eletrônicos para a sua posterior visualização. Trata-se de arquivo digital que precisa de um elemento adicional para sua visualização, em dispositivo leitor, que deve conter um software adequado para leitura do documento. Pode incluir elementos textuais, gráficos, sonoros e visuais integrados segundo o dispositivo de consulta: computador, *e-reader*, *tablet* ou outro.

Avalia-se que os conceitos e terminações expostas sobre os livros digitais e os livros eletrônicos se assemelham e se complementam. Através dessas proposições, pode-se considerar que uma obra digital ou eletrônica possa ser criada primeiramente no formato impresso e ser convertida no digital (ou eletrônico) ou que ambas possam ser geradas no ambiente digital (ou eletrônico). Outra característica relevante é que ambas dependem de um aparelho eletrônico para a leitura, seja, computador portátil, *smarthphones*, *e-readers*, *tablets* ou outro qualquer.

Oddone (2013 *apud* GRAU, ODDONE, DOURADO, 2013), por meio de pesquisas, constatou que há um grande número de *softwares* de leitores de livros digitais, com diferentes formatos (proprietários e abertos) e distintos mecanismos de leitura, como via *download* para computadores ou dispositivos de leitura. Para análise e interpretação dos dados coletados, a autora adaptou os conceitos de documentos digitais no âmbito dos arquivos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) obtendo as seguintes designações:

Livros digitais são aqueles que estão disponíveis em versões .html, .txt ou .pdf na internet. Para lê-los é preciso ter um computador conectado à internet e um programa de navegação, entre os quais podem ser mencionados Internet Explorer, Mozilla, Firefox, Google Chrome, Apple Safari, Opera, entre outros;

Livros eletrônicos são aqueles que estão disponíveis em versões .epub, .mobi, .azw e .ios, entre outras. Para lê-los é preciso visitar lojas especializadas, baixar arquivos com conteúdo dos livros e fazer upload desses arquivos em aparelhos como Kobo, Kindle e iPad, entre outros, ou instalar os arquivos diretamente nos aparelhos se estes puderem se conectar à Internet, ou ainda instalar no computador programas especiais de leitura para abrir e ler esses mesmos arquivos (ODDONE, 2013 *apud* GRAU; ODDONE; DOURADO, 2013, p.4).

Assim, de acordo com o CONARQ (2010 *apud* GRAU; ODDONE; DOURADO 2013, p.5):

[...] ‘livros digitais’ são livros codificados em arquivos legíveis por qualquer dispositivo de processamento de dados, já os ‘livros eletrônicos’ são livros codificados em arquivos binários acessados apenas através de dispositivos dedicados, como *e-readers* e *tablets* específicos. Conclui-se que ‘todo o documento digital é eletrônico, mas nem todo o documento eletrônico é digital’.

Diante das análises expostas, pode-se afirmar que não há uma conformidade na definição de livros digitais ou eletrônicos. Para sua consolidação, é necessário enfrentar uma série de obstáculos, como: a rápida evolução tecnológica, a ligação entre o livro impresso e o digital e o eletrônico, aspectos que envolvam o conteúdo e a forma e as distintas maneiras que

os livros são compreendidos e utilizados. Ressalta-se a relevância de os profissionais da informação se manterem em contato com a evolução e com as dificuldades terminológicas dos LDEs. Isso não só para objetivar implicações de pesquisas ou considerações práticas, mas também para obter segurança diante dos outros integrantes do ciclo dos livros digitais e eletrônicos como os editores, agregadores, usuários e outros, com o intuito de interferir em um cenário complexo e primordial para o futuro das bibliotecas.

3.2 AS ORIGENS DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS

A sociedade passou por inúmeras transformações ao longo dos séculos e os suportes informacionais acompanharam essas alterações. Eles se modificaram de acordo com as necessidades do espaço e do tempo de cada sociedade, passando dos registros das cavernas até chegarem aos registros digitais e eletrônicos. O início foi com as tabelas de argila, passando para o papiro (organizados em rolos), em seguida do códice⁵ de pergaminho para o papel, que se tornou o principal suporte de registro da escrita. (ARAÚJO, *et al.* 2013).

Darnton (2010) categoriza esse desenvolvimento, descrevendo as quatro mudanças fundamentais para os avanços da tecnologia da informação e da comunicação desde que os humanos aprenderam a falar até a comunicação eletrônica. A primeira transformação foi quando o homem aprendeu a escrever por volta de 4000 a.C. A escrita modificou a relação humana com o passado e abriu portas para o surgimento do livro.

No início da era Cristã, quando o códice substituiu o pergaminho, a história do livro registra a segunda mudança tecnológica que se tornou um elemento importante para a difusão do cristianismo. O códice alterou a prática da leitura: a página surgiu como uma unidade concreta de ideias e os leitores puderam folhear textos claramente harmonizados, com palavras diferenciadas (palavras separadas por espaço), parágrafos e capítulos, além de outros auxílios à leitura.

Já a terceira modificação ocorre no século XV, durante a Idade Média, quando a história da reprodução de textos e a produção de livros ganham notoriedade. “Com os caracteres móveis e a prensa de imprimir, a cópia manuscrita deixa de ser o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação dos textos” (CHARTIER, 1994, p. 186).

⁵Manuscrito em pergaminho cujas folhas se unem como num livro. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/códice>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

O surgimento da máquina impressa realizada por Gutenberg é considerado como um marco de uma época, associada com frequência ao surgimento da pólvora e também da bússola. A prensa topográfica teve uma grande valia para suprir os sérios problemas de reprodução de textos que estavam tendo um crescimento elevado, principalmente no final do século XV (BURKE, 2002). Ela permitiu que, ao longo dos anos, mais pessoas tivessem acesso aos materiais impressos e que os livros alcançassem um número cada vez maior de leitores.

Uma das principais consequências da invenção da prensa topográfica foi ampliar as oportunidades de carreira abertas aos letrados. Alguns deles se tornaram letrados-impressores [...]. Outros trabalhavam para os impressores, por exemplo, corrigindo provas fazendo índices, traduzindo ou mesmo escrevendo por encomenda de editores-impressores. Ficou mais fácil, embora ainda fosse difícil, seguir a carreira de ‘homem da letra’. (BURKE, 2003, p. 28-29).

Contudo, ocorreram consequências imprevistas por conta do feito de Gutenberg. Muitos profissionais manifestaram diferentes críticas ao novo surgimento, como os copistas⁶, os “papeleiros” (que vendiam os livros manuscritos) e os contadores de histórias. Os membros do clero também estavam receosos com os efeitos que a prensa poderia causar, eles temiam que os leigos fossem estimulados a estudar os textos religiosos, por sua própria conta, em vez de seguir o que as autoridades lhes dissessem. Os estudiosos, por sua vez, concentravam suas preocupações na preservação da informação e, ligado a isso, o da seleção e crítica de livros e autores. Sendo assim, essa invenção desencadeou a necessidade de novos métodos de gerenciamento da informação (BURKE, 2002; BURKE, 2003).

Darnton (2010) relata que a quarta mudança é a comunicação eletrônica, que tem como bases a Internet e a *Word Wide Web (Web)*. De acordo com Castells (2004), a Internet surgiu da interseção entre a *Big Science*⁷, a pesquisa militar e a cultura libertária. Importantes centros de pesquisas universitários e centros de estudos norte-americanos ligados à defesa foram pontos essenciais para que essas três fontes desenvolvessem a Internet. Por seguinte, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em 1969, cria a ARPANET com o objetivo de formar um sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares. Segundo Drudi (2004) a *Web* foi elaborada por Tim Berners-Lee, em 1991, no laboratório CERN, na Suíça e servia para realizar uma comunicação científica entre este laboratório a outras instituições de pesquisa para exibir documentos de maneira simples de fácil acesso.

⁶Pessoa que, antes da invenção dos meios mecânicos e eletrônicos de reprodução, copiava manuscritos. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/copista>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

⁷*Big Science* refere-se às investigações científicas que envolvem projetos vultosos e caros, geralmente financiados pelo governo.

Chartier (1994, p. 187) acrescenta que “a revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica ao leitor”. Sendo assim, os materiais digitais e eletrônicos estão revolucionando não só os modos estruturais, mas também a organização e a consulta aos suportes de leitura.

Eco e Carrière (2010) discutem o advento dos livros digitais e eletrônicos de uma forma mais contida. Os autores não acreditam na transição do livro impresso para o LDE, principalmente devido ao valor que o suporte em papel exerce em alguns leitores.

Bourdieu (1989, p. 10) permite que retrate o livro como um símbolo de “integração social” ao afirmar que os símbolos são “instrumentos de conhecimento e comunicação, eles tornam possível *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a ordem social”. Sendo assim, o livro possui um valor simbólico, isto é um prestígio na sociedade.

Desta forma, um dos grandes desafios para indústria editorial do livro digital e eletrônico é transcender o valor simbólico do livro impresso para o digital e eletrônico. Para a realização dessa empreitada, esses produtores se apropriam do capital simbólico do livro impresso e transferem e reproduzem para o LDE. Essa transição tem o intuito de atender os interesses econômicos do mercado editorial na intenção de atrair e manter leitores. Essa relação de domínio e apropriação é representada na seguinte passagem:

A classe dominante [mercado editorial] se assenta no capital econômico, tem em vista se impor a legitimidade da sua dominação quer por meio de sua própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideológicos conservadores os quais só verdadeiramente servem aos interesses dos dominantes (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Não há uma cronologia definida a respeito dos primeiros indícios dos livros digitais e eletrônicos. Cheek e Hartel (2012) apresentam que o primeiro material não impresso foram os livros em formato de áudio, com gravações e fitas cassete no ano 1931, desenvolvidos pela *American Foundation for the Blind*, destinados às pessoas com deficiência visual. O mercado do audiolivro se expandiu principalmente nas décadas de 60 e 70 do século XX, passando a fazer parte dos acervos das bibliotecas americanas. Esse material foi importante para expandir o acesso à informação por parte dos deficientes visuais e também foi considerado um importante objeto para leitura de lazer.

No ano de 1971, Michael Hart da Universidade de Illinois, Estados Unidos, criou o Projeto Gutenberg⁸ que reúne obras em formato eletrônico que estão em o domínio público. A partir do projeto de Hart, elabora-se a possibilidade de agregar em um único ambiente o armazenamento e compartilhamento eletrônicos destes livros já publicados. Dantas (2011) menciona que a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América pode ser considerada como o primeiro livro digital e eletrônico da história, visto que foi o primeiro documento digitalizado pelo Projeto Gutenberg.

Yáñez (2004) enfatiza que a origem dos LDEs é essencialmente a digitalização dos livros impressos, mesmo existindo versões criadas totalmente no formato eletrônico. Lévy (1996) destaca que o texto digitalizado se organiza de uma forma não linear, que circula no interior de redes locais ou mundiais e que cada participante é autor e editor em potencial.

Segundo Serra (2014), o livro digital e eletrônico começou a ganhar destaque nos anos 90 do século XX, quando se estabelece a cadeia produtiva de criação, distribuição, venda, acesso e uso deste material. Graças ao avanço da Internet, a distribuição e o acesso à informação aumentaram consideravelmente, favorecendo, também, a oferta e a utilização dos LDEs.

No ano de 1999, novos modelos de negócios⁹ começaram a ser testados e, em março de 2000, o escritor americano Stephen King implementou algo inédito na disponibilização e vendagem de livros. A sua obra intitulada *The Plant*¹⁰ foi comercializada e visualizada exclusivamente no ambiente eletrônico. A vendagem era feita por capítulos, na medida em que era disponibilizado. Inicialmente, obteve um grande êxito, porém não conseguiu manter uma estabilidade. Desta forma, o projeto do livro não chegou a ser finalizado. Este acontecimento retrata a instabilidade em que os livros eletrônicos estavam situados.

Herther (2005 *apud* PINSKY, 2009) expõe que, a partir de 2005, inicia-se a segunda era do livro eletrônico, caracterizado por poucas vendas, mas com a confiança da indústria editorial em superar as barreias existentes na viabilização de modelos de negócios com os livros eletrônicos.

⁸ É a mais antiga biblioteca digital do mundo e o seu objetivo é difundir obras culturais por meio de digitalização de livros. Sendo assim, ela é formada, em sua maioria, por itens que estão em domínio público. Esta iniciativa conta atualmente com aproximadamente 39.000 obras disponíveis, sem custo para acesso. (RODRIGUES; CRESPO, 2013).

⁹ Padrões comerciais para a aquisição de livros digitais e eletrônicos como, por exemplo, aquisição perpétua e assinatura. Maiores detalhes sobre os modelos de negócios serão apresentados e caracterizados na seção terciária “3.7.2 modelos de negócios” desta pesquisa.

¹⁰ Retrata a história do editor John Kenton, que frustrado em sua profissão, se vê diante de certas situações que poderão mudar a sua vida. A trama tem muitos mistérios e um certo humor-negro.

Chartier (2002, p.3) afirma “que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito”. Um fator relevante para o êxito dessa inovação da tecnologia da informação é o desenvolvimento de dispositivos de leitura, que cresce e evolui paralelamente ao lançamento de obras no formato digital. No ano de 1998, duas empresas do ramo editorial – a *SoftBook Press* e a *NuvoMedia Inc.* – lançam, respectivamente, o *Softbook Reader* e o *Rocket eBook*, dispositivos eletrônicos portáteis capazes de armazenar em formato digital em média 5.000 páginas de livros, com textos, gráficos e imagens (SERRA, 2014; PROCÓPIO, 2010). No ano de 2004, inicia-se o projeto *Google Books Search*¹¹, permitindo o acesso a milhares de livros digitais e eletrônicos. Em 2007, a *Amazon* lançou o primeiro leitor digital de livros, o *Kindle*, com a disponibilidade de mais de 90 mil títulos e, já no ano de 2010, a *Apple* apresentou o *tablet Ipad*, surgindo uma outra possibilidade da leitura digital. Atualmente, há uma diversidade de aparelhos eletrônicos no mercado com a finalidade de realizar a leitura eletrônica, mas também existe a possibilidade de leitura em outros aparelhos que não são exclusivos para esse fim, como os *smartphones* e os *tablets*, que contam com os recursos que não são restritos à leitura digital, como acesso à Internet e o uso de aplicativos. Desta forma, é notável que os livros digitais e eletrônicos se relacionam diretamente aos aparelhos eletrônicos portáteis, sendo assim, o aumento da oferta desses aparatos contribuiu para uma maior visibilidade dos livros não impressos (SERRA, 2014). O Quadro 1 apresenta marcos relevantes para a evolução dos livros digitais e eletrônicos.

Quadro 1- Cronologia dos livros digitais e eletrônicos

(continua)

| Ano | Acontecimentos importantes para a evolução dos livros digitais e eletrônicos |
|------|---|
| 1971 | Michael Hart lidera o projeto Gutenberg que procura digitalizar livros de domínio público para oferecê-los gratuitamente. |
| 1993 | Zahur Klemath Zapata registra o primeiro programa de livros digitais. Digital Book v.1, DBF. |
| 1993 | Publica-se “Do assassinato” - o primeiro livro digital. Obra considerada uma das belas artes de Thomas de Quincey. |
| 1995 | Amazon começa a vender livros através da Internet. |
| 1996 | O projeto Gutenberg alcança os 1.000 livros digitalizados. A meta seria um milhão. |
| 1998 | São lançados ao mercado os leitores de livros electrónicos: Rocket ebook e Softbook. |

¹¹ Darnton (2010) afirma que o *Google Books Search* é uma plataforma de livros digitais e eletrônicos, pertencente a empresa *Google*. O acervo da plataforma foi composto, inicialmente, pelas obras digitalizadas das bibliotecas de pesquisa norte-americanas. Ela disponibiliza três tipos de livros: a) obras de domínio público e as que são liberadas pelos autores para o acesso livre; b) obras protegidas por *copyright*, para o usuário ter acesso na íntegra é necessário que efetue a compra das mesmas; c) livros esgotados, mas protegidos pelos direitos autorais.

Quadro 1- Cronologia dos livros digitais e eletrônicos

(conclusão)

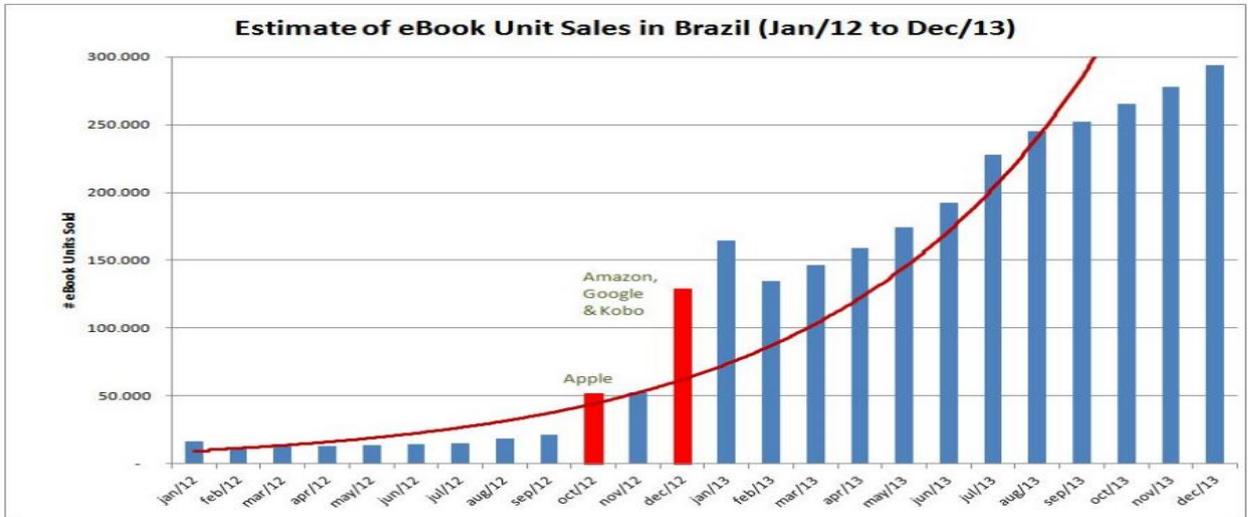
| Ano | Acontecimentos importantes para a evolução dos livros digitais e eletrônicos |
|-----------|---|
| 1998-1999 | Surgem sítios na Internet que vendem livros eletrônicos, como eReader.com e eReads.com. |
| 2002 | As editoras Random House e <i>HaperCollins</i> começam a vender versões eletrônicas dos seus títulos na Internet. |
| 2005 | Amazon compra Mobipocket na sua estratégia sobre o livro eletrônico. |
| 2006 | Acordo de digitalização de livros entre Google e a Biblioteca Nacional do Brasil |
| 2006 | Sony lança o leitor Sony <i>Reader</i> que conta com a tecnologia da tinta eletrônica. |
| 2007 | Amazon lança o <i>Kindle</i> |
| 2008 | Adobe e Sony fazem compatíveis suas tecnologias de livros eletrônicos (Leitor e DRM) |
| 2008 | Sony lança seu PRS-505. |
| 2009 | Barnes & Noble lança o Nook. |
| 2010 | Apple lança o <i>iPad</i> . |

Fonte: Rodrigues; Crespo, 2013

No Brasil, o primeiro LDE comercializado foi “Miséria e grandeza do amor a Benedita” de João Ubaldo Ribeiro, no ano de 2000, através do *site* Submarino¹² e através também do Portal Terra¹³, e à medida em que os capítulos do livro eram escritos, eram colocados à venda (ARAÚJO, *et al.*, 2013). A partir desse momento, até os dias atuais, a comercialização e o acesso aos livros digitais e eletrônicos estão em constante ascensão no Brasil, conforme apontado por Carlos Carrenho (2014a), criador do *PublishNews*¹⁴. No trabalho publicado em 2014, o autor analisa o mercado dos livros eletrônicos no Brasil nos anos de 2012 e 2013 e os dados coletados fazem parte do relatório anual de 2013 da *The Global eBook: a report on market trends and developments. Update spring 2014*¹⁵. A pesquisa destaca que o ano de 2013 é considerado o primeiro ano digital no Brasil, visto que foi no final de 2012 que as grandes lojas internacionais (*Kobo, Amazon, Google e Apple*) entraram no mercado brasileiro, aumentando a disponibilização e venda de LDEs no país, como pode ser observado no Gráfico 1.

¹² www.submarino.com.br¹³ <http://www.terra.com.br/>¹⁴ Informativo eletrônico sobre o mercado editorial brasileiro.¹⁵ Pesquisa anual sobre o mercado global de livros eletrônicos. O relatório apresenta as condições atuais e estimativas para o futuro dos livros eletrônicos nos seguintes países: Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Suécia, Rússia, Brasil, China e Índia.

Gráfico 1 - Vendas de livros eletrônicos em lojas brasileiras no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013

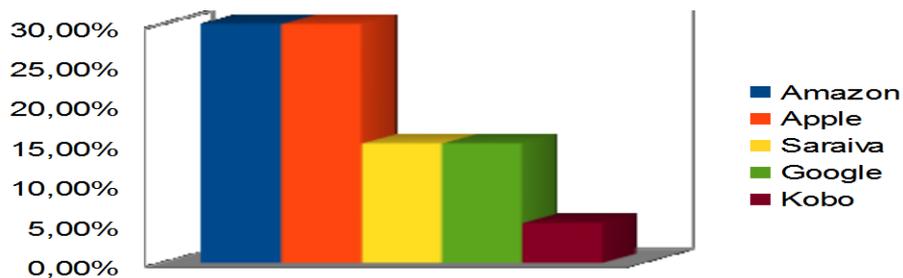


Fonte: Global eBook: A report on market trends and developments. Update spring 2014.

Esse relatório afirma também que, em 2013, o Brasil vendeu por volta de 2,5 milhões de livros eletrônicos, equivalente a 2,5% dos livros comercializados no território brasileiro. Carrenho (2014b) afirma que esta porcentagem poderia ser considerada baixa, no entanto, ao comparar com o ano de 2007, nos Estados Unidos, quando foi lançado o *Kindle* da *Amazon*, iniciando-se assim a popularização dos livros eletrônicos, o mercado digital cresceu 1,9% e que hoje chega a mais de 30% do mercado. Sendo assim, a estimativa do autor é que, nos próximos anos, o comércio dos livros digitais e eletrônicos no Brasil ganhe notoriedade e estabilidade.

Atualmente, as empresas *Amazon* e *Apple* são as principais no mercado de livros digitais e eletrônicos no Brasil, seguidas do *Google* e da Saraiva. O Gráfico 2 apresenta uma estimativa feita, no final de 2013, sobre a divisão do mercado nacional digital e eletrônico por essas empresas (CARRENHO, 2014c).

Gráfico 2 - Mercado nacional de livros digitais e eletrônicos em 2013



Fonte: *PublishNews*, 2014.

O sucesso da *Apple* e do *Google* é devido à forte base de *tablets* e *smartphones* com sistemas de operação *iOS* e *Android*, que acabou facilitando a venda de livros eletrônicos nestes ambientes. O sucesso da Saraiva é o investimento que está ocorrendo no seu *e-commerce*¹⁶ e disponibilização de livros eletrônicos com *softwares* de leitura compatíveis para os sistemas operacionais *Android* e *iOS*. A tendência é que ela obtenha uma maior relevância no mercado de livros eletrônicos com o lançamento, em 2014, de seu próprio *e-reader*, conhecido como *Lev*. Já a *Amazon* continua crescendo, aumentando o seu catálogo tradicional e os livros de autopublicação e, em paralelo, investindo em ações de *marketing* (NOVAS..., 2014, p.1; CARRENHO, 2014c).

O último relatório da Câmara Brasileira do Livro (CBL) sinaliza o crescimento de 225,13% nas vendas de livros digitais e eletrônicos entre os anos de 2012 e 2013, que caracteriza que a produção desses materiais está em pleno desenvolvimento. A partir da pesquisa de produção e venda do setor editorial brasileiro, no ano de 2013, pode-se delinear quais os âmbitos que mais se investe e quais deles darão um maior retorno para as empresas envolvidas. Segundo as estimativas da CBL, as obras literárias eram as mais disponibilizadas em meio digital, seguida das obras didáticas; das publicações científicas, técnicas e profissionais e por último dos artigos religiosos e o segmento que terá um maior retorno financeiro será os livros científicos, técnicos e profissionais. A Câmara Brasileira do Livro recomenda que os editores atuem com os livros digitais e eletrônicos de forma independente do formato impresso, já que a ascensão dos LDEs é algo inevitável (MAGALHÃES, 2013).

3.3 ACESSO LEGAL E USO ÉTICO DE LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS

A Internet se constitui em um ambiente livre, em que não há uma responsabilidade legal sobre conteúdos que são gerados, disponibilizados e acessados. É como dispõe Gandelman (1996 *apud* DZIEKANIAK, 2010, p. 90) “estamos diante de uma enorme copiadora, sem fronteiras e sem moral, já que a facilidade operacional gera no usuário uma sensação de liberdade e impunidade”. É nesse cenário que os livros digitais e eletrônicos são encontrados e que muitos escritores se veem intimidados em divulgar as suas publicações.

Para que os direitos desses autores sejam assegurados, há a Lei de Direito Autoral que é mecanismo legal de proteção para que eles possam criar as suas obras em qualquer meio e serem fixadas em qualquer suporte, desde o papel até o ambiente cibernético. Como pode ser

¹⁶Comércio eletrônico de serviços e produtos.

vista na Lei de Direito Autoral brasileira (Lei n.9.610, de 19.2.98)¹⁷ que se baseia no sistema jurídico romano-germânico *Civil Law* e caracteriza-se pela predominância do Direito Positivo (ARAYA; VIDOTTI, 2010).

No Brasil, a obra protegida pela legislação corresponde à exteriorização de uma determinada manifestação intelectual, expressa por qualquer meio ou fixada em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro. A proteção constitui-se de um direito moral (criação) e um direito patrimonial (pecuniário) (ARAYA; VIDOTTI, 2010, p.77).

No mundo digital, a maneira encontrada para proteger e controlar os direitos autorais é através do *software* que gere os direitos digitais, conhecido como *Digital Rights Management* (DRM). “Trata-se de um método avançado de gerenciamento de direitos autorais que trabalha a conscientização do leitor, em conjunto com as tecnologias de criptografias” (PROCÓPIO, 2010, p.31). Isto significa que é um mecanismo que serve para intimidar a pirataria e prevenir a cópia ilimitada, ilegal e indiscriminada de um arquivo digital e eletrônico, tais como, imagens, sons, vídeos e livros.

Coyle (2003) relata que o DRM não pode ser visto da mesma forma que os direitos autorais. Apesar de seu efeito moral e jurídico, a lei expõe somente o que é ou não permitido. Já o DRM é uma ferramenta tecnológica avançada, que cria barreiras para que a lei seja cumprida.

Apesar desse *software* ter mecanismos protetores, ele tem sido alvo de muitas críticas, pois dificulta o acesso legal à obra, além de limitar o número de visualizações, impressões e de acesso. Zimmerman (2011) cita outras possíveis desvantagens do DRM, como: dificuldade de usá-lo plenamente; manter um livro digital e eletrônico com esta tecnologia e querer utilizá-lo em diferentes dispositivos, ele pode se tornar vulnerável diante das constantes evoluções tecnológicas que sofrem os LDEs.

Tavares (2012) relata que a existência de outros mecanismos legítimos permitirá assegurar os direitos autorais e digitais dos conteúdos dos LDEs e que não impedem a acessibilidade do conteúdo do LDE. Um exemplo disso é a publicação de conteúdo de qualidade com facilidade de acesso, preços justos e fornecimento de bons serviços ao usuário.

Serra e Silva (2014) relatam que a inserção dos LDEs nas bibliotecas está modificando a dinâmica destes ambientes, visto que, há poucos anos atrás, por meio da teoria da primeira venda (*first sale*), toda obra adquirida poderia ser emprestada e compartilhada a outras

¹⁷http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>.

pessoas ou instituições sem que houvesse a violação de *copyright*¹⁸. Contudo, ao adquirir os livros digitais e eletrônicos, as bibliotecas se veem em um cenário diferente, no qual a aquisição é feita conforme a licença de uso, que se difere da rotina de formação de coleções de publicações impressas. Desta forma, em muitos casos, os livros digitais e eletrônicos não podem ser emprestados, somente acessados e os processos de doações ou trocas não poderão ser realizados.

Apesar das modificações que estejam ocorrendo dentro das bibliotecas, Van Hoorebeek (2003) destaca que, além de disponibilizar o acesso, a consulta e o *download* dos livros digitais e eletrônicos, elas continuam exercendo um papel fundamental na orientação e na educação dos seus usuários para que ocorra, por exemplo, o uso consciente desses materiais quanto aos limites e permissões de uso e as implicações para instituição em caso de uso não autorizado.

Uma das práticas mais atuantes que violam o uso ético dos LDEs fora e dentro das bibliotecas é pirataria.

[A ameaça da pirataria] não vem do crime organizado, mas sim de pessoas, hackers ou não. As ferramentas necessárias para piratear um livro são de fácil acesso. [...] Em muitos casos, o desafio é mais importante do que o ato. Haverá muitas ações jurídicas e tentativas para punir aqueles que violaram os direitos autorais. Alguns serão processados, outros serão livres e novas leis serão introduzidas no sistema (ZIMERMAN, 2011, p. 74, tradução nossa).

Nascimento (2013a) descreve que a biblioteca pode ser envolvida em caso de pirataria em duas situações: sendo fonte de arquivo que foi copiado e compartilhado individualmente, ou dando acesso através de seu catálogo, *site* ou repositório a um arquivo que tenha sido obtido de fontes não autorizadas. No primeiro caso, a melhor forma de precaver-se é informando aos usuários que os *e-books* devem ser utilizados de acordo com os termos de uso da licença. Já no segundo caso, é certificando que a biblioteca tem autorização para reproduzir e disseminar esse material. Essas prevenções são importantes para que ela não seja vista como um paraíso de violação de direitos autorais (ZIMERMAN, 2011).

¹⁸ Na concepção pura do termo, *copyright* “significa configurar direitos sobre determinado processo de criação, o que ocorre com o registro de obra protegida, fixada materialmente em função do ato registrário” (GAMA, 2008, p. 24).

3.4 FORMATOS DA PUBLICAÇÃO DIGITAL E ELETRÔNICA

As informações elaboradas no meio digital já fazem parte da maioria das instituições mundiais, sendo assim é relevante que haja técnicas e políticas adequadas para a garantia da durabilidade e do acesso a este tipo de informação. Para obter os dados que serão expressivos para a construção dessas ferramentas é importante que se faça um estudo sobre as principais categorias (formatos, *hardwares*, *softwares* e conteúdo) que envolvem esses registros digitais.

Levando em conta a aplicabilidade, por exemplo, de um artigo ou livro, o texto passará por um processo de editoração, isso significa que utilizará aplicativos ou linguagens, como *HyperText Markup Language* (HTML)¹⁹ e o *Extensible Markup Language* (XML)²⁰, que permitirão distintas formatações, marcações com metadados, diagramações e a apresentação em diversos formatos de leitura que podem ser convertidos para serem aceitos em dispositivos de leitores e para distribuição virtual (ARAÚJO, *et al.*, 2013). Desta forma, qualquer texto produzido ou migrado para o meio digital, como, por exemplo, um livro digital e eletrônico tem que estar com seu conteúdo em um formato específico para que ele possa ser lido em um *hardware* (suporte de leitura) e compatível com o *software*.

A seguir serão apresentados os principais formatos de livros digitais e eletrônicos e suas características mais relevantes.

3.4.1 HyperText Markup Language (HTML)

A linguagem HTML significa em português “Linguagem de Marcação de Hipertexto” e tem como base um consórcio livre conhecido como “Consórcio World Wide Web” (W3C)²¹ que é composta por organizações filiadas, uma equipe permanente e pelo público em geral. A principal função deste formato é descrever as estruturas de páginas da *Web*. Procópio (2010) sinaliza que o HTML faz uso de um código que define para o navegador (*browser*) como deverá ser visto o texto na página. Através dele é possível determinar o tamanho e a cor, formatar letras, locais de imagens, *links* para outros *websites*, além de outras especificidades.

¹⁹ HTML é uma linguagem de formatação que retrata exatamente como um documento foi executado pelo seu autor. O navegador, ao ler um arquivo HTML, tem condições de reproduzir de forma fidedigna, no computador local, a página que está em outra máquina. Sendo assim, esse formato possibilita que seus arquivos sejam visualizados na *World Wide Web* e por correio eletrônico. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/dicas/htm/htm-intr.htm>> Acesso em: 22 abr. 2015.

²⁰XML é uma linguagem de marcação para a criação de documentos com dados organizados hierarquicamente, tais como textos, banco de dados ou desenhos vetoriais. A linguagem XML é classificada como extensível porque permite definir os elementos de marcação. Disponível em:

<<http://www.tecmundo.com.br/programacao/1762-o-que-e-xml-.htm>>. Acesso em 23 mar. 2015.

²¹ O W3C é um consórcio internacional que tem como objetivo desenvolver padrões e diretrizes para Web que garantam o seu contínuo progresso. Disponível em: <<http://www.w3c.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Qualquer arquivo HTML pode ser lido em qualquer navegador (*Mozilla Firefox, Google Chrome, Internet Explorer* e etc.) e é compatível com os principais leitores de livros digitais e eletrônicos.

Nascimento (2013a) afirma que este formato é ineficaz para armazenar e exibir informação, devido ao espaço que ocupa e as escassas funcionalidades de formatação de textos. Porém, a simplicidade de produção e publicação de conteúdos neste formato, a oferta de títulos em HTML é elevada na Internet, e não pode ser desconsiderada como uma fonte eficiente para o acesso aos livros digitais e eletrônicos.

3.4.2 Portable Document Format (PDF)

Considerado o mais popular dos formatos de documentos digitais e eletrônicos, dominando o mercado editorial eletrônico há mais de 10 anos, o formato PDF possui a maior base de documentos e livros digitais e eletrônicos do mundo, contando com cerca de 200 milhões de usuários (NASCIMENTO, 2013a). Ele foi desenvolvido pela *Adobe Systems*, em 1992 e, desde 2008, é considerado como *software* de padrão aberto, no entanto, não mais pertencente a essa empresa (ADOBE..., 2015; NASCIMENTO, 2013a).

Procópio (2013) e Araújo, *et al.* (2013) apresentam o PDF como uma tecnologia universal e é utilizado para representar documentos da mesma forma, independente do *software, hardware* ou sistema operacional utilizado pelo usuário.

O PDF possibilita que seja salvo qualquer tipo de documento digital, independentemente da plataforma que foi utilizada para criação e leitura. Praticamente todos os documentos podem ser migrados para esse formato e, além do mais, permite que ocorra a preservação das informações dos arquivos originais, mesmo que estes estejam combinados com textos, áudios, gráficos e mapas em 3D (ADOBE..., 2015).

Os livros digitais e eletrônicos em PDF são muito parecidos aos livros em formato de papel, em relação a sua diagramação, e é uma das melhores opções para a impressão de documentos, apesar de não serem práticos na leitura em telas reduzidas, como em *smartphones* (NASCIMENTO, 2013a).

3.4.3 Electronic Publication (ePub)

O *Electronic Publication (ePub)* é o formato padrão aberto internacional de distribuição e intercâmbio de livros digitais e eletrônicos e é organizado por um consórcio de

empresas chamado *Internacional Digital Publishing Forum* (IDPF)²² - Fórum Internacional de Publicação Digital. Por ser um formato de padrão aberto é compatível com diferentes *softwares* e pode ser lido por uma variedade de dispositivos eletrônicos de leitura.

Esse formato é baseado na linguagem XHTML²³, isto é, sua produção é a mesma utilizada para uma página simples de Internet (HTML), contudo, é aperfeiçoada pelo código XML, e é complementado por uma folha de estilos .css²⁴ para o controle do *design* e a diagramação. Todos os elementos (imagens, fotos e conteúdo) são reunidos em um arquivo com extensão *ePub*, na medida em que o arquivo seja reconhecido em qualquer computador como um arquivo compacto (MELO, 2011; NASCIMENTO, 2013a).

O *ePub* é um formato que se caracteriza por expor o conteúdo digital e eletrônico de uma forma flexível, o texto, por exemplo, se redimensiona de acordo com o tamanho da tela, aumentando e diminuindo o tamanho das letras e o tipo de caractere (TAVARES, 2012). No entanto, um texto que aparece com “100 páginas” em um computador, ao ser acessado em um *smartphone*, pode apresentar mais de “300 páginas”.

Para contornar essa situação foi criado o EPUB3²⁵ com *layout* fixo, parecido com o PDF, possibilitando a inclusão de áudio, vídeo, animações, fórmulas e tabelas. Contudo, por questões de compatibilidade, nem todos os suportes de leitura o aceitam e são poucos os *softwares* que conseguem reconhecê-lo (NASCIMENTO, 2013b).

A adoção do formato *ePub* atende às necessidades básicas para o mercado internacional de livros digitais e eletrônicos. Primeiramente, é um padrão que favorece a interoperabilidade de dados pertencentes a dois ou mais sistemas; por ser de padrão aberto, não se pagam *royalties* a nenhuma empresa e pode ser aperfeiçoado de acordo com as

²²Esse fórum regulariza os padrões globais e o comércio dedicado ao crescimento e ao incentivo as edições eletrônicas e a disponibilização e ao acesso do respectivo conteúdo. Grandes empresas como Sony, Adobe, Apple, Google, IBM, Microsoft e as brasileiras Filigrana, Geográfica Editora e Simplíssimo Livros são participantes desse consórcio. Disponível em: <<http://idpf.org/>>. Acesso em 23 abr. 2015.

²³XHTML é a sigla em inglês para *Extensible HyperText Markup Language* que em tradução livre resulta em Linguagem Extensível para Marcação de Hipertexto, uma aplicação XML, escrita para substituir o HTML e nada mais é do que uma HTML "pura, clara e limpa". Disponível em: <<http://www.maujor.com/tutorial/xhtml.php/>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

²⁴CSS é a sigla em inglês para *Cascading Style Sheets*, em português é denominada como folha de estilo em cascata, é o mecanismo utilizado para adicionar simples estilos (fontes, cores e espaçamentos) em documentos Web. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/dicas/htm/htm-esti.htm>>. Acesso em: 14 de jun. 2015.

²⁵O formato EPUB3 foi desenvolvido pelo IDPF em maio de 2010 e foi estabelecido por este fórum em 2011. Disponível em: <<http://www.idpf.org/epub/30/>>. Acesso em 23 abr. 2015. Este formato se assemelha a sua versão anterior, o EPUB2, com o arquivo compactado, com a mesma extensão .epub e com as mesmas estruturas de pastas. A grande vantagem do EPUB3 é a de oferecer novas soluções para recursos avançados (melhor estruturação de conteúdo, interatividade, animações, áudio, vídeo, tipografia avançada, narração, acessibilidade e etc.) em se tratado de padrão aberto. Disponível em: <<http://www.pagelab.com.br/2012/epub3-a-evolucao-das-publicacoes-digitais/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

exigências e demanda do mercado; e é compatível com uma grande quantidade de suportes e aplicativos de leitura, usando-se apenas esse formato (MELO, 2011).

Em contrapartida, Procópio (2013) aponta a pouca popularidade do *ePub* como padrão de formato no mercado editorial de livros digitais e eletrônicos, especialmente ao compará-lo, por exemplo, com o formato PDF.

Infelizmente o formato ePub ainda não se tornou o padrão de mercado para os livros digitais. E muitos são os motivos. Historicamente, o mercado editorial aprendeu a formatar e a diagramar livros no bom e velho PDF. Talvez, no futuro, o mercado saiba conviver com a ideia de um padrão baseado em um consórcio livre, como é o caso do ePub. Por enquanto, nessa fase de aceleração das conversões, há uma lista de problemas que envolvem o custo que não baixa, por mais que o mercado tente, passando por questões de adaptação de cada livro, até chegar à validação (PROCÓPIO, 2013, p. 192).

3.4.4 Kindle Formato 8 (KF8)

O *Kindle* Formato 8 (KF8) pertence à empresa americana *Amazon* e substituiu o PRC²⁶ que foi o modelo eletrônico padrão desta empresa nos seus primeiros *e-readers*. O KF8 permite mais de 150 tipos diferentes de formatação de conteúdo, como os recursos o *Kindle Panel Views* e o *Kindle Text Pop Up* que propiciam o *layout* fixo, espaçamento entre linhas, incorporação de tabelas, gráficos e imagens coloridas (KOZLOWSKI, 2012). Para promover uma maior liberdade de autores e editores a *Amazon* desenvolveu o *Kindle Direct Publishing* que permite a divulgação e edição dos conteúdos de livros digitais e eletrônicos para serem lançados nas lojas virtuais da empresa (AMAZON, 2015).

O suporte eletrônico *Kindle Fire*, lançado em 2013, é o primeiro modelo que lê o formato KF8. A *Amazon* já anunciou que irá incorporá-lo aos novos aparelhos *Kindle* e disponibilizará nos aplicativos de leitura da *Kindle* para os *tablets* e computadores (NASCIMENTO, 2013b).

²⁶É um formato proprietário produzido pela empresa *Mobipocket*, que se especializou na leitura eletrônica e na distribuição segura de livros dos PDA (*Portable Device Assistant*, ou dispositivo de assistente pessoal. Os mais conhecidos são os aparelhos da linha *Blackberry* e os *Palms*) no início dos anos 2000. O *software* deste formato é conhecido como, *Mobipocket reader* que é capaz de ser executado em computadores a partir do ano 2002, e nos primeiros *smartphones* da *Nokia* e da *Sony* em 2003. Neste mesmo ano o número de livros que eram legíveis no *Mobipocket reader* passava mais de 6.000 títulos em quatro idiomas (inglês, francês, alemão e espanhol), que eram disponibilizados no site da *Mobipocket* e nas livrarias associadas (LEBERT, 2011). No ano de 2005 a *Amazon* compra o direito sobre o *Mobipocket reader* elevando substancialmente a quantitativo de livros digitais e eletrônicos em seu acervo e implementando uma estratégia importante para o lançamento do seu *e-reader*, o *Kindle*, que ocorreria dois anos mais tarde.

3.5 SOFTWARES DE LEITURA DIGITAL E ELETRÔNICA

Os *softwares* de leitura digital e eletrônica podem ser nomeados como aplicativos de leitura ou *reader softwares*. Eles são programas instalados nos dispositivos eletrônicos (computadores, *smarthphones*, *tablets*, *e-readers* entre outros) que fornecem as ferramentas básicas para que ocorra a leitura de um LDE.

Nos dispositivos eletrônicos dedicados à leitura de livros, estes aplicativos já vêm instalados nos próprios aparelhos, permitindo que ocorra o reconhecimento de um ou mais formatos. No entanto, a maioria desses *e-readers* somente reconhecem os formatos específicos e proprietários que já vêm instalados e não leem os formatos desenvolvidos por outras empresas ou companhias. Procópio (2010) acredita que algumas dessas empresas desenvolvedoras de *e-readers* façam isso de forma proposital com a intenção de monopolizar formatos, porém há aquelas que têm a finalidade de criar a segurança do conteúdo disponibilizado e acessado.

Já em outros aparelhos, como os computadores, *tablets* e *smarthphones* é necessária a existência de um sistema operacional (*Android*, *iOS* e *Windows*) para que os *softwares* de leitura sejam executados. A vantagem do uso desses equipamentos é que neles podem ser instalados um ou vários aplicativos de leitura, possibilitando ao usuário autonomia de testar qual é o que melhor se adequa às suas especificidades. Caso ele tenha mais de um aparelho com o mesmo sistema operacional e efetue o *download* do mesmo *software* de leitura nos seus aparatos eletrônicos, o conteúdo contido neste aplicativo de leitura será automaticamente sincronizado, permitindo, por exemplo, que o leitor continue a leitura de um LDE no mesmo ponto onde parou em diferentes aparelhos.

Os aplicativos de leitura têm mecanismos que concedem aos usuários que façam certas adaptações de acordo com as suas reais necessidades, permitindo que a leitura seja mais prazerosa e eficiente.

Procópio (2010, 2013) relata as principais características desses aplicativos:

- 1) Interoperabilidade;
- 2) Possibilitam a criação de uma biblioteca digital e eletrônica própria;
- 3) Fornecem acessibilidade às livrarias virtuais, com a permissão de adquirir obras gratuitas, a parte de livros e a aquisição por meio de compra de obras completas;
- 4) Possuem marcadores de páginas e efetuam buscas rápidas destas marcações;
- 5) São compatíveis com os níveis de segurança (criptografia) de acordo com os requisitos dos detentores de conteúdo (DRM);

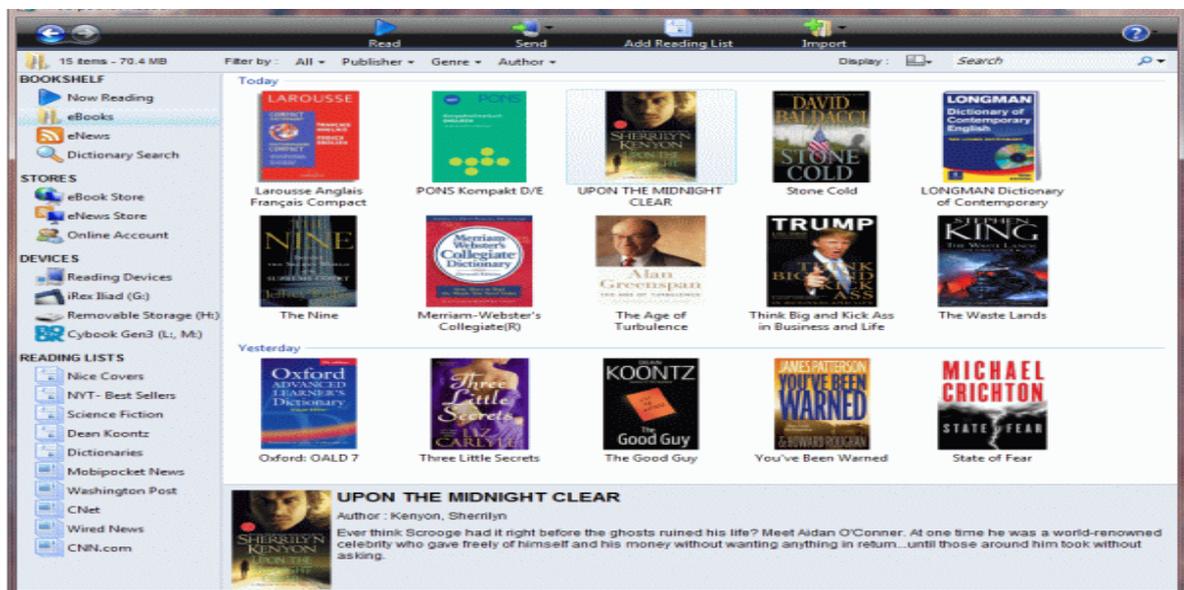
- 6) Têm mecanismos que permitem que os usuários sublinhem os textos, aumentem e diminuam a fonte e alterem a cor da interface e da fonte;
- 7) Há incorporado um dicionário relacionado;
- 8) Possibilitam a adição de notas pessoais;
- 9) Correlacionam com os diferentes sistemas e plataformas;
- 10) Possuem interface gráfica.

Adiante serão apresentados alguns *softwares* de leitura, abertos e proprietários, que foram destaques no início na implementação dos livros digitais e eletrônicos e os que estão atualmente em evidência na circulação e no comércio digital e eletrônico.

3.5.1 MobiPocket Reader

É um aplicativo gratuito, que reconhece inúmeros formatos, como o *ePub* e o *.mobi* e pode ser disponibilizado em diferentes sistemas, plataformas e *hardwares*: *Windows PC*, *Palm OS*, *Blackberry*, *MAC*, *Linux*, dispositivos eletrônicos dedicados à leitura (*Cybook*, *iLiad*) entre outros. A Figura 1 apresenta a interface do *MobiPocket Reader*.

Figura 1 – Interface do *software MobiPocket Reader*



Fonte: *site do software MobiPocket Reader*, 2015

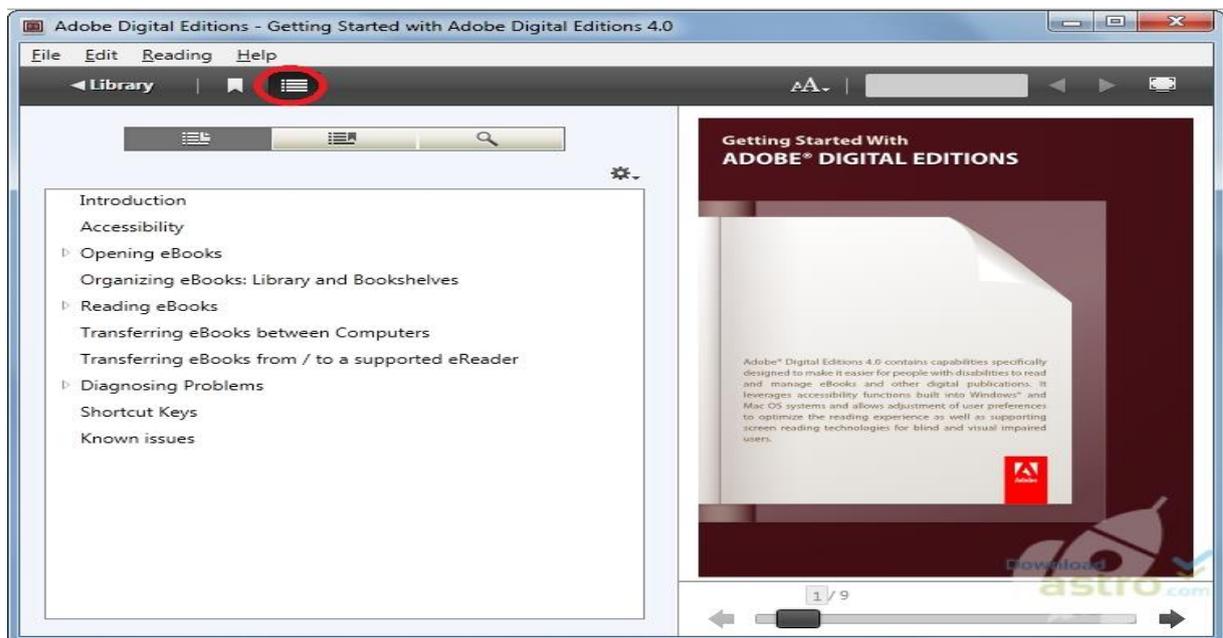
Ele tinha um elevado grau de usabilidade, principalmente antes do surgimento dos *Palms*, *Blackberries* e dos *smartphones*. Mesmo assim, pode ser considerado como um aplicativo moderno, visto que, além de ser compatível com distintos formatos e *hardwares*, disponibiliza mecanismos para os usuários que desejem realizar a edição de seus próprios livros e distribuí-los via *Web*. O *MobiPocket Reader* possui um sistema de gerenciamento de

direitos autorais e segue as diretrizes dos direitos digitais, sendo assim, ele permite somente a leitura de títulos compatíveis com a legalidade de acesso (PROCÓPIO, 2010).

3.5.2 Adobe Digital Editions

O *Adobe Digital Editions* (ADE) é um *software* gratuito, desenvolvido pela empresa *Adobe Systems* e permite a leitura de arquivos em formatos *ePub*, EPUB3 e PDF, a realização de gerência, *downloads* e compras do conteúdo digital – principalmente livros digitais e eletrônicos – e é compatível nas plataformas MAC e *Windows*. A Figura 2 apresenta a interface do ADE.

Figura 2- Interface do *software Adobe Digital Editions*

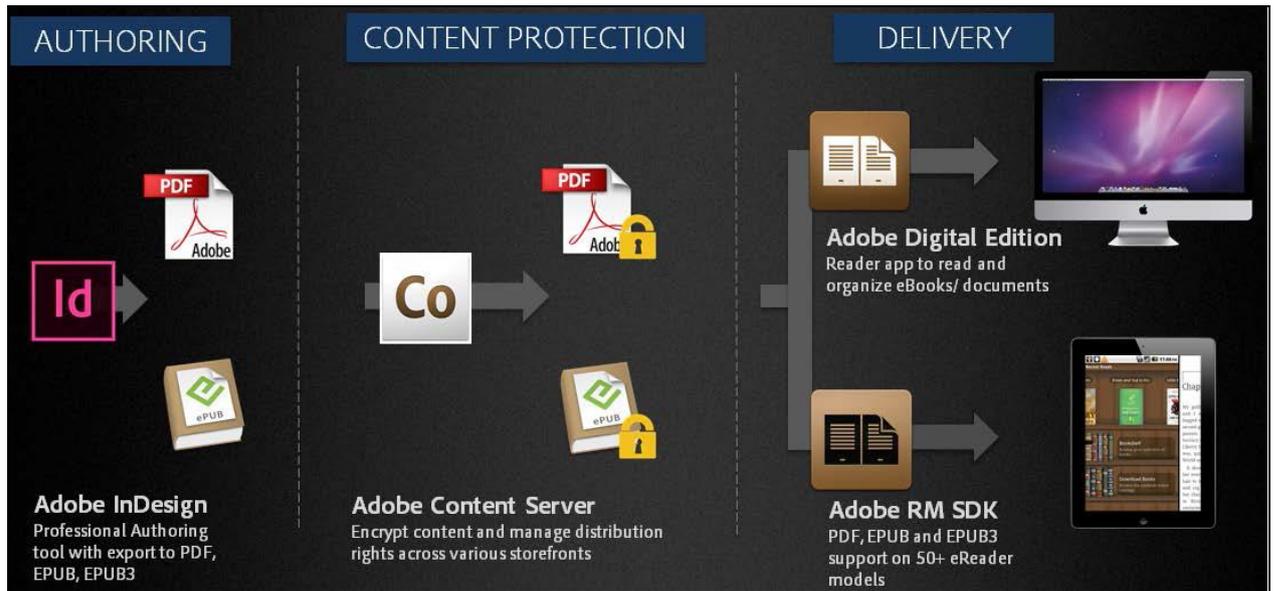


Fonte: Adobe Digital Editions, 2015

O ADE possibilita que os usuários leiam os livros digitais e eletrônicos de forma *on-line* ou *off-line*, transfiram cópias legalizadas para seus próprios dispositivos eletrônicos, organizem suas bibliotecas pessoais, imprimam trechos dos livros e que façam marcações e anotações.

Ele é o programa mais utilizado na leitura de LDEs protegidos por direitos de autorais. Muitas bibliotecas públicas americanas utilizam o ADE como mecanismo de acesso aos seus acervos. As bibliotecas definem uma data limite de empréstimo, baseada no DRM do livro digital e eletrônico; após a expiração da mesma, os LDEs são devolvidos às bibliotecas e não existem mais nos dispositivos eletrônicos dos usuários (ADOBE...,2014, tradução nossa).

Figura 3 - Passo a passo de um livro digital e eletrônico no *Adobe Digital Editions*



Fonte: Adobe Digital Editions, 2015.

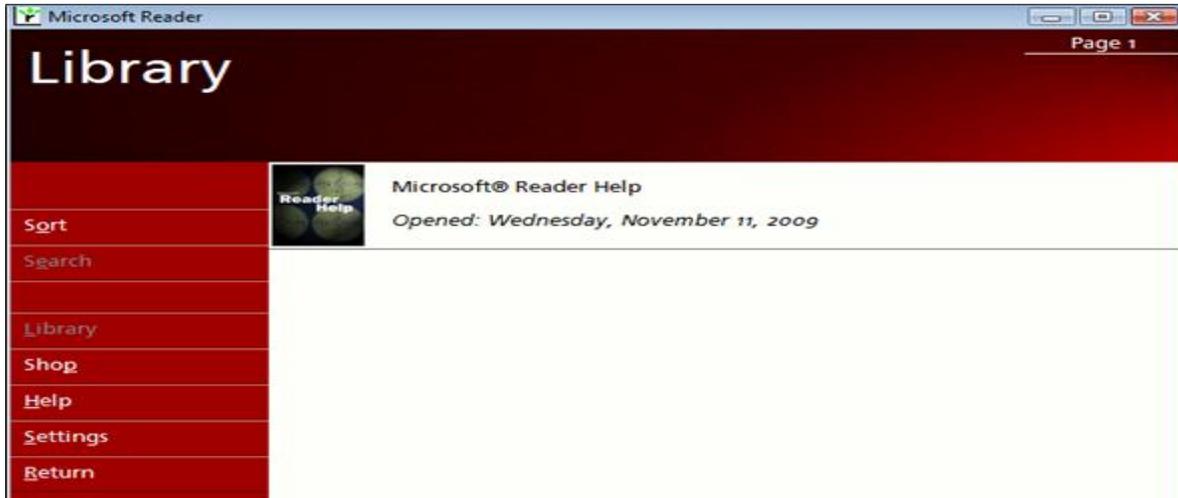
De acordo com a Figura 3, para ser lida no ADE, a obra digital e eletrônica tem que estar nos formatos *ePub*, EPUB3 ou PDF, de forma que o servidor de conteúdo a reconheça e que armazene todas as informações sobre o livro e suas respectivas restrições (de acesso e uso) e direito autoral. Desta forma, o ADE controlará o acesso aos livros digitais e eletrônicos de forma segura e o disponibilizará de acordo com as regras estabelecidas pelas editoras e pelos autores, permitindo assim, a disponibilização, acesso e gerenciamento desses livros.

3.5.3 Microsoft Reader

O *Microsoft Reader* (*MS Reader*) é um *software* gratuito, fabricado pela empresa Microsoft Corp. em 1999 e é disponível para computadores de mesa e portáteis que possuam o *Windows* como sistema operacional (PROCÓPIO, 2010).

O *MS Reader* é compatível com os principais formatos de livros digitais e eletrônicos e permite a leitura e o *download* de conteúdo por meio da ativação da loja (*store*) que se encontra no aplicativo. A sua interface é amigável e ao lado esquerdo da tela se encontra uma barra de ferramentas com as principais funções para o seu uso, conforme pode ser visualizado na Figura 4.

Figura 4- Interface do *software Microsoft Reader*



Fonte: *site do software Microsoft Reader*, 2015

3.5.4 Calibre

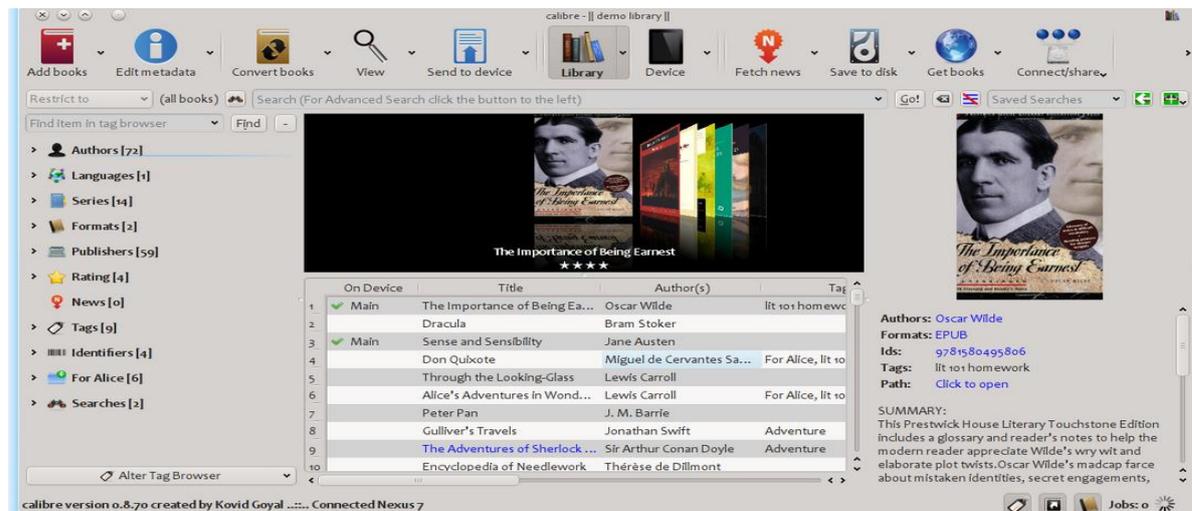
É um *software* com a licença gratuita e de código aberto, com o objetivo de manipular os livros digitais e eletrônicos. Araújo, *et al.*, (2013) o considera multiuso por efetuar inúmeras tarefas em um único programa, como:

- Gerir uma biblioteca pessoal, permitindo a organização dos livros digitais e eletrônicos adquiridos, a possibilidade de acréscimo de informações sobre a autoria, datas (de entrada e de publicação), editora, série, *tags*²⁷, além da criação de sumário, capa e de configurações de páginas;
- Capacidade de sincronizar dispositivos eletrônicos de leitura de LDEs;
- Possibilitar a conversão de um formato para outro. Ele aceita e realiza a conversão dos seguintes formatos: *ePub*, PDF, .mobi, HTML, PRC, AZW8 entre outros.

Sheehan (2013) expõe que teoricamente o Calibre não converte arquivos com proteção de direitos de autor. No entanto, há *plug-ins* (programas adicionais) que, ao serem instalados neste *software*, permitem a conversão de livros protegidos em formatos proprietários. Isto significa que um livro digital e eletrônico da *Amazon* (proprietária) pode ser lido no dispositivo eletrônico da Livraria Cultura (proprietária). A Figura 5 mostra a interface do *software Calibre*.

²⁷“*Tags*” em inglês significa etiquetas. Elas são usadas como etiquetas na Internet e têm o objetivo de organizar as informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando assim, encontrar as outras relacionadas. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2015. As *tags* no *software Calibre* permitem que ocorra uma flexibilidade na categorização dos livros digitais e eletrônicos de acordo com as necessidades dos usuários. Disponível em: <<http://calibre-ebook.com/about>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

Figura 5 - Interface do software Calibre



Fonte: site do software Calibre, 2015

3.5.5 iBooks

É o aplicativo de leitura da empresa americana *Apple*²⁸, que já vem instalado no iPad, iPhone, iPod touch e no Mac. Pelo *software* o usuário pode fazer *download* gratuitamente de obras completas e de prévias e realizar a aquisição por meio de compra. Ele também possibilita o armazenamento de qualquer arquivo em formato PDF que esteja no aparelho eletrônico (APPLE, 2015).

O *iBooks* permite que o leitor organize os seus arquivos e livros por meio de categorias, títulos, séries e autorias. Também há a opção de ler uma a duas páginas por vez, mudar a fonte e tamanho do texto, sublinhar, realizar marcações e fazer anotações. No ícone notas, o usuário poderá visualizar todas as suas anotações e compartilhá-las no *Facebook* e *Twitter*. Um diferencial deste *software* de leitura é o modo noturno automático que propicia a mudança para o texto branco sobre o fundo preto, quando a luminosidade do ambiente for afetada e volta para a interface tradicional no momento em que o aparelho eletrônico capte focos de luz. Além do mais, o *iBooks* também proporciona que o usuário obtenha as novas edições dos livros que já constam em sua biblioteca. Ele será notificado da nova edição e, caso aceite, o livro será automaticamente substituído pela versão atualizada (APPLE, 2015). A Figura 6 expõe a interface do *software iBooks*.

²⁸<http://www.apple.com/>

Figura 6- Interface do software *iBooks*



Fonte: Site da empresa Apple, 2015

3.5.6 Kindle

É o aplicativo de leitura da empresa *Amazon*²⁹, que está disponível nos *e-readers Kindle* e pode ser baixado em diferentes suportes, como *tablets*, *smartphones* e computadores, além de ser compatível com diversos sistemas operacionais: *Android* (do *Google*), *iOS* e *Mac* (da *Apple*) e *Windows* (da *Microsoft*). Isto significa que o usuário pode adquirir um livro digital e eletrônico por meio da loja virtual da *Amazon*, através da compra ou realizar *download* das obras disponíveis gratuitamente e lê-las em qualquer dispositivo com o *software* instalado (AMAZON, [2012?]). Esta é uma posição estratégica da *Amazon* para popularizar o seu aplicativo de leitura, disponibilizando uma alternativa para que o seu usuário continue a ler e adquirir livros em sua loja *on-line*, mesmo que não tenha os dispositivos eletrônicos da empresa.

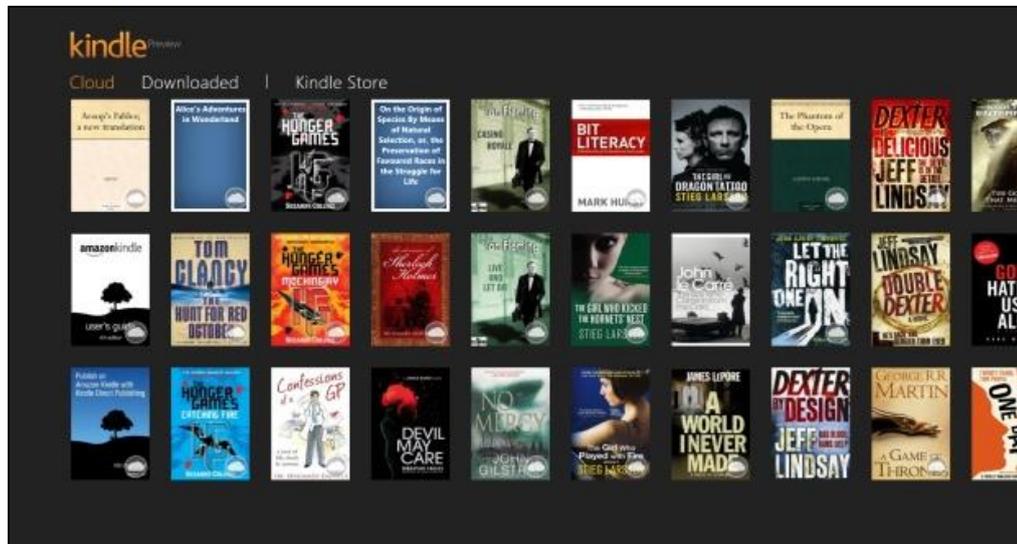
Por meio da tecnologia *Whispersync*, o leitor pode realizar a cronicidade das suas anotações, marcações e lembrete da última página lida entre seus aparelhos. Desta forma, ele terá a possibilidade de iniciar a sua leitura em um aparato eletrônico e continuar em outro (AMAZON, [2012?]).

O *software Kindle* propicia a organização de arquivos em categorias e possui ferramentas que permitem uma leitura mais confortável e adaptável às necessidades dos leitores: ajustes ao tamanho do texto, alterações de brilho da tela, da cor de fundo e a posição da tela: retrato ou paisagem. Ele também oferece um dicionário integrado que facilita o

²⁹ www.amazon.com.br

usuário quando queira a definição de um vocábulo que conste em seu livro digital e eletrônico ou o remete à página relacionada na Wikipédia³⁰ (AMAZON, [2012?]). A Figura 7 retrata a interface do software Kindle.

Figura 7- Interface do *software Kindle*



Fonte: Site da empresa Amazon, 2015

Uma alternativa para o leitor que não quer ter o aplicativo de leitura *Kindle* instalado nos seus aparelhos eletrônicos, mas deseja ter acesso à sua biblioteca e à livraria virtual da Amazon é por meio do aplicativo *web* chamado *Kindle Cloud Reader*, que através de um *browser*, terá acesso aos serviços da Amazon. Existe a ressalva de que esse aplicativo não é compatível com todos os navegadores e plataformas, sendo assim, antes de usar, o usuário tem que verificar se o *browser* que está instalado em sua máquina reconhecerá o *Kindle Cloud Reader*. Em seguida, deve acessar o *site* do aplicativo³¹ e efetuar o *login* com os dados quando utilizar a loja virtual da Amazon.

Uma ferramenta que este aplicativo *web* oferece é a sua versão *off-line*. O leitor pode habilitar esse mecanismo e realizar a leitura de seus livros, mesmo não estando conectado à Internet. Caso queira manter a leitura que iniciou de forma *off-line* em outro aparelho que tenha o *software*, deverá conectar à Internet e sincronizar os aplicativos. As Figuras 8 e 9 apresentam, respectivamente a interface de acesso e a interface do aplicativo *web*. *Kindle cloud reader*.

³⁰ www.wikipedia.com.br

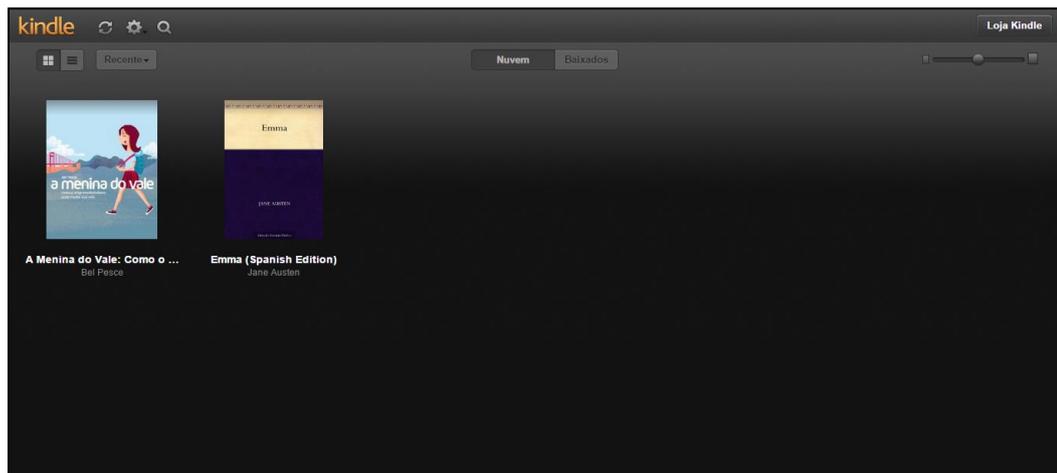
³¹ <https://read.amazon.com/>

Figura 8- Interface de acesso ao aplicativo *web Kindle cloud reader*



Fonte: Site da empresa Amazon, 2015.

Figura 9 - Interface do aplicativo *web Kindle cloud reader*



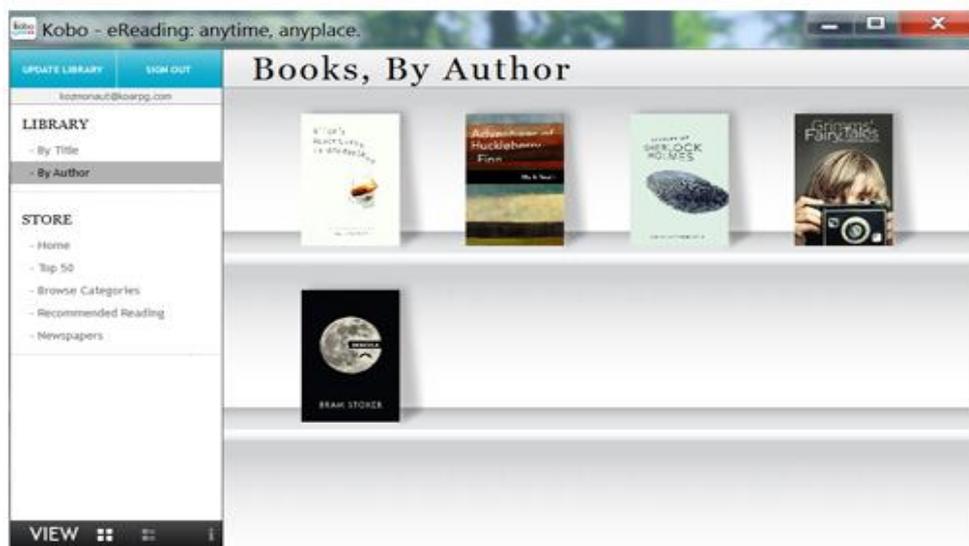
Fonte: Site da empresa Amazon, 2015

3.5.7 Kobo

O *software Kobo* pertence à empresa *Kobo* e pode ser considerada como uma das pioneiras no incentivo à comercialização do livro digital e eletrônico no mundo. No Brasil, ela é representada pela Livraria Cultura e também é responsável pela comercialização dos *e-readers* da empresa. Desde a sua implementação no país, no ano de 2013, as categorias que formam o universo do livro digital e eletrônico (*hardware*, *software*, conteúdo e formato) já eram estabelecidas segundo as exigências e práticas adotadas pela *Kobo* internacional. O *software* com DRM, por exemplo, tem conteúdo convertido com o custo acessível para editoras e compatibilidade do aplicativo de leitura com os formatos abertos, como *ePub* e PDF (PROCÓPIO, 2013).

O *software Kobo* está disponível nos *hardwares* comercializados pela Livraria Cultura e pode ser baixado em distintos suportes eletrônicos, como *tablets*, computadores e *smartphones* e é aceito em diversos sistemas operacionais, como *Android*, iOS, MAC e *Windows*. A sua versão *on-line* se encontra acessível no *site* da Kobo Internacional e não há necessidade de instalação do dispositivo. O usuário pode adquirir os livros digitais e eletrônicos por meio da loja virtual da Livraria Cultura e tem a opção de sincronizar o seu acervo com todos os dispositivos que tenham o aplicativo instalado. A Figura 10 exibe a interface do *software Kobo*.

Figura 10 – Interface do *software Kobo*



Fonte: *Site goodreader.com*, 2015

3.6 SUPORTES PARA LEITURA DIGITAL E ELETRÔNICA

Os livros digitais e eletrônicos, para que sejam lidos, é necessário que haja um *software* ou aplicativo de leitura e também um suporte eletrônico (*hardware*). Os mais populares desta categoria são os computadores de mesa (PC ou desktop), *notebooks*, *netbooks*, *ultrabooks*, *tablets*, *smartphones* e *e-readers*. Atualmente, podemos encontrar diversos modelos, marcas, funcionalidades, tamanhos e preços, que permitem que ocorra uma maior popularização, desenvolvimento e oferta do mercado desses suportes eletrônicos.

Procópio (2013) relata que, no Brasil, a interface mais usada na leitura de um livro digital e eletrônico é o computador de mesa. Este aparato tem as vantagens de ter um tamanho de tela confortável para realização de leituras, um amplo espaço de armazenamento de arquivos, ser compatível com a maioria dos formatos de livros digitais e eletrônicos, mas seguindo uma tendência mundial, em poucos anos, a leitura digital e eletrônica ganhará

popularidade em virtude da elevada circulação de aparelhos eletrônicos portáteis, como *smartphones*, *tablets* e *netbooks*. O autor retrata que os dispositivos voltados exclusivamente para leitura digital e eletrônica não têm uma adesão massiva, comparados aos outros aparatos, devido principalmente a estes serem mais completos para o consumo de mídia digital em geral.

Pensando nesta concorrência e na procura de uma maior aceitação do grande público, as empresas desenvolvedoras de *e-readers* estão promovendo uma maior publicidade em torno de seus produtos e também no aperfeiçoamento da tecnologia envolvida, tanto na ampliação de novas funções, como na criação de modelos mais modernos, com o objetivo de atrair mais clientes, tencionando aliar os recursos avançados e preços convidativos (CHEEK; HARTEL, 2012; RODRIGUES; CRESPO, 2013). Desta forma, é possível que os aparelhos destinados à leitura digital e eletrônica consigam obter reconhecimento e êxito igualmente comparados aos outros aparelhos considerados, em princípio, mais completos.

Para fins desta pesquisa, o *e-reader* é considerado um dispositivo significativo para os avanços e para promoção dos livros digitais e eletrônicos no mercado mundial destinado para diferentes públicos em diversos ambientes. Sendo assim, serão apresentados as suas transformações, o mercado no Brasil e os principais aparelhos que foram relevantes no início da comercialização dos LDEs e os que estão atualmente em destaque.

3.6.1 E-readers

Os livros digitais e eletrônicos podem ser lidos em equipamentos que são desenvolvidos especialmente para leitura. De acordo com Procópio (2010), eles também podem ser conhecidos como *Reading Devices*, *eBooks Devices*, *e-readers* e *readers* dedicados, e são aparelhos portáteis do tamanho e peso de um livro normal de papel. Velasco (2008) acrescenta outras denominações que são atribuídas a eles: *device e-reader* ou *e-book reader*. Neles, qualquer tipo de obra é convertido em *pixels* (linguagem digital). Estes equipamentos têm características semelhantes ao de um livro impresso, no entanto são capazes de armazenar de dezenas a milhares de obras em sua memória.

No final da década de 1990, os títulos de livros digitais e eletrônicos cresceram rapidamente, principalmente por conta da expansão da Internet e do aumento de documentos disponibilizados nesse meio. Estes documentos começaram a ser vistos como fontes de negócio, alavancando a indústria da informação, sendo assim, nesse período, surgiram os primeiros modelos de *e-readers* (RODRIGUES; CRESPO, 2013). Todavia, eles ganharam uma maior adesão somente no ano de 2007, quando a empresa americana *Amazon* lançou o

seu dispositivo de leitura, o *Kindle*. Até esse momento, nenhuma empresa tinha investido substancialmente no mercado de *e-readers*. Além do mais, os preços desses suportes eram elevados e havia uma variedade de formatos em uma pequena quantidade de ofertas de títulos que, conseqüentemente, não atraía adesão de muitos usuários e limitava a usabilidade em um único *e-reader* (PROCÓPIO, 2010). A partir da elevada concorrência entre estas empresas e a diminuição dos valores para o usuário final, ocorreu um aumento da comercialização desses aparelhos.

Velasco (2008), Vasilieu, Rowley e Hartley (2012), Procópio (2010), Cheek; Hartel (2012) e Rodrigues; Crespo (2013) apontam as principais características dos dispositivos eletrônicos dedicados à leitura:

- Elevada capacidade de armazenamento: milhares de textos e gráficos;
- A grande maioria de aparelhos possui tela *touch screen* (sensível ao toque);
- Permitem luminosidade ajustável: um *backlight* que permite ajustar a intensidade da luz no aparelho;
- Tem baterias duradouras;
- Possibilitam a expansão de memória;
- É um dispositivo portátil e não há necessidade de teclado;
- Possui formato próximo a um livro normal, possibilitando a diagramação e leitura semelhante à página impressa;
- Pesa cerca de 300g (peso de livro médio), no entanto podem ocorrer variações de tamanho e de peso;
- Disponibiliza posição adequada de leitura (horizontal e não na vertical como nos monitores comuns);
- Apresenta uma base giratória de leitura, usada principalmente para os textos em jornais e revistas.

Araújo *et al.* (2013), Pinsky (2009) e Cheek; Hartel (2012) mostram as desvantagens que esses dispositivos podem apresentar:

- Podem proporcionar uma leitura mais lenta e cansativa;
- Tem variações de valores, que na maioria das vezes, são elevados;
- Há resistência de alguns leitores;
- Não permitem anotações manuais;
- Consomem energia;
- Perda da sensação física do livro;
- O leitor fica dependente da durabilidade da bateria.

Para muitos leitores, algumas desvantagens mencionadas, tal como a sensação de leitura lenta e cansativa, são irrelevantes. Para os usuários adeptos da tecnologia, esse fator é indiferente e a adaptação aos *e-readers* ocorre de forma imediata. Acredita-se que os suportes (eletrônico e papel) não são rivais, somente são diferentes e possuem o mesmo objetivo em satisfazer a necessidade informacional dos usuários (ARAÚJO *et al.*, 2013; DARNTON, 2010).

A respeito da leitura na tela nos *e-readers*, criou-se uma solução para aperfeiçoar e aproximar a experiência de ler um livro e não refletir a luz, é o uso do papel eletrônico, que pode ser e também encontrado na literatura como tinta eletrônica, *electronic paper*, *e-ink* e *e-paper* (RODRIGUES; CRESPO, 2013; PROCÓPIO, 2010).

A tecnologia do papel eletrônico foi originária na década de 1970 pela empresa americana *Xerox Palo Alto Research Center* e foi desenvolvida justamente com a intenção de imitar a aparência da tinta de um papel. (RODRIGUES; CRESPO, 2013).

O primeiro *e-reader* a utilizar a tecnologia *e-paper* foi o LIBRIé, da empresa Sony e atualmente pode ser encontrada nos dispositivos *Kindles*. O uso dessa tecnologia permite que os leitores tenham uma leitura mais agradável e que consigam realizá-la por mais tempo (PROCÓPIO, 2010), como pode ser observado na Figura 11, onde há uma comparação de tela entre um papel eletrônico, um papel convencional e uma tela em LCD.

Figura 11- Comparação entre *E-Ink*, Papel e LCD



Fonte: Site vidasempapel.com.br, 2015

Nota-se que, na tela *E-ink*, não ocorreu perda da qualidade da imagem, já na tela LCD são visíveis os *pixels* coloridos que formam a imagem. Diante dessa constatação, acredita-se que as empresas desenvolvedoras da tecnologia *E-ink* aperfeiçoem e avancem com intuito de torná-la mais atrativa para os usuários. Rodrigues e Crespo (2013) exemplificam uma medida, já disponível, que é o uso de cores no papel eletrônico, que permite que a leitura se torne mais convidativa. Os autores relatam que estão em fase de pesquisa os leitores flexíveis, que utilizam a chamada “eletrônica orgânica”, “[...] constituída por circuitos eletrônicos impressos sobre plásticos e que promete, entre outros avanços, equipamentos totalmente flexíveis, como

telas de enrolar (TENDÊNCIA..., 2011 *apud* RODRIGUES; CRESPO, 2013, p. 99). A intenção do desenvolvimento dessa tecnologia é se aproximar cada vez mais do papel impresso, tanto na qualidade da imagem, como na espessura e flexibilidade.

Os dispositivos eletrônicos dedicados à leitura passaram por mudanças profundas ao longo tempo, desde a parte do desenvolvimento tecnológico, até sua apresentação. Os primeiros equipamentos, por exemplo, não vinham com um modelo de negócios que contemplava toda cadeia produtiva do livro. De acordo com Procópio (2010), eles foram projetados, ou antes, ou no início da Internet, isto significa que são projetos dos *e-readers* que são conhecidos atualmente e os idealizadores desses aparelhos pioneiros não poderiam prever todas as mudanças que ocorreriam no mercado editorial por conta da Internet.

Segundo esse mesmo autor, os principais *e-readers* da primeira geração que abriram caminho para os modernos foram:

- **Rocket ebook**: *e-reader* pioneiro, desenvolvido pela *Publisher NuoMedia Inc.* em 1998;
- **SoftBook Reader**: com LCD *grayscale*, colorido e sensível ao toque, foi elaborado pela empresa *Publisher SoftBook Press* em 1998;
- **MyFriend**: considerado como um protótipo de *e-reader* apresentado pela empresa italiana *IPM-NET*;
- **LIBRIé**: pertencente à empresa *Sony* e antecessor aos modelos atuais da *Sony Readers*;
- **CyBOOK**: desenvolvido pela empresa francesa *Cytale*;
- **HieBook**: elaborado com a tecnologia XML [base do formato *ePub*] pela empresa *Korea eBook*;
- **eBookMan**: pertencente à empresa *Franklin*;
- **Reb 1100**: que foi comercializado e distribuído pela RCA nos EUA [baseado no projeto do *Rocket eBook*];
- **Sigma Book**: protótipo de *e-reader*, desenvolvido pela *Panasonic*;
- **SD-Book**: projeto apresentado pela *Toshiba*;
- **MEMEX**: conceito de máquina de leitura idealizado por Vannervar Bush em 1945;
- **Dynabook**: conceito de máquina de leitura idealizado por Alan Kay para *Sony*, em 1968.

Procópio (2010) exemplifica alguns *e-readers* que pertenceram à segunda geração. Eles passaram por avanços tecnológicos e ganharam mais adesão por parte dos usuários, são:

- **Sony Reader**: o modelo conhecido como PRS-500 foi lançado no ano de 2006.
- **Kindle**: lançado pela *Amazon* em 2007, popularizou os dispositivos eletrônicos dedicados à leitura.
- **PocketBook**: fabricado pela empresa *PocketBook* em 2008, foi apontado como o dispositivo eletrônico mais vendido na Rússia nesse mesmo ano.
- **Nook**: desenvolvido pela empresa *Barnes & Noble* em 2009, é considerado o grande rival do Kindle.
- **Positivo Alfa**: é o primeiro *e-reader* fabricado no Brasil pela empresa Positivo no ano de 2010.

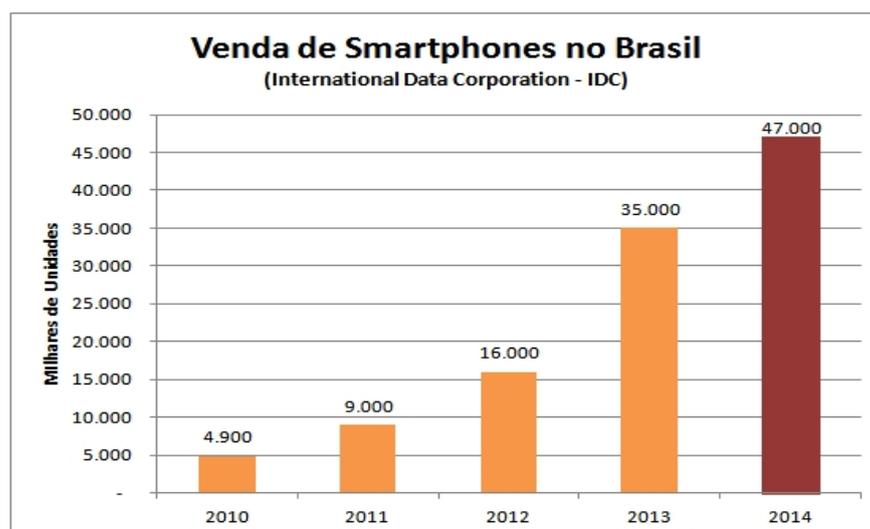
O mercado brasileiro de livros digitais e eletrônicos, embora pequeno, está se mantendo em constante expansão nos últimos anos, mas e os dispositivos eletrônicos dedicados à leitura? Como está o mercado nacional diante desses aparelhos?

Segundo Carrenho (2014a), as prospecções diante do comércio de *e-readers* no Brasil eram elevadas no início de sua implementação, no entanto, verificou-se que a potencialidade do mercado nacional não condizia com as perspectivas. De acordo com autor, essa constatação não se trata de os brasileiros não terem interesse nos livros digitais e eletrônicos, mas devido à falta de “grandes leitores”. Isto significa que a parcela de brasileiros que tem o hábito de ler mais de 10 livros ao ano é muito baixa, principalmente comparada aos países desenvolvidos. Sendo assim, poucos seriam os usuários que comprariam aparatos eletrônicos dedicados exclusivamente à leitura. Procópio (2013) acrescenta que “a baixa demanda, os altos impostos e a falta de política de precificação fazem um simples aparelho de leitura [...] ser vendido ao consumidor final por R\$799,00”, contribuindo para a baixa procura por esses dispositivos.

Em contrapartida, verifica-se o elevado número de vendas de aparelhos multifuncionais, como os *tablets* e *smartphones*. A grande adesão de brasileiros em consumir novas tecnologias e a facilidade de ter em um único aparelho diversos serviços e funções são os principais motivos para o crescente consumo desses aparatos, como pode ser visto a seguir:

Gráfico 3 - Venda de *tablets* no Brasil entre os anos de 2010 e 2014

Fonte: Tipos Digitais: o futuro digital do mercado editorial, 2014

Gráfico 4 - Venda de *smartphones* no Brasil entre os anos de 2010 e 2014

Fonte: Tipos Digitais: o futuro digital do mercado editorial, 2014

Conforme exposto nos Gráficos 3 e 4, verifica-se que o mercado nacional possui uma boa aceitação de *tablets* e *smartphones* e assim, pressupõe que os brasileiros (incluindo os leitores de livros digitais e eletrônicos) comprem ou irão comprar um desses aparelhos com todas as suas multifuncionalidades e que os *e-readers* seriam uma segunda opção. A exceção estaria nos leitores assíduos que veriam as vantagens dos aparelhos eletrônicos dedicados à leitura e acabariam adquirindo-os. No entanto, como já foi relatado, o Brasil não possui “grandes leitores” e isso limita a adesão de tais aparatos, na medida em que um leitor que

tenha o hábito de ler quatro³² livros ao ano dificilmente irá obter um *e-reader*, além da condição econômica do consumidor (CARRENHO, 2014a).

É difícil estimar se ocorrerão mudanças nos próximos anos no mercado de *e-readers* no Brasil. Vários fatores podem contribuir para que modificações aconteçam, como alterações no mercado potencial de leitores, variação dos preços dos *e-readers* e a expectativa da consolidação dos livros digitais e eletrônicos no comércio brasileiro.

Se no Brasil os dispositivos eletrônicos dedicados à leitura ainda não tiveram uma aceitação massiva, esta realidade é diferente nos Estados Unidos. Kozlowski (2013) apresenta dados de uma pesquisa³³ feita com americanos acima dos 16 anos sobre a aquisição de *e-readers*, *tablets* ou um dos dispositivos em 2013. Conclui-se que 24% da população norte americana possui um *e-reader* e que tal fato é devido à queda dos preços desse aparato eletrônico e a estimativa é que esta porcentagem se mantenha estável, como pode ser verificado no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Proprietários de *tablets* e *e-readers* nos EUA em 2013

Tablet and e-reader ownership

% of Americans ages 16+ who own e-book readers, tablet computers, and at least one of those devices



Source: Most recent findings come from Pew Research Center Internet Project Library User survey. July 18-September 20, 2013. N= 6,224 Americans ages 16 and older. Interviews were conducted in English and Spanish and on landline and cell phones. Margin of error is +/- 1.4 percentage points for the total sample.

Note: The 2010 and 2011 surveys were conducted among those ages 18 and older.

Fonte: *Pew Research Center's Internet*, 2013

³²Média de livros lidos por ano entre todos os entrevistados (independentemente de escolaridade, sexo ou renda familiar) para pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil 3” realizada em 2011. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/images/antigo/4095.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

³³Pesquisa realizada pela “*Pew Research Center's Internet*” entre 18 de julho e 20 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2013/10/18/tablet-and-e-reader-ownership-update/>>. Acesso em: 20 maio 2015.

Depois da contextualização sobre os *e-readers*, por seguinte serão apresentados alguns modelos que foram relevantes para o início da comercialização dos livros digitais e eletrônicos e que estão atualmente em destaque.

3.6.1.1 Rocket eBook

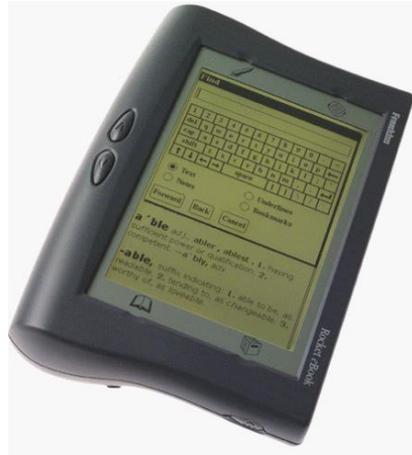
O dispositivo eletrônico *Rocket eBook* foi lançado em 1998 pela empresa americana *NuvoMedia Inc.* e é considerado o primeiro leitor de livros digitais e eletrônicos reconhecido publicamente (PROCÓPIO, 2010; ARAÚJO, *et al.*, 2013; RODRIGUES; CRESPO, 2013). O aparelho da primeira versão media 19 cm x 12 cm, pesava 650 gramas, sua bateria durava aproximadamente 40 horas e era capaz de armazenar até quatro mil páginas, que equivale a 12 livros médios guardados em sua memória (ARAÚJO, *et al.*, 2013; PROCÓPIO, 2010).

Procópio (2010) acrescenta algumas características do *Rocket eBook* que poderiam ser vistas na construção e na elaboração dos futuros dispositivos eletrônicos dedicados à leitura:

- Acessava as livrarias e as bibliotecas virtuais com a possibilidade de obter mais de 2000 títulos grátis e de milhares de *best-sellers* e clássicos;
- O usuário tinha a oportunidade de criar a sua própria biblioteca pessoal através do *software RocketLibrarian*;
- O leitor poderia publicar a sua própria *RocketEdition*, importando documentos pessoais e da Internet, utilizando o *software RocketWriter*;
- Possuía marcadores de páginas e busca rápida dessas marcações;
- Tinha tamanho similar de um livro comum;
- Era compatível com os níveis de segurança exigidos pelos detentores de conteúdo (DRM);
- Permitia que a sua luminosidade passasse por ajustes;
- Realizava busca por palavras e frases no texto e era possível fazer notas pessoais na margem do texto;
- Proporcionava a alteração da fonte para facilitar a leitura;
- Era compatível com PCs e *Macintoshes* (MACs);
- Possuía um dicionário relacionado e sua base era giratória (orientação).

O *Rocket eBook* foi produzido até a sua segunda edição, chamada ReB 1100, que abriu caminho para os demais *e-readers*. A Figura 12 retrata a interface da primeira versão do *Rocket eBook*.

Figura 12- Interface da primeira versão do *Rocket eBook*



Fonte: <http://www.amazon.com/Franklin-EB-500-Rocket-eBook/dp/B00000JSFS>

3.6.1.2 *MyFriend*

O *e-reader MyFriend* foi um protótipo de dispositivo eletrônico dedicado à leitura e elaborado pela empresa italiana *IPM-NET*. Ele pertence à primeira geração dos *e-readers* que, mesmo não tendo tido o êxito comercial, se destaca como o pioneiro em ter no seu projeto a tela colorida e em alta resolução. Caracteriza-se por ter utilizado uma tecnologia avançada na época, com um *design* interativo (o leitor tinha a opção de acionar o teclado virtual por intermédio da tela) e permitia que o usuário conectasse à Internet, enviasse *e-mails*, realizasse anotações pessoais e carregasse, em média, oitenta livros comuns.

Através do protótipo do *MyFriend* era possível também ler textos, jornais e revistas baixados da Internet³⁴ ou poderiam ser acessados e lidos por meio do computador de mesa, além da possibilidade de conectar o aparelho em um sistema de sincronizador de dados. Este sistema de sincronização deixou de ser utilizado quando emergiram as novas tecnologias de transmissão de dados, como *Universal Serial Bus (USB)* e *Bluetooth*.

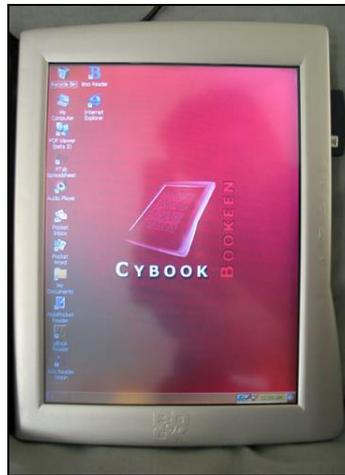
Apesar de todas as características favoráveis para um futuro promissor, o *e-reader MyFriend*, como todos os outros dispositivos pertencentes a primeira geração de aparatos eletrônicos de leitura, não obteve êxito devido a uma falta de convergência de seus conteúdos e por não pertencer a uma cadeia produtiva de livros ou de um mercado editorial, que esteja inserido em seus negócios.

³⁴ Os *e-readers* da primeira geração traziam um modem interno de conexão com a rede e não uma tecnologia 3G.

3.6.1.3 CyBOOK

Os *e-readers* *CyBOOKS* originam-se do ano de 2001, momento em que a empresa francesa *Cytale* desenvolve o seu primeiro dispositivo eletrônico dedicado à leitura, conhecido como *CyBOOK Gen1*. Este aparato pesava cerca de 1 kg, a sua bateria durava em torno de 4 horas, reconhecia diversos formatos, como PDF, TXT, JPEG, sua tela era colorida e sensível ao toque, sua memória era capaz de armazenar 16 MB e possuía um catálogo com mais de 1500 obras na língua francesa (BOOKEEN, 2013). A Figura 13 expõe a interface do *CyBOOK Gen1*.

Figura 13- Interface do *CyBOOK Gen1*

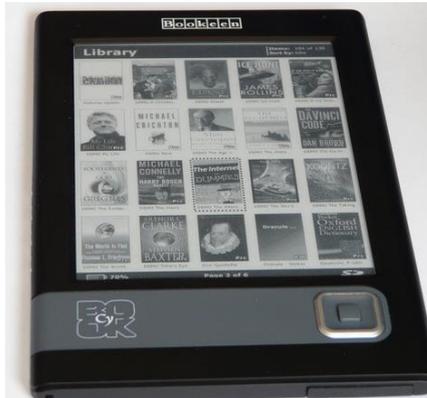


Fonte: Site Wikipedia, 2015.

No ano de 2003, Laurent Pecard e Michaël Dahan compram as ações da *Cytale* e inauguram a *Bookeen*, tornando-a uma empresa significativa no mercado de *e-readers* e de livros digitais e eletrônicos, principalmente no continente europeu. Ela é considerada a pioneira na comercialização de leitores de LDEs que aceita multi-formatos (BOOKEEN, 2015).

No ano de 2007, a Bookeen lança o *CyBOOK Gen3*, o *e-reader* que utiliza a tecnologia de papel eletrônico e é considerado mais leve, fino e com a bateria mais durável que o seu predecessor. A sua tela é de 6 polegadas, reconhece os formatos Mobipocket, RPC, PalmDoc, HTML, TXT PDF de publicações digitais e eletrônicas, os formatos JPEG, GIF e PNG de imagem e o formato de música MP3. O *CyBOOK Gen3* não é recomendado para os leitores que buscam ler grandes arquivos no formato PDF, o dispositivo poderá travar ou o arquivo não abrir (GENUTH, [2008?]). A Figura 14 apresenta a interface do *CyBOOK Gen3*.

Figura 14- Interface do *CyBOOK Gen3*



Fonte: *Site thefutureofthing.com*, 2009.

No ano de 2009, foi lançado o *CyBOOK Opus*, que como o e-reader *Gen3* também usufrui da tecnologia do papel eletrônico, além de ser compatível com os formatos de textos: Epub, PDF, TXT, .fb2 e arquivos HTML e de formatos de imagens: JPEG, GIF e PNG, no entanto não executa a leitura do formato MP3 (BOOKEN, 2009).

Para muitos usuários, o *CyBOOK Opus* possui algumas limitações, visto que não há possibilidade de realizar marcações nos textos, fazer anotações e não tem um dicionário acoplado, além da sua tela de 5 polegadas, considerada pequena, comparável com a maioria dos dispositivos eletrônicos dedicados à leitura que é de 6 polegadas, porém ele é leve, seu peso é de 150 gramas. Os idealizadores desse *e-reader* tiveram o objetivo de criar um aparelho leve, pequeno e dedicado exclusivamente à leitura, motivo pelo qual não reconhece o formato MP3 (BOOKEN, 2009).

Ele foi o primeiro dispositivo *e-reader* que vem com o sensor de movimento que possibilita a orientação da tela automática entre os modos retrato e paisagem. Esse aparato oferece diferentes tipos de fontes e zoom, além de permitir que o leitor migre arquivos de um computador portátil, por meio de cabo USB e que os categorize em sua biblioteca em pastas e subpastas. O usuário também pode utilizar a loja virtual de livros digitais e eletrônicos dos *Bookeen* para baixar e realizar compras e usar as lojas virtuais que disponibilizam livros com formatos compatíveis com o *CyBOOK Opus* (BOOKEN, 2009). A Figura 15 representa a interface do *CyBOOK Opus*.

Figura 15- Interface do *CyBOOK Opus*



Fonte: Site Epubbooks.com, 2009

Em 2011, a *Bookeen* já estava bem estabelecida no comércio de *e-readers*, principalmente no continente europeu que é o seu maior mercado consumidor. Neste mesmo ano, ela lança o *CyBOOK Odyssey Essential*, o dispositivo eletrônico dedicado à leitura, no qual é possível verificar a realização de ajustes importantes e aperfeiçoamento de ferramentas essenciais, proporcionando uma maior satisfação dos seus usuários e uma maior concorrência com as grandes empresas de dispositivos dedicados, como a *Amazon* e a *Kobo*.

As mudanças mais significativas foram o acréscimo de algumas funções, como a possibilidade de fazer anotações, de sublinhar e de adicionar marcadores nos textos, além da existência de um dicionário nos idiomas francês, italiano e alemão e da implementação de um *software* para melhorar a leitura de arquivos em formato PDF (CYBOOK, 2011).

Manteve-se a utilização do papel eletrônico na tela, o leitor continua tendo a opção de migrar documentos de um computador para o *e-reader*, fazer buscas, compras e baixar livros via *Web*, por meio da rede *wi-fi* (CYBOOK, 2011). A Figura 16 apresenta a interface do *CyBOOK Odyssey Essential*.

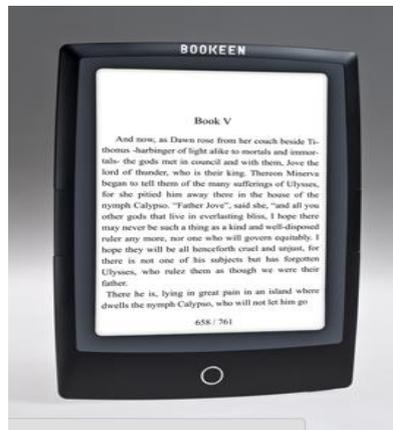
Figura 16- Interface do *CyBOOK Odyssey Essential*



Fonte: Site da empresa Booken, 2011

Já no ano de 2012, foi lançado o *CyBOOK Odyssey HD Frontlight*. Esse *e-reader* se diferencia do seu antecessor por ter o *display* em alta definição e possuir a tecnologia *frontlight*, considerada inovadora em consumir pouca energia e proporcionar uma excelente luminosidade em ambientes escuros e de pouca luz (CYBOOK, 2012). A Figura 17 retrata a interface do *CyBOOK Odyssey HD Frontlight*.

Figura 17- Interface do *CyBOOK Odyssey HD Frontlight*

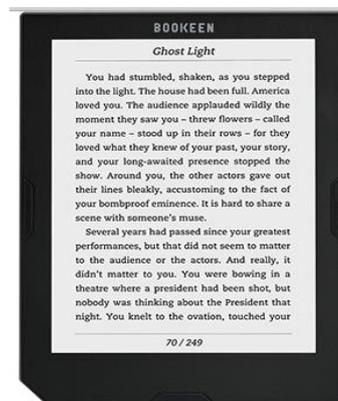


Fonte: Site da empresa Booken, 2012.

Uns dos últimos lançamentos de *e-readers* realizado pela Booken ocorreu em 2014, quando ela apresenta dois novos modelos: o *CyBOOK Muse Essential* e o *CyBOOK Muse Frontlight*. Eles possuem novas funcionalidades de interface: criação de coleções, pesquisas de textos, organizador de notas, personalização (fonte, luminosidade, brilho da tela e criação bibliotecas virtuais) de acordo com as necessidades e estimativas dos leitores, memória de 4G com a possibilidade de expansão, além de características já conhecidas dos usuários dos

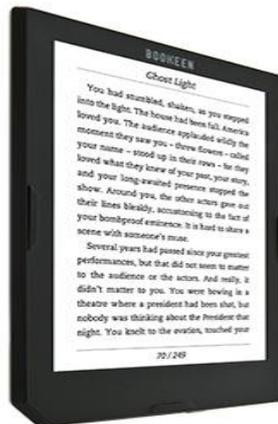
dispositivos Cybooks, como tecnologia *touchscreen*, tela de alta definição e *E-ink*, dicionário personalizado em três idiomas (francês, italiano e alemão), conexão *Wi-Fi*, disponibilizado no aparelho 100 livros digitais e eletrônicos, entre outros recursos. A diferença que há entre o modelo *Essential* e o *Frontlight* é que este último oferece 20 níveis de *frontlights* que permite uma melhor luminosidade de tela e que se adequa conforme o desejo do leitor, proporcionado uma melhor qualidade de leitura (KOZLOWSKI, 2014). As Figuras 18 e 19 apresentam, respectivamente as interfaces do *CyBOOKMuse Essential* e do *CyBOOK Muse Frontlight*.

Figura 18: Interface do *CyBOOKMuse Essential*



Fonte: Site da empresa Booken, 2014

Figura 19: Interface do *CyBOOK Muse Frontlight*



Fonte: Site da empresa Booken, 2014.

3.6.1.4 Kindle

Considerado o primeiro aparelho de leitura digital e eletrônica consagrado mundialmente, o *Kindle* foi lançado nos Estados Unidos ano de 2007 pela empresa *Amazon* e apresentando como a sua principal função a leitura de livros digitais e eletrônicos. No Brasil,

iniciou-se a venda em 2011 e imediatamente obteve o reconhecimento por parte dos leitores e pelos adeptos as novas tecnologias (ARAÚJO *et al.*, 2013).

Este *e-reader* pesava em média 170 gramas, não era sensível ao toque, a sua tela tinha 6 polegadas, bateria de longa duração e o seu armazenamento totalizava 2Gb de memória, não havia possibilidade de expansão e reconhecia somente os formatos proprietários da *Amazon* (.mobi, .prc, KF8 e AZW) e os formatos abertos PDF e TXT. Esta primeira versão do *Kindle* tinha *wifi* que permitia que o usuário acessasse a loja virtual da *Amazon* para a realização da compra virtual dos livros. Este dispositivo dedicado possuía algumas limitações e diante desta constatação, Procópio (p. 39-40, 2010) faz a sua análise: “[...] o *Kindle* era um equipamento de segunda linha, fabricado na China, cujos engenheiros e designers pareciam nunca ter pegado um livro na vida, tal a falta de comodidade e legibilidade do equipamento [...]”.

As versões seguintes do *Kindle* se mostraram com a finalidade de suprir as deficiências que eram encontradas ao longo do caminho. O *e-reader*, lançado no Brasil em 2014, denominado “Novo *Kindle*” foi considerado a adaptação aprimorada do dispositivo lançado em 2011. Ele é comercializado com o mesmo valor que o seu antecessor, isto é, R\$299,00 e os aperfeiçoamentos realizados foram: a tela agora sensível ao toque, a sua memória dobrou e passou a ter 4Gb, o processador ficou mais veloz, viabilizando pesquisas e a construção de vocabulários personalizados. Ao mesmo tempo, foram conservados: o tamanho da tela em 6 polegadas, o peso em 170 gramas e a alta durabilidade da bateria (AMAZON, 2014b). A Figura 20 exhibe a interface do Novo *Kindle*.

Figura 20: Interface do Novo *Kindle*



Fonte: Site da empresa Amazon Brasil, 2014.

Em janeiro de 2014, chegou ao Brasil o *Kindle Paperwhite*, o *e-reader* que tem como diferencial a qualidade da tela que imita a folha de papel. Ela é *touchscreen*, mede 6

polegadas e apresenta alta resolução da emissão da luz interna, facilitando a realização da leitura. O aparelho é leve, sua bateria tem longa duração (podendo ter a durabilidade de 8 semanas), o seu armazenamento é de 4 Gb e permite que execute mudanças no tamanho e no tipo da letra, no espaço entre as linhas e na largura da margem, ajustando-se assim, de acordo com as necessidades dos usuários (AMAZON, 2014a).

Por seguinte, em junho desse mesmo ano, a *Amazon* comercializa o *Kindle Paperwhite* 3G com as mesmas características do seu antecessor e com acréscimo da conexão de celular 3G gratuito que permite os acessos à loja da *Amazon* e ao site *Wikipedia* e execução de *downloads* dos livros adquiridos. Caso o usuário deseje acessar a Internet de forma ilimitada, será preciso que utilize o *WiFi* (Amazon, 2014a).

Para os leitores de livros digitais e eletrônicos brasileiros e adeptos ao *Kindle*, o lançamento do *Kindle Paperwhite* foi relevante para a execução de uma leitura de melhor qualidade, visto que o “Novo *Kindle*” chegou ao mercado nacional depois do *Paperwhite*. A Figura 21 apresenta a interface do *Kindle Paperwhite*.

Figura 21: Interface do *Kindle Paperwhite*



Fonte: Site da empresa *Amazon* Brasil, 2014

4.7 FONTES DE AQUISIÇÃO E MERCADO EDITORIAL

O advento dos livros digitais e eletrônicos provocou mudanças significativas nas rotinas dos bibliotecários que afetam as atividades relacionadas à formação e desenvolvimento de coleções, licenciamento de acesso e uso de obras digitais que trazem novos e diferentes modelos de negócios. Faz-se necessário que bibliotecários e gestores de bibliotecas repensem suas atuações, baseadas nas novas proposições pautadas nas novas tecnologias e, conseqüentemente, serviços ofertados. O enfoque desses ambientes

informacionais passará da guarda para o acesso e o seu espaço se consolidará como um local de leitura e aprendizagem (SILVA, 2013).

A respeito da seleção e da aquisição dos LDEs nas bibliotecas, alguns critérios terão que ser levados em consideração para que o serviço oferecido atenda às expectativas dos usuários e dos bibliotecários. Agnese *et. al.* ([s.d] *apud* Cordón García; Arévalo 2010, p. 5) enumera as principais questões que bibliotecários responsáveis por essa implementação deverão analisar:

- Identificar as práticas desenvolvidas pelas outras bibliotecas;
- Detectar qual é a melhor opção editorial, com as suas respectivas plataformas de acesso e modelos de negócio;
- Verificar os critérios de seleção e aquisição que são vigorados na biblioteca;
- Constatar as expectativas dos usuários e bibliotecários;

A fase de avaliação terá que levar em consideração alguns critérios:

- Pesquisar sobre as propostas editoriais;
- Examinar os conteúdos (qualidade e atualização);
- Avaliar as licenças e os modelos de acesso.

O mercado editorial tem um papel importante nessa nova dinâmica da biblioteca, auxiliando na garantia dos negócios e no cumprimento de sua função de preservar e de dar acesso informacional ao público. Em contrapartida, algumas dificuldades são encontradas para a realização desses desafios. A política de preços é vista como um entrave na indústria editorial dos livros digitais e eletrônicos, já que apresenta variações consideráveis de valores entre os editores, podendo ser um obstáculo na decisão das bibliotecas em aderirem os LDEs (CORDÓN- GARCIA; ARÉVALO; DÍAZ, 2011b). Muitas editoras temem a venda dos LDEs, pois acreditam que os usuários podem copiar e disponibilizar os materiais que são comercializados com as unidades de informação, prejudicando assim, a porcentagem de suas vendas (GALDINO; SILVA, 2015). Sendo assim, elas acabam colocando restrições nos modelos de negócios, dificultando o trabalho da comunidade bibliotecária em escolher um contrato de licenciamento que atenda às necessidades dos usuários. Serra (2014) aponta algumas dessas limitações impostas pela indústria editorial que impossibilita, muitas das vezes, uma negociação boa e flexível com as bibliotecas:

- O acesso pode ser individual, isso significa que não ocorrerá simultaneidade de acesso;
- Número limitado de acesso e de empréstimo, obrigando a instituição a efetuar um novo contrato de uso quando esse limite for atingido;

- Variação de preços, com algumas situações em que o exemplar impresso é mais barato que o arquivo digital e eletrônico;
- Restrição de venda de lançamentos;
- Obrigatoriedade do empréstimo (*check-in/check-out*) no ambiente da biblioteca;
- Acesso somente através das plataformas proprietárias e restrições de venda para consórcio.

Serra (2014) afirma que o mercado de venda de livros digitais e eletrônicos não é voltado para atender às demandas das bibliotecas e muitos fornecedores impõem os modelos existentes, fazendo com que muitos bibliotecários tenham que negociar condições mais favoráveis e flexíveis para satisfazer as reais necessidades de seus ambientes informacionais.

As bibliotecas públicas são as mais afetadas pelas restrições do mercado editorial, pois estas não têm, de modo geral, um histórico com os materiais digitais e eletrônicos. As bibliotecas universitárias apresentam um cenário mais propício. Isso ocorre devido ao emprego de recursos digitais e eletrônicos que estão acontecendo por um período maior de tempo, iniciando com os periódicos, em seguida a produção acadêmica e mais recentemente os LDEs. Apesar dessa conjuntura aparentemente segura, não significa que as bibliotecas universitárias não passem por dificuldades ao adquirirem os materiais digitais e eletrônicos.

Galdino e Silva (2015) relatam que as muitas editoras que atuam com obras acadêmicas ficam temerosas em fornecer os materiais em formato digital e eletrônico devido ao alto custo e preferem que a comercialização seja feita no formato impresso. Isso dificulta o trabalho dos bibliotecários que almejem adquirir os LDEs em suas unidades de trabalho e impossibilita que ocorra o acesso simultâneo dos estudantes e pesquisadores a essas obras.

Costa e Cunha (2014) apontam que os bibliotecários precisam estar atualizados sobre as mudanças no mercado editorial, de forma a acompanhar as distintas possibilidades que são oferecidas, objetivando um maior conhecimento diante das decisões que serão solicitadas e exigidas.

3.7.1 Fornecedores

Os fornecedores são os responsáveis por realizar a transação de mercado dos livros digitais e eletrônicos e, de acordo com o modelo de negócio adotado, as opções de comércio e de serviços serão variadas. Conforme Serra (2014), existem cinco perfis de fornecedores: editores; agregadores de conteúdo; distribuidores; lojas virtuais e autores. Serão relatadas a seguir as suas respectivas características, especificidades e peculiaridades que são assistidas no mercado digital e eletrônico.

Ao iniciar a aquisição das publicações digitais e eletrônicas, o primeiro passo que o bibliotecário terá que realizar é a escolha do fornecedor. Esta escolha é importante, pois, posteriormente, ela irá definir como será o acesso aos LDEs, na medida em que cada fornecedor pode adotar modelos de negócio diferenciados. Roncevic (2013 *apud* COSTA; CUNHA 2014, p. 4) adverte que nem sempre ficam claras as distinções que há entre editores, agregadores e distribuidores no mercado dos materiais digitais e eletrônicos. A autora relata que algumas editoras comercializam os seus próprios livros individualmente, mas também podem disponibilizá-los em outras plataformas e que alguns agregadores podem atuar como editores e distribuidores. Por conta dessa pouca clareza sobre os papéis desempenhados por cada fornecedor, os bibliotecários têm que ficar atentos para não haver confusões e sobreposições de conteúdo.

3.7.1.1 Editoras

Elas podem realizar a venda de seus títulos individuais ou das coleções diretamente para as bibliotecas. Sem a presença de um intermediário, os bibliotecários podem negociar melhores preços e solicitar descontos diretamente às editoras. O acesso aos LDEs pode ser realizado nas plataformas das próprias bibliotecas ou nas plataformas das editoras, cujo uso dependerá do modelo de negócio contratado (SERRA, 2014; COSTA; CUNHA, 2014). Há algumas editoras que não comercializam com as bibliotecas, mas trabalham com os distribuidores, agregadores e lojas virtuais.

Quando a biblioteca realiza a aquisição de livros digitais e eletrônicos com as editoras, elas podem oferecer outros produtos relevantes de sua linha editorial, como periódicos *online*. Esse “pacote” pode atender às expectativas de conteúdo eletrônico das unidades de informação e, ao mesmo tempo, fideliza o mercado digital das editoras. No entanto, ao escolhê-las como fornecedoras de LDEs, a biblioteca deve assinar um contrato com cada uma delas, isso significa que os bibliotecários terão que lidar com diferentes condições de uso, o que exige alto nível de controle e gestão. Além do mais, cada editora possui uma plataforma de acesso, que deverá ser dominada pelos bibliotecários e ser ensinada para os seus usuários (SERRA, 2014). Por isso muitas bibliotecas optam por realizar o contrato com distribuidores e agregadores que, em uma única plataforma, os usuários possam ter acesso ao uso de várias editoras simultaneamente.

Cordón-Garcia; Arévalo (2010) afirmam que as bibliotecas possuem grandes expectativas em oferecer o acesso aos livros digitais e eletrônicos e elas objetivam a atualização de suas coleções, o acesso imediato e a efetiva funcionalidade. Essas prospecções

não coincidem com as propostas apresentadas pelas editoras, que oferecem restrições de acesso e uso (impressão, cópia, *download*). O Quadro 2, posto a seguir, expõe as diferenças existentes entre as expectativas das bibliotecas e as propostas das editoras.

Quadro 2 - Expectativas das bibliotecas e propostas editoriais

| Expectativas das bibliotecas | Propostas das editoras |
|---|---|
| Atualização de conteúdo | Relativa atualização dos conteúdos |
| Rapidez na aquisição das publicações | Relativa qualidade dos conteúdos |
| Fácil acesso | Restrições de acesso aos conteúdos |
| Rentabilidade de custo-benefício | Comercialização de coleções invés de “título a título” |
| Usabilidade | Utilização de suas plataformas |
| Plataformas de coleções integradas | Estatísticas de uso não normalizadas |
| Acesso permanente frente à licença de uso | Poucos títulos em outros idiomas distintos do inglês |
| Acesso multiusuário | Inconsistência do tipo de acesso (multiusuário e monousuário) |
| Integração no OPAC ³⁵ | Não disponibilização dos metadados das publicações |
| Formatos normalizados | Normativas contratuais burocráticas |

Fonte: Córdon-García; Arévalo, 2010

Os modelos de comercialização de LDEs adotados pelas editoras estão em processo de definição, visto que não há um consenso, por exemplo, sobre a pluralidade de acessos facilitadas com advento das tecnologias da informação e sobre as restrições realizadas pelas editoras para salvaguardar seus negócios (CÓRDON GARCÍA; ARÉVALO, 2010).

Pouplana e Espadas (2011 *apud* SILVA, 2013, p. 7) expõem atitudes realizadas pelas editoras para administrar os conteúdos eletrônicos: a leitura ser realizada na “nuvem”, o acesso é controlado através da conexão via *Web*; distribuição com a marca d`água do editor e obras oferecidas com proteção DRM. De acordo com Costa e Cunha (2014), a gestão de direitos digitais das editoras pode ser mais “aberta” que dos agregadores devido ao fato de que são elas que monitoram todas as atividades diretamente e podem identificar tentativas de pirataria com mais rapidez.

A seguir, serão apresentadas nas Figuras 22, 23 e 24 algumas editoras que atuam com o mercado dos livros digitais e eletrônicos.

³⁵*Online Public Access Catalog.*

Figura 22: Interface da Editora Springer

Springer

Search

Home Subjects My Springer Services Products Springer Shop About us

The Springer Shop

212,313 Books across all fields of science

eBooks can be used on all reading devices

Free shipping for print books worldwide

+++ Save 50% in **Psychology** until June 22 +++ NEW: Online **Journals Subscriptions** +++

Recommended for you

Choose discipline: All disciplines

Fonte: Editora Springer, 2015

Figura 23: Interface da Editora Elsevier

ELSEVIER

Home | Seleccione sua Região | Elsevier Internacional

Busca: Buscar

ElsevierLAS @ElsevierLAS

Produtos > SciVerse ScienceDirect

ScienceDirect

Coleção eletrônica de textos completos provenientes de mais de 1.800 revistas científicas Elsevier, com mais de 10 milhões de artigos nas áreas científica, tecnológica e médica, representando aproximadamente 25% da produção científica mundial.

O ScienceDirect ainda oferece aos seus usuários [livros eletrônicos](#), [séries de livros](#), [manuais](#) e [obras de referência](#) em diversas áreas do conhecimento, com acesso rápido e confiável a descobertas relevantes e análises. Em constante expansão, a coleção de livros no ScienceDirect vem facilitar o acesso mais abrangente a informações técnicas e científicas.

E para ajudar a aumentar a sua produtividade e ainda mantê-lo constantemente atualizado, o ScienceDirect possui uma série de ferramentas de fácil uso, como alertas por e-mail e [recursos de personalização](#).

Download

- [Saiba mais](#)
- [Visite o site](#)
- [Download do folheto \[pdf\]](#)
- [Pesquisa de Imagens no Sciverse Science Direct \[pdf\]](#)
- [Livros Online no Sciverse Science Direct \[pdf\]](#)

Backfiles

Tendo início em 2001, o projeto Backfiles permitiu que números completos de revistas Elsevier, publicadas antes de 1995, fossem disponibilizadas eletronicamente através da plataforma ScienceDirect. Muitos títulos tem todo o seu conteúdo eletrônico disponíveis até o Volume 1, Número 1.

Backfiles – Pré 1995

Os Backfiles pré-1995 estão disponíveis em pacotes divididos por áreas de conhecimento. Atualmente existem 29 pacotes.

ScienceDirect

Scopus

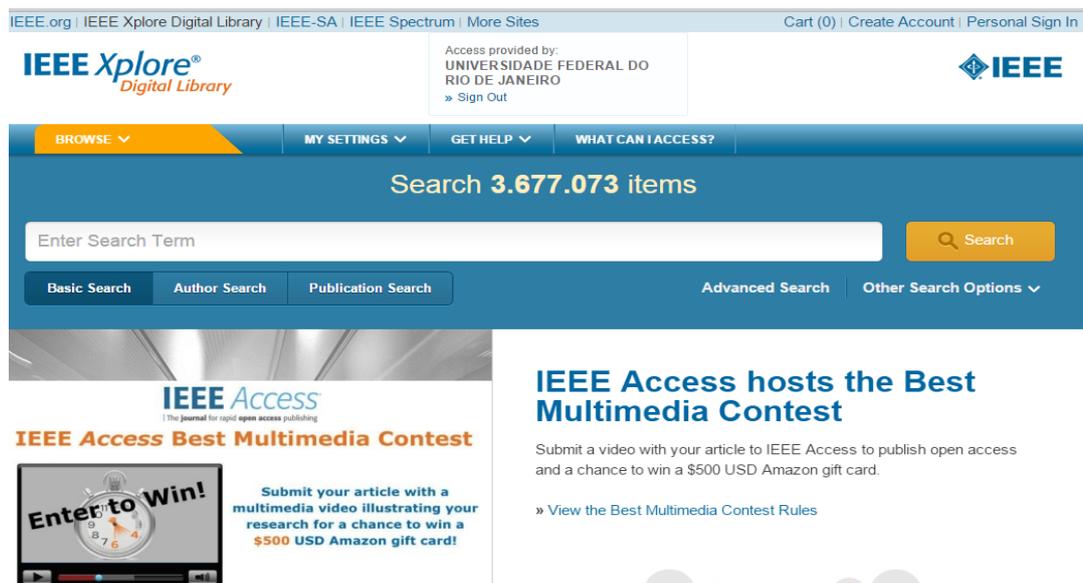
Engineering Village

Embase

Reaxys

Fonte: Editora Elsevier, 2015

Figura 24: Interface da Editora *IEE Xplore*



Fonte: *IEE Xplore*, 2015

3.7.1.2 Agregadores de conteúdo

Podem ser também conhecidos como provedores de conteúdo e são organizações que representam e mantêm parcerias com as editoras. Eles licenciam o uso dos conteúdos e os disponibilizam em sua própria plataforma tecnológica, na qual os bibliotecários e os usuários poderão realizar todo o processo de busca, recuperação e uso dos livros digitais e eletrônicos (SERRA, 2014).

Uma das principais vantagens para a biblioteca ao estabelecer um trato comercial de licenciamento junto a um agregador é que ela terá acesso a obras de um grande número de editoras, incluindo as de pequeno porte que não possuem plataformas tecnológicas. Desta forma, a unidade informacional terá um melhor custo/benefício em quantidade e variedade de títulos, além de centralizar em um único contrato a seleção e a aquisição de LDEs (COSTA; CUNHA, 2014). Córdon García e Arévalo (2010) analisam que o principal benefício para as editoras ao comercializarem as suas publicações nas plataformas dos agregadores é a maior visibilidade que elas terão e que isso se traduz automaticamente no aumento das vendas.

Serra (2014) retrata que os agregadores, de um modo geral, possuem os metadados das publicações para que os bibliotecários possam incluir os registros nos OPACs e a possibilidade de integrar o serviço de descoberta³⁶. No entanto, esses fornecedores possuem

³⁶Permite que os usuários descubram o conteúdo do acervo das bibliotecas que é disponibilizado em diferentes formatos, independentemente se está localizada na biblioteca física ou entre as coleções digitais e eletrônicas, abrangendo tanto os materiais de propriedade local e aqueles acessados remotamente por meio de assinaturas. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/sibi_ufrj/apresentao-erbu-sudestei20140424>. Acesso em: 18 jun. 2015.

alguns desafios na disponibilização de seus conteúdos. Por conta de restrições contratuais algumas editoras limitam as licenças concedidas para os agregadores e não disponibilizam os seus principais títulos e lançamentos.

Apesar dos agregadores oferecerem um grande número de títulos, muitas publicações não conseguirão atender plenamente ao interesse das bibliotecas, fazendo com que elas tenham a necessidade de realizar novos contratos com outros fornecedores, incluindo até outros agregadores. Porém, para a realização de contratos de licenciamento de conteúdo, a biblioteca terá que realizar um alto investimento, pois este serviço é relativamente caro, principalmente tratando da realidade brasileira, na qual a unidade informacional investirá na formação e na manutenção do seu acervo digital e eletrônico.

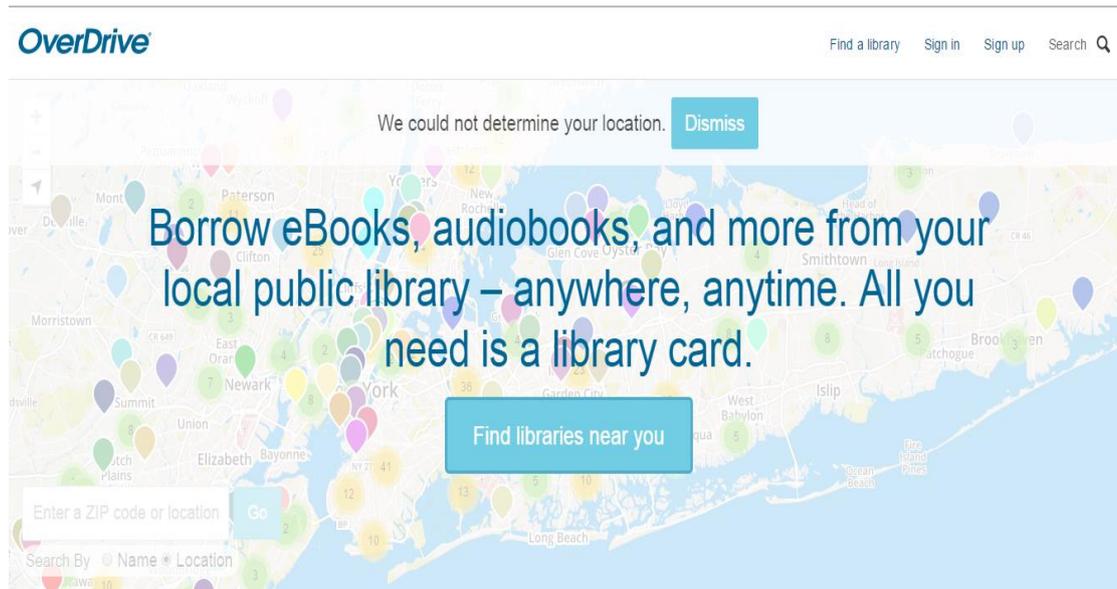
Em seguida, serão apresentadas nas Figuras 25, 26 e 27 algumas plataformas de conteúdo que atuam no comércio dos livros digitais e eletrônicos.

Figura 25: Interface da plataforma Minha Biblioteca



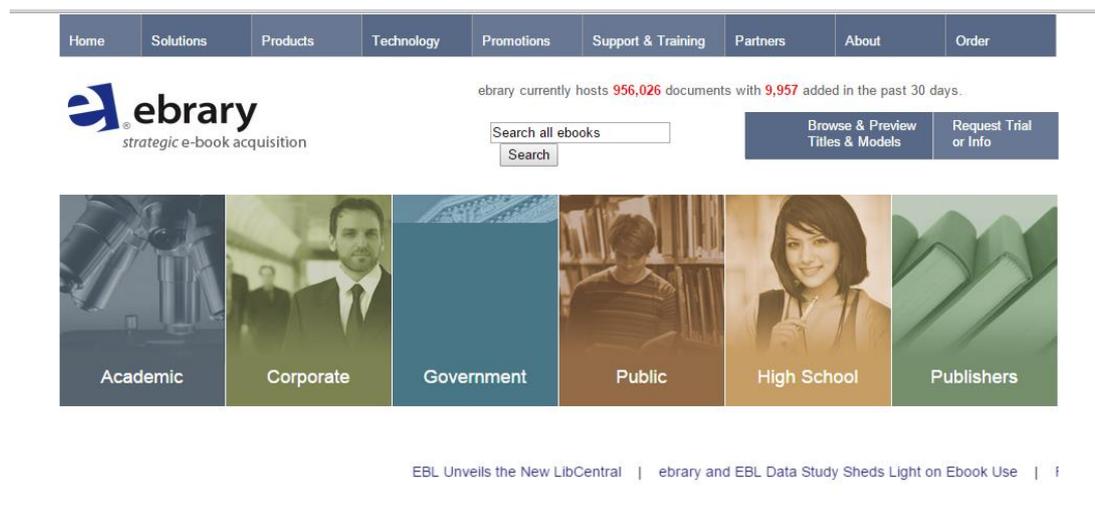
Fonte: Minha Biblioteca, 2015.

Figura 26: Interface da plataforma *Overdrive*



Fonte: *Overdrive*, 2015.

Figura 27: Interface da plataforma *Ebrary*



Fonte: *Ebrary*, 2015.

3.7.1.3 Distribuidores

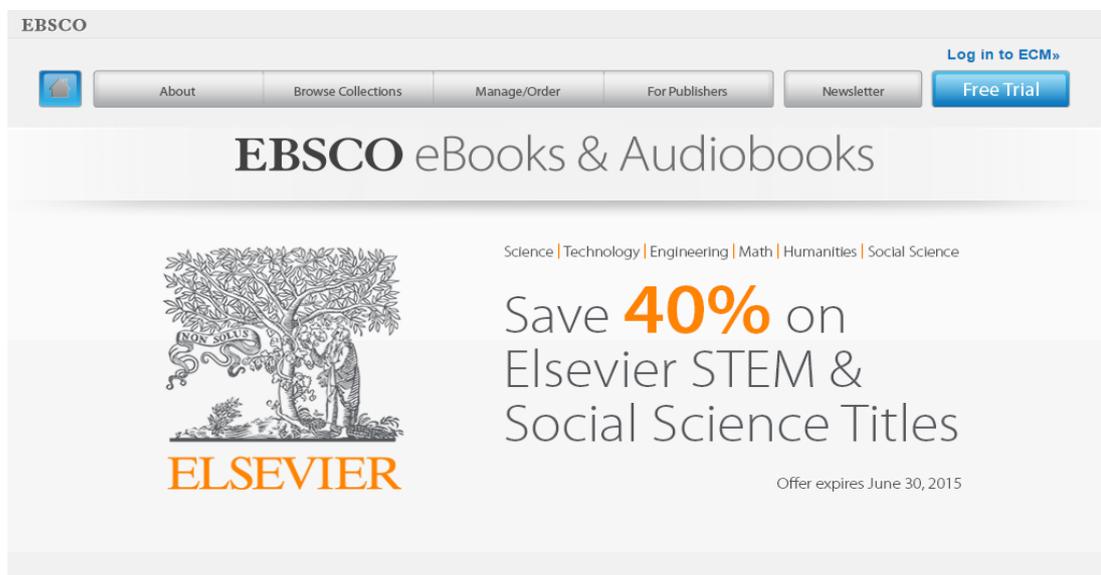
Eles são semelhantes aos agregadores, com a diferença de não terem plataformas próprias, utilizando as das próprias editoras. As funções dos distribuidores é vender as obras em nome das editoras e dar subsídio no momento da comercialização das mesmas (COSTA; CUNHA, 2014).

Serra (2014) relata que os distribuidores podem ser considerados como os intermediários entre as bibliotecas e as editoras e trabalham com todos os modelos de negócio

existentes (aquisição perpétua, assinatura, aquisição orientada pelo usuário e empréstimo de curto prazo). Da mesma forma que os agregadores, os distribuidores concedem às bibliotecas o acesso a várias editoras através de um único contrato, apesar de não ser comum o acesso múltiplo, na maioria das vezes, se limita ao acesso monousuário. Costa e Cunha (2014) apontam que a cobertura pode ser limitada, já que muitas editoras preferem vender direto à biblioteca, especialmente se os livros forem vendidos por meio de “pacotes” invés de títulos individuais.

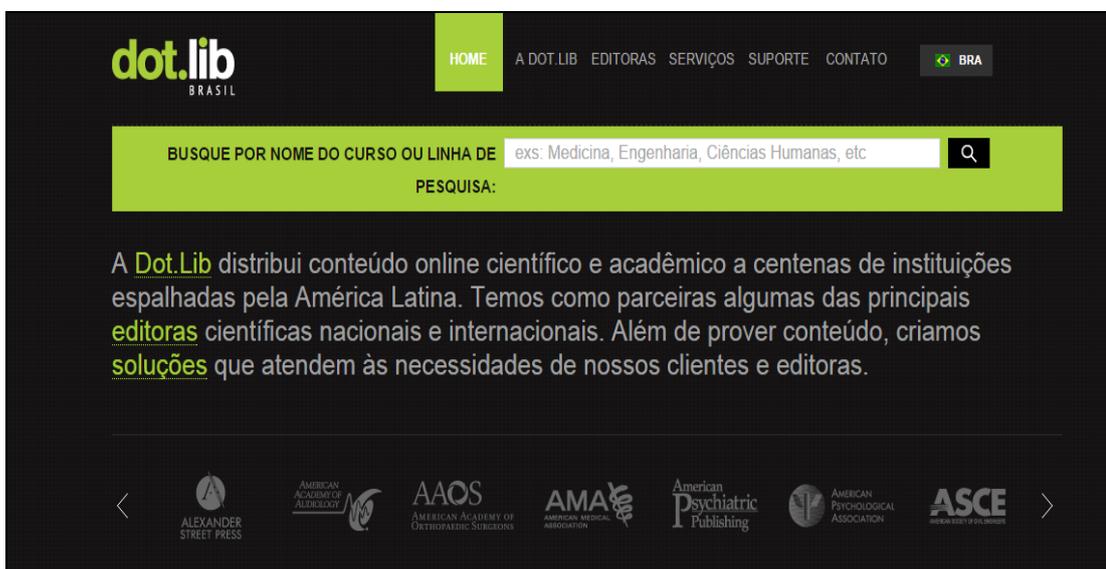
Apresentam-se, nas Figuras 28, 29 e 30, alguns exemplos de distribuidores:

Figura 28: Interface da *Ebsco*



Fonte: *Ebsco*, 2015.

Figura 29: Interface da *Dot.lib*



Fonte: *Dot.lib*, 2015.

Figura 30: Interface da *Baker & Taylor*



Fonte: *Baker & Taylor*, 2015.

3.7.1.4 Lojas virtuais

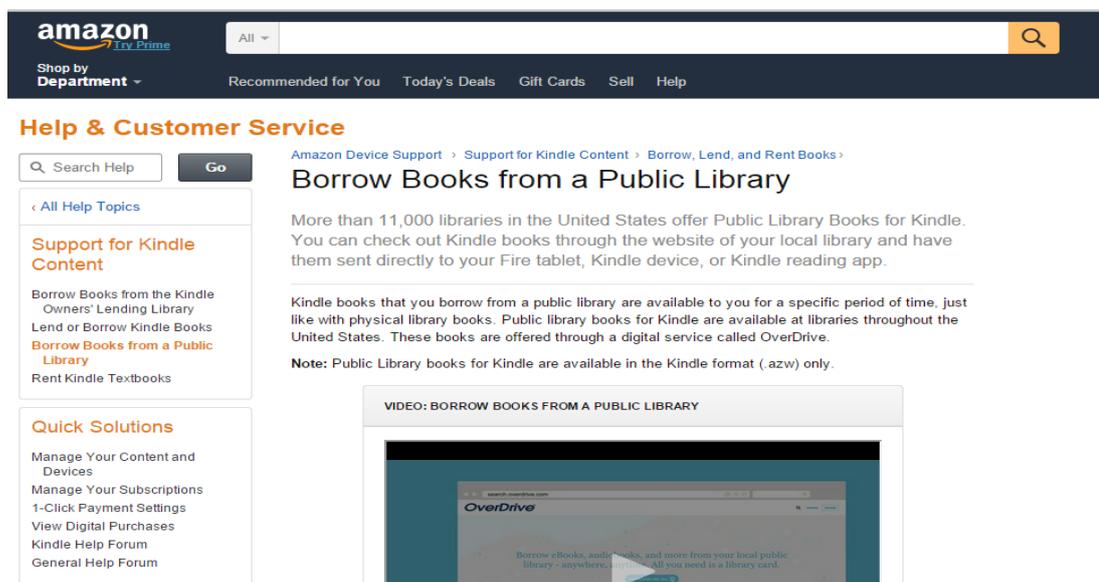
Não é comum no Brasil as lojas virtuais serem fornecedoras de LDEs para bibliotecas. Geralmente, elas vendem diretamente para o público e os títulos são comercializados individualmente. Por meio das lojas virtuais, os leitores podem realizar a compra e o *download* dos livros para serem lidos nos seus dispositivos eletrônicos, contudo a licença de acesso é individual, sendo assim, não é permitindo o compartilhamento do acesso ao livro digital e eletrônico.

Em contrapartida, Serra (2014) relata que, nos Estados Unidos, as lojas virtuais atuam como fornecedoras para as bibliotecas, principalmente a *Amazon*. A prática mais comum é aquisição perpétua e com o acesso monousuário aos LDEs. De um modo geral, ocorrem convênios entre as lojas virtuais e as unidades de informação, que permitem que os usuários, por meio de identificação de vínculo com a biblioteca, possam acessar e realizar o empréstimo digital (*e-lending*). O uso de plataformas proprietárias é frequente, como é realizado, por exemplo, na *Amazon*. A parceria dessa empresa com a *OverDrive*³⁷ permite mais de onze mil (11.000) usuários de bibliotecas públicas e escolares norte-americanas realizem empréstimo de livros digitais e eletrônicos. A *Amazon* condiciona que o acesso aos LDEs seja feito em sua loja virtual por meio dos seus dispositivos eletrônicos dedicados à leitura (*Kindles*) ou em aparatos eletrônicos que tenham o seu aplicativo instalado. O procedimento se inicia com a

³⁷A *OverDrive* é uma empresa americana que realiza distribuição de publicações digitais (livros, *audiobooks*, música, vídeo etc.). Iniciou sua atuação com as bibliotecas públicas em 2002 e atualmente possui mais de 1,8 milhão de títulos digitais. Mantém parceria com mais de mil editoras e possui parceiras com mais de 27 mil bibliotecas e escolas, principalmente as norte-americanas.

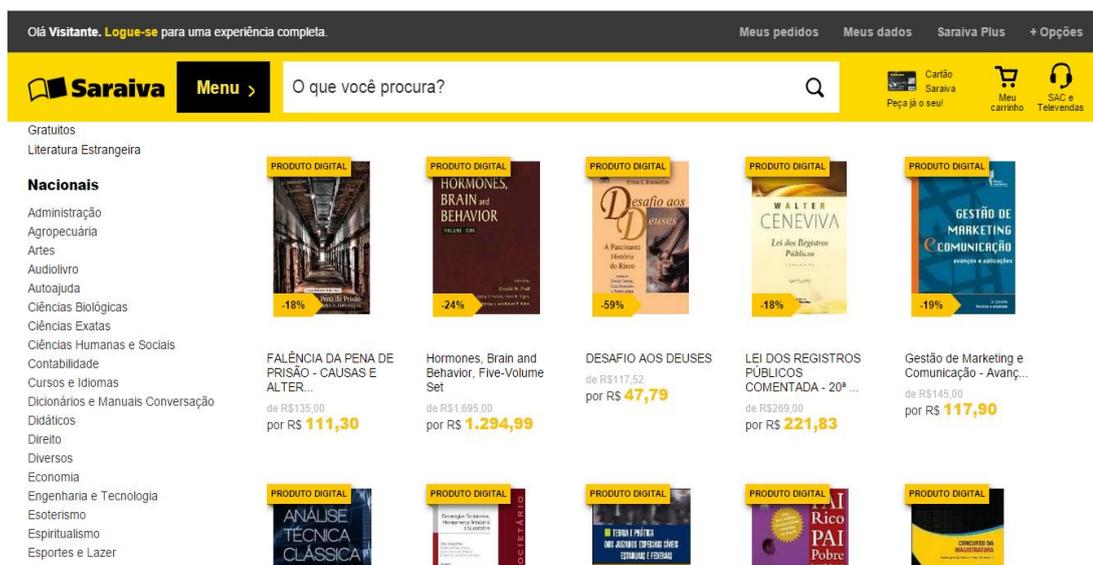
escolha do título no catálogo *on-line* da biblioteca, em seguida, o usuário se identifica como um leitor registrado. Com a finalização desse processo, ele será transferido para a loja virtual da *Amazon*, momento em que efetuará o *check-in* da publicação que posteriormente, será transferida para o seu dispositivo eletrônico. Ao faltar três dias para expirar o empréstimo, a *Amazon* encaminhará um *e-mail* notificando o leitor. Outra mensagem será enviada quando o empréstimo for finalizado. Serão representados, a seguir, exemplos de Livrarias virtuais. A seguir, serão apresentados, nas Figuras 31, 32 e 33, alguns exemplos de lojas virtuais.

Figura 31: Interface da *Amazon* dedicada às bibliotecas públicas americanas



Fonte: *Amazon*, 2015

Figura 32: Interface da loja virtual da Livraria Saraiva



Fonte: Livraria Saraiva, 2015

Figura 33: Interface da loja virtual da Livraria Cultura



Fonte: Livraria Cultura, 2015.

3.7.1.5 Autores

Córdon-García e Arévalo (2011) analisam que a autopublicação está inserida na nova dinâmica produtiva editorial, denominada de desintermediação. Os autores relatam que na cadeia tradicional os atores envolvidos ocupam posições determinadas, que no âmbito da editoração do livro a exigência da publicação implica a necessidade de um autor, um editor, um impressor e um distribuidor, com a finalidade de chegar até o leitor. Já na economia virtual ou de rede, não há uma preocupação sobre a colocação que eles ocupam no sistema e a figura do editor não é vista como determinante para a concessão de visibilidade e de credibilidade da obra. Desta forma, o escritor poderá decidir se conserva a relação com o editor ou se dirige diretamente a um distribuidor digital.

Quando um autor determina que realizará a autopublicação de sua obra, ele passa a desempenhar o papel do editor e negocia diretamente com os interessados (bibliotecas, livrarias e leitores). Essa nova realidade pode estremecer a execução do serviço tradicional dos editores em selecionar, produzir e distribuir os livros, mas também elimina as funções essenciais da indústria editorial: manter a qualidade das publicações e uma estrutura solidificada de divulgação (CÓRDON-GARCÍA; ARÉVALO, 2011; SERRA, 2014).

Para as bibliotecas, há alguns desafios para a incorporação das autopublicações. De um modo geral, os autores não possuem conhecimento sobre a elaboração e a importância dos metadados para a descrição das obras, que poderá ocasionar uma tarefa difícil para os bibliotecários que queiram encontrar e adquirir as mesmas. Normalmente, elas chegam ao conhecimento dos bibliotecários através de indicações de usuários ou dos próprios autores.

Quando ocorre a compra, o arquivo é armazenado diretamente no servidor da biblioteca e o seu acesso, quase sempre, é monousuário (CÓRDON-GARCÍA; ARÉVALO, 2011).

A prática da autopublicação está sendo uma tendência forte entre os autores iniciantes. Livrarias como a *Amazon* e Saraiva disponibilizam mecanismos que permitam que autores publiquem os seus livros. A plataforma de autopublicação da livraria *Amazon* é denominada *Kindle Direct Publishing*³⁸. O escritor poderá realizar esse procedimento gratuitamente e divulgar o seu livro digital e eletrônico na Loja *Kindle*.

No Brasil, a Livraria Saraiva lançou o “Publique-se”³⁹, a sua plataforma de autopublicação. O autor envia o seu arquivo em formato *Word*, que automaticamente é convertido em LDE e em seguida é comercializado na loja virtual da Livraria Saraiva. É ele que define o valor de sua publicação, no entanto, a remuneração é 35% do valor estipulado. A livraria concede ao escritor a opção de sua obra ser comercializada ou não com a proteção DRM e a mesma será disponibilizada em diversos formatos, como PDF, *ePub*, *Mobi* e outros (SARAIVA, 2015).

3.7.2 Modelos de negócio

O acréscimo dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas está fomentando mudanças significativas na forma de aquisição, nas possibilidades de disponibilização e no acesso ao conteúdo pelos usuários. Nesse momento de implementação de novos serviços, os fornecedores ocupam um papel determinante nessa nova conjectura. Eles são responsáveis pela escolha do modelo de negócio que será adotado e pelas opções de disponibilização dos conteúdos licenciados. Em contrapartida, observa-se que adotam uma postura conservadora diante da variedade de modelos de negócios que há no mercado, visando principalmente à preservação de seus lucros e o resguardo diante da ameaça de distribuição e uso indevido dos LDEs. Contudo, Serra (2014) aponta que é relevante que haja um empenho de todos os atores envolvidos para que ocorra a definição do modelo de negócio que seja atraente para todos e que os bibliotecários estejam presentes na escolha das formas de inclusão e no emprego das mídias.

De acordo com Silva (2013), há quatro modelos de negócios que se destacam: aquisição perpétua; assinatura; aquisição orientada pelo usuário (*patron driven acquisition-PDA*) e empréstimo de curto prazo (*short term loan-STL*). A escolha do modelo pela

³⁸ Disponível em: < <http://www.amazon.com.br/b?ie=UTF8&node=9634157011>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

³⁹ Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/publique-se/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

biblioteca vai depender diretamente das necessidades informacionais dos usuários e da disponibilidade orçamentária destinada para a aquisição de material.

Serra e Silva (2014) destacam que os modelos de aquisição perpétua e por assinatura são os mais aplicados nas bibliotecas universitárias brasileiras e que nos Estados Unidos são vigentes os modelos PDA e STL, que possuem características distintas, mas que, por vezes, podem atuar de forma complementar. Esses mesmos autores afirmam que os fornecedores ofertam poucos títulos digitais e eletrônicos na língua portuguesa e que falta na literatura da Biblioteconomia e da Ciência da Informação brasileira relatos de experiências sobre a implementação e o desenvolvimento de coleções de LDEs. Acredita-se que esse cenário reflete o desconhecimento da classe bibliotecária sobre as opções de modelos de negócios oferecidos pelos fornecedores de livros digitais e eletrônicos.

3.7.2.1 Aquisição perpétua

É considerado o modelo mais tradicional e similar à aquisição de publicações impressas. O livro digital e eletrônico ao ser adquirido se torna propriedade da biblioteca. Ele pode ser baixado no servidor da instituição ou ficar acessível na plataforma do fornecedor. Caso a biblioteca opte por armazenar no servidor, ela enfrentará alguns desafios como a preservação, atualização e segurança dos arquivos. Na maioria das vezes, ela não terá autonomia na conversão do formato do LDE, isso pode ocorrer pela exigência do fornecedor ou solicitada pela própria biblioteca. Por conta disso, a unidade de informação terá a necessidade de adquirir uma nova licença ou a atualização das mídias licenciadas. Se a biblioteca escolher acessar os LDEs na plataforma do fornecedor, é comum que seja cobrada uma taxa anual ou uma cobrança antecipada de alguns anos para a manutenção da plataforma onde os livros serão acessados. (COSTA; CUNHA, 2014; SERRA, 2014).

Doucette e Leuntin (2012 *apud* Costa; Cunha, 2014) acrescentam que sejam esclarecidos os planos de contingência do fornecedor e detalhes sobre a licença para que se possa manter os LDEs em uma plataforma acessível. É relevante que os bibliotecários fiquem atentos sobre a garantia do acesso e assegurados sobre a permanência do título no servidor, visto que, no contrato de uso, devem constar cláusulas que prevejam o que ocorrerá se o formato se tornar obsoleto ou se o fornecedor sair do mercado ou se perder o direito de distribuição da obra.

Serra (2014) afirma que o padrão mais comum quando se contrata a aquisição perpétua é o monousuário. Isto significa que o acesso à publicação só pode ser realizado exclusivamente por um usuário de cada vez. Caso a biblioteca deseje acessos simultâneos, ela

terá que comprar mais mídias, que poderá acarretar um uso excessivo de armazenamento de arquivos iguais. É relevante que os bibliotecários saibam antecipadamente se os usuários precisaram estar conectados à Internet para consultar e ler as obras. É mais convidativo que eles possam ter acesso ao livro digital e eletrônico em ambientes *off-line*. Frequentemente, as bibliotecas podem solicitar os registros MARC e ter acesso às estatísticas de consulta aos LDEs.

3.7.2.2 Assinatura

Este modelo de negócio é bem comum na prática da aquisição de publicações digitais e eletrônicas, em que os fornecedores oferecem pacotes de títulos organizados por assuntos. Estas coleções são organizadas pelas editoras e os títulos não podem ser alterados pelas bibliotecas. De um modo geral, as obras ofertadas no meio digital têm em suas versões impressas um percentual significativo de vendagem e já se encontram estabilizadas, representando um baixo risco no montante da venda (NASCIMENTO, 2013c).

Os pacotes de títulos podem ter um número fixo de obras ou ser designados a receber acréscimos, isso vai depender do contrato estabelecido entre a unidade de informação e o fornecedor. Quando a biblioteca opta que a sua coleção possa ser atualizada, ela geralmente não tem autonomia na escolha dos títulos que serão acrescentados, retirados ou substituídos, sendo a formação e desenvolvimento da coleção digital sob o controle das editoras e dos responsáveis pelas plataformas de conteúdo.

A falta de autonomia que os bibliotecários têm diante dos materiais digitais e eletrônicos que disponibilizam para seus usuários pode ameaçar o estabelecimento do contrato e da renovação das assinaturas. Estas renovações têm que ser analisadas, porque além da manutenção de suas próprias coleções, as unidades de informação pagam o aluguel do acesso às obras que não fazem parte de seus acervos e estão sujeitas a serem retiradas das coleções, caso não se concretizem as renovações ou fiquem indisponíveis pelos fornecedores. Essa situação instável é prejudicial para o usuário por “não ter a garantia de que sempre poderá consultar determinada obra, pois essa pode, à revelia da biblioteca, não ser renovada, tanto por interesse do distribuidor como por contenção de despesas da instituição” (SERRA, 2014, p. 133).

Nascimento (2013c) afirma que as vantagens do modelo de assinatura é o acesso simultâneo a múltiplos usuários e o custo e benefício, pois é possível que seja oferecido uma grande quantidade de LDEs por um preço mais acessível, comparado, se a aquisição fosse feita, título a título. Ressalva-se a necessidade de que se avaliem os títulos que são oferecidos

no pacote da assinatura, para não correr o risco de pagar por um serviço que não será utilizado.

3.7.2.3 Aquisição orientada pelo usuário

Conhecido em inglês como *patron driven acquisition* (PDA), a aquisição orientada ao usuário tem a finalidade de aumentar o volume de títulos a que as bibliotecas poderão ter acesso para a consulta, efetuando a compra quando for de fato utilizado.

Serra e Silva (2014) realizaram uma ampla pesquisa sobre o modelo PDA. Segundo os autores, essa modalidade de aquisição originou-se nos Estados Unidos, na década de 70, do século XX, quando ficou constatado que títulos selecionados pelos bibliotecários não obtinham a usabilidade dos usuários universitários como o esperado. Por outro lado, as obras solicitadas através do empréstimo entre bibliotecas (EEB) atendiam às consultas resultando em circulações recorrentes. Sobre esse aspecto, as bibliotecas universitárias norte americanas decidiram investir parte das verbas de aquisição na compra de publicações que eram feitas através do EEB. Por seguinte, constatou-se que tal investimento designou alta circulação desses títulos quando incorporados ao acervo, ainda que só usuários solicitantes fizessem o uso dessas obras.

Com a disponibilidade de livros eletrônicos essa modalidade de aquisição encontrou terreno fértil para se consolidar, e agilizar o acesso e o licenciamento da publicação solicitada ao usuário. Situação que garante um rápido atendimento, sem a necessidade de verificar preços, estoques e disponibilidade dos fornecedores (SERRA; SILVA, 2014, p. 7).

Desta forma, o modelo PDA colabora para a política de desenvolvimento de coleções das bibliotecas ao indicar títulos relevantes e os usuários têm voz ativa ao manifestarem seus interesses nas áreas em que a biblioteca atende.

Os agregadores de conteúdo iniciaram a utilização desse padrão de aquisição de LDEs por volta dos anos 2000 (SERRA; SILVA, 2014). Ao implementar esse modelo na biblioteca, os leitores podem consultar em uma interface de acesso *on-line* as obras, mesmo que não sejam licenciadas, ou por meio dos catálogos. De acordo com Sheehan (2013 *apud* SERRA; SILVA, 2014), a unidade de informação pode definir as restrições de acesso por áreas, assuntos, valores das publicações, temas de interesse e entre outros, aos títulos não contratados. Esses controles visam a preservar o orçamento e impossibilitar que obras não muito pertinentes ou muito caras sejam acessadas. Sendo assim, com o modelo PDA a

biblioteca acaba reunindo os registros no seu OPAC e disponibilizando para a consulta as suas obras impressas e os livros digitais e eletrônicos que são licenciados e os não licenciados.

Nascimento (2013c) relata que o LDE é adicionado de forma automática ao conjunto de obras licenciadas pelo pacote de assinaturas contratadas e começa a sua cobrança quando o usuário acessa o livro em um dos seguintes casos: (a) após a consulta de um número determinado de páginas; (b) quando o título for consultado por uma certa quantidade de vezes em um período pré-estabelecido.

Serra e Silva (2014) apresentam as principais vantagens e desvantagens do modelo PDA.

Vantagens:

- Satisfação do usuário;
- Ofertas de títulos conforme os desejos dos usuários;
- Rápida acessibilidade de títulos;
- Acesso a títulos não licenciados pela biblioteca;
- Agilidade no processo de aquisição;
- Entrosamento de negociações existentes entre bibliotecas e fornecedores;
- Atualização do acervo;
- Aumento de circulação;
- Melhor retorno de investimento. A biblioteca paga apenas as obras utilizadas.

Desvantagens:

- Controle da coleção delegado ao usuário e não ao bibliotecário;
- Risco de perda de controle do processo de aquisição;
- Pouca oferta de títulos;
- Baixa qualidade dos registros MARC com URLs que poderão direcionar ao conteúdo diferente do descrito;
- Risco de menor controle orçamentário;
- Poucos usuários definem os títulos para a aquisição. O que promove uma coleção limitada.

3.7.2.4 Empréstimo de curto prazo

Também conhecido como *short term loan*- STL ou *pay-per-view*. É modelo de aquisição de LDEs que a biblioteca realize aluguéis ou assinaturas de acesso por um período determinado. A cobrança é feita de diversas maneiras: capítulos, livros ou determinadas áreas.

Serra (2014) expõe que o STL deve estar de acordo com o orçamento da biblioteca, na medida em que a manutenção dos títulos deve ser renovada com periodicidade.

Nascimento (2013c) relata que o empréstimo de curto prazo se procede quando o usuário ao consultar o catálogo da biblioteca e acessar o título que foi adquirido por meio do STL, pode solicitar o empréstimo e a biblioteca pagará uma taxa que varia entre 10 a 20% da aquisição do livro e o LDE é liberado por um período determinado. Quando o período de empréstimo estiver finalizando, a biblioteca receberá um aviso para a renovação por um período determinado ou terá as opções de comprar a obra ou torná-la disponível por meio do modelo de aquisição orientada pelo usuário.

3.7.3 Iniciativas brasileiras de acesso ao conteúdo científico de livros digitais e eletrônicos

A comunicação é um dos principais elementos para o avanço do conhecimento científico. Príncipe (2013) aponta que a institucionalização da ciência no século XVIII, através da introdução do método científico e a criação das primeiras sociedades e revistas científicas, marcou o estabelecimento formal da comunicação científica moderna.

Meadows (1999) analisa que a ciência só se torna legítima quando é analisada pelos pares e, para que isso ocorra, exige-se, necessariamente, que ela seja comunicada. Além do mais, o apoio às atividades científicas é dispendioso, os recursos destinados às pesquisas serão desperdiçados a menos que os resultados das mesmas sejam divulgados para o público pertinente. Independente do ângulo que é examinada, a comunicação eficiente e eficaz constitui parte fundamental do processo de investigação científica. Portanto, a ciência depende da comunicação para difundir tudo o que é produzido.

A universidade, desde a sua criação até os dias atuais, possui entre os seus principais objetivos gerar e fomentar o avanço de pesquisas, o desenvolvimento da ciência e a comunicação das pesquisas à comunidade (LEMOS; MACEDO, 1975). Uma grande aliada das universidades para o cumprimento desses propósitos é a editora universitária. De acordo com Bufren (2001, p. 33), a editora universitária é “um órgão de instituição de ensino superior responsável pela publicação de textos diversos selecionados previamente por um conselho ou comissão editorial”. Segundo a mesma autora, a editoração brasileira surgiu na década de 60 do século XX e algumas editoras apareceram junto com as universidades e outras evoluíram a partir das experiências das imprensas universitárias e, depois de alguns anos de produção, formaram os seus conselhos editoriais e formalizaram as atividades editoriais, com a finalidade de selecionar, produzir e divulgar a produção acadêmica.

As editoras universitárias estão acompanhando as transformações que estão ocorrendo na indústria editorial tradicional com a inserção do livro digital e eletrônico. Dourado (2012) fez um estudo descritivo sobre as iniciativas das editoras universitárias em promover os livros digitais e eletrônicos e, através dos dados coletados, retratou que das 318 universidades, 120 possuem editoras universitárias, dentre as quais 25 editoras agregam iniciativas de publicação de LDEs às linhas de produção, que correspondem a 21% do total de editoras. Constatou-se que essas permitem o acesso gratuito às obras e que por meio de seus sítios pode-se efetuar o *download*. A autora destaca que as editoras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) fazem parte da rede SciELO Livros - *Scientific Electronic Library Online* e conclui que a adesão aos livros digitais e eletrônicos está na fase inicial de implementação como estratégia de inovação editorial e que, apesar do número reduzido de editoras universitárias que aderem a esses materiais, elas tendenciam a adotar o modelo de livre acesso.

Acredita-se que essa característica pode vir a configurar uma mudança no cenário brasileiro de editoração e ele ganha reforço quando se certifica a existência de canais de informação científica disponibilizam LDEs científicos gratuitamente, como a SciELO Livros, Portal Capes e o Portal do Livro Aberto em CT&I (MENEZES, 2012).

3.7.3.1 SciELO Livros

A Rede SciELO de Livros é um programa de incentivo às publicações *on-line* de coleções nacionais e temáticas de livros acadêmicos com o objetivo de potencializar a visibilidade, acessibilidade, uso e o impacto das pesquisas, estudos e ensaios. Ela foi lançada no Brasil em março de 2012, e é parte integrante do Programa SciELO, que é mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O desenvolvimento de sua coleção é realizado, financiado e liderado por um consócio formado pelas editoras das instituições: UNESP, UFBA, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O projeto SciELO Livros tem como objetivo contribuir para disseminação da informação e conhecimento científico publicado em livros acadêmicos e técnicos, além de fortalecer e gerar capacidades e infraestruturas nacionais em editoração eletrônica, publicação e comercialização *on-line* de livros digitais e eletrônicos entre outros países que fazem parte da Rede SciELO. Os livros selecionados pelo SciELO Livros passam por um comitê

científico e os textos em formato digital seguem os padrões internacionais que permitem o controle de acesso e de citações que são legíveis nos dispositivos eletrônicos dedicados à leitura, *tablets*, *smartphones* e computadores que efetuem leitura nos formatos PDF e *ePub*. Os usuários podem acessar as obras pelo próprio Portal SciELO Livros, por meio de buscadores da *Web* e pelos portais e serviços de referência internacional (SCIELO, 2015). A Figura 34 apresenta a interface do Portal de livros digitais e eletrônicos do SciELO Livros.

Figura 34: Interface do Portal de livros digitais e eletrônicos do SciELO Livros

The screenshot shows the SciELO Livros website interface. At the top, there is a search bar with a dropdown menu set to "Todos os índices" and a "Pesquisar" button. Below the search bar, statistics are displayed: 634 titles available, 399 titles in Open Access, 5,169 chapters in Open Access, 2,244 authors, and 37,300,839 downloads. A featured book cover for "URBANISMO DE COLINA: Uma tradição luso-brasileira" by Editora Mackenzie is shown. The left sidebar lists various publishers like FIOCRUZ, UNESP, and Mackenzie. The right sidebar contains news items from SciELO Books.

SciELO Livros, 2015.

O portal possui proximamente 634⁴⁰ títulos, dos quais 399 são de acesso aberto. A Editora UNESP é a editora participante que possui mais obras disponíveis, 187 títulos e a editora da Universidade de Maringá é a que tem menos livros, seis (6) no total. São os membros das editoras participantes que fazem parte do comitê de avaliação das obras e indicam quais serão comercializadas e quais estão em acesso aberto. Os livros digitais e eletrônicos disponibilizados no portal possuem duas modalidades de acesso: a) acesso aberto, o usuário poderá realizar o *download* da obra completa; b) venda de licença de uso, isto é, os livros são operados sob a licença *Creative Commons*. Os livros digitais e eletrônicos que são comercializados não possuem DRM. Em seguida, na Figura 35, um exemplo de obra que está disponível em acesso aberto (SCIELO, 2015).

⁴⁰ Disponível em: < <http://books.scielo.org/>>. Acesso em: 21 ago. 2015

Figura 35: Exemplo de uma obra digital e eletrônica do SciELO Livros

The screenshot displays the SciELO Books interface. At the top, there are language options: Português, Español, and English. The SciELO Books logo is prominently featured. Below it, the book title 'Saúde Brasil 2030' is shown, along with a breadcrumb trail: Home / Search / A saúde no Brasil em 2030: desenvolvimento produtivo e complexo da saúde - Vol. 5. The book cover image is visible on the left. To the right, the book's title is repeated: 'A saúde no Brasil em 2030: desenvolvimento produtivo e complexo da saúde - Vol. 5'. Below the title, the following details are listed: Corporate Author: Fundação Oswaldo Cruz; Coordinator: Gadelha, Paulo; Organizer: Noronha, José Carvalho de et al.; Collaborator: Gadelha, Carlos A., Grabis et al.; Publisher: Saúde Brasil 2030; Language: Portuguese; Year: 2013; Pages: 196; ISBN: 9788581100067; eISBN: 9788581100197; DOI: http://dx.doi.org/10.7476/9788581100197. A 'Download' section offers two options: 'Book in PDF' and 'Book in EPUB'. Social media sharing buttons for Google+, Twitter, Facebook, and Share are present. A 'Synopsis' section follows, describing the book's content. Below that is a 'Table of Contents' with links to 'Front Matter / Elementos Pré - textuais / Páginas Iniciais', 'Prefácio', 'Apresentação', and the main chapter 'A dinâmica de inovação e a perspectiva do CEIS para a sustentabilidade estrutural do sistema de saúde brasileiro', each with a 'Preview' and 'PDF' option.

Fonte: SciELO Livros, 2015.

3.7.3.2 Portal de Periódicos Capes

O Portal de Periódicos Capes é considerado um dos principais programas brasileiros de difusão de produção científica nacional e internacional. Ele tem como missão promover o fortalecimento dos programas de pós-graduação no Brasil através da democratização do acesso *on-line* à informação científica nacional e internacional.

Ele foi lançado em novembro de 2000, no mesmo momento em que se iniciava a criação das bibliotecas virtuais e quando as editoras começavam o processo de digitalização dos seus acervos. O Portal tinha como uma de suas principais metas suprir o déficit de acesso das bibliotecas brasileiras à informação científica internacional, visto que o custo seria alto para atualizar todo acervo científico em formato impresso de todas as universidades de ensino superior federal. Sendo assim, ele se destina a atender às demandas dos setores acadêmico, produtivo e governamental e propicia o aumento da produção científica nacional e o crescimento da inserção científica brasileira no exterior (CAPES, 2015).

O Portal oferece acesso a textos completos disponíveis em periódicos brasileiros e estrangeiros, e às diversas bases de dados de referências e resumos de trabalhos acadêmicos e científicos, normas técnicas, patentes, teses e dissertações, livros digitais e eletrônicos, de acordo com as áreas do conhecimento (Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar) delineadas pela

Capes. O seu conteúdo é livre e gratuito e se destina aos professores, pesquisadores, alunos e funcionários vinculados às instituições participantes. O Portal poderá ser acessado via Internet nos terminais localizados nessas instituições ou por elas autorizados. A Figura 36 representa a interface do Portal de Periódicos CAPES/MEC.

Figura 36: Interface do Portal de Periódicos CAPES/MEC



Fonte: Portal Capes, 2015.

A Capes disponibilizou, em setembro de 2012, um novo recurso na página inicial do Portal. Além das pesquisas por assunto, periódico e base, os usuários podem consultar os livros digitais e eletrônicos assinados pela Capes através da busca por livros. O usuário tem as opções de digitar o título do livro ou selecionar na lista alfabética, como pode ser observado na Figura 37:

Figura 37: Interface do Portal de Periódicos Capes/MEC por meio da busca por livro



Fonte: Portal Capes, 2015

O Portal também oferece por meio da busca por livros, a opção de busca avançada. Essa alternativa permite a realização de uma consulta mais específica por uma palavra no título, autor, editor ou pelo *International Standard Book Number (ISBN)*. O usuário visualiza dezessete possibilidades de editores/fornecedores de diferentes áreas do conhecimento, além da opção de livros em português. A seguir, na Figura 38, a interface da busca avançada dos livros digitais e eletrônicos do Portal Capes.

Figura 38: Interface do Portal de Periódicos Capes/MEC por meio da busca avançada por livro



Fonte: Capes, 2015.

Magalhães (2013) realizou em sua pesquisa a identificação das editoras/ fornecedoras que atuavam no Portal Capes em 2013 com os seus respectivos quantitativos de títulos. O Quadro 3 retrata a comparação dos dados coletados em 2013 com os que foram extraídos no ano de 2015.

Quadro 3 - Editoras/Fornecedoras de Livros Digitais e Eletrônicos no Portal Capes nos anos 2013 e 2015

| Editoras/ Fornecedoras | Quantidade de LDEs em 2013 | Quantidade de LDEs em 2015 |
|---|-----------------------------------|-----------------------------------|
| <i>ACM Digital Library</i> | 33 | 33 |
| <i>Alexander Street Press</i> | 32.898 | 33.743 |
| <i>American Psychological Association</i> | 1.904 | 317 |
| <i>ASTM Standards and Engineering Digital Library</i> | 1.624 | 1.624 |
| <i>Bigell House</i> | | 12 |
| <i>Bioone</i> | 1 | |
| <i>DOAB Directory of Open Books</i> | | 2.268 |
| <i>EBSCOhost</i> | 1.768 | 1.792 |
| <i>Elsevier Science Direct</i> | 681 | 706 |
| <i>Galegroup</i> | 184.437 | 184.560 |
| <i>IEE Xplore</i> | 18.584 | 21.592 |
| <i>Livros em português</i> | 93 | 92 |
| <i>McGray Hill Acess</i> | 3 | 3 |
| <i>Miscellaneous Free eBooks</i> | | 1.398 |
| <i>NCBI</i> | | 1.730 |
| <i>OECD iLibrary</i> | 8.088 | 8.555 |
| <i>Open Edition Books</i> | | 1.019 |
| <i>Optical Society of America</i> | | 234 |
| <i>SPIE Digital Library</i> | 6.938 | 6.909 |
| TOTAL | 257.052 | 266.587 |

Fontes: Magalhães, 2013; Capes, 2015

Por meio dessa comparação, pode-se verificar:

- A inserção de seis (6) novas editoras/fornecedoras (*Bigell House*, *DOAB Directory of Open Access Books*, *Miscellaneous Free eBooks*, *NCBI*, *Open Edition Books* e a *Optical Society of America*) no Portal;
- A editora *Bioone* não tem mais participação no Portal;
- Três (3) editoras/ fornecedoras mantiveram a mesma quantidade de publicações (*ACM Digital Libray*, *Digital Library* e a *McGray Hill Acess*);

- Duas diminuíram a oferta de títulos disponibilizados (*American Psychological Association* e a *SPIE Digital Library*), além dos livros na língua portuguesa tiveram um leve declínio de menos uma obra;
- Seis (6) editoras/fornecedoras obtiveram um aumento de publicações digitais e eletrônicas (*Alexander Street Press*, *EBSCOhost*, *Elsevier Science Direct*, *Gaegroup*, *IEE Xplore* e a *OECD iLibrary*);
- O número total de livros digitais e eletrônicos disponibilizados no Portal Capes, entre os anos de 2013 e 2015, aumentou em 9.535 títulos, isso é equivalente a 10,3% da coleção atual.

De acordo com os dados levantados, acredita-se que os LDEs poderão ganhar mais notoriedade dentro do Portal nos próximos anos e que possivelmente mais editoras/fornecedoras irão fazer parte desse projeto. Magalhães (2013) observa que há discrepância no quantitativo de livros em português em comparação a outros idiomas e que é necessário que se realizem estudos sobre a qualidade dos livros digitais e eletrônicos que se encontram no Portal Capes. Acredita-se que também é relevante a ocorrência de pesquisas que retratem a estatística de uso dos LDEs no Portal, com os objetivos de mapear as áreas do conhecimento mais consultadas e as editoras/fornecedoras com maior aderência pelos usuários.

3.7.3.3 Portal do Livro Aberto em CT&I

O Portal do Livro Aberto é um serviço do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e foi criado através de financiamento da então Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), atual Agência Brasileira de Inovação. Ele tem como origem o projeto Portal do Livro Didático Eletrônico (PLDE) apresentado pelo IBICT à FINEP em 2005 (IBICT, 2015).

Intencionando atender às demandas de alunos, pesquisadores, docentes e profissionais de informação, que necessitavam uma maior diversidade do conteúdo digital, o IBICT digitalizou um conjunto de livros publicados na versão impressa, que estavam esgotados e os disponibilizaram no Portal (IBICT, 2015).

O lançamento da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2012-2015 permitiu que o IBICT atuasse na organização e disseminação de publicações oficiais brasileiras no ambiente digital. Desta forma, o Portal incorporou as publicações oficiais editadas pelos órgãos do Poder Executivo e Legislativo Federal (IBICT, 2015).

Desta forma, o Portal do Livro Aberto em CT&I tem o objetivo de reunir, divulgar e preservar as publicações oficiais em ciência, tecnologia, inovação e os livros de Ciência da Informação publicados pelo IBICT. (IBICT, 2015). A Figura 39 apresenta a interface do Portal do Livro Aberto em CT&I.

Figura 39: Interface do Portal do Livro Aberto em CT&I



Fonte: IBICT, 2015.

O Portal do Livro Aberto em CT&I é subdividido entre dois grandes temas: a) Ciência da Informação composta por 63 obras; b) Ciência, Tecnologia e Inovação formada por 474 títulos, que é subdividido em 17 coleções.⁴¹ Os comandos de busca disponíveis no Portal⁴² são: autor, assunto e data de publicação.

⁴¹ As coleções são: Aeroespacial, Biodiversidade (Fomento de economia verde), Biotecnologia (Fronteiras para inovação), Complexo industrial da defesa, Energia (Fomento de economia verde), Fármacos e complexo industrial da saúde, Gestão da Informação em C&T, Inclusão produtiva e tecnologia social (CT&I para o desenvolvimento social), Mudanças climáticas (Fomento de economia verde), Nanotecnologia (Fronteiras para inovação), Nuclear, Oceanos e zonas costeiras (Fomento de economia verde), Petróleo e Gás, Popularização da CT&I e melhoria do ensino de ciências (CT&I para o desenvolvimento social), Tecnologia da Informação e Comunicação TICs, Tecnologias assistivas (CT&I para o desenvolvimento social) e Tecnologias para cidades sustentáveis (CT&I para o desenvolvimento social). Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

⁴² Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

4 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas universitárias são organizações complexas, com inúmeras funções e uma série de produtos, serviços e procedimentos que foram modificadas e se aprimorando no decorrer das épocas. Contudo, o seu propósito fundamental se manteve: proporcionar o acesso ao conhecimento (CUNHA, 2010).

Essas bibliotecas, juntamente com as suas instituições mantenedoras, são as responsáveis pelo fornecimento e pela preservação do conhecimento registrado. Duarte (2005) analisa que, a partir desses princípios, tanto as bibliotecas como as universidades voltaram-se para suprir as necessidades educacionais, culturais e científicas de sua comunidade, com perspectiva de que esta compartilhe ideias e que produza novos conhecimentos.

Anzolin e Corrêa (2008) afirmam que a universidade é um local que permite que ocorra o despertar do pensamento crítico por meio do conhecimento dali advindo. Os autores relatam que foi a partir do século XIX que as pesquisas foram incorporadas ao ambiente acadêmico, e que desta forma, além de cultivar e transmitir o conhecimento acumulado, ela se tornou um ambiente do despertar científico. Para a realização dessa nova empreitada, a biblioteca universitária é imprescindível dando suporte bibliográfico e documental e é indispensável no processo da pesquisa, do estudo e conseqüentemente, na produção do conhecimento.

Para que ocorra uma maior compreensão das bibliotecas universitárias é relevante que se faça uma análise da conjuntura histórica do surgimento das universidades e das bibliotecas.

Martins (1996) aponta que um dos principais acontecimentos da Idade Média é a fundação das universidades. As universidades mais notáveis são: a Universidade de Bolonha na Itália; e posteriormente, a Universidade Sorbonne em Paris, reconhecida como o “Centro filosófico e teológico do mundo”. O surgimento destas instituições mudaria os destinos das civilizações e permitiria a ocorrência da laicização na cultura ocidental. Porém, Anzolin e Corrêa (2008) discorrem que as universidades se originaram sob forte influência da Igreja e, por consequência, as bibliotecas ligadas a estas instituições eram locais onde o conhecimento permanecia guardado, o acesso era restrito e a prática do furto de livros era constante.

As bibliotecas, desde os seus primórdios, eram designadas a guardar os registros do conhecimento da época em que estavam inseridas. Historicamente, elas sempre acompanham as mudanças e evoluções promovidas pelas tecnologias da informação da sua época. Desde os materiais em argila, rolos de papiro e pergaminho, suportes impressos, publicações

eletrônicas, bases de dados bibliográficos, bibliotecas digitais e os livros digitais e eletrônicos (MORIGI; SOUTO, 2005; CUNHA, 2000).

Tanto as bibliotecas da Antiguidade como as da Idade Média eram locais de depósito de documentos, com um sistema deficitário de recuperação da informação e com acesso restrito. No período medieval, a Igreja retinha o monopólio do conhecimento e, nesse contexto, as bibliotecas eram comandadas pelo clero e somente as ordens religiosas e pessoas que fossem aceitas por elas tinham acesso aos materiais (MORIGI; SOUTO, 2005). Como destaca Burke (2003, p. 56):

[...] dentro das universidades [a biblioteca] começava a rivalizar com a sala de conferências, pelo menos em certos lugares. A Universidade de Louvain ainda declarava em 1639 que uma biblioteca era desnecessária porque ‘os professores são bibliotecas ambulantes’, mas em Leiden, ao contrário, a biblioteca abria duas vezes a semana e os professores às vezes emprestavam as suas chaves aos estudantes.

É nesta realidade que surgem as primeiras bibliotecas universitárias que, apesar de estarem sob o domínio da Igreja, promoveram a ampliação dos seus conteúdos temáticos além da religiosidade. Foram essas bibliotecas que se aproximaram do atual conceito de biblioteca, ou seja, um local onde se promove o acesso e a disseminação democrática à informação (MORIGI; SOUTO, 2005). Como ressalva Martins (1996), no momento em que estas unidades informacionais passam de acesso fechado para o “livre acesso às estantes”, pode ser visto como um avanço para leitor que passa a ter o domínio sobre as escolhas das obras que queria folhear e ler. A partir dessa posição, acredita-se que a função da biblioteca universitária é proporcionar assistência estrutural, bibliográfica, informacional às atividades da universidade, centrando as suas atividades nas necessidades informacionais do indivíduo que esteja inserido na comunidade acadêmica (TARAPANOFF, 1981).

Cunha (2000) relata que as bibliotecas universitárias integram a estrutura das universidades, e que essa integração é reconhecida como instrumento importante para o ensino e a pesquisa. Lemos e Macedo (1975) acrescentam que, além de auxiliar o ensino e a pesquisa, a biblioteca desempenha o papel educacional. Nesse sentido, ela não pode ser vista somente como um local de depósito de livros de salas de leitura, mas como um espaço dinâmico de ensino, que permita que os seus usuários tenham todas as possibilidades e mecanismos para adquirir as informações que desejarem. Desta forma, a biblioteca universitária cumpre o seu papel de intermediadora entre o conhecimento acadêmico e os seus usuários.

Tradicionalmente, as práticas dos bibliotecários eram direcionadas ao tratamento de documentos impressos e localizadas em bibliotecas e centros de documentação (CUNHA, 2000). Contudo, os avanços das tecnologias de informação e comunicação permitem que os usuários desempenhem uma maior autonomia e interatividade nos serviços mediados pelos bibliotecários na busca pela informação. Assim, as bibliotecas universitárias vão deixando de ser a principal fonte de pesquisa. As TICs se encontram inseridas em todas as facetas da nossa civilização e estão não só revolucionando a forma de armazenar e transmitir a informação, mas também os mecanismos de procura e de acesso aos documentos (CUNHA, 2010). Diante dessa realidade, as bibliotecas universitárias se veem diante do desafio de acompanharem as rápidas alternâncias que estão ocorrendo em todos os campos sociais e se adequarem com o novo perfil de usuários que aparecem com necessidades e exigências reformuladas.

Morigi e Pavan (2004) relatam que as unidades informacionais estão passando por um momento de “transição” entre os procedimentos “tradicionais” – que se caracterizam pela utilização de práticas que tinham como base os registros impressos – para a constituição de novas práticas mais “modernas”, alicerçadas no uso das tecnologias de informação e comunicação. Estas tecnologias estão permitindo o rápido acesso à informação, a consulta multiusuária de documentos (livros, periódicos, dissertações e teses, documentos oficiais, entre outros) e concedem o aperfeiçoamento dos serviços oferecidos e a criação de novos. A exemplo disso, tem-se serviços de referência *on-line*, acesso a bases de dados gerais e especializados e algumas bibliotecas mantêm disponíveis as informações nos suportes impresso e digital, como o sistema de catálogo *on-line* e catálogo de fichas manuais.

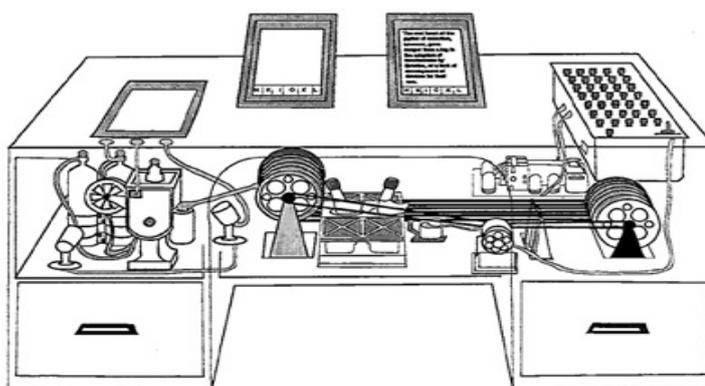
Os progressos tecnológicos, aliados à interdisciplinaridade e à fragmentação do conhecimento, possibilitam o surgimento de um novo “tipo” de biblioteca. Ela não terá como uma de suas principais características a dependência institucional, tampouco um padrão único para disposição de produtos e serviços, visto que eles serão diversificados; e também pela modalização dos suportes informacionais. “As palavras de ordem nesse período são: flexibilidade, adaptabilidade, interdependência e cooperação” (ANZOLIN; CORRÊA, 2008, p. 807). Diante dessa realidade, surgem as bibliotecas digitais como são concebidas e tratadas atualmente. No entanto, a ideia de armazenar em um único local documentos de distintos formatos remete para os meados do século XX.

O engenheiro e militar Vannevar Bush é considerado como idealizador das bibliotecas digitais, por imaginar em guardar e acessar em um único repositório documentos de diferentes formatos, e também do *hiperlink* (ou hipertexto) por conceber a vinculação de textos. Ele publicou na revista *Atlantic Monthly* em 1945 o seu ensaio *As we may think* no qual apresenta

o Memex (Memória Expandida). Segundo este idealizador, a informação poderia ser acessada em qualquer local, a qualquer momento. O Memex seria uma máquina de leitura digital que poderia ser considerada um reservatório multimídia, que abrangeria distintos suportes e formatos (SERRA, 2014; PROCÓPIO, 2010).

A máquina seria capaz de armazenar e recuperar uma grande quantidade de documentos microfilmados e em fitas magnética, além da possibilidade de inserir anotação ao texto, fazendo com que a leitura se tornasse mais dinâmica. O grande objetivo do Memex é atuar semelhantemente à mente humana que trabalha com memórias associativas, nesse caso, o usuário poderia interconectar os documentos (MAGALHÃES, 2013).

Figura 40 - Protótipo do Memex



Fonte: Flatschart (2012 *apud* Serra, 2014).

As ideias de Vannevar Bush foram aprimoradas e concebidas no final do século XX e no início do XXI, graças aos avanços das TICs que impulsionaram a oferta de inúmeros tipos de serviços de informação e de distintas possibilidades de estruturação e de acesso aos repositórios informacionais.

Rosetto (2008) apresenta a definição de biblioteca digital da *Digital Library Federation* considerada uma das mais consagradas no estudo referente às bibliotecas digitais: “bibliotecas digitais são organizações, que disponibilizam recursos para seleção, estruturação, interpretação, distribuição e disponibilização de objetos digitais, e que devem zelar por sua integridade/autenticidade, de forma que sejam acessíveis a baixo custo para a comunidade”. O advento desse novo tipo de biblioteca está permitindo que o acesso à informação seja mais democrático e que ocorra a reformulação da atuação e de prestação de serviços tanto nas universidades, como nas suas respectivas bibliotecas.

Independente da época, tipo ou localidade a biblioteca universitária continuará mantendo a sua principal função de apoiar o ensino, a pesquisa e a educação e se ajustará de

acordo com os objetivos da instituição que a mantém e será influenciada e interagirá com o meio ambiente de que faz parte. Esta constatação pode ser vista quando Miranda (1978b) apresenta os aspectos das bibliotecas públicas que podem ser enquadrados nas universitárias e permitem a compreensão que, independente da década em que a biblioteca esteja inserida, os seus elementos essenciais e suas principais características não mudaram.

A biblioteca [...] é uma célula viva capaz de ajustar-se a um plano diretor ou a um sistema geral sem perder de vista os seus próprios objetivos, sem renunciar a satisfazer as necessidades peculiares de seus próprios usuários (MIRANDA, 1978b, p.69).

Lemos e Macedo (1975) relatam que há várias formas de organização das bibliotecas universitárias. Os autores afirmam que não existe uma unanimidade quanto a que seja melhor dentre elas. Qualquer uma deverá basear-se num conjunto de dados concretos e a eficiência econômica. Desta forma, as bibliotecas universitárias são organizadas em:

a) Biblioteca central:

- Biblioteca central única;
- Biblioteca central coordenada às bibliotecas departamentais;
- Biblioteca central sendo a responsável pela aquisição e pela alocação dos profissionais que atuam nas bibliotecas departamentais, mas sem caráter metódico.

b) Bibliotecas departamentais:

- Bibliotecas departamentais, sem coordenação, ao lado de um “serviço central de informações bibliográficas”;
- Bibliotecas ligadas a faculdades, institutos, centros ou departamentos são organizações autônomas.

Lemos e Macedo (1975) afirmam que as bibliotecas departamentais são a grande tendência na organização das bibliotecas universitárias brasileiras. Essa particularidade reflete o processo histórico de formação das universidades no Brasil que foram compostas a partir da união de unidades de ensino isoladas em diferentes momentos e contextos.

As bibliotecas departamentais, ao longo dos anos, passaram a ganhar outras denominações na literatura da Biblioteconomia, como bibliotecas setoriais e bibliotecas descentralizadas e com avanços da tecnologia e com o desenvolvimento industrial no início do século XX surgiu o conceito de biblioteca especializada (VOLPATO; BORENSTEIN, 2000).

Salasário (2000) realiza uma revisão de literatura sobre os conceitos, terminologias, objetivos e funções inerentes às bibliotecas especializadas. De acordo com a autora, há poucos

trabalhos recentes sobre o assunto, a maioria se encontra na literatura da Biblioteconomia e da Ciência da Informação das décadas de 70 e 80 do século XX. Através de sua pesquisa, pode pontuar que a biblioteca especializada se caracteriza por um acervo mais seletivo, se dedicando a publicações sobre um assunto ou um grupo de temas em particular. Sendo assim, o seu objetivo é fornecer para o usuário a informação relevante de um determinado campo do conhecimento.

Diante dessa contextualização, se permite refletir que uma biblioteca dedicada à Farmácia possa ser definida como uma biblioteca especializada, na medida em que o seu acervo será composto por obras que atendem diretamente aos alunos e aos professores que se dedicam e atuam diante dessa área do conhecimento.

Para que se possa compreender a maneira como é o ensino de Farmácia, com as suas áreas de atuação, estrutura e organização nos dias atuais, foi necessário efetuar um breve levantamento histórico sobre essa área do conhecimento.

O primeiro registro histórico sobre a Farmácia refere-se aos estudos científicos das plantas realizados por Teofrasto (370- 285 a.C). Ele é considerado o “pai da botânica” e visto na história como um dos principais farmacêuticos que exerceu a profissão com brilho e segurança. Outra personalidade importante na História da Farmácia é o médico Dioscórides, que através da sua obra “De matéria médica” iniciou os estudos sobre Farmacognosia e contribuiu para esquematizar por categorias os fármacos e relacioná-los com os efeitos fisiológicos no corpo humano (RODRIGUES, 2009).

Segundo esse mesmo autor, no ano de 431, ocorreu um fato religioso que foi determinante para o avanço dos estudos de Medicina e Farmácia. Nestório, patriarca de Constantinopla, realizou uma interpretação das Escrituras que distinguia a natureza divina e humana de Cristo, negando a maternidade divina de Maria. Este fato lhe valeu a condenação por herege e o exílio; já os seus seguidores, os nestorinos, foram expulsos do império bizantino em 489. Entre os emigrados, contavam-se médicos e outros homens da ciência, que levaram consigo muitas obras científicas em grego. Eles estavam convictos com a ideia de alcançar o bem-estar do ser humano, separaram a arte de curar em duas - a Medicina que estudava os enfermos e a Farmácia que preparava os medicamentos e instituem o código farmacêutico que foi o fio condutor das bases da Farmácia Moderna (RODRIGUES, 2009).

A Separação legal de fato das duas profissões ocorreu primeiramente em Arles, na França, onde as determinações municipais, em 1162, exigiram que as áreas da Farmácia e da Medicina tivessem atuações próprias.

A origem da Farmácia no Brasil remete para a vinda da família real portuguesa em 1808, quando o príncipe regente D. João funda a Escola de Medicina na Bahia e a Escola de Medicina, Anatomia e Cirurgia do Rio de Janeiro. O surgimento do ensino superior no país desencadeia a necessidade de centros e laboratórios de pesquisa, como o laboratório de análises químicas⁴³ criado em 1812.

A implementação definitiva do ofício farmacêutico no Brasil ocorreu em outubro de 1832, quando a regência instituiu o curso de Farmácia em três anos junto à Faculdade de Medicina. Inicia-se assim a vida científica da Farmácia no país e sendo a base embrionária para a Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Outro marco importante na história da Farmácia no Brasil é a inauguração, em 20 de janeiro de 1916, da Associação Brasileira de Farmacêuticos (ABF) à qual se devem as conquistas que resultaram em um grande progresso para a classe farmacêutica no país. Entre as suas empreitadas e contribuições, pode-se citar: o patrocínio da primeira edição da Farmacopeia Brasileira, participação efetiva para a legislação profissional e para a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Farmácia e participação nas reformas de ensino de Farmácia (RODRIGUES, 2009).

Atualmente, o curso de Farmácia se vê presente na maioria das instituições superiores brasileiras de âmbitos público e particular. De acordo com a Base *e-MEC*, o Brasil possui regularizadas trezentas e oitenta e três (383)⁴⁴ IES que oferecem o referido curso. Acrescenta-se que, de acordo com a tabela⁴⁵ das áreas de conhecimento da Capes, a área da Farmácia se enquadra como uma subárea da Ciência da Saúde.

4.1 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS

A partir da vinda da Família Real portuguesa em 1808 para o Brasil, o país se torna sede da coroa de Portugal e essa mudança impulsiona a realização de medidas administrativas, econômicas e culturais para o estabelecimento de uma infraestrutura para o funcionamento do império (SANTOS, 2012).

⁴³O primeiro laboratório de análises químicas foi fundado por D. João e conhecido como “Laboratório Químico Prático do Rio de Janeiro”.

⁴⁴ Levantamento realizado pela autora na Base *e-MEC* nos meses de novembro e dezembro de 2014.

⁴⁵A tabela das áreas de conhecimento da Capes tem o objetivo de proporcionar às instituições de ensino, pesquisa e inovação maneiras funcionais de sistematizar e prestar informações relevantes para a fomentação de projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos gestores da área da ciência e tecnologia. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_072012.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

Dessa forma, as primeiras instituições de ensino superior são criadas para atender às demandas da administração pública do país, como ocorre nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador. Nessas localidades, são construídos, em 1808, os primeiros estabelecimentos de ensino médico-cirúrgico do país para a formação de cirurgiões-militares. Já em outros municípios, vários cursos são criados e mantidos pela coroa portuguesa ao longo do século XIX e serão eles que darão origem às escolas e faculdades que vão constituir o conjunto de instituições superiores até a República (MENDONÇA, 2000).

De um modo geral, foram poucas as iniciativas do governo Imperial no estabelecimento e incentivo do ensino superior no país, limitando-se à manutenção das instituições e à sua regulamentação. Castro Filho (2008) apresenta que a trajetória das bibliotecas universitárias no Brasil reflete a falta de estímulo que tinha a educação superior no país, além da forte influência da Igreja Católica e do espírito colonialista e escravocrata. Uma das consequências dessa conjuntura é que o Brasil é um dos últimos países da América Latina a ter uma universidade. A primeira instituição oficial brasileira de ensino superior, denominada Universidade do Brasil, foi criada em 1920 no Rio de Janeiro.

No ano de 1931, surge a primeira Legislação Universitária Brasileira que permite que diplomados exerçam profissões liberais sob fiscalização ministerial e a profissão de bibliotecário é beneficiada pela Lei. Sendo assim, surge a necessidade de ter profissionais que tenham habilidades e competências para atuarem nas bibliotecas e que estimulem o crescimento das mesmas (SANTOS, 2012).

A mesma autora relata que as bibliotecas universitárias brasileiras surgiram de forma paulatina. Primeiramente, no ano de 1947, cria-se a Biblioteca Central da Universidade de São Paulo, desenvolvendo o serviço de catálogo coletivo de livros e periódicos. No ano de 1953, a Biblioteca da Universidade de Recife promove o serviço central de bibliotecas (aquisição e processamento técnico). Já em 1960, a Biblioteca da Universidade Federal da Bahia inicia o Serviço Central de Informação Bibliográfica.

Lemos e Macedo (1975) mencionam que, desde 1963, o Conselho Federal de Educação exige que para as universidades terem os seus cursos reconhecidos, é necessária a existência de uma biblioteca. Porém, o mesmo Conselho em seu Parecer n. 627/71, não exige a obrigatoriedade de um bibliotecário habilitado como condição para a autorização e reconhecimentos dos cursos. No ano de 1968, surge a Lei da Reforma Universitária (Lei, n. 5.540, 28/11/1968) que trata das novas organizações das universidades, no entanto, as bibliotecas universitárias não foram mencionadas.

De acordo com Silva (2010), essa Lei está diretamente ligada à nova reorganização do ensino superior implementada pelo Regime Militar (1964-1984), cuja principal característica era o excessivo controle do sistema educacional, além da forte influência estrangeira, tal como a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que tinha como objetivo elaborar uma série de planos para reestruturar e ampliar o sistema universitário brasileiro. Sendo assim, mesmo que as bibliotecas universitárias não estivessem nessa Reforma Universitária, trabalhos e relatórios foram elaborados posteriormente por consultores estrangeiros e entregues ao governo brasileiro que relatavam uma série de recomendações, como:

[...] integração ao Centro básico, onde as instalações deveriam estar bem no centro do *campus*, de modo que os acessos irradiassem dela para todas as direções; atuação como biblioteca central; institucionalização da biblioteca central enquanto órgão suplementar; exigência da biblioteca para autorização e reconhecimento de cursos (SILVA, 2010 p. 8).

A Reforma Universitária, ocorrida em 1968, possibilitou um crescimento nunca antes visto no ensino superior brasileiro, em consonância com os investimentos em tecnologia e pesquisas científicas. No entanto, Miranda (1978a) relata que depois de 10 anos da Reforma, as bibliotecas universitárias passam por dificuldades elementares diante da administração, organização e implementação de seus serviços e produtos. O autor aponta, por exemplo, a falta de mudanças significativas para facilitar a execução de serviços e a aquisição de materiais bibliográficos. A administração das bibliotecas, de um modo geral, não possui uma estrutura unificada, isto é, não há critérios comuns ajustáveis às distintas situações e estágios de desenvolvimento e a “centralização” das bibliotecas, em muitos casos, foi feita de forma autoritária, sem estudos preliminares e bem fundamentada.

Castro Filho (2008) retrata que, na década de 70 do século XX, se proliferaram no Brasil instituições de ensino superior, principalmente as particulares, sendo assim, aumentou consideravelmente o quantitativo de bibliotecas universitárias, mesmo que esse tal fenômeno tenha ocorrido de forma desorganizada e sem critérios de avaliação do MEC; somente em 1990 se obtiveram propostas mais definidas para a criação dos cursos superiores e, estabeleceu-se, uma plataforma elaborada para concepção de bibliotecas universitárias.

Santos (2012) acrescenta que, a partir de 1970, também se iniciaram no país várias discussões que tiveram como pauta os estudos técnicos, a infraestrutura, valorização e financiamento para as bibliotecas universitárias. Ocorre, em 1972, o primeiro Encontro Nacional de Diretores de Bibliotecas Centrais Universitárias e cria-se a Comissão Nacional de

Diretores de Bibliotecas Centrais Universitárias (CNBU). Já no ano de 1974, é fundada a Associação Brasileira de Bibliotecas Universitárias (ABBU), que objetiva fornecer apoio às bibliotecas universitárias brasileiras federais, estaduais e particulares. Em 1978, origina-se a Comissão de Bibliotecas Universitárias (CBU) ligada à Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) e realiza-se o primeiro SNBU. No mesmo ano, na esfera da Capes, é criada a Assessoria de Planejamento Bibliotecário e, segundo Carvalho (2004 *apud* SILVA, 2010, p.7), o seu objetivo é:

[...] elaborar e julgar projetos, dar consultorias às bibliotecas e promover programas, cursos e encontros e subsistemas que garantam uma evolução mais racional, interdependente e interdisciplinar das bibliotecas universitárias, em colaboração com outros organismos especializados.

O fim do Regime Militar e a abertura política na década 1980 no Brasil fez emergir uma elevação da produção científica referentes aos movimentos sociais. Seguindo essa linha, se proliferou no país estudos e pesquisas na área da Biblioteconomia, sobre os papéis social e político das bibliotecas. Tais discussões fizeram surgir uma consciência renovada, voltada para uma concepção social do papel das bibliotecas (SILVA, 2010).

De acordo com essa mesma autora, no ano de 1986, é criado o primeiro Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU), composto por 12 diretrizes e 46 ações, a sua elaboração e implementação teve uma ampla participação de bibliotecários. Apesar de o Plano ter obtido um grande reconhecimento pela classe bibliotecária e com objetivos pautáveis e favoráveis às bibliotecas universitárias, as suas diretrizes e ações não chegaram a ser executadas. Acredita-se que as crises econômica e política instauradas no Brasil em 1989 contribuíram para dificultar a sua aplicação.

As transformações ocorridas no Brasil, durante a década de 80 do século XX, também foram sentidas nas bibliotecas universitárias. As mudanças ocorridas nesses ambientes seguem as modificações que acontecem em suas instituições mantedoras, provocadas pelas alterações sociais, econômica e tecnológica, além da disponibilização da informação em rede e da socialização do conhecimento. É nesse momento de transição que os profissionais bibliotecários se veem diante dos exercícios tradicionais de sua profissão e a formação de novas tarefas provocadas pelo uso das tecnologias da informação e comunicação (SANTOS, 2012).

Os avanços provocados pelas TICs permitem a reprodução de novos modelos de biblioteca: híbrido, digital, virtual e eletrônica e favorecem a troca informacional em rede.

Esse câmbio do conhecimento é extremamente favorável para as Universidades que se mantêm vivas e atuantes quando os seus docentes, discentes e pesquisadores semeiam e produzem conhecimento. É a partir dessa realidade que a biblioteca universitária possui um papel fundamental para o cumprimento dessa ação, na medida em que é o seu dever atender às necessidades, os anseios, as expectativas de sua Instituição e da sua comunidade acadêmica.

4.2 LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As tecnologias da informação e do conhecimento estão cada vez mais presentes nas bibliotecas universitárias e estes avanços tecnológicos estão modificando os mecanismos utilizados pelos bibliotecários em disponibilizar a informação e permitindo uma melhor capacidade de oferecer seus produtos e serviços, já os usuários estão cada vez mais interagindo diante dos novos recursos de acessibilidade que estão sendo concedidos. Dentre as opções tecnológicas na área da disseminação do conhecimento, emergiu o livro digital e eletrônico, um material que é desprendido do ambiente físico e que estabelece desafios e discussões. Estar inserido dentro desse processo de transição tecnológica informacional é estimulador para as bibliotecas universitárias, cabe a elas realizar estudos e planejamentos para superar as instigações que o LDE exige.

De acordo com Córdon-García; Arévalo e Díaz (2013) as obras de referências foram as primeiras coleções a serem disponibilizadas em formato digital e eletrônico, em seguida vieram os periódicos e recentemente os LDEs. Os livros digitais e eletrônicos, na década de 90 do século XX, eram gerados a partir de digitalização de obras e vistos somente como materiais complementares para a consulta e confirmação de um dado. Porém, o LDE vem acompanhando as mudanças provocadas pelo impacto das redes tecnológicas, sendo assim, ele passa de um simples material complementar para um objeto que traduz a evolução na forma de escrever e de ler.

Vasileiou, Rowley e Hartley (2012) apontam que esses materiais têm grande capacidade de auxiliar no ensino e no aprendizado. Eles podem atrair a comunidade acadêmica através dos seus mecanismos interativos e serem grandes potenciais para modificar a forma como a informação é mostrada, como ocorreu com os periódicos eletrônicos.

Silva (2013) afirma que, primeiramente, os bibliotecários têm que pensar nas vantagens e desvantagens dos livros digitais e eletrônicos. A alternativa de atender às demandas sem as barreiras de tempo e espaço, permitindo uma maior democratização do acesso à informação é uma vantagem relevante desses materiais. No entanto, diante da escolha de um modelo de negócio que não seja compatível com os anseios da biblioteca, a

vantagem se perde. Além do mais, o alto custo dos LDEs em conjunto com as restrições impostas pelas editoras, em muitos casos, inviabiliza a aquisição.

Diante desse cenário, é função desses profissionais terem a compreensão se a inserção dessa nova coleção atende às necessidades e exigências dos seus usuários e é compatível com a realidade da biblioteca. Ressalva que decisões executadas em relação ao acesso e à disponibilidade dos livros digitais e eletrônicos poderão influenciar a forma como os seus usuários se relacionam com esses materiais. Desta forma, é relevante que haja discussões constantes e políticas associadas às coleções de livros digitais e eletrônicos para que ocorra a devida adequação entre os LDEs e a comunidade.

Verifica-se que estudos estão começando a ser realizados por bibliotecários que atuam nas bibliotecas universitárias brasileiras sobre a implementação dos livros digitais e eletrônicos em suas unidades informacionais (ARAÚJO *et al.*, 2014; MONTANA; CORREA, 2014; NASCIMENTO JUNIOR, 2014; LIMA; LESSA, 2014).

Entre essas pesquisas, o trabalho realizado por Montana e Correa (2014) enumera as reflexões que foram relevantes para a decisão de aplicar recursos financeiros diante dessas novas publicações. Acredita-se que elas podem ser adaptadas para qualquer biblioteca universitária brasileira. Destacam-se as seguintes:

- Necessidade de aquisição de inúmeros exemplares de um mesmo título para atender às diversas unidades da Instituição, que podem estar instaladas em cidades diferentes, na medida em que há possibilidade de cursos idênticos serem oferecidos em mais de um local;
- Efetuar a compra de muitos exemplares de um mesmo título para suprir turmas numerosas;
- Espaço físico limitado para o crescimento da coleção, ocorrência comum em muitas bibliotecas universitárias;
- Averiguar a existência de títulos nacionais solicitados pela comunidade acadêmica na versão impressa, também disponibilizados no mercado no formato eletrônico;
- Verificar a existência de títulos nacionais nas bibliotecas da Universidade que apresentam número expressivo de empréstimos e reservas e que se encontram disponíveis no formato eletrônico.

Uma vez concretizada a ideia de inserir os livros digitais e eletrônicos em seu acervo, os bibliotecários têm a responsabilidade da gestão dessas publicações que implica em grandes esforços em lidar com uma variedade de fornecedores, os distintos formatos, além de dar

conta do controle bibliográfico através do registro *Machine Readable Cataloging* (MARC) e ter conhecimento sobre os canais de acesso e promover os meios mais adequados de difusão.

Cordón-García, Arévalo e Díaz (2011a) relatam que a gestão da coleção de livros digitais e eletrônicos é complexa e não se adequa à gestão eficiente de outros recursos eletrônicos, como os periódicos e as bases de dados, sobretudo porque os sistemas integrados de gestão não se adaptam facilmente aos complexos modelos de negócio dos livros digitais e eletrônicos. Mesmo que a gestão desses materiais e das revistas eletrônicas possam ter algumas similaridades, principalmente por compartilharem as mesmas plataformas de acesso, a realidade de gestão é distinta.

Conforme os resultados da pesquisa realizada por Magalhães (2013), as bibliotecas universitárias brasileiras adotam critérios para selecionar livros digitais e eletrônicos, inclusive utilizando políticas formalizadas que inserem os recursos eletrônicos. Todavia, na prática, estes preceitos não são levados em consideração, principalmente pela dependência que existe no mercado para a formação dessa coleção. De um modo geral, a prática mais comum é aquisição de um “pacote” de títulos, que normalmente é definido pelas editoras e que nem sempre são compatíveis com as expectativas dos bibliotecários e usuários. Realidade retratada por Walters (2013), Vasileiou, Rowley e Hartlhey (2012), Cordón- García, Arévalo e Díaz (2011a) ao mencionarem que o modelo de negócio assinatura por “pacote” de títulos é o mais comum nas bibliotecas universitárias europeias, apesar de a preferência dos bibliotecários ser a seleção por “título a título”.

De modo geral, são os fornecedores que definem todo o processo para a implantação do LDE na biblioteca, que engloba a escolha dos títulos, licenças, restrições DRM, preços, modelos de negócio e plataformas de acesso. Todas essas definições têm que constar no contrato estabelecido entre os interessados. Lima e Lessa (2014) advertem que algumas cláusulas contratuais podem estabelecer a inserção, retirada e atualização de títulos, mediante aviso prévio, porém essa comunicação pode ser falha, o que prejudica trabalhos como os de avaliação das bibliografias das disciplinas em uma IES. O MEC informa através do “Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância⁴⁶” que os cálculos relativos aos critérios de análise bibliográfica básica são diferenciados para as bibliotecas que têm acervo virtual (pelo menos 1 título virtual por unidade curricular), modificando assim, a proporção de alunos por exemplar físico.

⁴⁶Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2012/instrumento_com_alteracoes_maio_12.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

As bibliotecas utilizam uma variedade de métodos disponibilizados pelos fornecedores que permitem assegurar que seus usuários encontrem os livros que buscam por diferentes formas e canais. Os mais recorrentes são: as plataformas de acesso, os catálogos OPAC e os repositórios institucionais.

Walters (2013) descreve que as plataformas de acesso são os mecanismos utilizados pelas editoras e pelos agregadores em disponibilizar os seus conteúdos digitais e eletrônicos. A vantagem das plataformas é que a manutenção é de responsabilidade do fornecedor e não dos bibliotecários, porém como as bibliotecas podem assinar e comprar com vários fornecedores para obter um acervo mais diversificado, bibliotecários e usuários terão que lidar com distintas interfaces, que muitas das vezes, podem ter comandos distintos e dificultar assim, o acesso da coleção completa.

O catálogo OPAC é o meio mais comum utilizado pelos usuários em terem acesso aos LDEs. As editoras fornecem os registros MARC para as bibliotecas com o resumo das obras e o *link* de acesso, contudo é relevante que bibliotecários analisem esses registros antes de inserirem no catálogo, pois pode ocorrer a realização de consertos, mudanças e acréscimos de dados, além da possibilidade de criarem problemas de duplicação e sobreposição dos registros da mesma obra na versão impressa. É fundamental que catalogadores delineiem os procedimentos para a manutenção do catálogo das obras impressas e que possam, em paralelo, definir critérios para a inserção dos registros das publicações digitais e eletrônicas (CORDÓN- GARCÍA; ARÉVALO; DÍAZ, 2011a).

Os repositórios institucionais (RI) exercem um papel fundamental na disseminação da produção científica das instituições de ensino e de pesquisa e na preservação do conteúdo neles depositados. Para que eles possam funcionar de forma eficiente incorporados ao movimento de acesso livre, são necessários mecanismos de estímulos e políticas que garantam o depósito sem infringir os direitos autorais. O depósito de livros, mesmo que em número reduzido, já passou a fazer parte dos RI, contudo a cadeia editorial- editores, livreiros, autores etc. possuem resistência na adesão ao movimento do acesso aberto dos livros digitais e eletrônicos, principalmente causado pela perda de oportunidades de lucros. Sendo assim, constata-se o número reduzido de editoras que atuam com esses materiais e um quantitativo ainda menor daquelas que possuem políticas definidas para disponibilizá-los nos repositórios institucionais (ROSA *et al.*, 2013).

Nos dias atuais, no Brasil, os repositórios acadêmicos têm se destacado, especialmente, pela característica inerente das universidades em produzir conhecimento e onde se realiza a maioria das pesquisas do país. Mediante os resultados da pesquisa de Rosa *et*

al. (2013), que retrata a presença de editoras universitárias nos RI, se evidencia no cenário nacional duas instituições de ensino superior que possuem em seus repositórios institucionais um quantitativo significativo de livros e capítulos de livros. Primeiramente, o repositório da Universidade Federal da Bahia (RIUFBA) que contempla com trezentos e sete (307) livros ou capítulos de livros e o repositório da Universidade de Brasília (RIUnB) possui cento e quatro (104) livros ou capítulos.

Os mecanismos de divulgação e promoção são estratégias de *marketing*⁴⁷ que podem ser utilizadas como ferramentas importantes para promover os livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias (NASCIMENTO JUNIOR, 2014).

Amaral (2007) relata que o *marketing* é recomendado nas unidades de informação, enfatizando a importância do usuário como cliente consumidor de informação e a adequação da oferta de produtos e serviços aos interesses e às necessidades dos mesmos. Sendo assim, é de extrema valia que os bibliotecários promovam todas as atividades que são exercidas nas bibliotecas onde atuem.

Córdon-García, Arévalo e Díaz (2011a) apontam algumas estratégias de *marketing* para a promoção dos LDEs nas bibliotecas universitárias:

- Anúncios na página *Web* da biblioteca;
- Anúncios nas mídias sociais;
- Regulamentação com normas particulares e usos;
- Cursos de treinamento para funcionários e usuários;
- Elaboração de tutoriais.

Já Nascimento Junior (2014) propõe duas ações de *marketing* diante dos livros digitais e eletrônicos direcionados para o público acadêmico: a) estudos de usuário com a proposta de medir o nível de conhecimento, interesse e autonomia que o usuário possui diante da informação digital e eletrônica; e b) promoção das assinaturas e das aquisições perpétuas de LDEs, incluindo a divulgação e treinamentos com o objetivo de demonstrar para os usuários os recursos e ferramentas das plataformas de acesso e como usá-las de forma eficiente, mediante os resultados obtidos nos estudos dos usuários.

De acordo com as medidas apresentadas, será possível realizar a aproximação do novo acervo *on-line* com a comunidade acadêmica. A obtenção de êxito dessa nova empreitada, que poderá ser estudada e analisada mediante as estatísticas da utilização de títulos, será

⁴⁷"Marketing é o bom senso aplicado ao negócio de provisão de produtos e serviços aos clientes, a partir da identificação das necessidades desses clientes e do planejamento das atividades a serem desenvolvidas, que resultarão nos produtos/serviços para atendê-los" (AMARAL, 2007, p. 19).

justificativa para a manutenção e renovação das assinaturas e uma tentativa de aumentar a parcela que é destinada à atualização dos acervos bibliográficos.

Efetuiu-se até o momento um registro sobre os desafios que os bibliotecários e usuários enfrentam diante da implementação do livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias. As alterações poderão ocorrer em todos os procedimentos técnicos, estruturais e administrativos realizados pela biblioteca, tendo o objetivo de acompanhar as transformações da forma como os usuários consomem a informação.

Serra (2014) caracteriza os principais impactos sentidos nas bibliotecas universitárias com a utilização dos livros digitais e eletrônicos, conforme pode ser observado no Quadro 4.

Quadro 4 - Fatores impactantes da utilização dos livros digitais e eletrônicos em bibliotecas universitárias

(continua)

| Situação | Impacto |
|---|---|
| Desenvolvimento de coleção | Perda de controle, com oferta de obras variando de acordo com a disponibilidade e/ou interesse dos fornecedores. |
| Manutenção da coleção | Possibilidade de perder as obras de edições antigas quando ocorrer a incorporação de novas no catálogo de assinatura. |
| Descrédenciamento de editores e autores | Os pacotes oferecidos pelos fornecedores sofrem alterações com a entrada e a saída de editores e autores dos contratos estabelecidos. |
| Aquisição | Bibliotecas, ao realizarem o modelo de negócio assinatura, estão adquirindo uma licença, elas não são as proprietárias da obra. |
| Renovações periódicas | É necessário que haja renovações periódicas dos acessos às publicações com os fornecedores, visando à manutenção da oferta de obras no acervo. |
| Custos | Preços das publicações digitais são altos, representando investimento constante das bibliotecas para manter um acervo sem, necessariamente, ampliá-lo. |
| Oferta de títulos | Poucas obras no formato digital em português |
| Concorrência entre as obras | Controle da oferta de obras dos fornecedores, visando a evitar ou minimizar a presença de obras repetidas. |
| Acesso controlado | Livros digitais apresentam, recorrentemente, a aplicação de ferramentas de gestão de direitos digitais, DRM, que dificultam (ou podem impedir) acesso às publicações. |

Quadro 4 - Fatores impactantes da utilização dos livros digitais e eletrônicos em bibliotecas universitárias

(conclusão)

| Situação | Impacto |
|------------------------------------|---|
| Empréstimo digital | Perda da autonomia da biblioteca para realizar os empréstimos com o serviço controlado pelos fornecedores e seus recursos tecnológicos. |
| Acesso por interface do fornecedor | Muitos fornecedores condicionam o acesso às publicações através de suas plataformas. |
| Acesso simultâneo | Nem todos fornecedores oferecem o acesso simultâneo às obras, quando ocorre, poderá impactar no valor da assinatura. |
| Comunicação com os fornecedores | A comunicação sobre as obras que entraram ou que saíram do pacote de assinaturas pode ser inexistente, falha ou desatualizada. |
| Serviços oferecidos aos usuários | Variedade de serviços oferecidos aos usuários- impressão, gravação, compartilhamento, etc.- de LDE, total ou parcial- de acordo com os contratos estabelecidos pelos fornecedores. |
| Indicadores | Irregular a oferta de estatísticas de acesso, obras consultadas, tipo de usuário, perfil do usuário, quantidade de <i>downloads</i> , área de conhecimento e entre outros indicadores que poderão comprometer a gestão da biblioteca. |

Fonte: Serra, 2014

5 METODOLOGIA

A metodologia tem como base os procedimentos qualitativos e quantitativos para estruturar a pesquisa nas fases de planejamento, coleta, crítica, apuração e apresentação. Em termos de funcionalidade, a pesquisa será predominantemente descritiva. Conforme apresenta Sampieri *et al* (2006 *apud* Pinsky, 2009, p. 35), os estudos descritivos “[...] medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado.”

A coleta de dados foi realizada através do instrumento questionário, aplicado em pesquisa de campo. Ele foi baseado no estudo realizado sobre livros digitais e eletrônicos das bibliotecas universitárias de Castilla e León, na Espanha, sob autoria de José Antonio Córdón-García, Raquel Gomes Díaz e de Julio Alonso Arévalo (Anexo A). O questionário foi estruturado em sete (7) categorias e a sua finalidade foi recolher dados que informassem as práticas adotadas nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras que atendam às unidades de ensino em Farmácia para inclusão, acesso e uso dos livros digitais e eletrônicos.

Depois da confecção do questionário, deu-se início à coleta de dados empíricos. Primeiramente, foi efetuado, em novembro de 2014, um levantamento quantitativo de IES públicas que tivessem o curso de Farmácia. Para tanto, realizou-se uma consulta avançada na base *e-MEC*⁴⁸ por curso de graduação, adotando-se o termo “Farmácia” e, para definir a categoria administrativa, optou-se pela “gratuidade do curso”. O resultado obtido foi de 54 instituições superiores públicas que oferecem o curso de “Farmácia” e de “Farmácia e Bioquímica⁴⁹”. Para fins dessa dissertação, os cursos “Farmácia” e “Farmácia e Bioquímica” foram igualmente selecionados para o prosseguimento dos estudos, uma vez que o Conselho Federal de Farmácia (CFF)⁵⁰ reconhece que ambos os cursos formam profissionais aptos a exercer o papel pleno de Farmacêutico.

Em seguida, foi elaborada uma planilha matriz que serviu de base para a geração de informações referentes às buscas realizadas nos *sites* das IES públicas. Essas averiguações tinham o propósito de identificar os seguintes indicadores: a) os *campi* de ensino de Farmácia, visto que há instituições que possuem mais de um *campus* para o referido curso e b) as bibliotecas que são vinculadas as unidades de ensino em Farmácia.

⁴⁸ Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

⁴⁹ O curso “Farmácia e Bioquímica” pertence à Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

⁵⁰ “Em síntese, todo farmacêutico que se formou de acordo com a Resolução 04/69 do Conselho Federal de Educação, segundo ciclo profissional de Farmacêutico Bioquímico, 2ª Opção, fica garantido o direito do título”. Disponível em: <<http://www.cff.org.br/noticia.php?id=367>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Identificaram-se 62 bibliotecas (Apêndice A) e, através de suas páginas na Internet, foram coletados os *e-mails* para contato, porém cinco (5) não apresentavam *e-mails*, assim, o universo da pesquisa foi reduzido a 57 bibliotecas.

Antes de encaminhar o questionário para as bibliotecas, foi relevante validá-lo, desta forma, elaborou-se uma versão preliminar de forma a verificar a clareza e a objetividade das perguntas. Sendo assim, optou-se em destinar o pré-teste às bibliotecas que atendem às unidades de ensino em Química, localizadas no estado do Rio de Janeiro. Esse curso foi escolhido devido à aproximação temática com o curso de Farmácia.

Para tanto, foi realizada uma busca avançada na base *e-MEC* pelo curso de graduação “Química” e selecionou-se “Rio de Janeiro” com unidade federativa. O resultado foi de 12 instituições de ensino superior públicas e privadas. Posteriormente, procurou-se, nas páginas das IES, os *sites* das bibliotecas e seus contatos via *e-mail*. O resultado obtido foi de 16 bibliotecas (Apêndice B), no entanto recuperaram-se cinco (5) bibliotecas centrais que também atendem às unidades de ensino em Farmácia, para evitar duplicidade de dados, as mesmas foram descartadas no pré-teste. Logo, o universo das bibliotecas se restringiu a 11 bibliotecas.

O questionário pré-teste (Apêndice C) foi então encaminhado para as 11 bibliotecas no dia 18 de março de 2015 e ficou ativo até 31 de março de 2015. Ele foi elaborado e encaminhado via plataforma *Google Forms*. Esse mecanismo foi escolhido devido à simplicidade na confecção, agilidade de envio, retorno das respostas e a facilidade da análise dos resultados. A apresentação dos resultados pode ser vista em duas formas: formato de gráficos, através do cruzamento das respostas das perguntas fechadas e as respostas completas na planilha *excel*.

O resultado do pré-teste resultou no retorno de três (3) questionários preenchidos, equivalente a 23% da amostra. Diante do baixo retorno e visando consolidar ainda mais a proposta apresentada, foi realizada entrevista exploratória com as bibliotecárias Eliana Rosa da Fonseca e Vanessa Souza Mendonça da Biblioteca do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ.

Mediante as recomendações apresentadas pelas bibliotecárias e o resultado do pré-teste, o questionário foi reformulado (Apêndice D), mantendo-se, contudo, sua estrutura, conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5- Estrutura do questionário final

(continua)

| Objetivos | Questões |
|--|--|
| Identificar as IES públicas e as bibliotecas universitárias públicas brasileiras que atendem as unidades de ensino em Farmácia. | 1) Nome da Universidade. 2) Nome da Biblioteca. |
| Averiguar a existência e os fatores que levam essas bibliotecas a incorporarem livros digitais e eletrônicos em suas coleções. | 3) Dispõe de livros digitais e eletrônicos da área da Farmácia em sua biblioteca? 4) Somente a área da Farmácia é favorecida na aquisição dos livros digitais e eletrônicos? 5) Quais os fatores que influenciam a compra e/ou acesso desses livros digitais e eletrônicos em sua biblioteca? |
| Identificar a política e das fontes de aquisição que são adotadas pelas bibliotecas. | 6) Qual é a política de aquisição dos livros digitais e eletrônicos de sua biblioteca? 7) A biblioteca trabalha com qual (s) tipo (s) de fornecedor (s) de livros digitais e eletrônicos? 8) Qual é o modelo de negócio, isto é, a modalidade de aquisição dos livros digitais e eletrônicos? |
| Verificar os formatos de publicação, os mecanismos e os tipos de acesso que são disponibilizados para os usuários. | 9) Onde os usuários poderão encontrar os livros digitais e eletrônicos? 10) A universidade à qual a sua biblioteca pertence, possui repositório institucional? 11) Neste repositório podem ser encontrados os livros digitais e eletrônicos da área da Farmácia? 12) Os livros digitais e eletrônicos de sua biblioteca podem ser acessados no repositório? 13) Qual é o tipo de acesso que os usuários têm aos livros digitais e eletrônicos? 14) Ocorre algum tipo de controle sobre o seu acesso e/ou sobre a sua usabilidade, isto é, a facilidade que os usuários têm em utilizar as plataformas de acesso dos livros digitais e eletrônicos? 15) Qual é o formato que os livros digitais e eletrônicos são disponibilizados? |
| Identificar o tipo de usuário que acessa o livro digital e eletrônico e apresentar a frequência de uso e os suportes utilizados. | 16) Qual é a frequência que usuários os acessam e/ou usam os livros eletrônicos e digitais? 17) Quem solicita os livros digitais e eletrônicos? 18) Quais os dispositivos que os usuários mais usam na leitura? |

Quadro 5- Estrutura do questionário final

(conclusão)

| | |
|---|--|
| Analisar a visibilidade e o impacto que os livros digitais e eletrônicos exercem nas bibliotecas. | <p>19) Na biblioteca há alguma campanha para a promoção e uso do livro digital e eletrônico?</p> <p>20) Considera que os livros digitais e eletrônicos da área da Farmácia são populares em sua biblioteca?</p> <p>21) Considera que os livros digitais e eletrônicos são populares em sua biblioteca?</p> <p>22) A aquisição dos livros digitais e eletrônicos influenciou na rotina da biblioteca?</p> <p>23) Considera que os livros digitais e eletrônicos são importantes para a coleção de biblioteca?</p> <p>24) Acredita que os usuários necessitam de algum tipo de formação para acessar e/ou usar os livros digitais e eletrônicos?</p> |
| Apresentar a visão do bibliotecário diante da inserção dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias brasileiras | <p>25) Em sua opinião, quais pontos positivos e negativos dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas?</p> <p>26) Considera que as bibliotecas universitárias brasileiras estão preparadas para incorporar os livros digitais e eletrônicos em suas coleções?</p> |

Fonte: Dados da pesquisa

A etapa seguinte foi o primeiro envio do questionário consolidado para as 57 bibliotecas via Plataforma *Google Forms*⁵¹ no dia 8 de junho de 2015. Desse conjunto, duas (2) mensagens retornaram, restando, dessa forma, um universo de 55 bibliotecas. Essa primeira fase da coleta de dados foi finalizada no dia 28 de junho de 2015, com o baixo retorno dos respondentes, o segundo encaminhamento foi feito no dia 29 de junho de 2015 e se manteve ativo até 12 de julho de 2015. A resposta continuou abaixo do esperado, as razões possíveis foram: a) a greve dos técnicos administrativos das universidades federais iniciadas em 28 de maio de 2015 e b) a falta de interesse dos bibliotecários em responder o questionário.

Diante desse cenário, decidiu-se por uma nova coleta de dados, acrescentando o contato via telefone das bibliotecas, com objetivo de sensibilizar o bibliotecário para a importância de sua participação para a elaboração e o delineamento da pesquisa. Foi realizada a busca do contato telefônico nos *sites* das bibliotecas não respondentes. Por seguinte, com as tais informações coletadas, o universo da pesquisa foi reestruturado, das 62 bibliotecas de instituições superiores públicas, somente uma (1) biblioteca não possuía *e-mail* ou telefone

⁵¹Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1IBN_XklINZbLS4wc4F1ClGgLHoiCcuFDhHcf-KiHCDO/viewform?usp=send_form

para contato, logo o novo universo estimado para pesquisa foi para 61 bibliotecas das IES públicas vinculadas ao curso de Farmácia.

As primeiras ligações ocorreram nos dias 13 e 17 de julho de 2015 e a segunda tentativa efetuou-se nos dias 20 e 24 de julho de 2015. Para certificar todas as oportunidades de comunicação, o último contato com as bibliotecas que não tinham obtido nenhum retorno, realizou-se no dia 27 de julho de 2015.

Esse novo mecanismo de aproximação com as bibliotecas permitiu que o questionário tivesse um melhor alcance, na medida em que os bibliotecários solicitaram que o mesmo fosse encaminhado para os *e-mails* pessoais institucionais ou para o *e-mail* da biblioteca aos cuidados do profissional. Observou-se que foi relevante a realização da segunda tentativa de telefonemas, a qual permitiu ratificar que o questionário chegou com êxito e que não apresentava nenhum tipo de erro, além de alertar os bibliotecários sobre a importância de suas participações.

Após o último contato telefônico, o coletor de dados permaneceu ativo na plataforma *Google Forms* até o dia 31 de julho de 2015. Por seguinte, se fez a verificação dos dados, com o intuito de quantificar o total de bibliotecas participantes e averiguar se houve duplicidade de bibliotecas respondentes. Para obter as análises das respostas, foram impressas as duas opções de relatórios oferecidos pelo *Google Forms*: a sumarização das respostas (os dados são automaticamente cruzados e as respostas originadas de perguntas fechadas são convertidas em gráficos) e a as respostas completas via formato *excel*. No próximo capítulo, serão apresentados os resultados e as análises dos itens do questionário.

6 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo realizada com as bibliotecas das IES públicas das unidades de ensino em Farmácia. Ele foi estruturado conforme as categorias do questionário e subdividido em nove (9) seções. Primeiramente, serão identificadas as IES públicas que oferecem o curso de Farmácia e as bibliotecas vinculadas ao respectivo curso. Em seguida, serão apontadas as bibliotecas participantes e as especificidades das coleções digitais e eletrônicas. Posteriormente, será categorizada a comunidade usuária e o seu hábito de acesso e de uso dos LDEs. Por fim, será abordada a reflexão dos bibliotecários diante desses materiais.

6.1 APRESENTAÇÃO DAS IES DO ÂMBITO PÚBLICO QUE OFERECEM O CURSO DE FARMÁCIA

A proposta desta seção é obter um maior conhecimento sobre as IES públicas que oferecem o curso de Farmácia. Serão retratados os *campi* de ensino que possuem o referido curso e exposta a distribuição numérica das instituições de acordo com os estados, região geográfica e a natureza administrativa. Para a coleta dessas informações, foi realizada na Base *e-MEC* uma busca avançada pelo curso “Farmácia” e, para selecionar somente as instituições públicas, optou-se pela “gratuidade do curso”.

O resultado dessa pesquisa permitiu averiguar que 54 IES públicas possuem o curso de Farmácia e, entre elas, oito (8) oferecem o referido curso em mais de um *campus* de ensino. Esta constatação foi verificada nas seguintes IES: Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) - *Campus* Universitário de Cuiabá e *Campus* Universitário de Araguaia; Universidade de Brasília (UNB) – *Campus* Universitário Darcy Ribeiro e *Campus* de Ceilândia; Universidade Federal de Sergipe (UFS) – *Campus* São Cristóvão e *Campus* Lagarto; Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) – *Campus* Videira e *Campus* São Miguel do Oeste; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – *Campus* Universitário e *Campus* Avançado Governador Valadares; Universidade Federal da Bahia (UFBA) – *Campus* Anísio Teixeira e *Campus* Ondina; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – *Campus* do Fundão e *Campus* de Macaé e Universidade de São Paulo (USP) – *Campus* de São Paulo e *Campus* de Ribeirão Preto.

Quadro 6- Instituições do ensino superior do âmbito público que oferecem o curso de Farmácia
(continua)

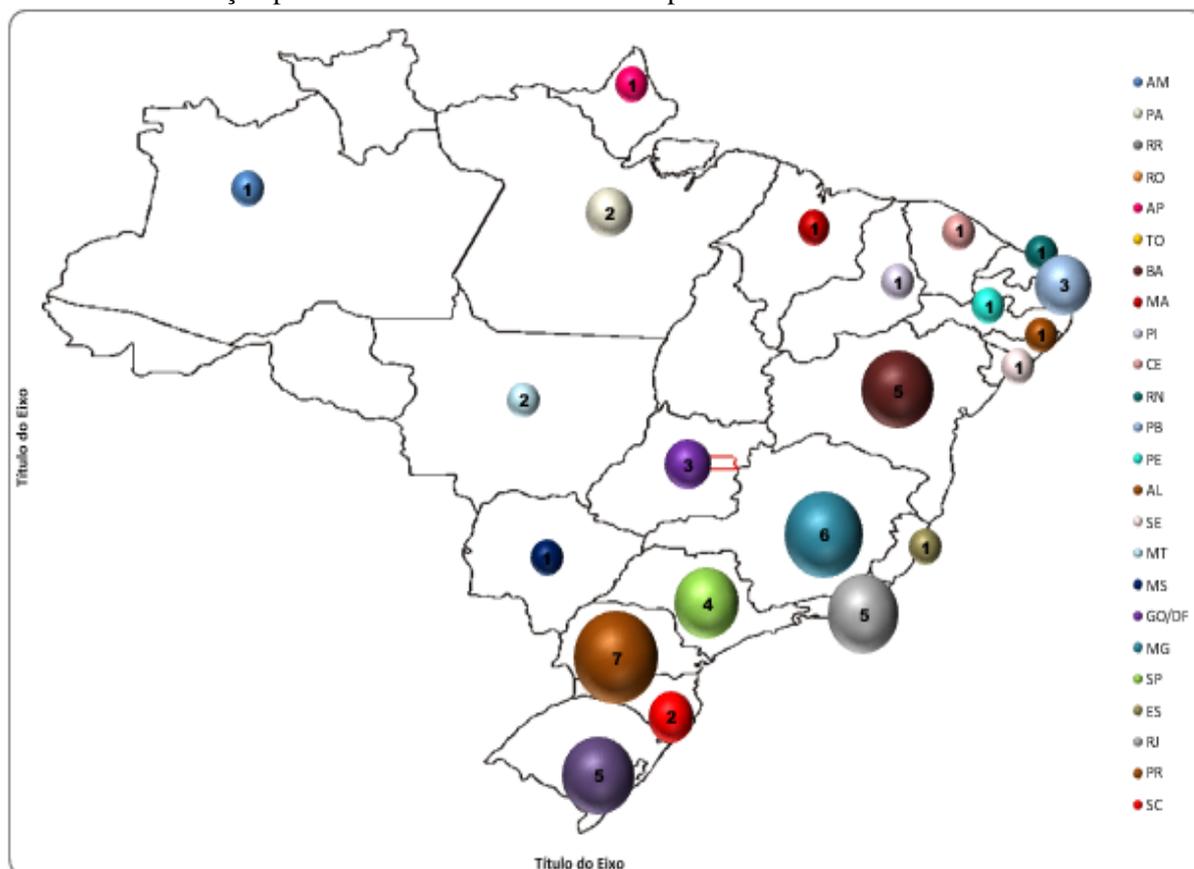
| Região | Estado | Instituições (IES) |
|---|---------------------------------------|--|
| Norte | Amapá | Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) |
| | Amazonas | Universidade Federal do Amazonas (UFAM) |
| | Pará | Universidade Federal do Pará (UFPA) |
| | | Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) |
| Nordeste | Alagoas | Universidade Federal de Alagoas (UFAL) |
| | Bahia | Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) |
| | | Universidade do Estado da Bahia (UNEB) |
| | | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) |
| | | Universidade Federal da Bahia (UFBA) |
| | | Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) |
| | Ceará | Universidade Federal do Ceará (UFC) |
| | Maranhão | Universidade Federal do Maranhão (UFMA) |
| | Paraíba | Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) |
| | | Universidade Federal da Paraíba (UFPB) |
| | | Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) |
| | Pernambuco | Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) |
| | Piauí | Universidade Federal do Piauí (UFPI) |
| | Rio Grande do Norte | Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) |
| Sergipe | Universidade Federal de Sergipe (UFS) | |
| Centro-Oeste | Brasília | Universidade de Brasília (UNB) |
| | Goiás | Universidade Estadual de Goiás (UEG) |
| | | Universidade Federal de Goiás (UFG) |
| | Mato Grosso | Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) |
| | Mato Grosso do Sul | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) |
| Sudeste | Espírito Santo | Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) |
| | Minas Gerais | Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) |
| | | Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) |
| | | Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) |
| | | Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) |
| | | Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) |
| | | Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) |
| | Rio de Janeiro | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) |
| | | Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) |
| | | Universidade Federal Fluminense (UFF) |
| | | Centro Universitário da Zona Oeste (UEZO) |
| | | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) |
| | São Paulo | Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) |
| | | Universidade de São Paulo (USP) |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | | |

Quadro 6- Instituições do ensino superior do âmbito público que oferecem o curso de Farmácia (conclusão)

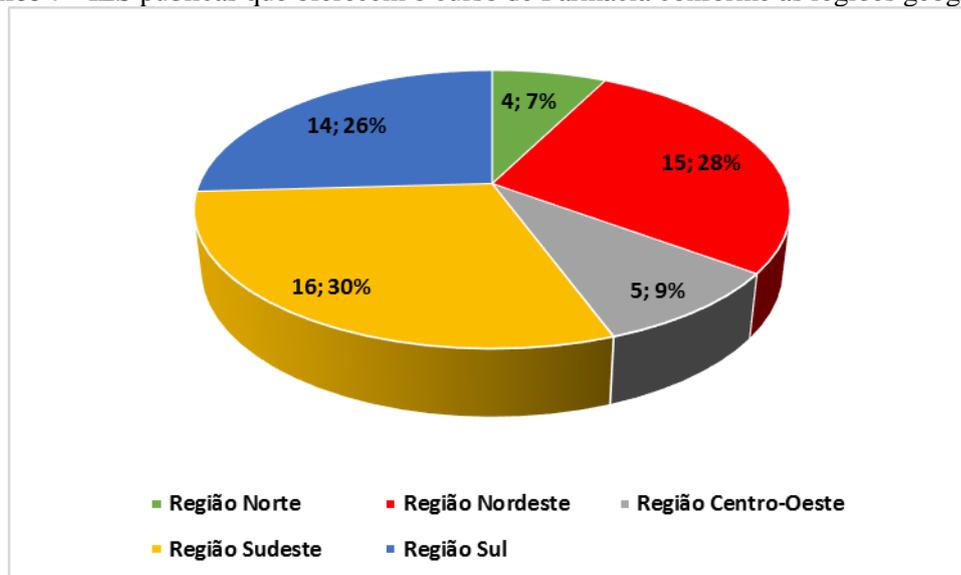
| Região | Estado | Instituições (IES) |
|---------|---|---|
| Sudeste | São Paulo | Universidade Estadual Paulista (UNESP) |
| Sul | Paraná | Universidade Estadual de Londrina (UEL) |
| | | Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) |
| | | Universidade Estadual de Maringá (UEM) |
| | | Universidade Federal do Paraná (UFPR) |
| | | Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) |
| | | Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) |
| | | Instituto Federal do Paraná (IFPR) |
| | | Rio Grande do Sul |
| | Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | |
| | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | |
| | Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) | |
| | Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) | |
| | Santa Catarina | Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) |
| | | Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) |

Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 6 - Distribuição por unidades federativas das IES públicas vinculadas ao curso de Farmácia



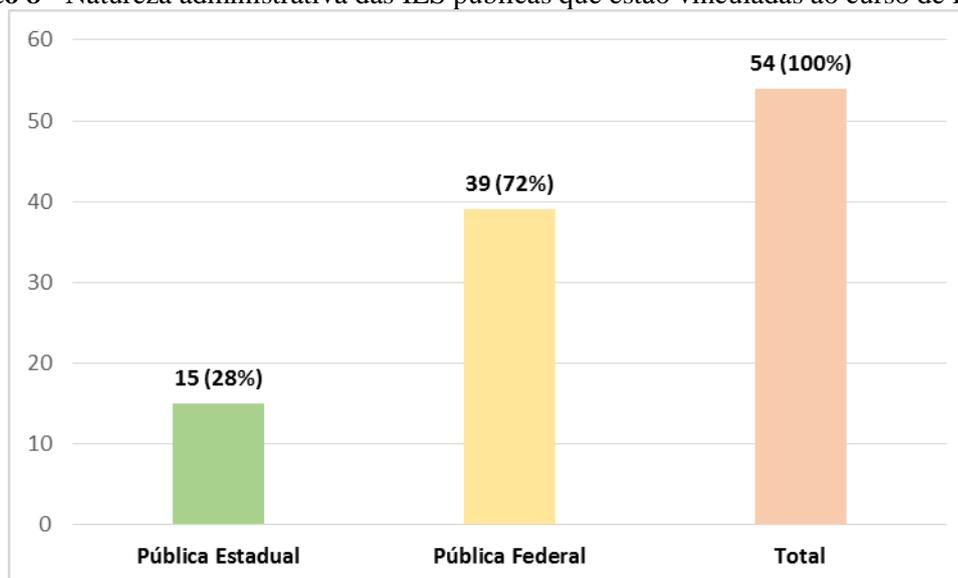
Fonte: base de dados *e-MEC* (BRASIL. Ministério da Educação, 2015).

Gráfico 7 - IES públicas que oferecem o curso de Farmácia conforme as regiões geográficas

Fonte: base de dados *e-MEC* (BRASIL. Ministério da Educação, 2015)

Mediante os Gráficos 6 e 7, é possível certificar que a região sudeste concentra o maior quantitativo de IES vinculadas ao curso de Farmácia (30%), com destaque para o estado de Minas Gerais com seis (6) IES públicas. Em seguida, a região Nordeste, com o percentual de 28%, onde o estado da Bahia possui cinco (5) IES públicas, equivalente a 33% da região. Na região Sul, o estado do Paraná possui sete (7) instituições superiores públicas que têm o curso de Farmácia, o maior quantitativo para um estado brasileiro. Em contra partida, na região Norte, se localizam os estados brasileiros Rondônia, Roraima, Acre e Tocantins, que não dispõem de IES públicas que oferecem o curso de Farmácia. Desta forma, verifica-se uma desigualdade na oferta do ensino universitário público brasileiro na área da Farmácia, ocorre uma concentração de IES públicas em alguns estados e uma deficiência quantitativa em outros.

Gráfico 8 apresenta a natureza administrativa das IES públicas que estão vinculadas ao curso de Farmácia. Observa-se que 39 são de âmbito federal, 15 são estaduais e não houve registro de instituições públicas municipais que tenham o curso de Farmácia.

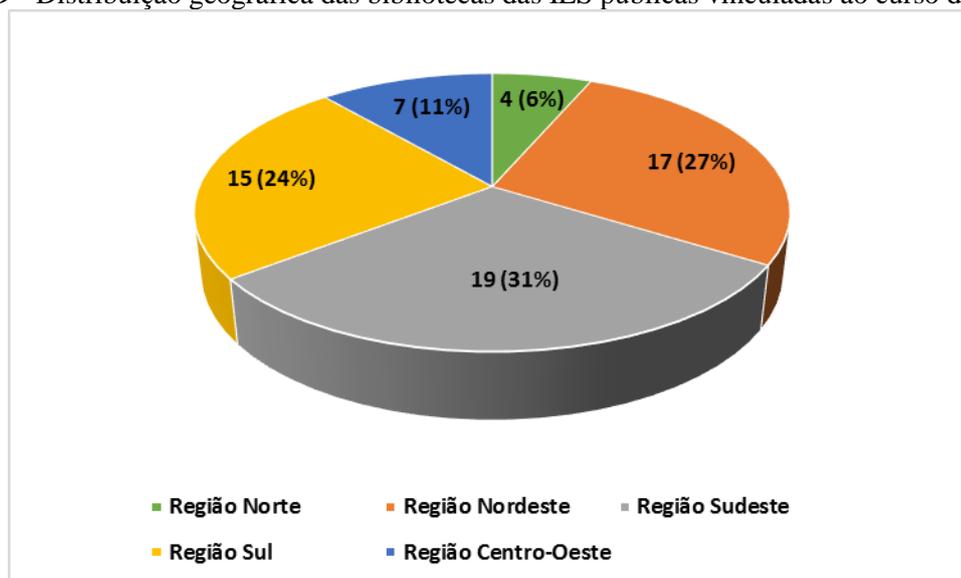
Gráfico 8 - Natureza administrativa das IES públicas que estão vinculadas ao curso de Farmácia

Fonte: Dados da pesquisa

6.2 IDENTIFICAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DAS IES PÚBLICAS VINCULADAS ÀS UNIDADES DE ENSINO EM FARMÁCIA

Serão apresentadas, nesta seção, as bibliotecas das IES públicas vinculadas às unidades de ensino em Farmácia. Essa demonstração ocorrerá conforme a distribuição numérica por região geográfica e esfera organizacional. Efetuar-se-á também uma análise desses dados, objetivando compreender o dinamismo espacial dessas unidades de informação.

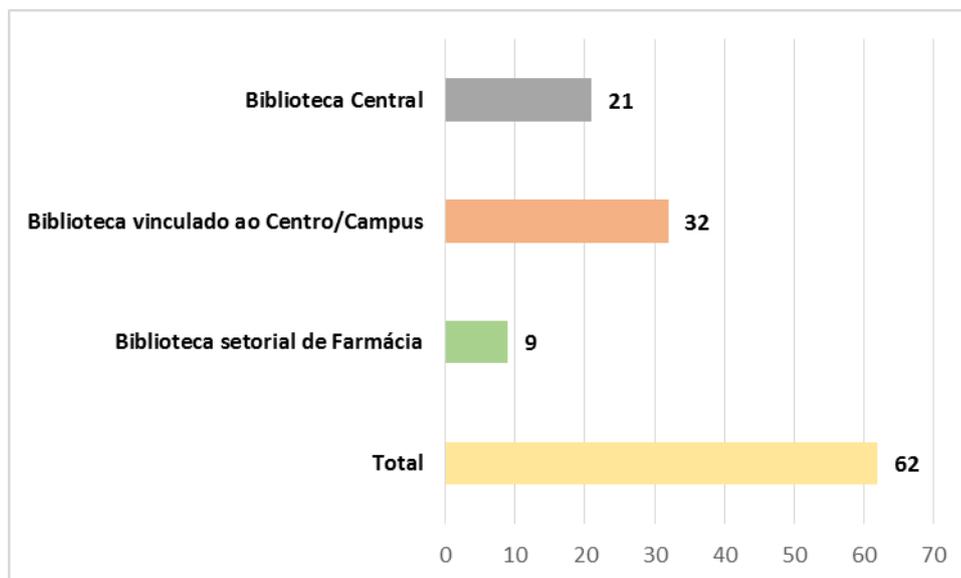
O Gráfico 9 apresenta o número de bibliotecas das IES públicas nas unidades de ensino em Farmácia de acordo com a região geográfica. Evidencia-se que as instituições que têm dois (2) *campi* possuem, respectivamente, esse mesmo quantitativo de bibliotecas, como pode ser verificado no Apêndice E. A região Sudeste denota expressividade numérica entre as regiões geográficas, destaque para os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, com seis (6) bibliotecas para cada estado. Minas Gerais contém uma (1) biblioteca por instituição, já no Rio de Janeiro, a UFRJ possui duas bibliotecas, localizadas nos *campi* Fundão e Macaé. A região Sul possui um quantitativo expressivo de unidades de informação, principalmente o estado do Paraná com sete (7) bibliotecas, onde se verifica o maior número do país. Constatase que, na região Nordeste, das 17 bibliotecas, seis (6) se encontram no estado da Bahia. A região Centro-Oeste possui sete (7) bibliotecas, na qual o estado de Goiás e o Distrito Federal se acentuam com quatro (4) bibliotecas. A região Norte, como já foi mencionada, é a região brasileira com o menor número de IES e esta ratificação transparece para o baixo número de bibliotecas universitárias públicas vinculadas ao curso de Farmácia, com somente quatro (4).

Gráfico 9 - Distribuição geográfica das bibliotecas das IES públicas vinculadas ao curso de Farmácia

Fonte: Dados da pesquisa

Lemos e Macedo (1975) relatam que as bibliotecas universitárias podem ser organizadas em duas categorias principais: bibliotecas centrais e bibliotecas departamentais – bibliotecas vinculadas às faculdades, institutos, centros ou departamentos das IES. Para obter dados específicos da organização das bibliotecas departamentais, realizou duas subdivisões nesta categoria: biblioteca setorial de Farmácia, que atende especificamente a essa área do conhecimento e biblioteca ligada aos centros/*campus* universitários. Mediante o universo pesquisado e as informações coletadas, constatou-se a existência de nove (9) bibliotecas setoriais de Farmácia, 32 bibliotecas ligadas a centros/*campus* onde é oferecido o curso de Farmácia e 21 bibliotecas centrais estão estabelecidas no *campus* central da universidade e atendem a diversos cursos e áreas do conhecimento, conforme pode ser observado no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Organização das bibliotecas universitárias públicas brasileiras nas unidades de ensino de Farmácia



Fonte: Dados da pesquisa

Verifica-se que, nas universidades públicas brasileiras, há um número reduzido de bibliotecas setoriais de Farmácia. Esse dado pode estar relacionado com: a) pouca tradição do curso dentro das IES; b) estrutura da IES não apresenta a formação para um sistema de bibliotecas departamentais; c) falta de incentivo dos gestores da Faculdade na incorporação de uma biblioteca setorial e de interesse dos corpos discente e docente da Faculdade para a implementação de uma biblioteca que atenda diretamente ao curso de Farmácia.

Por outro lado, nota-se, nesta pesquisa, a forte presença de bibliotecas vinculadas ao centro/*campus*, que, de acordo com Lemos e Macedo (1975), é uma tendência no Brasil este tipo de organização, pois reflete o processo de formação das universidades, que foram construídas pela reunião de unidades isoladas de ensino e formadas em diferentes épocas e contextos.

Neste estudo, as 21 bibliotecas centrais atendem a toda demanda da área de Farmácia e também são as responsáveis pelas bibliotecas departamentais.

6.3 IDENTIFICAÇÃO DAS BIBLIOTECAS PARTICIPANTES

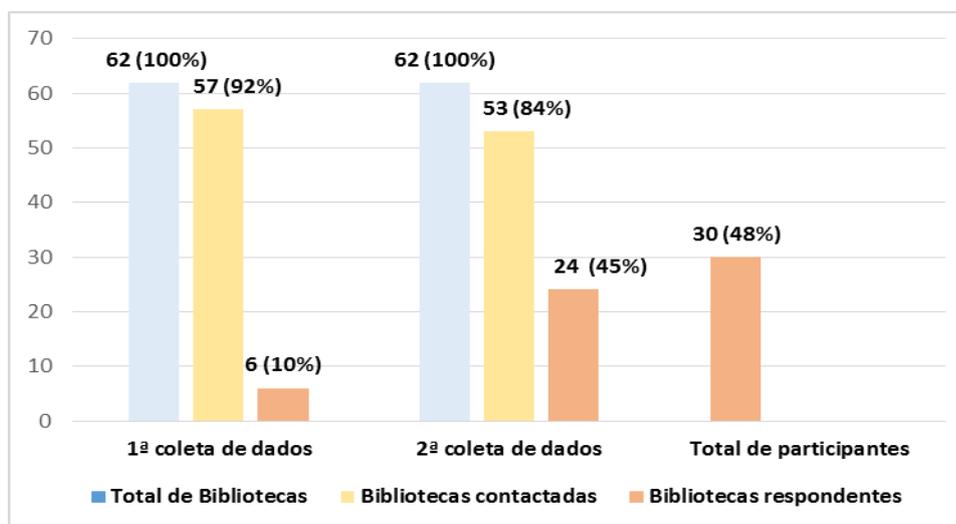
No início de junho de 2015, um questionário foi enviado, via plataforma *Google Forms*, para as 62 bibliotecas universitárias públicas das unidades de ensino de Farmácia, com o objetivo de compreender os mecanismos que estão sendo utilizados e desenvolvidos para a implantação dos livros digitais e eletrônicos em seus acervos.

Dentre as bibliotecas, cinco (5) não tinham *e-mails* de contato, assim, o universo da pesquisa foi reduzido para 57 bibliotecas. Desse total, dois (2) *e-mails* retornaram e 55 obtiveram êxito de envio. O coletor de dados ficou ativo até a segunda semana de julho, com o retorno de somente seis (6) bibliotecas.

Diante desse cenário, optou-se pelo contato telefônico com as bibliotecas, reiterando a solicitação do preenchimento do formulário. Esse novo universo foi composto por 56 bibliotecas. Desse conjunto, uma (1) não tinha número de telefone no *site* e duas (2) não tiveram as ligações atendidas, resultando em 53 bibliotecas para contato em julho de 2015.

Todas solicitaram o envio do coletor de dados para o *e-mail* pessoal institucional do bibliotecário ou para o *e-mail* da biblioteca aos cuidados deste profissional. O contato telefônico foi importante para que os bibliotecários participassem da pesquisa, na medida em que, das 53 bibliotecas contatadas, o retorno foi de 24 respondentes, que retrata 45%. Adicionando os dois (2) momentos de participação das bibliotecas, o total foi de trinta (30) bibliotecas. O Gráfico 11 apresenta o resultado das bibliotecas participantes.

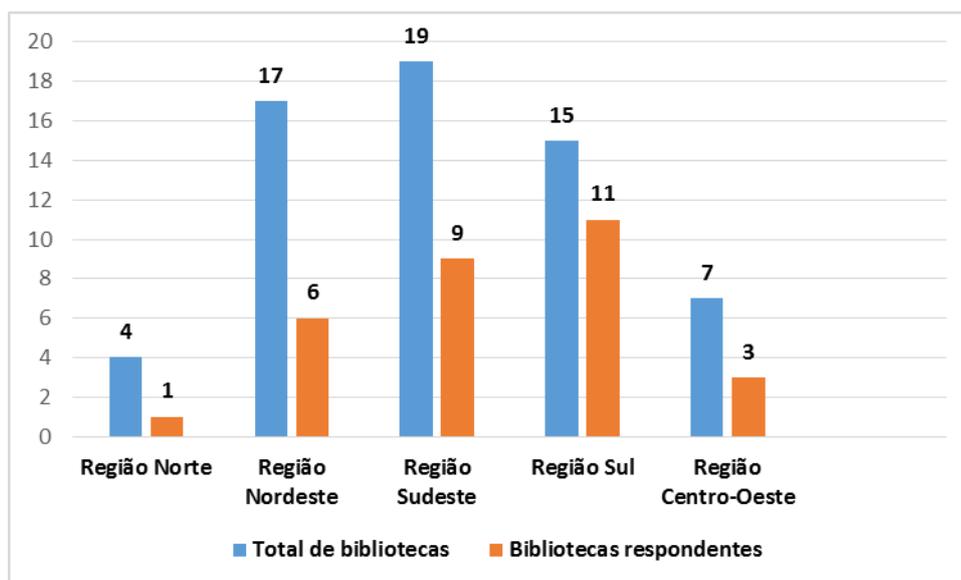
Gráfico 11 - Participação das bibliotecas na pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 12 permite analisar a expressividade regional das bibliotecas participantes da pesquisa. A região Norte apresenta o menor número de colaboradoras (1). Este dado significa que 1/4 de sua totalidade respondeu ao questionário. A região Nordeste foi a segunda região em quantitativo de bibliotecas participantes deste estudo (17), porém apenas seis (6) efetivaram a participação, que representa 35% do universo regional. A região Centro-Oeste fica atrás apenas da região Norte no quantitativo menos expressivo de respondentes, 43% do total, que indica que das sete (7) bibliotecas, três (3) responderam o coletor de dados. A região Sudeste é onde se encontra o maior quantitativo de bibliotecas habilitadas a participar da pesquisa (19), contudo, nove (9) efetivaram a participação, que se expressa em torno de 47% do total. Por último, a região Sul é onde se vê o maior percentual colaborativo entre as regiões geográficas, 73% do seu universo, das 15 bibliotecas, 11 cooperaram com a pesquisa de coleta de dados.

Gráfico 12 - Distribuição geográfica das bibliotecas participantes



Fonte: Dados da pesquisa

A seguir serão relacionadas todas as bibliotecas participantes deste trabalho. Observa-se que somente a Universidade Federal de Sergipe registra a participação de duas (2) bibliotecas na pesquisa.

Quadro 7 - Relação das bibliotecas participantes da pesquisa e suas respectivas instituições

(continua)

| Região | Estado | Universidade | Biblioteca respondente | N.A |
|--------------|---------------------|--|--|-----|
| Norte | Pará | Universidade Federal do Pará (UFPA) | Biblioteca Central Clodoaldo Beckmann | P.F |
| Nordeste | Bahia | Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) | Biblioteca Central Julieta Carteadó | P.E |
| | Ceará | Universidade Federal do Ceará (UFC) | Biblioteca de Ciências da Saúde | P.F |
| | Sergipe | Universidade Federal de Sergipe (UFS) | Biblioteca do <i>Campus</i> Prof. Antônio Garcia Filho | P.F |
| | | | Biblioteca Central | P.F |
| | Rio Grande do Norte | Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência e da Saúde | P.F |
| | Paraíba | Universidade Federal da Paraíba (UFPB) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência e da Saúde | P.F |
| Centro-Oeste | Brasília | Universidade de Brasília (UNB) | Biblioteca Central | P.F |
| | Mato Grosso do Sul | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) | Biblioteca Central | P.F |
| | Goiás | Universidade Estadual de Goiás (UEG) | Biblioteca Prof. Geisa Rossi Lele | P.E |
| Sudeste | Rio de Janeiro | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | P.F |
| | | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) | Biblioteca Central | P.F |
| | | Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) | Biblioteca do <i>Campus</i> Realengo | P.F |
| | | Universidade Federal Fluminense (UFF) | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | P.F |
| | Minas Gerais | Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) | Biblioteca Central | P.F |
| | São Paulo | Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Biblioteca do Instituto de Biologia | P.E |
| | | Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) | Biblioteca do <i>Campus</i> de Diadema | P.F |
| | | Universidade de São Paulo (USP) | Divisão de Bibliotecas e Documentação do Conjunto das Químicas | P.E |
| | Espírito Santo | Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Biblioteca Setorial de Ciências da Saúde | P.F |

Quadro 7 - Relação das bibliotecas participantes da pesquisa e suas respectivas instituições

(conclusão)

| Região | Estado | Universidade | Biblioteca respondente | N.A |
|---------------|---|--|--|------------|
| Sul | Santa Catarina | Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) | Biblioteca Saul Brandalise | P.E |
| | Rio Grande do Sul | Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) | Biblioteca Paulo Lacerda de Azevedo | P.F |
| | | Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Biblioteca Central | P.F |
| | | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Biblioteca de Farmácia | P.F |
| | | Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) | Biblioteca do <i>Campus</i> de Uruguaiana | P.F |
| | Paraná | Universidade Estadual de Londrina (UEL) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde | P.E |
| | | Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) | Biblioteca Central | P.E |
| | | Instituto Federal do Paraná (IFPR) | Biblioteca do <i>Campus</i> Palmas | P.F |
| | | Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Biblioteca de Ciências da Saúde | P.F |
| | | Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) | Biblioteca Central Professor Faris Michaele | P.E |
| | Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) | Biblioteca - <i>Campus</i> Cedeteg | P.E | |

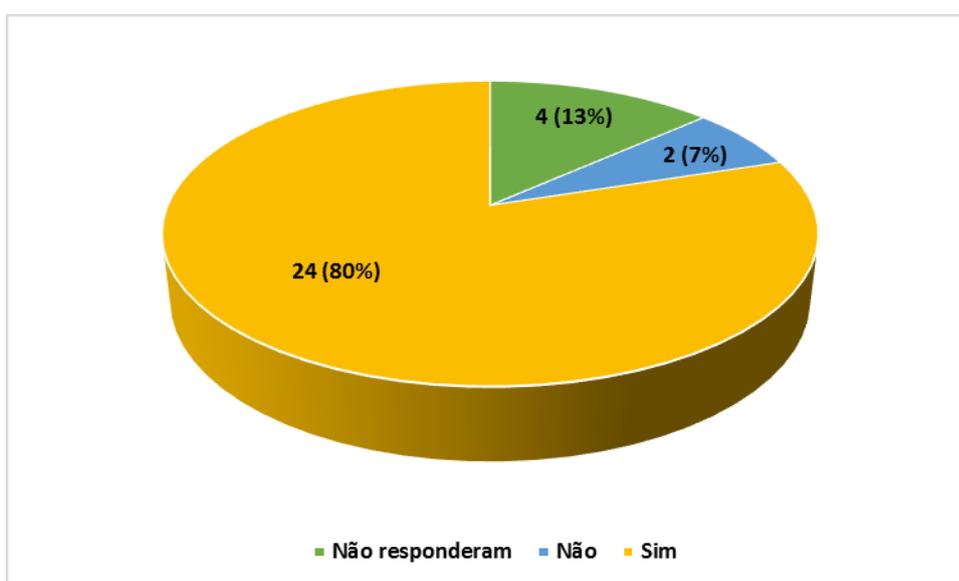
NA: Natureza Administrativa; P.E: Pública Estadual e P.F: Pública Federal

Fonte: Dados da pesquisa

6.4 EXISTÊNCIA E FATORES PARA A INCORPORAÇÃO DO ACERVO DIGITAL E ELETRÔNICO

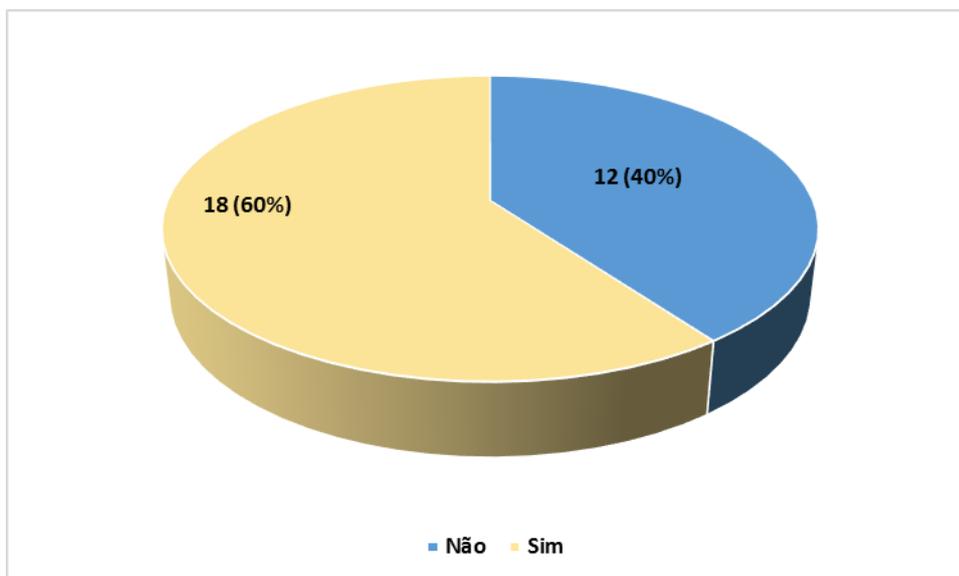
Os Gráficos 13 e 14 representam a disponibilidade dos LDEs nos acervos das bibliotecas. Das 30 bibliotecas participantes da pesquisa, 24 possuem em seus acervos os LDEs. Dentre elas, 18 adquiriram LDEs de Farmácia, das quais: uma (1) é biblioteca setorial de Farmácia, 11 são bibliotecas vinculadas ao Centro/*Campus* das universidades onde está localizado o curso de Farmácia e seis (6) são bibliotecas centrais.

Gráfico 13 - Livros digitais e eletrônicos nos acervos das bibliotecas



Fonte: Dados da pesquisa

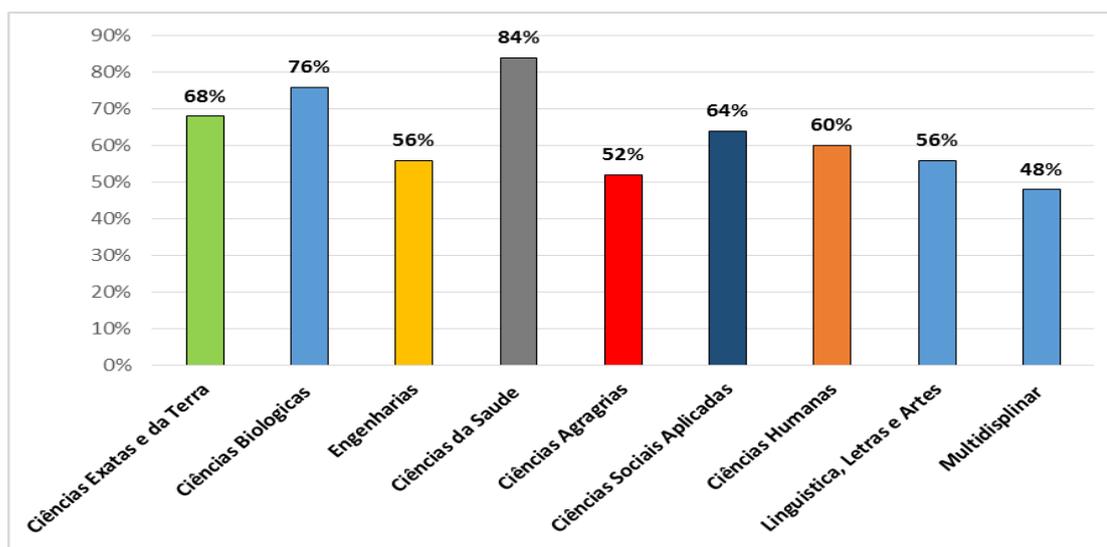
Gráfico 14 - Livros digitais e eletrônicos na área de Farmácia



Fonte: Dados da pesquisa

Quando os bibliotecários foram questionados se somente a área de Farmácia é favorecida na aquisição dos LDEs, eles puderam assinalar qual(is) área(s) do conhecimento estão sendo contemplada(s). Essa pergunta obteve a resposta das 24 bibliotecas que disponibilizam livros digitais e eletrônicos.

Gráfico 15 - Coleção de livros digitais e eletrônicos por grandes áreas do conhecimento



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a área da Ciências da Saúde é a mais favorecida com o acervo de LDEs, contemplada em 84% das bibliotecas. O alto índice para essa área é justificável pelo fato de o universo de bibliotecas respondentes ter um quantitativo significativo pertencente ao Centro/*Campus* da área da saúde.

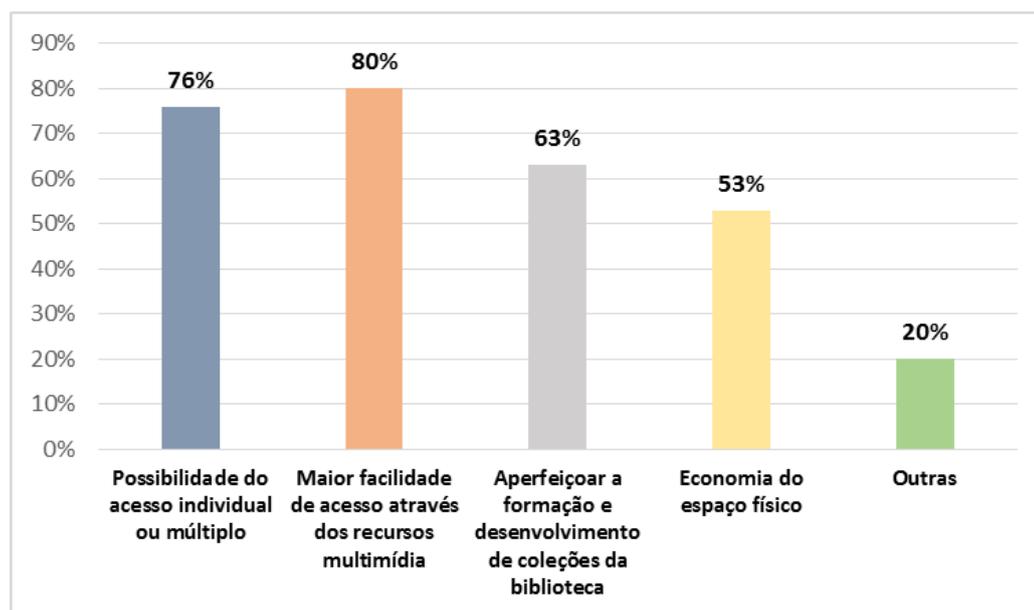
É relevante destacar que a área das Ciências Biológicas também tem expressividade para a formação do acervo de livros digitais e eletrônicos, com 76% do total das bibliotecas pesquisadas. Acredita-se que isso ocorra em virtude de muitas dessas unidades informacionais atenderem de maneira direta ou indireta diversos cursos de graduação da área da saúde, inclusive a Farmácia. Contudo, essa disposição organizacional vai depender da estrutura de cada IES.

Considerando que as bibliotecas centrais tiveram uma participação expressiva para o desenvolvimento desse estudo, é possível conjecturar a diversidade de áreas do conhecimento que foram beneficiadas com os livros digitais e eletrônicos. Cinco (5) bibliotecas centrais relataram a aquisição dos LDEs em todas grandes as áreas do conhecimento, somente a Biblioteca Central Julieta Carteador da UEFS mencionou que adquire livros digitais e eletrônicos da área de Ciências da Saúde.

O Gráfico 15 apresenta que as grandes áreas do conhecimento foram contempladas com os LDEs. Essa constatação pode ser reflexo da forma como estão sendo implementados e disponibilizados os livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias, na medida em que uma das práticas mais comuns é a compra ou a licença de uso de “pacotes” de títulos individuais que são oferecidos pelas editoras. Neste processo, o bibliotecário não possui autonomia nas escolhas das obras e nem no processo de atualização e descarte. Esses “pacotes” podem ser compostos por vários livros de diferentes áreas do conhecimento que não atendem aos usuários das bibliotecas (COSTA; CUNHA, 2014; SERRA, 2014; NASCIMENTO, 2013c; WALTERS, 2013; CÓRDON-GARCÍA, ARÉVALO E DÍAZ, 2011a).

O Gráfico 16 apresenta os fatores que influenciam a aquisição de LDEs pelas bibliotecas. Os bibliotecários tiveram a possibilidade de assinalar mais de uma opção.

Gráfico 16 - Fatores para a compra e/ou acesso de livros digitais e eletrônicos pelas bibliotecas



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme as respostas fornecidas, a opção com maior percentual (80%) foi a “maior facilidade de acesso através dos recursos multimídia”. Esta predileção mostra que o usuário, ao acessar o LDE em um aparelho eletrônico, pode utilizar mecanismos interativos, como: marcar páginas, sublinhar textos, aumentar e diminuir a fonte, alterar cor da interface e da fonte e entre outras possibilidades (PROCÓPIO, 2013).

O segundo fator com maior adesão, com 76%, foi a opção “possibilidade do acesso individual ou múltiplo” que representa a possibilidade de a biblioteca fornecer o acesso a uma

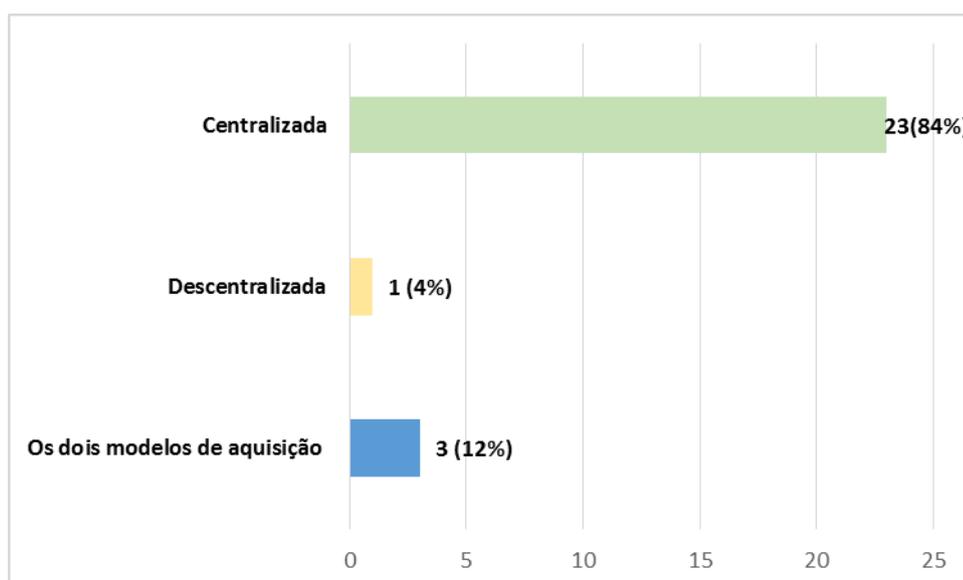
obra digital e eletrônica para mais de um usuário ao mesmo tempo. A terceira resposta mais citada foi “aperfeiçoar a formação e o desenvolvimento de coleções das bibliotecas” com o percentual de 63%, esta opção denota que os bibliotecários respondentes podem estar querendo atender às novas exigências informacionais de seus usuários e acompanhar as transformações impostas pelo mercado editorial. Para 53% das bibliotecas, a questão do espaço físico é relevante para incorporação dos LDEs, visto que muitas delas têm espaços limitados para o crescimento de suas coleções de materiais impressos e de multimídia. Por último, 20% dos respondentes marcaram a opção “outros”, indicando as seguintes respostas: “disponibilidade rápida de acesso a todos os títulos”; “qualidade de títulos em coleções digitais”; “preservação do material bibliográfico”; “política institucional” e “recursos”.

6.5 POLÍTICA E FONTES DE AQUISIÇÃO DE LDEs

Nesta seção serão identificadas as políticas de aquisição, os tipos de fornecedores e os modelos de negócios adotados pelas bibliotecas das universidades públicas das unidades de ensino em Farmácia. O objetivo dessa questão é demonstrar como estão sendo executados a formação e o desenvolvimento de coleções dos livros digitais e eletrônicos nessas bibliotecas.

No primeiro momento, indagou-se sobre a política de aquisição adotada pela biblioteca, conforme apresentado no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Políticas de aquisição adotadas pelas bibliotecas



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os dados coletados, a política de aquisição é realizada de forma centralizada em 23 bibliotecas (84%); três (12%) adquirem os LDEs através da política

centralizada e descentralizada e uma (4%) biblioteca setorial é responsável pela aquisição desses materiais.

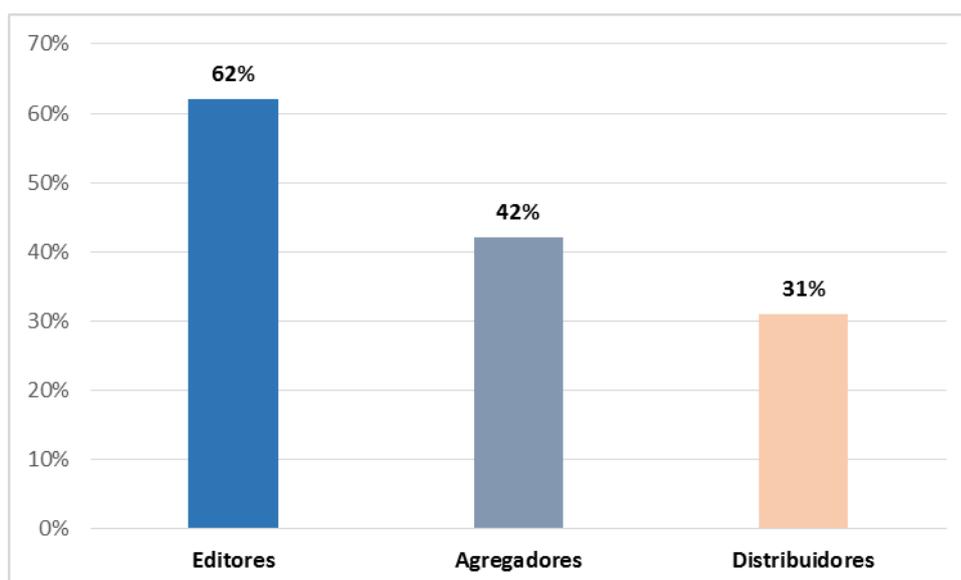
Observa-se que três (3) bibliotecas que não possuem LDEs em seus acervos responderam a questão: duas (2) afirmaram que as bibliotecas centrais já estão adotando a aquisição desse material e uma biblioteca relatou que a aquisição é descentralizada. Isso significa que mesmo não sendo beneficiadas diretamente na aquisição de obras digitais e eletrônicas, os bibliotecários questionados possuem o conhecimento de que essa adesão já teve início nas universidades onde atuam.

Neste contexto, pode-se afirmar que as bibliotecas centrais⁵² exercem um papel decisivo no planejamento e na implementação de LDEs nas bibliotecas universitárias. Neste planejamento devem ser considerados os modelos de negócio adotados, a forma de acesso (monousuário ou multiusuário), possibilidade de *download* e/ou empréstimo do livro e medidas negociativas com os fornecedores: disponibilização dos metadados para a base OPAC, permissão para a realização de um período de teste junto à comunidade acadêmica e fornecimento do *backup* digital das obras adquiridas quando é efetuada a compra perpétua.

Caso a aquisição seja realizada pelas bibliotecas setoriais, cabe a elas descrever os fundamentos necessários para atender diretamente as especificidades de seus usuários.

Indagando-se sobre o tipo de fornecedor que a biblioteca utiliza para a aquisição dos LDEs, o Gráfico 18 apresenta a porcentagem por tipo de fornecedor.

Gráfico 18 - Tipo de fornecedor utilizado para aquisição de livros digitais e eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa

⁵² Neste contexto estão inseridos os Sistemas de Bibliotecas (SiBI).

O resultado indica que 62% das bibliotecas adquirem os LDEs diretamente com as editoras de LDEs; os agregadores representam 42%; os distribuidores são os fornecedores indicados por 31% das bibliotecas, ao passo que nenhuma indicou as lojas virtuais e os autores.

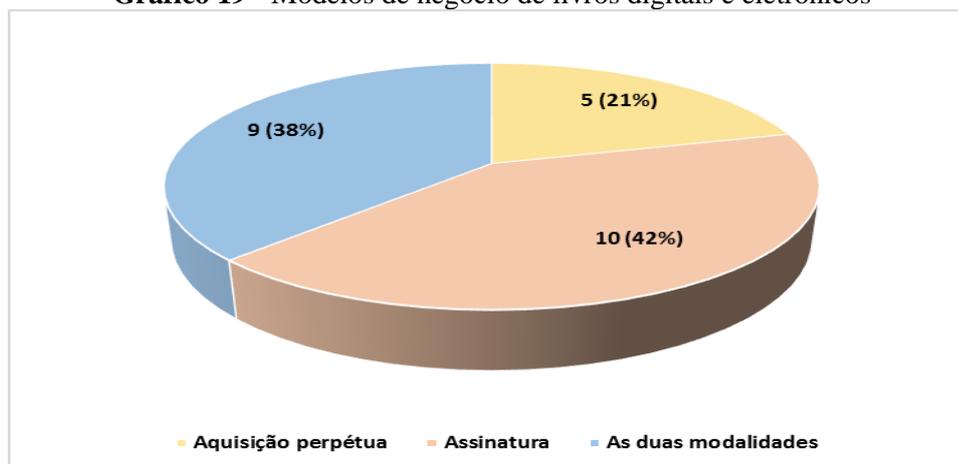
As editoras comercializam os seus títulos individuais ou em coleções diretamente com as bibliotecas, sem a presença de intermediários; com essa opção o bibliotecário tem a possibilidade de negociar preços e a permanência e/ou o acréscimo de títulos ao processo de aquisição (SERRA, 2014; COSTA; CUNHA, 2014). Essas características podem ter sido favoráveis para que as editoras tivessem o maior percentual entre os tipos de fornecedores nesta pesquisa.

A biblioteca, ao realizar um contrato de licenciamento junto a um agregador, terá a vantagem de ter acesso a diferentes editoras em uma única plataforma de acesso (COSTA; CUNHA, 2014). Contudo, a implementação e a renovação desses serviços têm custo elevado, principalmente tratando da realidade das bibliotecas universitárias públicas brasileiras que, de um modo geral, têm instabilidade orçamentária.

Os distribuidores têm como característica a intermediação entre as bibliotecas e as editoras. Os LDEs são comercializados por eles, mas o acesso aos livros é feito pelas plataformas das editoras. Desta forma, os bibliotecários e os usuários terão que obter o conhecimento dos mecanismos de acesso dessas plataformas, que podem ter comandos distintos entre uma e outra.

Por último, as livrarias virtuais e autores não tiveram aderência entre as bibliotecas respondentes. O comércio de livros digitais e eletrônicos entre as bibliotecas e as livrarias não é uma prática comum no Brasil. Verifica-se que as livrarias comercializam os seus LDEs diretamente com os usuários finais. Da mesma forma ocorre com os autores, na medida em que o ato da autopublicação não é uma atividade comum no ambiente das bibliotecas. Córdon-García e Arévalo (2011) relatam que dificilmente os bibliotecários têm o conhecimento sobre a qualidade das obras que são oferecidas, visto que são informados por meio de indicações dos usuários ou dos próprios autores.

Para realizar a implementação dos livros digitais e eletrônicos, a biblioteca tem que estabelecer em sua política de formação e desenvolvimento de coleções o modelo de negócio que mais convém para a comunidade usuária e comumente ser compatível com orçamento destinado às publicações digitais e eletrônicas. No Gráfico 19, serão apresentadas as modalidades de aquisição adotadas pelas bibliotecas universitárias integrantes desta pesquisa.

Gráfico 19 - Modelos de negócio de livros digitais e eletrônicos

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 19 aponta que a prática comum de aquisição de LDEs entre as bibliotecas pesquisadas é a assinatura, com 42% do total. Este modelo de negócio já é comumente utilizado nas bibliotecas universitárias brasileiras para a aquisição de periódicos impressos e eletrônicos. Desse modo, acredita-se que esse modelo já é familiar para os bibliotecários, na medida em que os mecanismos de oferta adotados pelos fornecedores não se diferenciam, de forma expressiva, das publicações digitais e eletrônicas. Em geral, os fornecedores disponibilizam “pacotes” com títulos organizados por assuntos e não podem ser alterados pelos bibliotecários. Desta forma, os bibliotecários não têm autonomia na escolha das obras que farão parte desse “pacote”, que poderá ameaçar o estabelecimento do contrato e a renovação das assinaturas.

A aquisição por assinatura e perpétua são as duas modalidades utilizadas em nove (9) bibliotecas das IES públicas. Acredita-se que elas podem ser beneficiadas pela verba que as universidades concedem às bibliotecas e também utilizar orçamentos próprios.

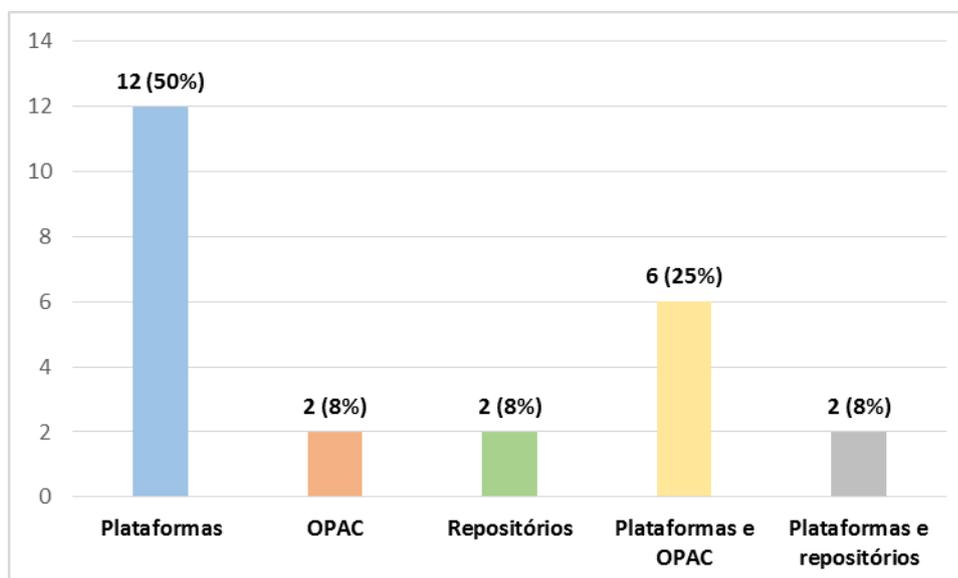
Por último, cinco (5) bibliotecas afirmaram que adotam o modelo perpétuo de aquisição de LDEs. Nesse modelo, se assimila a aquisição de publicações impressas e os livros digitais e eletrônicos, por sua vez, se tornam propriedades da biblioteca. Costa e Cunha (2014) relatam que é conveniente que os bibliotecários tenham o conhecimento sobre os detalhes da licença adquirida, como, por exemplo, informações sobre a forma de acesso (monousuário e multiusuário), a garantia da permanência de títulos “*on-line*” nas plataformas de conteúdo, disponibilização dos metadados e acesso às estatísticas de uso desse material.

6.6 FORMATOS DE PUBLICAÇÃO E MECANISMOS DE ACESSO AOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS

Nesta seção, será apresentada a forma de disponibilização do LDE para o usuário pelas bibliotecas. Para obter essa informação, serão identificados os canais e os tipos de acesso e os formatos dessas publicações.

De acordo com o fornecedor e o modelo de negócio adotado, a biblioteca poderá conceder à comunidade usuária diferentes canais de acesso aos livros digitais e eletrônicos. O Gráfico 20 ilustra como esse acesso é realizado nas bibliotecas universitárias públicas das unidades de ensino de Farmácia.

Gráfico 20 - Canais de acesso aos livros digitais e eletrônicos.



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme os dados obtidos, a plataforma de conteúdo é o local onde 50% das bibliotecas respondentes disponibilizam o acesso aos LDEs. De um modo geral, esse acesso é feito nas plataformas proprietárias dos fornecedores, por meio de computadores das bibliotecas, utilizando o *login* do usuário.

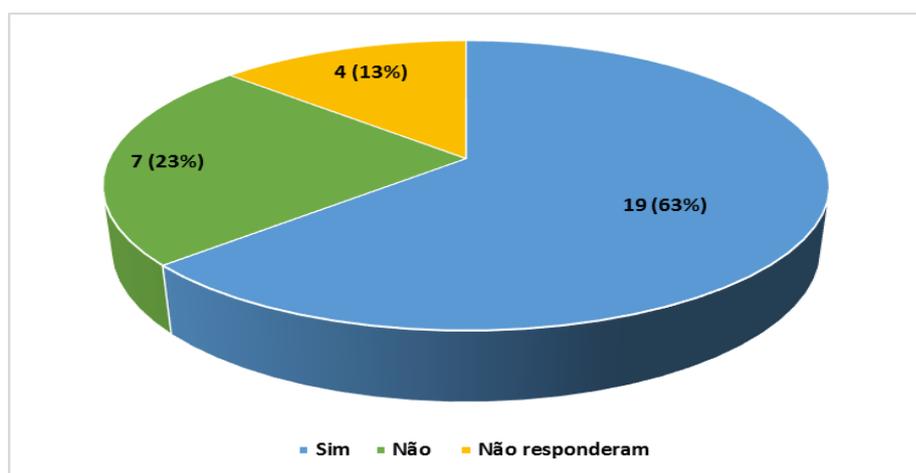
Constatou-se que seis (6) unidades de informação fornecem o acesso dos LDEs através das plataformas e dos catálogos OPAC. Esse dado mostra que o recebimento de metadados das obras que estão inseridas nas plataformas de acesso é significativo entre as bibliotecas respondentes. Isso porque o catálogo é o meio mais rápido para os usuários terem o conhecimento das publicações que estão disponíveis nas bibliotecas.

O OPAC é o único mecanismo de acesso aos LDEs em duas (2) unidades de informação. Essa mesma quantidade de bibliotecas usa os repositórios e as plataformas tecnológicas, mas nenhuma usa os OPACs e repositórios.

Os repositórios são utilizados por duas (2) bibliotecas respondentes para o acesso aos livros digitais e eletrônicos. Rosa (*et al.*, 2013) afirma que uma das causas para o baixo número de LDEs nos repositórios é a resistência por parte da cadeia editorial na adesão ao movimento de acesso aberto aos LDEs, motivado pela perda de oportunidades de lucros.

Estimando um maior conhecimento sobre o papel dos repositórios institucionais no acesso aos livros digitais e eletrônicos, foi questionado às bibliotecas se as Instituições às quais estão vinculadas possuem RI e se os LDEs da área da Farmácia podem ser acessados nesses repositórios. As respostas estão indicadas nos Gráficos 21 e 22.

Gráfico 21 - IES públicas que ofertam o curso de Farmácia e possuem repositórios institucionais



Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 21 mostra que 19 (63%) das bibliotecas respondentes afirmaram que as instituições às quais pertencem possuem repositórios institucionais⁵³. Acredita-se que é uma

⁵³As instituições são:

UFRJ- Repositório Institucional Pantheon: Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFPA- Repositório Institucional UFPA- Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpa.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFVJM- RI/UFVJM- Disponível em: <<http://acervo.ufvjm.edu.br:8080/jspui/>>. Acesso: 16 set. 2015.

UFS- RIUFS- Disponível em: <<https://ri.ufs.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UnB- RIUnB- Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFES- Repositório Institucional UFES- Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFRN- Repositório Institucional UFRN- Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br/jspui/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFC- Repositório Institucional UFC. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/>>. Acesso em 16 set. 2015.

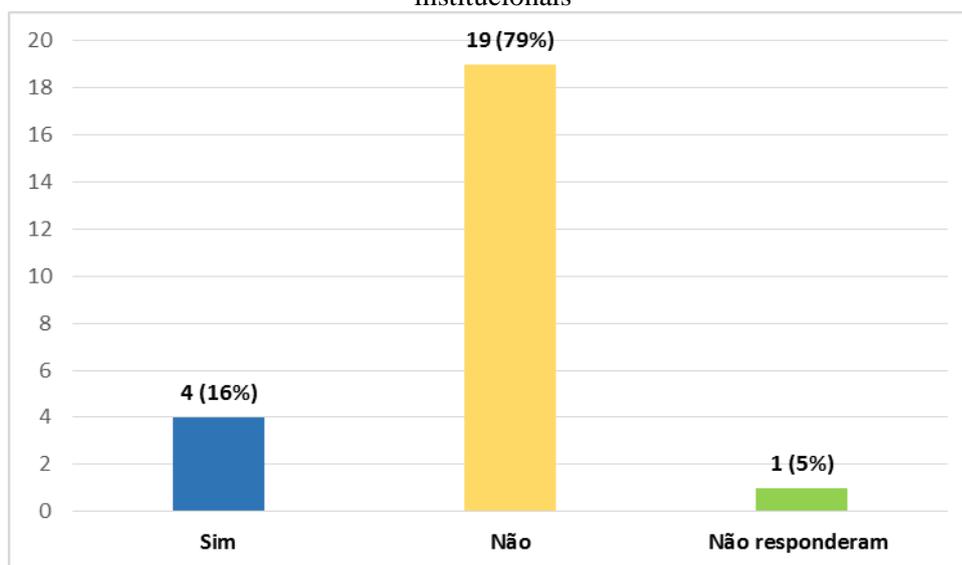
UFMS- Repositório da UFMS. Disponível em: <<http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UEM- Repositório de Materiais Didáticos da EAD. Disponível em: <<http://midias.nead.uem.br/repositorio/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFRS- Lume Repositório Digital. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

tendência das IEs públicas brasileiras fomentar políticas sobre a criação e a importância dos RI, principalmente quando se destacam na produção de conhecimento e de pesquisas no país. Já o Gráfico 22 indica que não é uma prática das bibliotecas desta pesquisa disponibilizar livros digitais e eletrônicos em repositórios institucionais. Quatro (4) bibliotecas certificam que usam os RI para disponibilizar o acesso aos LDEs da área, dentre elas, duas (2) utilizam somente os repositórios e as outras duas (2) recorrem também às plataformas de acesso, como foi retratado no Gráfico 20.

Gráfico 22 - Bibliotecas que disponibilizam os LDEs da área de Farmácia nos repositórios institucionais



Fonte: Dados da pesquisa

Questionou-se aos bibliotecários das IES públicas vinculadas ao curso de Farmácia qual o tipo de acesso aos livros digitais e eletrônicos que são oferecidas aos usuários. O Gráfico 23 aponta que das 24 bibliotecas, 23 informam que o acesso a esse material é multiusuário. Esse tipo de acesso permite que a obra digital e eletrônica possa ser acessada por vários usuários ao mesmo tempo, sendo uma das principais vantagens da aquisição dessas publicações.

UFPR- Repositório Institucional UFPR. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/>>. Acesso em 16 set. 2015.

UEPG- Repositório UEPG. Disponível em: <<http://ri.uepg.br:8080/riuepg>>. Acesso em: 16 set. 2015.

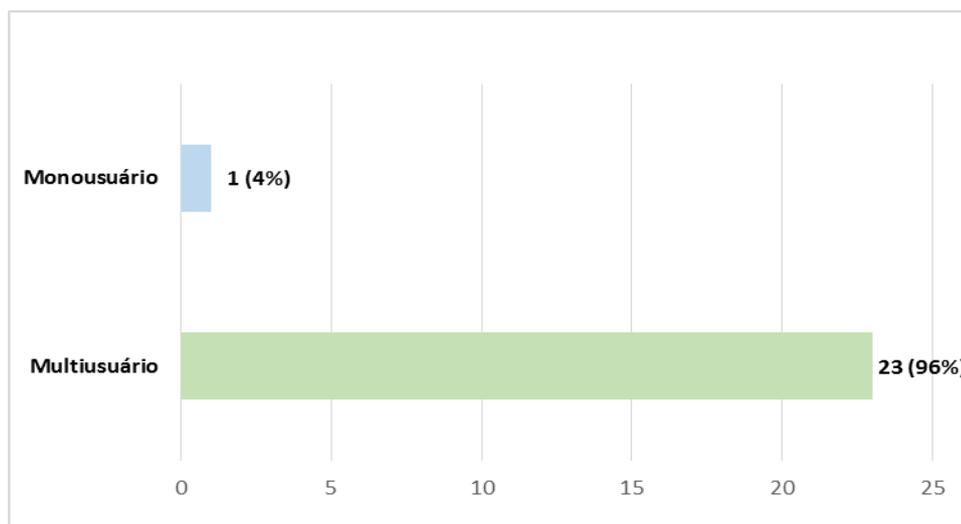
UFPB- Repositório UFPB. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

USP- Biblioteca Digital da Produção Intelectual da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UNIFESP- Repositório Institucional UNIFESP. Disponível: < <http://repositorio.unifesp.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

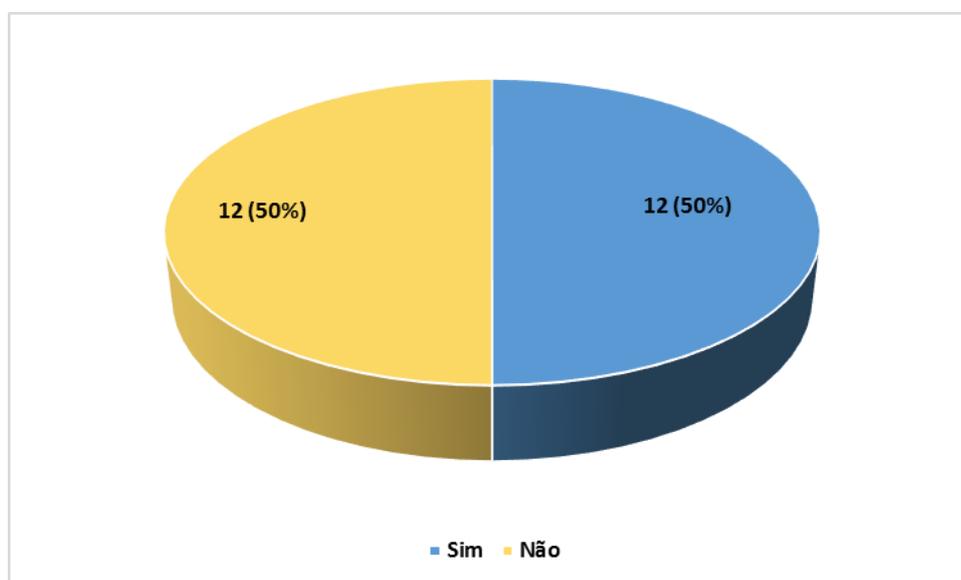
UNICAMP- Biblioteca Digital da UNICAMP. Disponível em: < <http://libdigi.unicamp.br/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

UFSM- Manancial- Repositório Digital da UFSM. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

Gráfico 23 - Tipo de acesso aos livros digitais e eletrônicos

Fonte: dados da pesquisa

Posteriormente, foi perguntado aos bibliotecários sobre a ocorrência de mecanismos de controle sobre o acesso e /ou uso de LDEs.

Gráfico 24 - Controle de acesso e/ou uso aos livros digitais e eletrônicos

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 24 apresenta que 12 bibliotecas (50%) utilizam mecanismos de controle sobre acesso e/ou uso dos LDEs.

Conforme o Gráfico 25, os relatórios de acesso foram mencionados por seis (6) bibliotecas como a ferramenta de controle de acesso e/ou uso. Esse recurso oferecido pelos fornecedores permite que os bibliotecários saibam os títulos acessados, o quantitativo de visualização por obra, o número de *downloads*, a relação de usuários e outros dados de

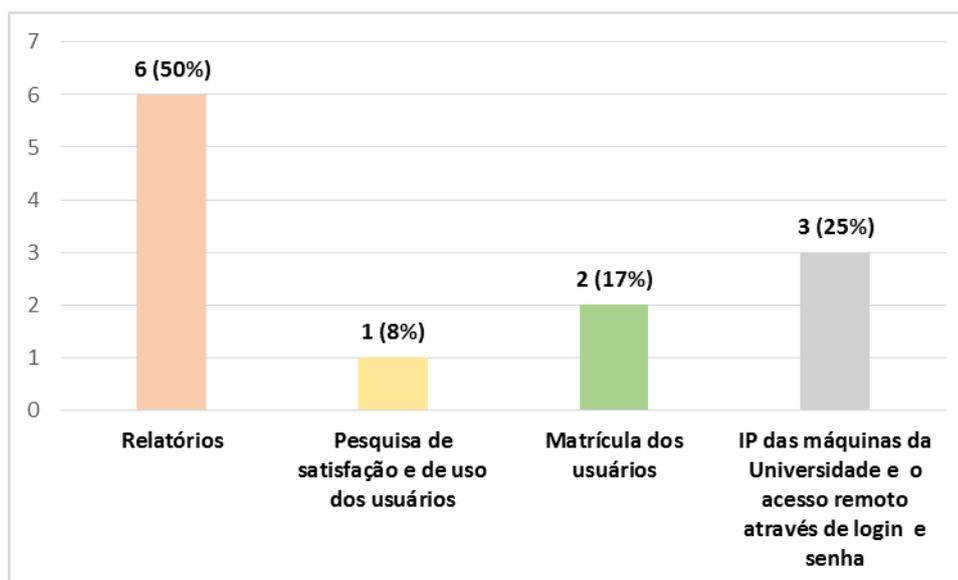
interesse para a administração da biblioteca. De modo geral, os relatórios são disponibilizados mensalmente, porém há fornecedores que permitem que as bibliotecas tenham acesso às estatísticas diárias de uso. As unidades de informação podem utilizá-los, como uma importante ferramenta de comprovação de uso para justificar os gastos e dar a continuidade ao serviço oferecido.

O segundo mecanismo de controle mais utilizado entre as bibliotecas respondentes é o *Internet Protocol* (IP) das máquinas das universidades ou o acesso remoto através de *login* e senha dos usuários. Esse tipo de monitoramento permite assegurar que o acesso às obras digitais e eletrônicas seja realizado somente pelos membros da comunidade acadêmica.

Duas (2) bibliotecas relatam que usam a matrícula dos usuários como forma de controle. Essa ferramenta permite que a biblioteca verifique os títulos acessados de seus usuários, a frequência de uso e se esses usuários seguem as diretrizes de uso, como, por exemplo, a não violação dos direitos digitais (DRM) das obras.

Apenas uma (1) biblioteca menciona que utiliza as pesquisas de satisfação e de uso dos usuários como mecanismo de acesso e/ou de uso dos LDEs. Ela relata que recebe retorno dos usuários nos treinamentos que são feitos semestralmente. Esse tipo de controle permite um retorno imediato da comunidade acadêmica diante dos livros digitais e eletrônicos, além de ser uma importante estratégia de divulgação.

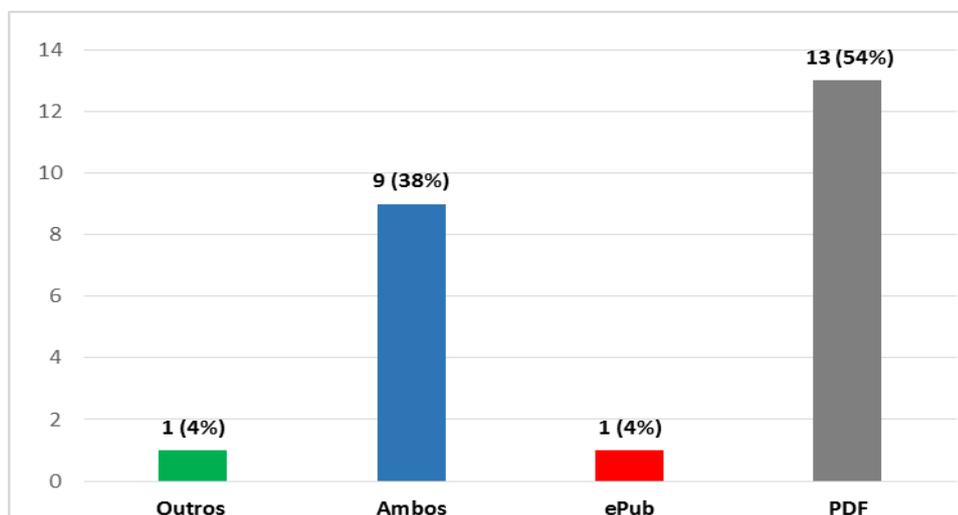
Gráfico 25 - Mecanismos de controle para o acesso e/ou uso dos livros digitais e eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa

Após a realização da identificação dos canais, dos tipos de acesso e dos mecanismos utilizados pelas bibliotecas para controlar o acesso e/ou uso dos LDEs, serão apresentados, no Gráfico 26, os formatos dos LDEs que são disponibilizados para os usuários.

Gráfico 26 - Formatos dos livros digitais e eletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa

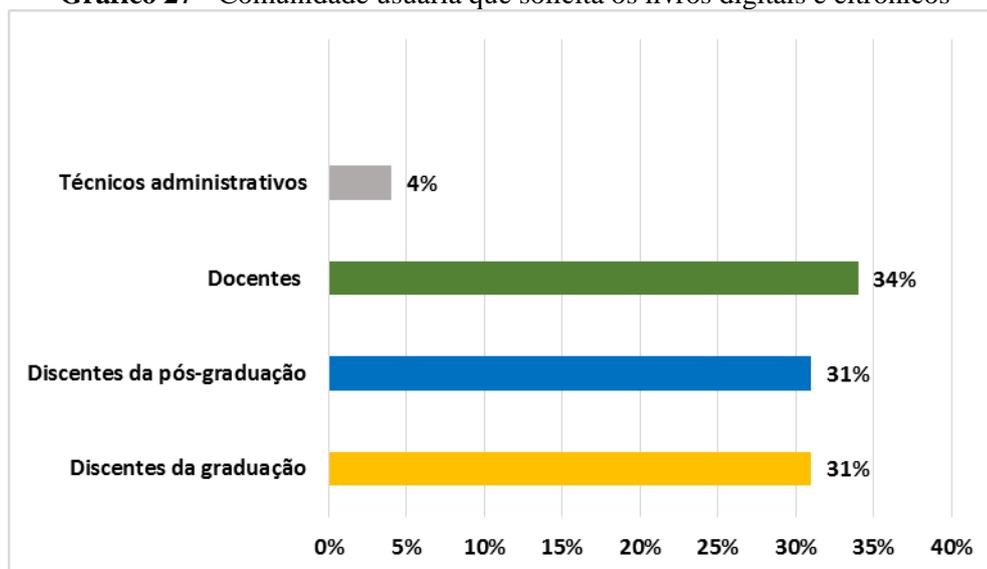
O PDF é o formato mais popular entre todos e o mais habitual no âmbito universitário, pois representa o maior percentual (54%) nas bibliotecas pesquisadas. O segundo maior percentual (38%) está concentrado no uso conjunto dos formatos *ePub* e PDF. Pressupõe-se que os editores trabalhem com essas opções em função da popularidade do PDF e por ser o *ePub* um formato de padrão aberto, favorecendo a interoperabilidade dos dados e por não pagar *royalties* a nenhuma empresa, permitindo um aperfeiçoamento diante das exigências e demandas do mercado.

Uma (1) biblioteca menciona que utiliza somente o formato *ePub* e outra (1) unidade informacional cita que utiliza outro(s) formato(s), não especificando o formato, segundo ela, “vários, depende do agregador”

Na próxima seção, será caracterizada a comunidade acadêmica que acessa aos LDEs. Para atender a esse fim, serão abordados: o perfil dos usuários, a partir da variável - vínculo institucional; a frequência de uso e os meios que os usuários utilizam para realizar o acesso.

6.7 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE USUÁRIA DAS BIBLIOTECAS PARTICIPANTES

Perguntou-se aos bibliotecários sobre o tipo de usuário que solicita os LDEs em suas bibliotecas. As opções de respostas eram de acordo com o vínculo institucional que a comunidade usuária exercia na Universidade.

Gráfico 27 - Comunidade usuária que solicita os livros digitais e eletrônicos

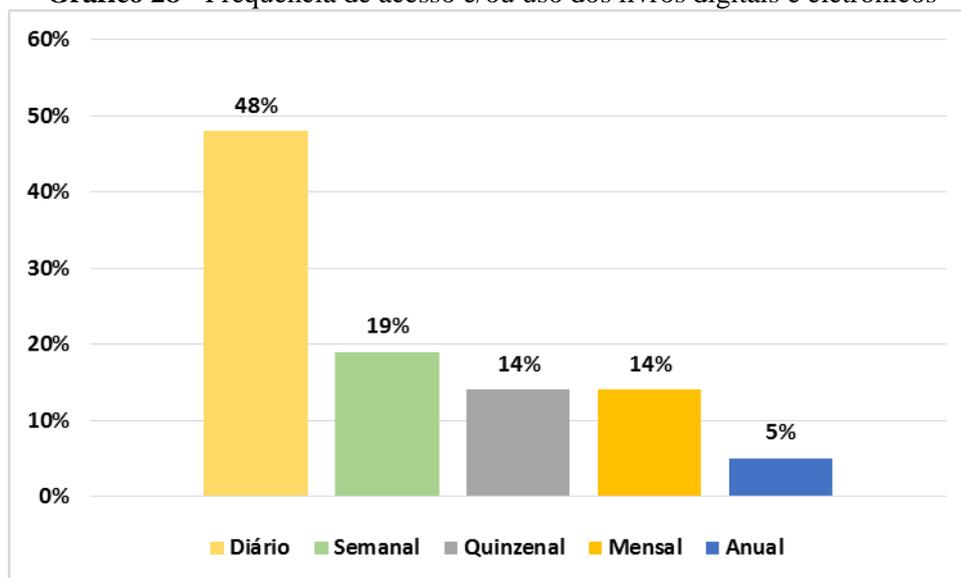
Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 27 demonstra que são os docentes que têm o maior percentual de acesso e/ou uso dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas participantes (34%). Eles podem exercer um importante papel na divulgação desse acervo e auxiliarem os bibliotecários na formação e desenvolvimento de coleções dos LDEs, contribuindo com sugestões de obras que possam atender diretamente à comunidade universitária.

Os discentes da graduação e da pós-graduação têm o mesmo percentual de participação na busca por LDEs nas bibliotecas (31%). Os discentes, de modo geral, representam de maneira significativa a comunidade de usuários das bibliotecas universitárias e é a principal demanda dos serviços oferecidos pelas unidades informacionais. Desta forma, cabe à biblioteca desenvolver e promover o seu acervo digital e eletrônico para atender às necessidades e exigências desses usuários.

Os técnicos administrativos não possuem expressividade no acesso e/ou uso dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas respondentes, apenas 4% do total. Não foi citado nenhum outro tipo de público que solicite os LDEs, sendo assim, pressupõe-se que o acervo das bibliotecas participantes se destina a suprir a comunidade universitária.

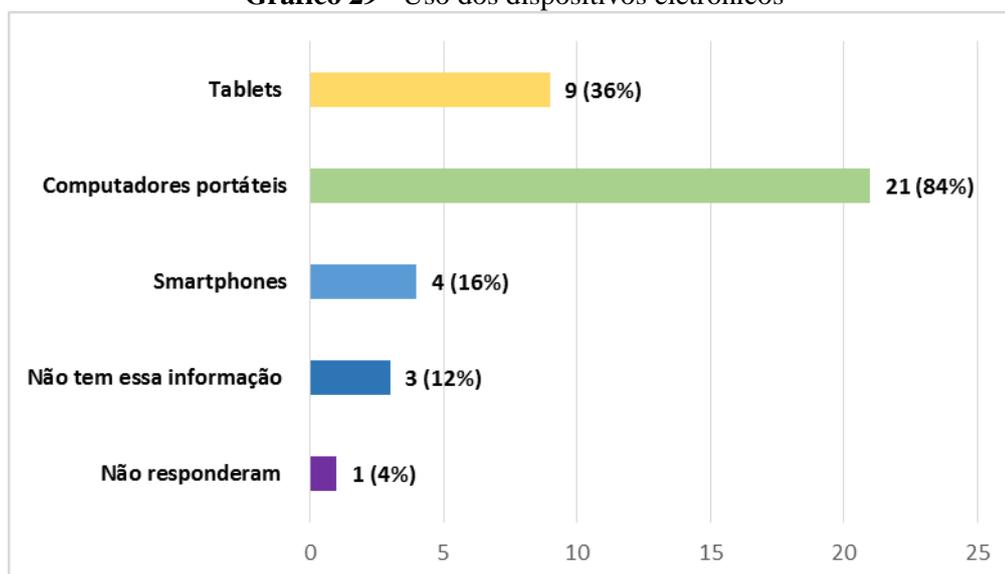
O Gráfico 28 retrata a frequência com que os usuários acessam e/ou usam os livros digitais e eletrônicos.

Gráfico 28 - Frequência de acesso e/ou uso dos livros digitais e eletrônicos

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 28 aponta que a frequência de acesso e/ou uso aos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas participantes é realizado de forma regular, visto que o maior percentual (48%) refere à frequência diária e o menor percentual (5%) representa a frequência anual. Ressalva que, mesmo que os LDEs estejam sendo constantemente acessados, essa informação não transparece se eles estão atendendo diretamente às necessidades dos usuários, uma vez que os LDEs parecem ser mais interessantes em consultas rápidas, do que em leituras longas (SERRA, 2014).

O Gráfico 29 apresenta o percentual de uso dos dispositivos eletrônicos para o acesso aos LDEs nas bibliotecas participantes.

Gráfico 29 - Uso dos dispositivos eletrônicos

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 29 expõe que os computadores portáteis são os principais suportes de acesso às obras digitais e eletrônicas nas bibliotecas respondentes que têm os LDEs, equivalente a 84% do total. Procópio (2013) afirma que, no Brasil, o computador é meio mais usado para leitura digital e eletrônica. Ele tem as vantagens de uma tela confortável para leitura, um amplo espaço de armazenamento de arquivos e ser compatível com a maioria dos formatos digitais e eletrônicos.

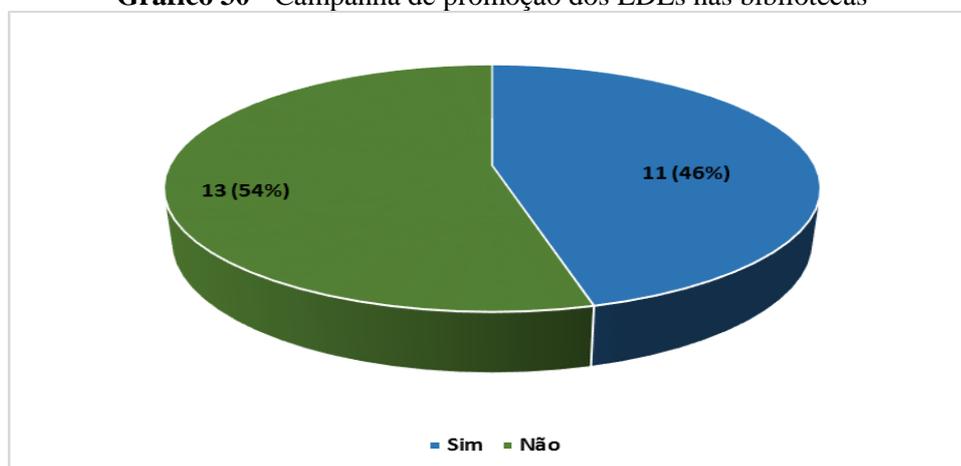
Os *tablets* foram mencionados por nove (9) bibliotecas. Esses dispositivos eletrônicos são multifuncionais, têm acesso à Internet e possibilitam o uso de inúmeros aplicativos, contudo não contam com os recursos exclusivos para a leitura digital e eletrônica. Características semelhantes têm os *smartphones* que foram citados por quatro (4) bibliotecas. Serra (2014) aponta que os LDEs estão relacionados diretamente aos aparelhos eletrônicos portáteis. A ocorrência de um aumento na oferta desses aparatos, contribui para uma maior visibilidade dos livros não impressos.

Em contrapartida, os aparelhos dedicados à leitura – os *e-readers* – não possuem, por enquanto, uma adesão entre a comunidade universitária pesquisada. Cheek; Hartel (2012) e Rodrigues; Crespo (2013) descrevem a necessidade de as empresas desenvolvedoras de *e-readers* promoverem uma maior publicidade de seus produtos e aperfeiçoarem a tecnologia envolvida, tanto na ampliação de novas funções, como na criação de modelos mais modernos, com o objetivo de tornarem aparelhos competitivos no mercado de aparelhos eletrônicos.

6.8 VISIBILIDADE E IMPACTO DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NAS BIBLIOTECAS

Inicialmente, questionou-se aos profissionais da informação se eles realizam algum tipo de promoção dos LDEs e se esses materiais têm adesão pelos usuários das bibliotecas.

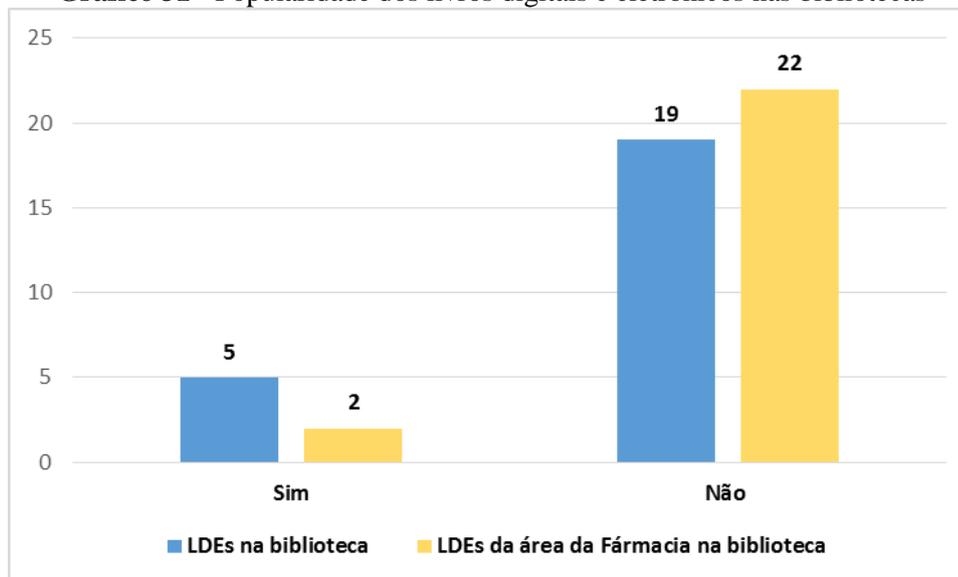
Gráfico 30 - Campanha de promoção dos LDEs nas bibliotecas



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se, no Gráfico 30, que das 24 bibliotecas que possuem os LDEs, 13 (54%) não executam campanhas de promoção dessas publicações. Os mecanismos de *marketing* são importantes ferramentas para promover os livros digitais e eletrônicos, principalmente, por eles serem recentes na maioria das bibliotecas universitárias.

Gráfico 31 - Popularidade dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 31 mostra que em cinco (5) bibliotecas os LDEs são populares. Segundo os bibliotecários dessas unidades de informação, essa situação se deve a: a) retorno dos usuários e relatórios de uso; b) treinamentos oferecidos pelas bibliotecas; c) docentes da área da saúde adotam os LDEs como bibliografia básica e d) existência de instrumentos promocionais, como *folders* e treinamentos. Já as duas (2) bibliotecas que asseguram a boa adesão dos LDEs da área da Farmácia, acreditam que isso ocorra devido às seguintes comprovações: a) bons relatórios de uso dos LDEs das áreas da saúde e ciências biológicas e b) a usabilidade dos livros da área de Farmácia que se encontram disponíveis no Repositório Institucional da Universidade.

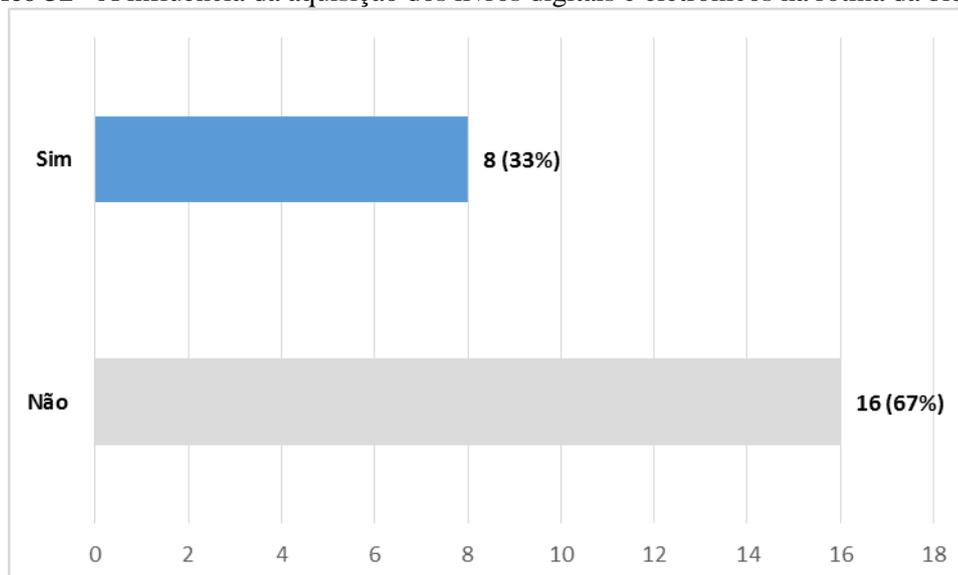
Contudo, a maior parte das bibliotecas respondentes declara que, tanto as obras digitais e eletrônicas da área de Farmácia, como toda a coleção de LDEs não são populares em seus acervos. As possíveis razões são: a) a falta de campanha promocional e de divulgação dos LDEs voltados para público universitário; b) pouca oferta de títulos na língua portuguesa e um grande quantitativo na língua inglesa; c) resistência ao formato eletrônico por parte dos usuários das bibliotecas e d) necessidade de um dispositivo eletrônico para efetuar a leitura.

Desta forma, pode-se assegurar que os LDEs, na maioria das bibliotecas universitárias públicas das unidades de ensino de Farmácia, não são vistos pelos usuários como fontes de

informação significativas para obtenção do conhecimento, mesmo que o acesso a elas seja feito constantemente, como foi apresentado no Gráfico 28.

Foi questionado aos bibliotecários se a aquisição dos LDEs interfere na rotina das bibliotecas, conforme é apresentado no Gráfico 32.

Gráfico 32 - A influência da aquisição dos livros digitais e eletrônicos na rotina da biblioteca



Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 32 expõe que a aquisição dos LDEs não interfere nos hábitos de 16 bibliotecas respondentes, no entanto, oito (8) afirmam que a inserção desses materiais alterou o cotidiano das mesmas. A seguir, serão apresentados os relatos dos bibliotecários sobre essas mudanças e as adaptações que as unidades de informação tiveram que passar por conta da incorporação dos livros digitais e eletrônicos em seus acervos:

- 1) “O processamento se tornou mais ágil, como a disponibilidade de acesso aos usuários, e proporcionou menos sobrecarga aos bibliotecários do processamento”.
- 2) “Necessidade de um bibliotecário para gerenciar essa nova coleção e oferecer treinamento referente à coletânea”.
- 3) “É necessário desenvolver novas habilidades para auxiliar os usuários no acesso aos materiais eletrônicos e também quando ocorrerem problemas para este acesso”.
- 4) “Busca de material informativo, treinamentos de equipe e, posteriormente, dos usuários”.
- 5) “Possibilidade de disponibilizar mais um recurso aos usuários”.
- 6) “A influência ocorreu, pois cursos sobre esses materiais tiveram que ser incluídos na divulgação. Os setores de atendimento ao público estão envolvidos e faz parte da nova rotina trabalhar com esses materiais”.

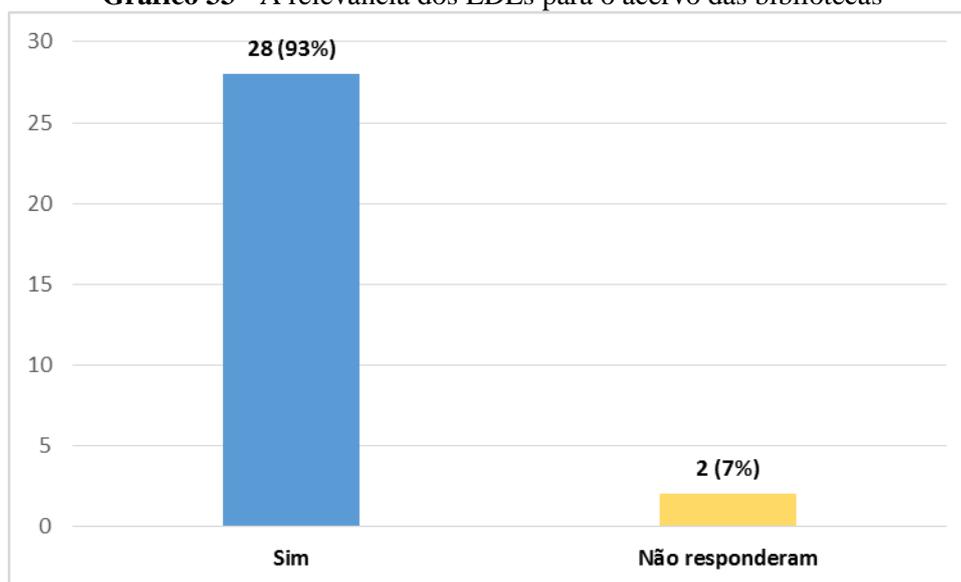
7) “Tem influência no processo de formação e desenvolvimento de coleções, ou seja, na etapa de aquisição, consideramos a existência ou não da obra no formato digital e eletrônico”.

8) “Permitiu maior flexibilidade de uso em alguns títulos que são muito procurados. Por ser ainda monousuário ainda não resolveu totalmente o problema, mas houve melhora”.

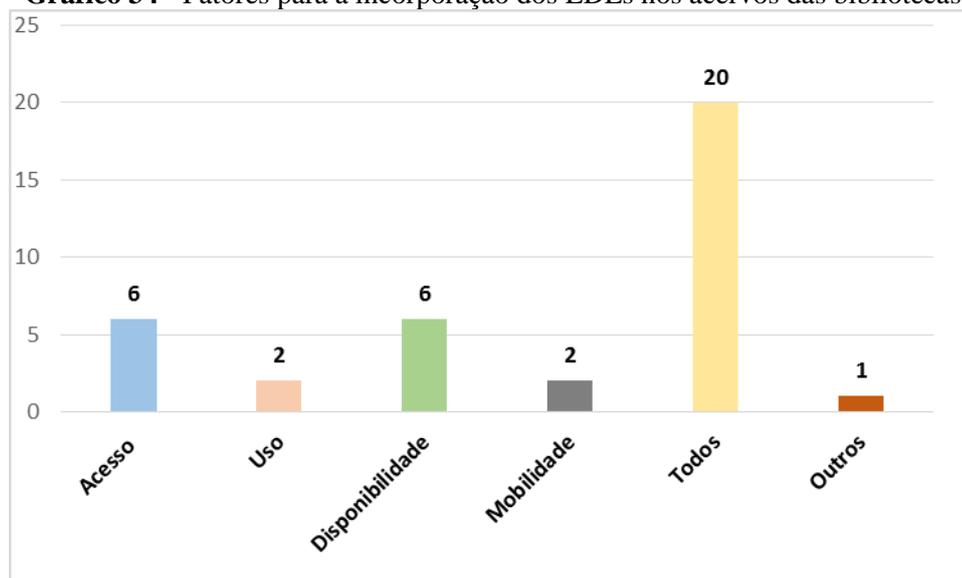
Acredita-se que medidas adotadas para a incorporação dos LDEs nos acervos das bibliotecas possibilitem que: a) os bibliotecários obtenham maiores conhecimentos e desenvolvam habilidades diante do novo serviço oferecido; e b) as bibliotecas passem por adaptações, intencionando a promoção do acervo digital e eletrônico para os seus usuários.

Posteriormente, foi questionado aos bibliotecários se os livros digitais e eletrônicos são relevantes para as coleções das bibliotecas e quais fatores são primordiais para sua incorporação ao acervo. Os Gráficos 33 e 34 apresentam essas informações.

Gráfico 33 - A relevância dos LDEs para o acervo das bibliotecas



Fonte: Dados da pesquisa

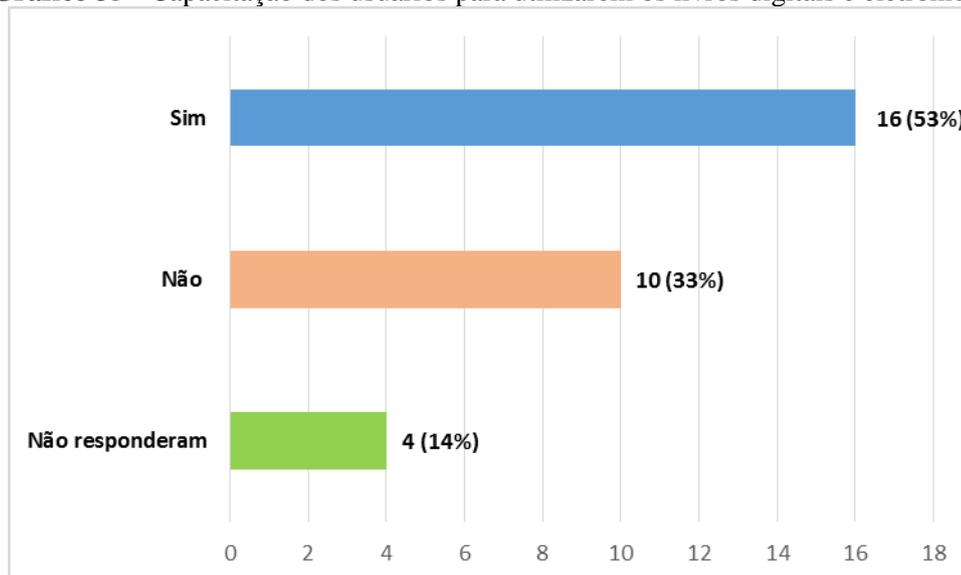
Gráfico 34 - Fatores para a incorporação dos LDEs nos acervos das bibliotecas

Fonte: Dados da pesquisa

O Gráfico 33 exibe que das 30 bibliotecas das IES públicas vinculadas às unidades de ensino de Farmácia, 28 afirmam que os livros digitais e eletrônicos são importantes para a coleção dos acervos. Essa constatação revela que mesmo as bibliotecas não os disponibilizando, reconhecem que os LDEs possuem características atrativas para os seus usuários.

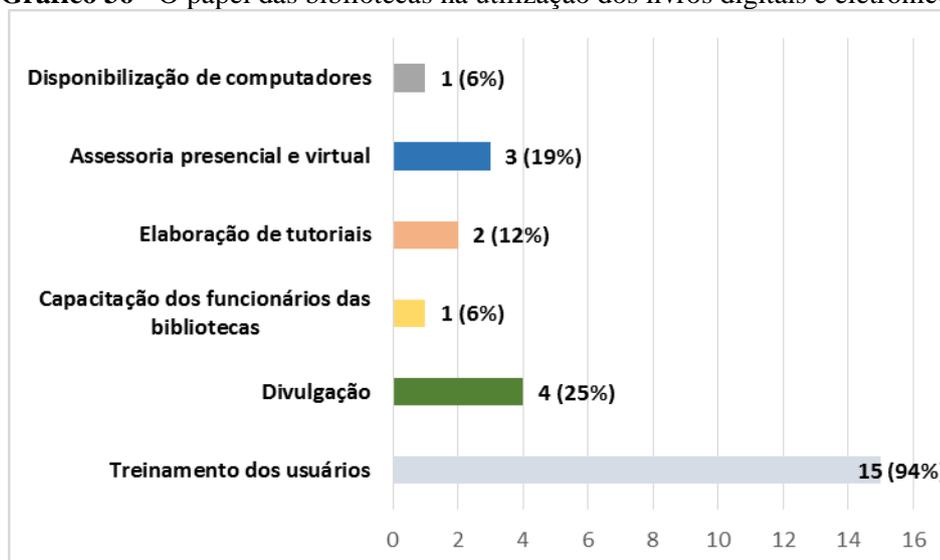
No Gráfico 34, possíveis atributos inerentes aos LDEs foram convertidos em fatores favoráveis para sua incorporação nas bibliotecas. Conforme as informações concedidas pelos bibliotecários, 20 acreditam que todos os fatores (acesso, uso, disponibilidade e mobilidade) são importantes para aquisição dos livros digitais e eletrônicos. Uma (1) biblioteca relatou que a praticidade é uma razão significativa para adquirir essas publicações.

O Gráfico 35 aponta a posição dos bibliotecários sobre a necessidade de capacitação dos usuários para usufruírem dos recursos existentes nas coleções dos LDEs. Conforme os profissionais da informação, 16 (53%) relatam que os usuários precisam ser capacitados; 10 (33%) afirmam que não há essa necessidade e quatro (4) não responderam a essa questão.

Gráfico 35 - Capacitação dos usuários para utilizarem os livros digitais e eletrônicos

Fontes: Dados da pesquisa

O Gráfico 36 expõe o papel que a biblioteca pode exercer para auxiliar a sua comunidade usuária na utilização dos LDEs.

Gráfico 36 - O papel das bibliotecas na utilização dos livros digitais e eletrônicos

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o Gráfico 36, o treinamento de usuários é o meio mais citado entre as bibliotecas para auxiliar na utilização dos livros digitais e eletrônicos. Essa medida é importante para divulgação desse acervo digital e eletrônico e para demonstrar as ferramentas e funções das plataformas de conteúdo, principalmente se a biblioteca trabalha com diferentes plataformas.

Posteriormente, quatro (4) bibliotecas relataram que a função da biblioteca é divulgar os recursos oferecidos pelos LDEs para toda a comunidade acadêmica. O assessoramento presencial e virtual foi mencionado por três (3) bibliotecas. Ele pode ser considerado como um mecanismo auxiliador, principalmente quando os usuários queiram saciar as suas dúvidas rapidamente.

Duas (2) bibliotecas mencionam que os tutoriais explicativos são importantes ferramentas de apoio aos usuários para o acesso aos LDEs. Eles podem ser elaborados pela própria biblioteca ou concedidos pelos fornecedores. É relevante que as unidades de informação os divulguem em suas páginas *Web* e nas mídias sociais que participam.

A capacitação dos funcionários das bibliotecas e a disponibilização de computadores foram apontadas por uma (1) biblioteca cada. O primeiro apresenta que os bibliotecários necessitam ter conhecimentos e habilidades para fornecerem informações e treinamentos para os usuários. Já o segundo, refere-se à importância da biblioteca em oferecer suportes eletrônicos para o acesso às obras digitais e eletrônicas.

6.9 VISÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DIANTE DA INSERÇÃO DOS LIVROS DIGITAIS E ELETRÔNICOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Esta seção tem o intuito de apresentar a forma como os bibliotecários participantes veem os livros digitais e eletrônicos no ambiente da biblioteca universitária. Esses profissionais relatam os pontos positivos e negativos dos LDEs e expõem as suas concepções sobre a inserção desses materiais nas bibliotecas universitárias brasileiras.

Quadro 8- Pontos positivos e negativos dos livros digitais e eletrônicos

(continua)

| N. | Pontos positivos | Pontos negativos |
|----|---|---|
| 1 | Acesso 7 dias na semana, 24 horas. | Não poder consultar várias publicações ao mesmo tempo. |
| | Ter o acervo à disposição. | Desconforto na leitura. |
| | Não transportar volumes. | Acesso somente nos computadores da instituição e poucos títulos em português. |
| | Não ter prazos para devoluções. | |
| | Edições mais recentes. Impressão de capítulos e inserir notas e observações. | |
| 2 | Acessibilidade e preservação. | Falta de dispositivo para acesso. |
| 3 | Economia de volume/peso. | Necessidade de dispositivos para leitura do <i>e-book</i> . |
| | Mobilidade e acessibilidade. | |
| 4 | Redução de espaço físico. | Pouco uso devido à falta de divulgação. |
| | Atualidade e disponibilidade | |

Quadro 8- Pontos positivos e negativos dos livros digitais e eletrônicos
(continuação)

| N. | Pontos positivos | Pontos negativos |
|----|---|--|
| 5 | Acesso multiusuário. | Leitura no computador. |
| | Agrega valor à coleção e independência do usuário. | Coleções em sua maioria em inglês e necessidade de capacitação do usuário. |
| 6 | | O modelo de negócios mais comum é assinatura, que não traz a obra para a coleção permanente da biblioteca. |
| 7 | Acesso multiusuário e acesso a materiais que se considera importante sem risco de estar esgotado. | Ter acesso e não posse e dependência de tecnologias para ser acessado (computadores, energia elétrica, rede de Internet). |
| 8 | Não somem. | |
| | Não se deterioram. | |
| | Boa aceitação do usuário. | |
| | Flexibilidade de poder acessar o material a qualquer hora e maior controle na hora da devolução. | |
| 9 | Conforto da leitura. | Alta dependência do livro ao suporte físico (<i>e-book</i> , computador) e alto custo |
| | Mobilidade. | |
| | Praticidade. | |
| | Ganho em espaço físico e preservação do meio ambiente. | |
| 10 | Disponibilização da informação/conhecimento em todos os suportes disponíveis. | Alto custo. |
| 11 | Segurança e democratização da informação. | Exigência de uma grande burocracia e documentação para a conclusão da assinatura |
| 12 | Acesso multiusuário. | Edição não atualizada; |
| | Alivia a sobrecarga do setor de empréstimo e devolução. | Acesso remoto via proxy proporcionado pela universidade possui barreiras e a falta de aperfeiçoamento da interface de busca. |
| | Fim da multa por atraso. | |
| | Sem problema de quantidade de exemplar por usuário e facilidade em baixar os arquivos. | |
| 13 | Economia de espaço e melhor conteúdo. | Exclusão digital. |
| 14 | Facilidade de acesso pela comunidade. | Alguns só permitem a leitura, sem a possibilidade de copiar e nem sempre as pessoas têm equipamento ou rede para acessá-los. |
| 15 | Disponibiliza mais um recurso para os usuários terem acesso às áreas de seu interesse. | |
| 16 | Maior facilidade e rapidez do acesso e complementa o acervo sem ocupar espaço físico. | Resistência de algumas pessoas ainda ao livro em formato eletrônico preferindo o impresso. |
| 17 | Espaço e menos nocivos ao meio ambiente. | Impessoalidade. |
| 18 | Disponibilidade. | |
| | Acesso e usabilidade. | |
| 19 | Inserção de um recurso moderno na biblioteca. | |

Quadro 8- Pontos positivos e negativos dos livros digitais e eletrônicos
(conclusão)

| N. | Pontos positivos | Pontos negativos |
|----|--|---|
| 20 | Ampliou o acesso para os usuários e auxilia no problema de espaço físico. | As empresas que apresentam os modelos de negócios precisam estar mais a par da realidade das bibliotecas, pois apresentam os modelos prontos e as bibliotecas que tem que se enquadrar naqueles modelos e o certo seria uma conversa para que os dois lados ficassem satisfeitos. |
| 21 | Disponibilidade de novos títulos ou de acesso a uma obra muito procurada e sem exemplares na biblioteca. | Mobilidade e legibilidade. O exemplar impresso é mais fácil de ler e força menos a visão. |
| 22 | | Alto custo. |
| 23 | Acesso. | Leitura. |
| 24 | Não compromete o espaço físico. | As obras podem ser retiradas, sem aviso prévio e necessidade de uma boa Internet para garantir um bom acesso. |
| | Possibilidade de acesso no ambiente fora da Universidade e a qualquer momento e diversidade de obras disponibilizadas. | |
| 25 | Facilidade de acesso e economia de espaço físico. | INEP ainda exigir a presença de livros impressos na bibliografia básica e necessidade obrigatória de equipamento para leitura. |
| 26 | Acessibilidade de informação. | Política dos editores que não beneficiam seus clientes. |
| 27 | Facilidade de acesso e economicidade. | Ausência de publicações nacionais. |
| 28 | Mobilidade e acesso. | |

Fonte: Dados da Pesquisa

O Quadro 8 mostra que os bibliotecários respondentes manifestam as suas concepções sobre os LDEs, conforme os seus conhecimentos sobre assunto e através de suas experiências profissionais. Sobre os pontos positivos, se destacam: a facilidade de acesso e o ganho do espaço físico; já os pontos negativos evidenciam: a necessidade de um dispositivo para a leitura, o alto custo para aquisição dos LDES e a falta de adequação do mercado editorial com a realidade das bibliotecas.

Acredita-se que os profissionais da informação reconhecem o desafio de apresentar para os seus usuários novos meios de obtenção de informação, como os LDEs e, simultaneamente, não desvincular de suas práticas tradicionais (seleção, tratamento e disseminação da informação) de acordo com a realidade de sua comunidade.

Por último, os bibliotecários são questionados sobre o preparo das bibliotecas universitárias brasileiras na incorporação dos livros digitais e eletrônicos. O Quadro 9 apresenta as respostas concedidas por 28 bibliotecários.

Quadro 9- Reflexão dos bibliotecários sobre a incorporação dos LDEs nas bibliotecas universitárias brasileiras

(continua)

| N. | Respostas | Justificativa |
|----|-----------|---|
| 1 | Sim | "Os profissionais já contam com vários cursos sobre o assunto. As políticas das instituições já englobam a aquisição do material." |
| 2 | Não | "Falando da biblioteca que trabalho ainda não está preparada". |
| 3 | Sim | "Ajustes devem ser feitos, como deveriam em qualquer inclusão de novos suportes. Mas o uso de periódicos eletrônicos na última década facilitou bastante a introdução de <i>e-books</i> - o que se precisa fazer é conscientizar o público as diferenças entre as duas fontes." |
| 4 | Sim | "É urgente que acompanhem a evolução tecnológica global e proporcionemos a nosso usuário a mesma rapidez no acesso conteúdos importantes na sua formação, como em todas as áreas de seu interesse." |
| 5 | Sim | "Cada vez mais o uso do acervo digital vem crescendo nas bibliotecas universitárias visando, principalmente, o ganho no espaço físico." |
| 6 | Sim | "Acredito que bibliotecários já estejam aptos a trabalhar com materiais digitais, pois hoje é uma parte importante e considerável da profissão, bem como trata-se de uma necessidade dos usuários." |
| 7 | Não | "Não acho que seja questão de preparo, mas necessidade. Com certeza a graduação não prepara para trabalho com outros suportes além do impresso." |
| 8 | Sim | "Considero que as bibliotecas estão ainda em fase de aprendizagem, mas vejo o maior problema na ganância ou ignorância dos editores/fornecedores (principalmente no Brasil quanto as traduções), ao não oferecer, salvo raras exceções, modalidades de compra específicas que atendam às necessidades de bibliotecas, sobretudo de materiais unitários e não "pacotes" de diversos materiais não interessantes e alguns desejáveis. Além de imporem diversas restrições para o acesso." |
| 9 | Sim | "Há uma boa aceitação do usuário." |
| 10 | Não | "Além da disponibilização de meios eficazes e confiáveis que darão acesso aos livros digitais, o custo de aquisição e manutenção dos mesmos ainda é um grande entrave para que esse tipo de acervo seja disponibilizado de forma a ser algo popular e trivial no dia-a-dia dos estudantes e do público em geral." |
| 11 | Sim | "As bibliotecas universitárias já incorporaram desde o ano de 2006 o tratamento dos documentos digitais e eletrônicos, por exemplo as BDTDs, RI e os portais de periódicos eletrônicos, utilizando ferramentas notadamente de acesso aberto." |
| 12 | Sim | "Temos como princípio buscar sempre recursos atuais e ofereçam dinamizar a informação." |
| 13 | Sim | "A facilidade de acesso, uso e <i>download</i> permite que uma quantidade maior de usuários possam acessá-los sem os trâmites burocráticos existentes, ainda, nas bibliotecas". |
| 14 | Não | "Acho que não estão preparadas, por questões culturais. Existe um desnível de pessoas preparadas: poucos sabem muito na prática e outros sabem pouco na teoria e não na prática." |
| 15 | Sim | "Aos pouco as bibliotecas vão se adaptando as novidades e as necessidades de seus usuários. O livro digital já é realidade e é preciso incorporá-lo, pois nossos usuários buscam esta facilidade." |
| 16 | Sim | "Devem ter uma política de aquisição e uso, suporte técnico." |
| 17 | Não | "As bibliotecas atualmente ainda possuem o problema de ter pouco dinheiro destinado a elas, e geralmente a incorporação desses livros gera um custo". |
| 18 | Sim | "Acredito que a grande maioria sim, o público é muito receptivo as inovações." |
| 19 | Sim | "Pois hoje trabalha-se em redes via Internet." |

Quadro 9- Reflexão dos bibliotecários sobre a incorporação dos LDEs nas bibliotecas universitárias brasileiras

(conclusão)

| N. | Respostas | Justificativa |
|----|-----------|--|
| 20 | Não | "Não estão preparados, ainda existe muita exclusão digital. Dificuldades de acesso a computadores, falta de informações." |
| 21 | Sim | Não justificou. |
| 22 | Não | "Acho que estão aos poucos incorporando. Nem todas têm os recursos necessários para disponibilidade das obras e ainda há muita resistência por parte do usuário." |
| 23 | Não | "Faltam recursos." |
| 24 | Não | "Não tenho equipamentos adequados para essa demanda." |
| 25 | Sim | "Ela vem se preparando a medida em que o mercado editorial amplia cada vez mais a oferta de livros eletrônicos e o seu preço tem se tornado vantajoso em relação ao papel. Porém ainda encontramos dificuldade em comprar livros eletrônicos, pois em instituições públicas todo processo de compra tem que ser realizado via licitação e os livros ainda são considerados patrimônios". |
| 26 | Não | "Sentimos a necessidade de disponibilizar para alunos de graduação os livros indicados nas bibliografias básicas, que tem uma procura muito grande, mas nossa realidade de falta de verba não permite aquisições de equipamentos como <i>tabletes</i> . Enfim, ainda não estamos totalmente prontos para investir nos livros eletrônicos." |
| 27 | Não | "Tendo em vista que muitas bibliotecas não conseguem incorporar as coleções digitais aos seus catálogos <i>on-line</i> . O que dificulta a recuperação dessas obras, já que não estão em uma única plataforma de pesquisa." |
| 28 | Não | "Em termos práticos, ainda não me parece muito viável, em função de dificuldades puramente burocráticas. Na prática, muitos alunos acabam baixando material ilegalmente." |

Fonte: Dados da Pesquisa

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa dessa pesquisa foi descrever os processos e os mecanismos utilizados para implementação e disponibilização dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas das IES públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia. Para compreender esse dinamismo, recorreu-se à literatura das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e uma pesquisa de campo, através de um questionário eletrônico direcionado às bibliotecas dessas instituições.

Diante desse contexto, a bibliografia consultada foi relevante para adquirir o conhecimento sobre os LDEs, as bibliotecas universitárias e a atuação desses materiais nessas unidades informacionais. Já a pesquisa de campo teve o intuito de assimilar a realidade das bibliotecas das IES públicas brasileiras das unidades de ensino de Farmácia diante dos LDEs e constatar o que foi apresentado na literatura reflete a realidade fornecida pelos bibliotecários.

Constatou-se que a grande maioria das bibliotecas participantes disponibilizam os LDEs em seus acervos, mesmo que muitas delas relatem que é um desafio a incorporação desses materiais. Alguns impasses, como exclusão digital, falta de recursos, divergências entre o mercado editorial e as bibliotecas e questões burocráticas próprias das instituições públicas, podem dificultar a aquisição dos LDEs. No entanto, percebe-se que os bibliotecários reconhecem essas implicações e admitem a necessidade de a classe profissional obter um maior conhecimento sobre essas publicações, a cujo acesso será irreversível pela comunidade universitária.

As facilidades de acesso aos LDEs foram as principais influências mencionadas pelos bibliotecários para introduzir esses materiais nos acervos das bibliotecas. A capacidade do usuário poder utilizar o acervo digital e eletrônico quando quiser, independente do dia e horário é uma das grandes vantagens dos LDEs, além da possibilidade de acesso ser multiusuário, que permite que mais de um usuário utilize uma obra simultaneamente.

Observou-se que as bibliotecas não têm o hábito de realizar campanhas promocionais sobre os LDEs e, ainda que o acesso a esses materiais seja feito de forma regular, a aderência por parte da comunidade universitária não é significativa. Acredita-se que tais constatações estão devidamente relacionadas. Na medida em que a biblioteca não utilize estratégias de *marketing* para divulgar os LDEs, automaticamente, a aceitação não será relevante, principalmente pelo fato de eles já possuírem uma resistência natural por parte de alguns usuários.

A averiguação realizada através da pesquisa de coleta de dados permitiu compreender que, nas bibliotecas das IES das unidades de ensino em Farmácia, a política da aquisição mais comum é centralizada, e que o comércio de LDEs é realizado diretamente com as editoras através do modelo por assinatura.

Esse perfil de mercado apresentado pelas bibliotecas caracteriza a conjectura do comércio editorial de livros digitais e eletrônicos que ocorre nas bibliotecas universitárias brasileiras. Ela é estruturada através de diretrizes impostas, que delinea a forma como as obras digitais e eletrônicas serão apresentadas às bibliotecas. Isso porque são os fornecedores que definem todo o processo de implantação do LDE na biblioteca, como a escolha de títulos, licenças, restrições DRM, preços, modelos de negócio e canais de acesso.

Pode-se inferir que o mercado editorial visa a suprir os seus próprios interesses financeiros e já as necessidades e exigências das bibliotecas e dos usuários se remetem para um segundo plano. É comum que os fornecedores ofereçam os seus produtos por meio de “pacotes” que abrangem distintas áreas do conhecimento, correndo o risco de muitas obras não atenderem à demanda da biblioteca. Além do mais, títulos podem ser substituídos ou retirados sem aviso prévio.

Esse domínio das editoras se estende aos mecanismos de acesso aos LDEs. Constatou-se, que a plataforma de conteúdo é canal predominantemente utilizado entre as bibliotecas. Por intermédio dessa ferramenta, as editoras controlam a gestão de direitos digitais, o acesso, impressões, cópias e *downloads* das obras e, assim, as unidades de informação ficam insentas de controle sobre o serviço que adquiriram.

O catálogo OPAC junto com as plataformas de conteúdo está sendo um importante instrumento de acesso utilizado entre as bibliotecas. Ele é o meio mais comum para os usuários terem o conhecimento sobre o acervo de livros digitais e eletrônicos. A oferta dos metadados das obras já está sendo executada por muitas editoras, esta disponibilização permite que os LDEs estejam integrados no acervo da biblioteca e facilita também os processos de busca e recuperação da informação efetuada pela comunidade usuária. Contudo, é relevante que os bibliotecários analisem esses registros antes de os introduzirem nos catálogos, podendo ocorrer a realização de consertos, mudanças e acréscimos.

De acordo com a bibliografia consultada e através da pesquisa de campo, constatou-se que os repositórios estão sendo importantes ferramentas de disponibilização informacional da produção científica e intelectual das universidades brasileiras. No entanto, verificou-se que esse meio não está sendo utilizado para o acesso aos livros digitais e eletrônicos. Acredita-se que pesquisas futuras deverão ser realizadas para compreender como os repositórios podem se

tornar um potencial instrumento de acesso aos LDEs. Esses estudos poderão contribuir para um maior reconhecimento das capacidades de disseminação da informação que a IES pode oferecer, e, em paralelo, a biblioteca fornecerá uma maior visibilidade da coleção dos livros digitais e eletrônicos.

As bibliotecas universitárias, ao longo da história, sempre acompanharam as inovações tecnológicas promovidas pelo mercado editorial. Por conta dessa característica, elas estão passando constantemente por mudanças, que ocorrem, desde o processo de adesão de novas coleções, até mecanismos facilitadores de acesso. A inserção dos livros digitais e eletrônicos está marcando mais uma etapa dessa transição nas bibliotecas universitárias.

Por fim, é relevante que realizem pesquisas que caracterizem esses materiais, uma vez que, o seu uso já se vê presente na comunidade universitária. Encarar esse desafio é primordial para obter o conhecimento necessário para a disponibilização dos LDEs e que o acesso a eles seja feito de maneira propícia e consistente conforme a realidade das bibliotecas universitárias brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOBE ACROBAT DC. **Sobre o Adobe PDF**. [S.l]: Adobe, 2015. Disponível em: <<https://acrobat.adobe.com/br/pt/products/about-adobe-pdf.html>>. Acesso em: 22 abr. 2015.
- ADOBE eBook Platform: authoring and delivering eBooks across devices, 2014. Disponível em: <http://www.images.adobe.com/content/dam/Adobe/en/products/content-server/pdfs/adobe_ebook_platform_whitepaper.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2015.
- AMARAL, Sueli Angélica do (org.). **Marketing na Ciência da Informação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 229p.
- AMAZON. **Independently publish with Kindle Direct Publishing to reach millions of readers**. [S.l]: Amazon, 2015. Disponível em: <<https://kdp.amazon.com/>>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- AMAZON. **Kindle**: baixe nossos aplicativos de leitura kindle gratuitos. São Paulo: Amazon, [2012?]. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/digital/fiona/kcp-landing-page?ie=UTF8&ref_=amb_link_385108562_2>. Acesso em: 27 abr. 2015.
- AMAZON. **Kindle paperwhite**. São Paulo: Amazon, 2014. Disponível em: <<http://www.amazon.com.br/gp/product/B00JG8GBDM>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- AMAZON. **Kindle**: novo kindle, agora com a tela sensível ao toque. São Paulo: Amazon, 2014. Disponível em: <http://www.amazon.com.br/Novo-Kindle-sens%C3%ADvel-toque-Wi-Fi/dp/B00KDRPOCO?ie=UTF8&redirect=true&ref_=kin_comp_dk_k_txt>. Acesso em: 7 jun. 2015.
- ANZOLIN, Heloisa Helena; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 801-817, set./dez. 2008.
- APPLE. **iBooks. Encontre uma boa leitura onde você estiver**. [S.l]: Apple, 2015. Disponível em: <<http://www.apple.com/br/ibooks/>>. Acesso em: 6 abr. 2015.
- ARAÚJO, Elisabeth da Silva *et al.* A inserção da biblioteca virtual de livros eletrônicos na comunidade acadêmica da UFRPE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Trabalho apresentado ...** Belo Horizonte: [s.n], 2014, 8p.
- ARAÚJO, Wagner Junqueira *et al.* Elementos tecnológicos de edição, manipulação e uso dos livros digitais. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 23, n.1, p.13-25, jan./abr. 2013.
- ARAYA, Elizabeth Roxana Mass; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti. **Criação, proteção e uso legal de informação em ambientes World Wide Web**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 147p.
- BENNETT, Linda; LANDONI, Monica. E-books in Academic libraries. **The Electronic Library**, Glásgua, v. 23, n. 1, p. 9-16, 2005.
- BOOKEEN. **About Bookeen**. Paris: Booken, [2015?]. Disponível em: <<https://www.bookeen.com/en/aboutbookeen>>. Acesso em 26 maio 2015.
- BOOKEEN Cybook **Opus Review**, 2009. Disponível em: <<https://www.epubbooks.com/ereaders/bookeen-cybook-opus>>. Acesso em: 26 maio 2015.
- BOOKEEN. **Happy birthday Bookeen!** [S.l]: Bookeen, abr., 2013. Disponível em: <<http://blog.bookeen.com/tag/gen1/>>. Acesso em 24 maio 2015.

- BOUDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989. 311p.
- BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras Universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: Edusp, 2001. 416p.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento- I**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 241p.
- BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa Moderna. **Estudos Avançados**, v. 16, n.44, p.173-185, jan./abr. 2002.
- CARENHO, Carlos. O Brasil não é o país do e-reader. **Tipos digitais**: o futuro digital do mercado editorial, São Paulo, 13 abr. 2014a. Disponível em: <<http://www.tiposdigitais.com/2014/04/brasil-n%C3%A3o-%C3%A9-pa%C3%ADs-do-e-reader.html>>. Acesso em: 20 maio 2015.
- CARENHO, Carlos. Livro Digital: uma questão de acesso. **Revista Observatório Itaú Cultural**, n.17, p. 242-244, ago./ dez. 2014b. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- CARENHO, Carlos. Saraiva x Amazon. **PublishNews**, São Paulo, 21 ago. 2014c. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/clipping/detalhes.aspx?id=78378>>. Acesso em 22 mar. 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 2004. 231p.
- CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. **O modelo europeu do Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI) e as bibliotecas universitárias brasileiras**: convergências e divergências. São Paulo. 2008, 2337f. (Doutorado em Ciência da Informação)- Universidade de São Paulo, 2008.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 127p.
- CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória da escrita. **Estudos Avançados**, v. 8, n.21, p. 185-199, 1994.
- CHEEK, Fern M; HARTEL, Lynda J. The electronic book- beginnings to the present. In: KAPLAN, Richard. (Ed). **Building and managing e-book collections**: a how-to-do- it manual for librarians. Chicago: ALA Neal-Schuman, 2012. p.3-12.
- COLARES, R.G. **Ondas da web**: direito autoral na internet depende de direito a cultura, [200?]. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/27633-27643-1-PB.htm>>. Acesso em 22 jul. 2013.
- CORDÓN-GARCÍA. Los libros electrónicos en la biblioteca: nuevas lecturas, nuevos lectores. In: JORNADA PROFESIONAL DE LA RED DE BIBLIOTECAS DEL INSTITUTO CERVANTES, 4., 2011, Madrid. **Actas...** Disponível em: <http://www.cervantes.es/imagenes/File/biblioteca/jornadas/jornada_4/actas/cordon_jose%20antonio.pdf>. Acesso em 17 março 2015.
- CORDÓN- GARCÍA, José Antonio; ARÉVALO, Julio Alonso. Las políticas de adquisición de libros electronicos en bibliotecas: licencias, usos y derechos de autor. In: CONGRESO NACIONAL DE BIBLIOTECAS PUBLICAS, 5., 2010, Gijón. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/15059/>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

- CORDÓN- GARCÍA, José Antonio; ARÉVALO, Julio Alonso; DÍAZ, Raquel Gómez. Estudio sobre el uso de los libros electrónicos en las bibliotecas universitarias de Castilla y León. **BiD: textos universitarias de biblioteconomía i documentació**, n. 30, jun, p.1-15., 2013.
- CORDÓN- GARCÍA, José Antonio; ARÉVALO, Julio Alonso; DÍAZ, Raquel Gómez. El libro electrónico en la biblioteca universitaria y de la investigación. **Biblios**, n.42, p. 15-35, jan./mar. 2011a.
- CORDÓN- GARCÍA, José Antonio; ARÉVALO, Julio Alonso; DÍAZ, Raquel Gómez. Modelos de negocio y plataformas de venda de libros electrónicos en España. **Infoconexión**, n. 2, p.1-20, maio, 2011b.
- COSTA, M. As bibliotecas brasileiras em 2018: resultados da técnica de delfos. **Perspectivas em Ciência da informação**, v. 17, n.1, p. 74-93, jan./mar. 2012.
- COSTA, Raquel Pereira; CUNHA, Murilo Bastos. Modelos de negócio de livros eletrônicos para as bibliotecas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CBL DO LIVRO DIGITAL, 5., 2014, São Paulo. **Trabalhos científicos...** São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2014. 15p.
- COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. **Revista de Educação**, v. 18, n.1, p. 5-22, 2011.
- COYLE, K. **The technology of rights: digital rights management**. Disponível em: <http://www.kcoyle.net/drm_basics.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2013.
- CUNHA, Murilo Bastos. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGramZero**, v. 11, n.6, 21p., dez. 2010.
- CUNHA, Murilo Bastos. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n.1, p. 71-89, jan./abr. 2000.
- CYBOOK Odyssey Essential: the essential reader, 2011. Disponível em: <<http://www.bookeen.com/en/cybook-odyssey-essential>>. Acesso em: 27 maio 2015.
- CYBOOK Odyssey HD Frontlight, 2012. Disponível em: <<https://www.bookeen.com/en/cybook-odyssey-hd-frontlight>>. Acesso em 27 maio 2015.
- DANTAS, Taísa Rodrigues. **Letras eletrônicas: uma reflexão sobre os livros digitais**. Coimbra. 2011. 129f. Dissertação (Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Mídias) - Universidade de Coimbra, 2011.
- DARNTON, Robert. **A questão do livro: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231p.
- DOURADO, Stella Moreira. **Identificando a inovação editorial na cadeia produtiva do livro universitário brasileiro**. Salvador. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, 2012.
- DRUDI, Oswaldo Aparecido. **Internet: suas aplicações, recursos, vantagens e limitações**. São Paulo. 2004. 82f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro Universitário Nove de Julho, 2004.
- DUARTE, Emeide *et al.* A biblioteca universitária como organização do conhecimento: do modelo conceitual à prática. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Trabalho apresentado ...** Florianópolis: ANCIB, 2005. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/330/GT4_Duarte_et_al.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 mar. 2014.

DZIEKANIAK, Gisele Vasconcelos *et al.* Considerações sobre e-book: do hipertexto à preservação digital. **Biblios**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 1, n.2, p. 83-99, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1899>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269p.

GALDINO, Rejane; SILVA, Márcia Regina. O desenvolvimento de coleções e o livro eletrônico: desafios para o profissional da informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 2., 2015, São Carlos. **Integração das práticas tradicionais e contemporâneas**: além dos muros da biblioteca. São Carlos: [s.n], 2015, p. 91-96.

GENUTH, Iddo. **Cybook Gen3 e-book Review**. New Rochelle: TFOT, [2008?]. Disponível em: <<http://thefutureofthings.com/3092-cybook-gen3-e-book-review/>>. Acesso em: 26 maio 2015.

GLOBAL eBook: a report on market trends and developments. Update spring 2014. Disponível em: <http://www.wischenbart.com/upload/1234000000358_04042014_final.pdf>. Acesso em 22 mar. 2015.

GRAU, Isabel; ODDONE, Nanci; DOURADO, Stella. E-books, livros digitais ou livros eletrônicos? Um estudo terminológico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Pôster ... Florianópolis**: ANCIB, 2013. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/523/305>>. Acesso em: 10 abril 2014.

IBICT. 2015. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/?type_page=1>. Acesso em: 28 jun. 2015.

JOHNSON, J. David. **Gestão de redes de conhecimento**. São Paulo: Editora SENAC, 2011. 440p.

KOZLOWSKI, Michael. Bookeen announces Cybook Muse Essential and Frontlight. **Goodereader**: [s.l], 17 out. 2014. Disponível em: <<http://goodereader.com/blog/electronic-readers/bookeen-announces-cybook-muse-essential-and-frontlight>>. Acesso em: 27 maio 2015.

KOZLOWSKI, Michael. E-reader adoption in US grows to 24%. **Goodereader**: [s.l], 19 out. 2013. Disponível: <<http://goodereader.com/blog/electronic-readers/e-reader-adoption-in-the-us-grows-to-24>>. Acesso em: 20 maio 2015.

KOZLOWSKI, Michael. Understanding Kindle Format 8 HTML5 Tools. **Goodereader**: [s.l], 28 jan. 2012. Disponível em: <<http://goodereader.com/blog/electronic-readers/understanding-kindle-format-8-html5-tools>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

LE COADIC, Yves François. **A Ciência da Informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE MOS, A. A. B; MACEDO, V. A. A. Posição da biblioteca na organização operacional da universidade. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 40-51, mar. 1975.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed.34, 1996. 110p.

LIMA, Mírian Cristina de; LESSA, Leonilha, Maria Brasileiro. A inserção do livro eletrônico na biblioteca universitária: um relato de experiência. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Trabalho apresentado ...** Belo Horizonte: [s.n], 2014. 14p.

LIVRO. In: DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/livro>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

MAGALHÃES, Carolina de Souza Santana. **Seleção de coleções de livros digitais nas universidades públicas brasileiras**. Salvador. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, 2013.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2.ed. ilustr. rev. atual. São Paulo: Ed. Ática, 1996. 519p.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268p.

MENEZES, Vinícios Souza. **Os livros nas teses: implicações políticas- epistemológicas no saber da Ciência da Informação**. Salvador. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, 2012.

MELO, Eduardo. O formato ePub: por onde começar?. **Revolução eBook**, Porto Alegre, out. 2011. Disponível em: <<http://revolucaoebook.com.br/formato-epub-por-onde-comecar/>>. Acesso em 25 mar. 2015.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n.4, maio/ago. 2000, p. 131-154.

MIRANDA, Antônio. Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1., 1978a, Niterói, RJ. **Trabalho apresentado...**Niterói, RJ: [s.n], 1978. 10p.

MIRANDA, Antônio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n.1, jan./jun. 1978b, p. 69-75.

MONTANA, Marinez Moral; CORREA, Marisa Severo. A inserção de livros eletrônicos em uma biblioteca universitária: o relato de experiência da Universidade Federal de Santa Maria. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte, **Trabalho apresentado...**Belo Horizonte: [s.n], 2014, 12p.

MORIGI, Valdir; PAVAN, Cleusa. Tecnologias de informação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n.1, p. 117-125, jan./abr. 2004.

MORIGI, Valdir; SOUTO, Luzane. Entre o passado e presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan./dez., 2005.

NASCIMENTO, Andréa Gonçalves. A ética na prática: educando usuários para o uso consciente de coleções eletrônicas. In: _____. **E-books para bibliotecas: uma introdução ao universo dos livros eletrônicos**, módulo 5, aula 2, p. 2, jun. 2013a.

NASCIMENTO, Andréa Gonçalves do. Formatos de publicação eletrônica. In: _____. **E-books para bibliotecas: uma introdução ao universo dos livros eletrônicos**, módulo 1, aula 1, 7p., abr. 2013b.

NASCIMENTO, Andréa Gonçalves do. Modelo de negócio para a aquisição de *e-books* em bibliotecas. In: _____. **E-books para as bibliotecas: uma introdução ao universo dos livros eletrônicos**, módulo 2, aula 1, 5p., abr. 2013c.

NASCIMENTO JUNIOR, Carlos Alberto Souza do. Estudo de uso da coleção de livros eletrônicos como base estratégica de marketing. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte, **Trabalho apresentado...**Belo Horizonte: [s.n], 2014, 9p.

NOVAS perspectivas para o livro digital no Brasil. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 17 ago. 2014. Caderno 3, p.1-5.

PINSKY, Daniel. **O uso do livro eletrônico no ensino superior sob a ótica dos professores universitários e profissionais de editoras**. São Paulo. 2009. 141f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Universidade de São Paulo, 2009.

PORTAL CAPES. 2015. Disponível em: <<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez29.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

PRÍNCIPE, Eloisa. Comunicação científica e redes sociais. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013.p. 196- 216.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010. 230p.

PROCÓPIO, Ednei. **A revolução dos ebooks: a indústria dos livros na era digital**. São Paulo: SENAI-SP editora, 2013. 268p.

RAMOS, Luis Felipe Chagas; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. O papel eletrônico. **Revista Leonardo Pós**, p.1-12, 2008.

RAO, Siriginidi Subba. Electronic books: their integration into library and information centers. **The Electronic Library**, v.23, n. 1, p. 116-140, 2005. Disponível em: <<http://info.emeraldinsight.com/products/journals/journals.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

RODRIGUES, Ana Vera Fenardi; CRESPO, Isabel Melo. *E-book reader: um novo cenário em informação e bibliotecas*. **Información, Cultura y Sociedad**, v. 20, n.28, p. 91-110, jun. 2013.

RODRIGUES, Carlos Rangel. Breve histórico da prática farmacêutica e da criação dos cursos de farmacia no país. In: LEITÃO, Suzana Guimarães (Org.). **Seis décadas de trajetória da Faculdade de Farmácia**. Rio de Janeiro: UFRJ. Coordenadoria de Comunicação, 2009, p. 7-18.

ROSA, Flávia, *et al.* A presença das editoras universitárias nos acervos dos repositórios institucionais. **InCID: Revista Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, Ed. esp., p. 152-164, jul./dez. 2013.

ROSETTO, Marcia. Bibliotecas digitais: cenário e perspectiva. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.4, n.1, jan./jun. 2008, p. 101-130.

SALASÁRIO, Maria Guilhermina da Cunha. Biblioteca especializada e informação: da teoria conceitual à prática na biblioteca do Laboratório de Mecânica de Precisão- LMP/UFSC **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 5, n. 5, p. 104-119, 2000.

SANTOS, Marivaldina Bulcão dos. Biblioteca universitária: acesso à informação e conhecimento. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado, **Trabalho apresentado ...** Gramado: [s.n], 2012, 12p. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/index.php>>. Acesso em: 30 maio 2015.

SARAIVA. **Publique-se!**. São Paulo: Saraiva, 2015. Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/publique-se/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

- SCHROEDER, R; WRIGHT, T. Electronic books: a call for effective business models. **New Library World**, v. 112, n.5/6, p. 215-221, 2011.
- SciELO Livros. 2015. Disponível em: <<http://books.scielo.org/>>. Acesso em: 24 jun. 2015.
- SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014. 182p.
- SERRA, Liliana Giusti; SILVA, José Fernando Modesto da. Licenciamento de livros eletrônicos e o modelo de negócios PDA (Patron Driven Acquisition). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18.,2014, Belo Horizonte. **Trabalho apresentado...**Belo Horizonte: [s.n], 2014. 16p.
- SHEEHAN, Kate. **Ebook revolution: a primer for librarians on the front lines**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2013. 146p.
- SILVA, Angela Maria Moreira. A construção das bibliotecas universitárias no Brasil. **Revista Informação & Universidade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.3-23, 2010.
- SILVA, Ronaldo Alves da. E-books em bibliotecas: novos desafios para os bibliotecários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25.,2013, Florianópolis. **Trabalho apresentado...**Florianópolis: [s.n], 2013. 13p.
- TARAPANOFF, Kira. Objetivos de bibliotecas universitárias. **Revista Latinoamericana de Documentación**, Brasília, v. 1, n.1/2, p. 13-17, 1981.
- TAVARES, J.F eBook e seus formatos: o que é um eBook e seus formatos principais. **SlideShare**, São Francisco, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Simplissimo/o-que-um-ebook>>. Acesso em: 24 mar. 2015.
- VAN HOOREBEEK, Mark. Napster clones turn their attention to academic e-books. **New Library World**, Sheffield, v. 104, n.4/5, p. 142-148, 2003.
- VASILEIOU, Magdalini; HARTLEY, Richard. Perspectives on the future of e-books in libraries in universities. **Journal of Librarianship and Information Science**, Manchester, v.44, n.4, p. 217-226, 2012.
- VASILEIOU, Magdalini; ROWLEY, Jennifer; HARTLEY, Richard. The e-book management framework: the management of e-books in academic libraries and its challenges. **Library and Information Science Research**, v. 34, n.4, p. 282-291, 2012.
- VELASCO, Juliana Oliveira. **O uso do livro eletrônico na prática científica**. Salvador. 2008. 188f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, 2008.
- VOLPATO, S. M. B; BORENSTEIN, C.R. A trajetória de uma biblioteca especializada: o caso da biblioteca do curso de pós-graduação em administração da UFSC. **Revista de Ciências da Administração**, ano 2, n.4, p. 87-97, set. 2000.
- WALTERS, William H. E-books in academic libraries: challenges for discovery and access. **Serials Review**, v.39, n.2, p. 97-104, 2013.
- YAÑES, José Antonio. El libro electrónico, nueva herramienta para el aprendizaje (estado actual y perspectiva). **Nueva Época**, v. 7, n, 1, p. 48-55, jan./jun. 2004.
- ZIMERMANN, M. E-books and piracy: implications/issues for academic libraries. **New Library World**, Nova York, v. 112, n.1/2, p. 67-75, 2011

APÊNDICES

APÊNDICE A- Bibliotecas das IES públicas que atendem as unidades de ensino em Farmácia

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|--|--------------|------------------------------------|----------------------------------|---|---------------------------------------|---------------|---------------|------------|
| Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) | Farmácia | Campus Universitário de Cuiabá | Campus Universitário de Araguaia | Biblioteca Central | Biblioteca de Araguaia | CO | MT | PF |
| Universidade de Brasília (UNB) | Farmácia | Campus Universitário Darcy Ribeiro | Campus de Ceilândia | Biblioteca Central | Biblioteca da Faculdade de Ceilândia | CO | DF | PF |
| Universidade Federal de Sergipe (UFS) | Farmácia | Campus São Cristóvão | Campus Lagarto | Biblioteca Central | Biblioteca Prof. Antonio Garcia Filho | NE | SE | PF |
| Universidade Federal do Amazonas (UFAM) | Farmácia | Campus Universitário de Manaus | | Biblioteca Setorial da Faculdade de Ciências Farmacêuticas | | N | AM | PF |
| Universidade Federal do Piauí (UFPI) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | | Biblioteca Setorial Professor Zenon Rocha | | NE | PI | PF |
| Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) | Farmácia | Centro Histórico | | Biblioteca da Escola de Farmácia (EFAR) | | SE | MG | PF |
| Universidade Estadual de Londrina (UEL) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | | Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde | | S | PR | PE |
| Universidade do Estado da Bahia (UNEB) | Farmácia | Campus I – Salvador | | Biblioteca Central | | NE | BA | PE |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|--|--------------|--------------------------------|---------------------|---|--------------------------------|---------------|---------------|------------|
| Universidade Estadual de Goiás (UEG) | Farmácia | Itumbiara | | Biblioteca Prof. Geisa Rossi Lele | | CO | GO | PE |
| Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Farmácia | Instituto de Biologia | | Biblioteca do Instituto de Biologia | | SE | SP | PE |
| Universidade Estadual de Maringá (UEM) | Farmácia | Campus Universitário | | Biblioteca Central | | S | PR | PE |
| Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) | Farmácia | Videira | São Miguel do Oeste | Biblioteca Saul Brandalise | Biblioteca São Miguel do Oeste | S | SC | PE |
| Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) | Farmácia | Campus Centro-Oeste Dona Lindu | | Biblioteca de Divinópolis | | SE | MG | PF |
| Universidade Federal do Maranhão (UFMA) | Farmácia | Campus Imperatriz | | Biblioteca Setorial de Farmácia | | NE | MA | PF |
| Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) | Farmácia | Campus I – João Pessoa | | Biblioteca Central | | NE | PB | PE |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|--|--------------|------------------------------|--|---|--|---------------|---------------|------------|
| Universidade Federal do Pará (UFPA) | Farmácia | Campus Belém | | Biblioteca do Instituto de Ciências da Saúde | | N | PA | PF |
| Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência e da Saúde | | NE | RN | PF |
| Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Farmácia | Campus II- Sede Botânico | | Biblioteca de Ciências da Saúde | | S | PR | PF |
| Universidade Federal Fluminense (UFF) | Farmácia | Unidade Isolada (Santa Rosa) | | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | | SE | RJ | PF |
| Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Farmácia | Campus de Maruípe | | Biblioteca Setorial de Ciências da Saúde | | SE | ES | PF |
| Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ) | Farmácia | Campus Universitário | | Biblioteca Central | | SE | RJ | PF |
| Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Farmácia | Campus Pampulha | | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | | SE | MG | PF |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|---|--------------|----------------------------------|-----------------------------|---|--|---------------|---------------|------------|
| Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | Centro de Ciências da Saúde | Biblioteca do CIS-Odontologia e Farmácia | Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde | SE | MG | PF |
| Universidade Federal de Alagoas (UFAL) | Farmácia | Campus A. C. Simões | | Biblioteca Central | | NE | AL | PF |
| Universidade Federal da Bahia (UFBA) | Farmácia | Campus Anísio Teixeira | Campus Ondina | Biblioteca Universitária Anísio Teixeira | Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa | NE | BA | PF |
| Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | Farmácia | Cidade Universitária | | Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde | | NE | PE | PF |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Farmácia | Unidade Acadêmica de Farmácia | | Biblioteca de Farmácia | | S | RS | PF |
| Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | | Biblioteca Central | | S | RS | PF |
| Universidade Federal do Ceará (UFC) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | | Biblioteca da Ciência e da Saúde | | NE | CE | PF |
| Universidade Federal de Goiás (UFG) | Farmácia | Campus I – Colemar Natal e Silva | | Biblioteca Campus Colemar Natal e Silva | | CO | GO | PF |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|---|--------------|----------------------------|-----------------|---|---|---------------|---------------|------------|
| Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Farmácia | Campus universitário (CCS) | | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência da Saúde | | S | SC | PF |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Farmácia | Campus do Fundão (CCS) | Campus de Macae | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | Biblioteca Professor Aloisio Teixeira/FUNEMAC | SE | RJ | PF |
| Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) | Farmácia | Campus Alfenas | | Biblioteca Central | | SE | MG | PF |
| Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha (UFVJM) | Farmácia | Campus I – Diamantina | | Biblioteca Central | | SE | MG | PF |
| Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) | Farmácia | Campus Cascavel | | Biblioteca Central | | S | PR | PE |
| Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) | Farmácia | Campus Capão do Leão | | Biblioteca de Ciência e Tecnologia | | S | RS | PF |
| Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) | Farmácia | Campus Universitário | | Biblioteca Central Julieta Carteadó | | NE | BA | PE |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|--|--------------|--------------------------|--|---|--|---------------|---------------|------------|
| Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) | Farmácia | Campus de Jequié | | Biblioteca Jorge Amado | | NE | BA | PE |
| Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) | Farmácia | Campus Campo Grande | | Biblioteca Central | | CO | MS | PF |
| Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) | Farmácia | Campus Universitário | | Biblioteca Paulo Lacerda de Azevedo | | S | RS | PF |
| Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) | Farmácia | Campus Universitário | | Biblioteca Central Professor Faris Michaele | | S | PR | PE |
| Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) | Farmácia | Campus Marco Zero-Macapá | | Biblioteca Central | | N | AP | PF |
| Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) | Farmácia | Campus Cedeteg | | Biblioteca - Campus Cedeteg | | S | PR | PE |
| Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) | Farmácia | Campus Cuité | | Biblioteca do CES | | NE | PB | PF |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|--|-----------------------|----------------------|--------------------------|---|--------------------------------------|---------------|---------------|------------|
| Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) | Farmácia | Campus Realengo | | Biblioteca Setorial de Realengo | | SE | RJ | PF |
| Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO) | Farmácia | Campus Universitário | | Biblioteca UEZO | | SE | RJ | PE |
| Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) | Farmácia | Campus Uruguaiana | | Biblioteca - Campus Uruguaiana | | S | RS | PF |
| Instituto Federal do Paraná (IFPR) | Farmácia | Campus Palmas | | Biblioteca - Campus Palmas | | S | PR | PF |
| Universidade Federal do Oeste do Pará | Farmácia | Campus Tapajós | | Biblioteca – Campus de Tapajós | | N | PA | PF |
| Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) | Farmácia | Campus Barreiras | | Biblioteca Setorial de Barreiras | | NE | BA | PF |
| Universidade de São Paulo (USP) | Farmácia e Bioquímica | Campus de São Paulo | Campus de Ribeirão Preto | Divisão de Bibliotecas e Documentação do Conjunto das Químicas | Biblioteca Central de Ribeirão Preto | SE | SP | PE |

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | Bibliotecas que atendem para as unidades de ensino em Farmácia | | Região | Estado | N.A |
|---|-----------------------|----------------------------|--|---|--|---------------|---------------|------------|
| Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Farmácia e Bioquímica | Campus de Araraquara | | Biblioteca de Ciências Farmacêuticas | | SE | SP | PE |
| Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) | Farmácia e Bioquímica | Campus Diadema | | Biblioteca – UNIFESP – Campus Diadema | | SE | SP | PF |
| Universidade Federal da Paraíba (UFPB) | Farmácia e Bioquímica | Centro universitário (CCS) | | Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde | | NE | PB | PF |

NA: Natureza Administrativa; P.E: Pública Estadual e P.F: Pública Federal.

Fonte: Dados da pesquisa

APÊNDICE B- Bibliotecas das IES do estado do Rio de Janeiro que atendem as unidades de ensino em Química

| Instituições (IES) | Curso | Campus | | | Bibliotecas que atendem as unidades de ensino em Química | | | Região | Estado | N.A |
|--|--------------|------------------------------------|-------------|---------------|---|--|--|---------------|---------------|------------|
| Faculdade Souza Marques (FFCLSM) | Química | Cascadura | | | Biblioteca Central* | | | SE | RJ | P |
| UNIGRANRIO | Química | Duque de Caxias | | | Biblioteca Central* | | | SE | RJ | P |
| Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos (UNIMSB) | Química | Campo Grande | | | Biblioteca José de Anchieta | | | SE | RJ | P |
| Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) | Química | Gávea | Gávea | | Biblioteca Central* | Biblioteca Setorial do Centro Técnico Científico | | SE | RJ | P |
| Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | Química | Maracanã | | | Biblioteca CTC-Química | | | SE | RJ | PE |
| Universidade Federal Fluminense (UFF) | Química | Macaé | Valonguinho | Volta Redonda | Biblioteca de Macaé (BMAC) | Biblioteca Central de Valonguinho | Biblioteca do Polo Universitário do Aterrado Volta Redonda | SE | RJ | PF |
| Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) | Química | Seropédica | | | Biblioteca Central * | | | SE | RJ | PF |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Química | Instituto de Química | Macaé | | Biblioteca do Instituto de Química | Biblioteca de Macaé | | SE | RJ | PF |
| Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) | Química | São Gonçalo | | | Biblioteca do Campus de São Gonçalo* | | | SE | RJ | P |
| Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) | Química | Campos dos Goytacazes (Campus CCT) | | | Biblioteca Eugênio Lerner | | | SE | RJ | P |
| Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) | Química | Campus Cabo Frio | | | Biblioteca Campi de Cabo Frio | | | SE | RJ | PF |
| Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio de Janeiro | Química | Duque de Caxias | | | Biblioteca do Campus Duque de Caxias | | | SE | RJ | PF |

NA: Natureza Administrativa; P: Particular; P.E: Pública Estadual, P.F: Pública Federal e (*): bibliotecas não participantes do pré-teste.

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE C- Questionário pré-teste



Bianca Soares Figueira – Mestranda
Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira- Orientadora

Prezado (a) Bibliotecário (a),

O (a) Sr.(a.) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Este questionário tem como objetivo realizar uma reflexão sobre: “O livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias do estado do Rio de Janeiro das unidades de ensino em Química”.

A estrutura do questionário é formada por perguntas abertas e fechadas e foi baseado no estudo realizado sobre livros eletrônicos nas bibliotecas universitárias de Castillas e León na Espanha, de autoria de José Antonio Cordón-Garcia, Raquel Gomes Díaz e de Julio Alonso Arévalo.

Caso necessite, entre em contato com esta autora.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Bianca Soares Figueira

Mestranda do PPGB da UNIRIO

bsfigueira@gmail.com

1. Nome da Universidade:

2. Nome da biblioteca:

3. Dispõe de livros digitais e eletrônicos da área da Química em sua biblioteca?

Não Sim. Quantos? _____

4. Somente a área da Química é favorecida na aquisição dos livros digitais e eletrônicos?

Sim. Não.

Quais as outras áreas? _____.

5. Quais os fatores que influenciam a compra e/ou acesso desses livros digitais e eletrônicos em sua biblioteca?

- a) Possibilidade do acesso individual ou múltiplo.
- b) Maior facilidade de acesso através dos recursos multimídia.
- c) Aperfeiçoar a formação e desenvolvimento de coleções da biblioteca.
- d) Economia do espaço físico.
- e) Outro(s). Qual(is)? _____.

6. Qual é a política de aquisição dos livros digitais e eletrônicos de sua biblioteca?

- a) Centralizada. A compra e/ou acesso dos livros digitais e eletrônicos é feita pela biblioteca central.
- b) Descentralizada. A compra e/ou acesso dos livros digitais e eletrônicos é feita pelas bibliotecas setoriais.
- c) Os dois modelos de aquisição.

7. A biblioteca trabalha com qual (s) tipo (s) de fornecedor (s) de livros digitais e eletrônicos?

- a) Editores.
- b) Agregadores. Empresas que representam diversas editoras e disponibilizam os conteúdos em uma única plataforma.
- c) Distribuidores. Empresas que representam diversas editoras e disponibilizam os conteúdos nas plataformas dos editores.
- d) Lojas Virtuais.
- e) Autores.

8. Qual é o modelo de negócio, isto é, a modalidade de aquisição dos livros digitais e eletrônicos?
- a) Aquisição perpétua, a biblioteca tem o acesso perpétuo dos livros adquiridos.
 - b) Assinatura.
 - c) As duas modalidades de aquisição: perpétua e assinatura.
9. Onde os usuários poderão encontrar os livros digitais e eletrônicos?
- a) Plataformas.
 - b) OPAC (catálogos).
 - c) Repositórios.
10. A universidade à qual a sua biblioteca pertence ou possui repositório institucional?
- Sim Não
11. Neste repositório podem ser encontrados os livros digitais e eletrônicos da área da Química?
- Sim Não
12. Os livros digitais e eletrônicos de sua biblioteca podem ser acessados no repositório?
- Sim Não
13. Qual é o tipo de acesso que os usuários têm aos livros digitais e eletrônicos?
- a) Monousuário. Cada obra eletrônica poderá ser acessada por um usuário de cada vez.
 - b) Multiusuário. Cada obra eletrônica poderá ser acessada por vários usuários ao mesmo tempo.
14. Ocorre algum tipo de controle sobre o seu acesso e/ou sobre a sua usabilidade?
- Sim Não
- Se sim, qual é o mecanismo? _____
15. Qual é o formato que os livros digitais e eletrônicos são disponibilizados?
- a) ePub.
 - b) PDF.
 - c) Ambos.
 - d) Outros. Quais? _____

16. Qual é a frequência que usuários os acessam e/ou usam os livros eletrônicos e digitais?
- a) Diário.
 - b) Semanal.
 - c) Quinzenal.
 - d) Mensal.
 - e) Anual.
17. Quem solicita os livros digitais e eletrônicos?
- a) Discentes da graduação.
 - b) Discentes da pós graduação.
 - c) Docentes.
 - d) Técnicos administrativos.
 - e) Outros. Quais? _____.
18. Quais os dispositivos que os usuários mais usam na leitura?
- a) *E-readers*
 - b) Tablets
 - c) Computadores portáteis
 - d) *Smartphones*
 - e) Outros. Quais? _____
19. Na biblioteca há alguma campanha para a promoção e uso do livro digital e eletrônico?
- Sim Não
20. Considera que os livros digitais e eletrônicos da área da Química são populares em sua biblioteca?
- Sim Não
21. Considera que os livros digitais e eletrônicos são populares em sua biblioteca?
- Sim Não
- Se sim, por quê? _____.
22. A aquisição dos livros digitais e eletrônicos influenciou na rotina da biblioteca?
- Sim. De que forma? _____ Não.
23. Considera que os livros digitais e eletrônicos são importantes para a coleção de biblioteca?
- Quais desses fatores você considera primordial?
- a) Acesso
 - b) Disponibilidade

- c) Mobilidade
- d) Usabilidade
- e) Todos
- f) Outro (s). Qual (is)? _____.

24. Acredita que os usuários necessitam de algum tipo de formação para acessar e/ou usar os livros digitais e eletrônicos?

- Sim Não.

Qual seria o papel da biblioteca? _____.

25. Em sua opinião, quais pontos fortes e negativos dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas?

26. Considera que as bibliotecas universitárias brasileiras estão preparadas para incorporar os livros digitais e eletrônicos em suas coleções? Justifique a sua resposta.

Nome do responsável pelas informações: _____

Cargo: _____

APÊNDICE D- Questionário definitivo

Bianca Soares Figueira – Mestranda
Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira- Orientadora

Prezado (a) Bibliotecário (a),

O (a) Sr.(a.) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

A pesquisa tem como tema “O livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras das unidades de ensino em Farmácia”.

A estrutura do questionário é formada por perguntas abertas e fechadas e foi baseado no estudo sobre livros eletrônicos nas bibliotecas universitárias de Castillas e León, na Espanha, de autoria de José Antonio Cordón-Garcia, Raquel Gomes Díaz e Julio Alonso Arévalo.

Caso necessite, entre em contato com esta autora.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Bianca Soares Figueira

Mestranda do PPGB da UNIRIO

bsfigueira@gmail.com

QUESTIONÁRIO

1. Nome da Universidade:

2. Nome da biblioteca:

3. Dispõe de livros digitais e eletrônicos da área da Farmácia em sua biblioteca?

Não Sim Quantos?_____

4. Somente a área da Farmácia é favorecida na aquisição dos livros digitais e eletrônicos?

Não Sim.

Quais as outras áreas? _____.

5. Quais os fatores que influenciam a compra e/ou acesso desses livros digitais e eletrônicos em sua biblioteca?

- a) Possibilidade do acesso individual ou múltiplo.
- b) Maior facilidade de acesso através dos recursos multimídia.
- c) Aperfeiçoar a formação e desenvolvimento de coleções da biblioteca.
- d) Economia do espaço físico.
- e) Outro (s). Qual (is)? _____.

6. Qual é a política de aquisição dos livros digitais e eletrônicos de sua biblioteca?

- a) Centralizada. A compra e/ou acesso dos livros digitais e eletrônicos é feita pela biblioteca central.
- b) Descentralizada. A compra e/ou acesso dos livros digitais e eletrônicos é feita pelas bibliotecas setoriais.
- c) Os dois modelos de aquisição.

7. A biblioteca trabalha com qual (s) tipo (s) de fornecedor (s) de livros digitais e eletrônicos?

- a) Editores.
- b) Agregadores. Empresas que representam diversas editoras e disponibilizam os conteúdos em uma única plataforma.
- c) Distribuidores. Empresas que representam diversas editoras e disponibilizam os conteúdos nas plataformas dos editores.
- d) Lojas Virtuais.
- e) Autores.

8. Qual é o modelo de negócio, isto é, a modalidade de aquisição dos livros digitais e eletrônicos?

- a) Aquisição perpétua, a biblioteca tem o acesso perpétuo dos livros adquiridos.
- b) Assinatura.
- c) As duas modalidades de aquisição: perpétua e assinatura.

9. Onde os usuários poderão encontrar os livros digitais e eletrônicos?

- a) Plataformas.
- b) OPAC (catálogos).
- c) Repositórios.

10. A universidade à qual a sua biblioteca pertence, possui repositório institucional?

- Sim Não

11. Neste repositório podem ser encontrados os livros digitais e eletrônicos da área da Farmácia?

- Sim Não

12. Os livros digitais e eletrônicos de sua biblioteca podem ser acessados no repositório?

- Sim Não

13. Qual é o tipo de acesso que os usuários têm aos livros digitais e eletrônicos?

- a) Monusuário. Cada obra eletrônica poderá ser acessada por um usuário de cada vez.
- b) Multiusuário. Cada obra eletrônica poderá ser acessada por vários usuários ao mesmo tempo.

14. Ocorre algum tipo de controle sobre o seu acesso e/ou sobre a sua usabilidade, isto é, a facilidade que os usuários têm em utilizar as plataformas de acesso dos livros digitais e eletrônicos?

- Sim Não

Se sim, qual é o mecanismo? _____

15. Qual é o formato que os livros digitais e eletrônicos são disponibilizados?

- a) ePub.
- b) PDF.
- c) Ambos.
- d) Outros. Quais? _____

16. Qual é a frequência que usuários os acessam e/ou usam os livros eletrônicos e digitais?
- a) Diário.
 - b) Semanal.
 - c) Quinzenal.
 - d) Mensal.
 - e) Anual.
17. Quem solicita os livros digitais e eletrônicos?
- a) Discentes da graduação.
 - b) Discentes da pós graduação.
 - c) Docentes.
 - d) Técnicos administrativos.
 - e) Outros. Quais? _____.
18. Quais os dispositivos que os usuários mais usam na leitura?
- a) *E-readers*.
 - b) Tablets.
 - c) Computadores portáteis.
 - d) Smartphones.
 - e) Outros. Quais? _____.
19. Na biblioteca há alguma campanha para a promoção e uso do livro digital e eletrônico?
- Sim Não.
20. Considera que os livros digitais e eletrônicos da área da Farmácia são populares em sua biblioteca?
- Sim Não.
- Se sim, por quê? _____.
21. Considera que os livros digitais e eletrônicos são populares em sua biblioteca?
- Sim Não
- Se sim, por quê? _____.
22. A aquisição dos livros digitais e eletrônicos influenciou na rotina da biblioteca?
- Sim. De que forma? _____ Não.
23. Considera que os livros digitais e eletrônicos são importantes para a coleção de biblioteca?
- Sim Não. Quais desses fatores você considera primordial?

- a) Acesso
- b) Disponibilidade
- c) Mobilidade
- d) Usabilidade
- e) Todos
- f) Outro (s) Qual (is)? _____.

24. Acredita que os usuários necessitam de algum tipo de formação para acessar e/ou usar os livros digitais e eletrônicos?

- Sim Não.

Qual seria o papel da biblioteca? _____.

25. Em sua opinião, quais pontos positivos e negativos dos livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas?

26. Considera que as bibliotecas universitárias brasileiras estão preparadas para incorporar os livros digitais e eletrônicos em suas coleções? Justifique a sua resposta.

Nome do responsável pelas informações: _____

Cargo: _____

APÊNDICE E- Bibliotecas das instituições de ensino públicas vinculadas às unidades de ensino em Farmácia

| Região | Estado | Universidade | Bibliotecas das IES vinculadas as unidades de ensino em Farmácia | N.A |
|---------------|---|--|---|------------|
| Norte | Pará | Universidade Federal do Pará (UFPA) | Biblioteca Central Clodoaldo Beckmann | P.F |
| | | Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) | Biblioteca – <i>Campus</i> de Tapajós | P.F |
| | Amapá | Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) | Biblioteca Central | P.F |
| | Amazonas | Universidade Federal do Amazonas (UFAM) | Biblioteca Setorial da Faculdade de Ciências Farmacêuticas | P.F |
| Nordeste | Alagoas | Universidade Federal de Alagoas (UFAL) | Biblioteca Central | P.F |
| | Bahia | Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) | Biblioteca Central Julieta Carteado | P.E |
| | | Universidade Federal da Bahia (UFBA) | Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa | P.F |
| | | | Biblioteca Universitária Anísio Teixeira | P.F |
| | | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) | Biblioteca Jorge Amado | P.E |
| | | Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) | Biblioteca Setorial de Barreiras | P.F |
| | | Universidade do Estado da Bahia (UNEB) | Biblioteca Central | P.E |
| | Ceará | Universidade Federal do Ceará (UFC) | Biblioteca de Ciências da Saúde | P.F |
| | Sergipe | Universidade Federal de Sergipe (UFS) | Biblioteca do <i>Campus</i> Prof. Antônio Garcia Filho | P.F |
| | | | Biblioteca Central | P.F |
| | Rio Grande do Norte | Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência e da Saúde | P.F |
| | Maranhão | Universidade Federal do Maranhão (UFMA) | Biblioteca Setorial de Farmácia | P.F |
| | Piauí | Universidade Federal do Piauí (UFPI) | Biblioteca Setorial Professor Zenon Rocha | P.F |
| | Pernambuco | Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde | P.F |
| Paraíba | Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) | Biblioteca do CE | P.F | |
| | | Universidade Federal da Paraíba (UFPB) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência e da Saúde | P.F |
| | | Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) | Biblioteca Central | P.E |

| Região | Estado | Universidade | Bibliotecas das IES vinculadas as unidades de ensino em Farmácia | N.A | |
|--------------------------------------|---|--|--|--|-----|
| Centro-Oeste | Mato Grosso | Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) | Biblioteca Central | P.F | |
| | | | Biblioteca de Araguaia | P.F | |
| | Brasília | Universidade de Brasília (UNB) | Biblioteca Central | P.F | |
| | | | Biblioteca da Faculdade de Ceilândia | P.F | |
| | Mato Grosso do Sul | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) | Biblioteca Central | P.F | |
| | Goiás | Universidade Federal de Goiás (UFG) | Biblioteca <i>Campus</i> Colemar Natal e Silva | P.F | |
| Universidade Estadual de Goiás (UEG) | | | Biblioteca Prof. Geisa Rossi Lele | P.E | |
| Sudeste | Rio de Janeiro | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | P.F | |
| | | | Biblioteca Professor Aloisio Teixeira/FUNEMAC | P.F | |
| | | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) | Biblioteca Central | P.F | |
| | | Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) | Biblioteca do <i>Campus</i> Realengo | P.F | |
| | | Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO) | Biblioteca UEZO | P.E | |
| | | Universidade Federal Fluminense (UFF) | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | P.F | |
| | Minas Gerais | Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) | Biblioteca da Escola de Farmácia (EFAR) | P.F | |
| | | | Biblioteca Central | P.F | |
| | | Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) | Biblioteca do CIS- Odontologia e Farmácia | PF | |
| | | | Biblioteca do <i>Campus</i> Avançado Governador Valadares | P.F | |
| | | Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Biblioteca da Faculdade de Farmácia | P.F | |
| | | Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) | Biblioteca Central | P.F | |
| | Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) | Biblioteca de Divinópolis | P.F | | |
| | São Paulo | Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Biblioteca do Instituto de Biologia | P.E | |
| | | | Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Biblioteca de Ciências Farmacêuticas | P.E |
| | | | Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) | Biblioteca do <i>Campus</i> de Diadema | P.F |

| Região | Estado | Universidade | Bibliotecas das IES vinculadas as unidades de ensino em Farmácia | N.A | | | |
|---|--|---|---|--|---|---|--|
| Sudeste | São Paulo | Universidade de São Paulo (USP) | Divisão de Bibliotecas e Documentação do Conjunto das Químicas | P.E | | | |
| | | | Biblioteca Central de Ribeirão Preto | P.E | | | |
| | Espírito Santo | Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Biblioteca Setorial de Ciências da Saúde | P.F | | | |
| Sul | Santa Catarina | Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) | Biblioteca Saul Brandalise | P.E | | | |
| | | | Biblioteca São Miguel do Oeste | P.E | | | |
| | Rio Grande do Sul | Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciência da Saúde | P.F | | | |
| | | | Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) | Biblioteca Paulo Lacerda de Azevedo | P.F | | |
| | | | | Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Biblioteca Central | P.F | |
| | | | | | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Biblioteca de Farmácia | P.F |
| | | | Paraná | Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) | | Biblioteca de Ciência e Tecnologia | P.F |
| | | | | | Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) | Biblioteca do Campus de Uruguaiana | P.F |
| | | | | | | Universidade Estadual de Londrina (UEL) | Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde |
| | Universidade Estadual de Maringá (UEM) | Biblioteca Central | P.E | | | | |
| | | Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) | Biblioteca Central | P.E | | | |
| | Instituto Federal do Paraná (IFPR) | | Biblioteca do Campus Palmas | P.F | | | |
| | | Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Biblioteca de Ciências da Saúde | P.F | | | |
| | Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) | | Biblioteca Central Professor Faris Michaele | P.E | | | |
| Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) | | Biblioteca - Campus Cedeteg | P.E | | | | |

NA: Natureza Administrativa; P: Particular; P.E: Pública Estadual e P.F: Pública Federal

Fonte: Dados da pesquisa.

ANEXO

ANEXO A- Questionário sobre livros digitais e eletrônicos nas bibliotecas universitárias de Castilla e León, na Espanha, de autoria de José Antonio Cordón-García, Raquel Gomes Díaz e de Julio Alonso Arévalo

Apéndice I

Encuesta a encargados de adquisiciones

- Nombre de su biblioteca
- Puesto de trabajo
- ¿Cuál es el número total de volúmenes en todas las materias de su biblioteca?
- ¿Cuál fue el presupuesto total de la biblioteca para adquisiciones (impresa y digital) para el curso 2010/2011?
- ¿Dispone su biblioteca de libros electrónicos? ¿Cuántos?
- ¿De qué manera ofrece su biblioteca libros electrónicos a los usuarios?
 - Plataformas
 - OPAC (Catálogo)
 - *E-readers*
 - Repositorio
- ¿En qué formato se ofrecen los *e-books*?
 - EPUB
 - PDF
 - Ambos
 - Otros
- ¿Qué dispositivo(s) utilizan sus usuarios con más frecuencia para leer libros electrónicos?
 - Ordenador
 - *E-reader*
 - Tabletas
 - *Smartphones*
 - Otros
- ¿Qué categorías de libros electrónicos se ofrecen a los usuarios de su biblioteca?
- ¿En qué disciplina(s) considera que se va a proyectar un mayor crecimiento de libros electrónicos en los próximos 2 a 3 años?
- ¿Qué factores influyen en la decisión de comprar un libro electrónico para su institución?
- ¿Cómo suelen los usuarios encontrar los *e-books* en su biblioteca?
 - OPAC
 - Plataformas
 - Publicidad
 - Servicios de información
- ¿Se realiza alguna campaña de promoción y uso?
- ¿Qué tipos de modelo de compra suele utilizar la biblioteca para la adquisición de libros electrónicos?
- ¿Su biblioteca realiza la adquisición de libros electrónicos a través de un consorcio?
- ¿Con qué modelo de licencia de uso de libros electrónicos trabaja su biblioteca?
- ¿Disponen de datos de circulación de libros electrónicos en su biblioteca?

- ¿Circulan en su biblioteca tarjetas con libros precargados en dispositivos de lectura?
- En comparación con este año académico, se puede esperar del próximo año que la circulación de títulos de libros electrónicos vaya a aumentar, permanecer igual o disminuir?
 - Igual
 - Aumentar
 - Disminuir
- ¿Qué impide a los estudiantes y profesores la lectura de contenidos en libros electrónicos de su biblioteca?
- ¿Con qué frecuencia los usuarios informan de problemas técnicos cuando se descargan un libro electrónico?
- ¿Consideras que la popularidad de los libros electrónicos está teniendo un impacto en el uso de libros impresos?
- ¿Cómo están representados los *e-books* en el presupuesto de la adquisición de su biblioteca?
- ¿Qué porcentaje del presupuesto de adquisiciones de la biblioteca representan en la actualidad los libros electrónicos?
- ¿Qué porcentaje del presupuesto de adquisiciones de la biblioteca considera que representarán los libros electrónicos en los próximos 5 años?
- ¿De qué proveedores adquiere sus libros electrónicos la biblioteca?
- ¿Cuál es su proveedor preferido de *e-book* para su biblioteca?
- ¿Dispone su biblioteca de repositorio institucional?
- ¿El repositorio institucional dispone de libros electrónicos? Diga cuál es la cantidad y el porcentaje respecto a otros tipos de documentos.
- ¿Existe algún tipo de mandato de depósito para las tesis doctorales?
- Por favor, evalúe la importancia de los siguientes atributos teniendo en cuenta un libro electrónico (0 / 10).
 - Inmediatez
 - Accesibilidad
 - Disponibilidad
 - Movilidad
 - Usabilidad